

BestBolso

Agatha Christie



O segredo de
CHIMNEYS

Uma intriga internacional

EDIÇÕES BESTBOLSO

O segredo de Chimneys

Agatha Mary Clarissa Miller (1890-1976) nasceu em Devonshire, Inglaterra. Filha de um norte-americano e de uma inglesa, foi educada de acordo com as tradições britânicas, severamente cultuadas por sua mãe. Adotou o sobrenome do primeiro marido, o coronel Archibald Christie, com quem se casou em 1914, pouco antes da Primeira Guerra Mundial. Embora já tivesse se aventurado na literatura, a escritora desenvolveu sua primeira história policial aos 26 anos estimulada pela irmã Madge. Com a publicação de *O misterioso caso de Styles*, em 1917, nascia a consagrada autora de romances policiais Agatha Christie.

Com mais de oitenta livros publicados, Agatha Christie criou personagens marcantes, como Hercule Poirot, Miss Marple e o casal Tommy e Tuppence Baresford. Suas obras foram traduzidas para quase todas as línguas, e algumas foram adaptadas para o cinema. Em 1971, Agatha Christie recebeu o título de Dama da Ordem do Império britânico.

OceanofPDF.com

Agatha Christie

O segredo de
CHIMNEYS

Tradução de
A. B. PINHEIRO DE LEMOS

3ª edição

EDIÇÕES
BestBolso
Rio de Janeiro - 2010

OceanofPDF.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Christie, Agatha, 1890-1976

C479s O segredo de Chimneys / Agatha Christie; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. – Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

Recurso Digital

Tradução de: The Secret of Chimneys

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7799-389-5 [recurso eletrônico]

1. Ficção policial inglesa. I. Lemos, A. B. Pinheiro de (Alfredo Barcellos Pinheiro de), 1938-2008. II. Título.

11-
8534

CDD: 823
CDU: 821.111-3

O segredo de Chimneys, de autoria de Agatha Christie.
Título número 075 das Edições BestBolso.

Título original inglês:
THE SECRET OF CHIMNEYS

The Secret of Chimneys © 1925 by Agatha Christie Limited, a Chorion company. Translation intitled *O segredo de Chimneys* © 1995 by Agatha Christie Limited, a Chorion company. All rights reserved.

O segredo de Chimneys é uma obra de ficção. Nomes, personagens, fatos e lugares são frutos da imaginação da autora ou usados de modo fictício. Qualquer semelhança com fatos reais ou qualquer pessoa, viva ou morta, é mera coincidência.

www.edicoesbestbolso.com.br

Ilustração e design de capa: Tita Nigrí

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil em formato de livro eletrônico adquiridos pelas Edições BestBolso um selo da Editora Best Seller Ltda. Rua Argentina 171 - 20921-380 Rio de Janeiro, RJ
Tel.: 2585-2000.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-7799-389-5

OceanofPDF.com

A meu sobrinho

Em memória de uma inscrição
no Castelo de Compton e de um
dia no jardim zoológico

OceanofPDF.com

1

Anthony Cade faz um acordo

— Cavalheiro Joe!

– Ora se não é o velho Jimmy McGrath!

A Excursão Exclusiva da Castle, representada por sete mulheres de aparência deprimida e três homens bastante suados, olhou-os com considerável interesse. Era evidente que o Sr. Cade encontrara um velho amigo. Todos admiravam profundamente o Sr. Cade, um homem alto e esguio, de rosto bronzeado, com um jeito sereno e cordial de resolver as controvérsias e deixar todos de bom humor. Mas aquele amigo dele... certamente era um homem de aparência peculiar. Tinha aproximadamente a mesma altura que o Sr. Cade, mas era corpulento e a aparência não chegava a ser tão atraente. Era o tipo de homem sobre o qual se lia nos livros, típico proprietário de uma taberna. O que não deixava de ser interessante. Afinal, era justamente por isso que gostava de viajar para o exterior, para conhecer todas as maravilhas que os livros descreviam. Até aquele momento, eles estavam um pouco entediados com Bulawayo. O sol estava insuportavelmente quente, o hotel nada tinha de confortável e parecia não haver lugar algum para visitar até a hora da viagem de carro para Matoppos. Felizmente, o Sr. Cade sugerira a compra de cartões-postais. E havia no hotel um excelente estoque de cartões-postais.

Anthony Cade e seu amigo se afastaram um pouco.

– Que diabo está fazendo com esse bando de mulheres? – perguntou McGrath. – Vai montar um harém?

– Não com um bando como este – respondeu Anthony, sorrindo. – Já deu uma boa olhada nelas?

– Claro que dei. Mas pensei que estivesse ficando cego.

– Minha vista continua tão boa como sempre. Este é apenas um grupo da Excursão Exclusiva da Castle. E eu sou Castle... isto é, o homem local da Castle.

– E por que diabo você foi aceitar um emprego desses?

– Uma lamentável necessidade de dinheiro. Posso assegurar-lhe que as funções não se ajustam ao meu temperamento.

Jimmy sorriu.

– Continua tendo horror a um trabalho regular, hein? – Anthony ignorou a agressão e comentou, esperançoso:

– Mas espero que algo melhor apareça em breve. É o que em geral acontece.

Jimmy soltou uma risada.

– Sei disso. Se há alguma conspiração, Anthony Cade estará envolvido, mais cedo ou mais tarde. Você possui um instinto infalível para confusões... e as sete vidas de um gato. Quando podemos conversar?

Anthony suspirou.

– Tenho que levar esse bando de mulheres tagarelas para conhecerem o túmulo de Rhodes.

– Isso resolve o problema. Elas voltarão com as costas em frangalhos dos buracos da estrada e só vão querer uma cama para se recuperarem das dores. Poderemos, então, tomar uns tragos e contar as novidades.

– Está certo. Até mais tarde, Jimmy.

Anthony voltou para junto de seu rebanho. A Srta. Taylor, a mais jovem e a mais agitada do grupo, atacou-o no mesmo instante.

– Era um velho amigo seu, Sr. Cade?

– Era, sim, Srta. Taylor. Um dos amigos da minha juventude inocente.

A Srta. Taylor deu uma risadinha.

– Achei-o um homem interessante.

- Vou dizer isso a ele.
- Ah, Sr. Cade, não seja tão perverso! Foi só um pensamento. Como foi mesmo que ele o chamou?
- Cavalheiro Joe.
- Isso mesmo. E seu nome é Joe?
- Pensei que soubesse que é Anthony, Srta. Taylor.
- Mas que homem impossível – exclamou a Srta. Taylor de forma faceira.

A essa altura, Anthony já dominava perfeitamente as suas diversas funções. Além de tomar as providências necessárias para a viagem, sabia que tinha também a obrigação de acalmar velhos cavalheiros irritadiços quando sentiam a dignidade abalada, cuidar para que as matronas idosas tivessem todas as oportunidades possíveis para comprar cartões-postais e flertar com qualquer um que tivesse menos de 40 anos. Essa última função era facilitada pela extrema disposição das mulheres em questão em darem uma interpretação mais terna aos seus comentários mais inocentes.

- A Srta. Taylor logo voltou ao ataque:
- Mas por que ele o chamou de Joe?
 - Simplesmente porque não é meu nome.
 - E por que Cavalheiro Joe?
 - Pela mesma razão.
 - Ah, Sr. Cade, não deve dizer uma coisa dessas! – protestou a Srta. Taylor, desolada. – Ontem à noite mesmo papai estava comentando que tinha maneiras muito cavalheirescas.
 - Tenho certeza de que foi muita bondade de seu pai, Srta. Taylor.
 - E todos achamos que é um perfeito cavalheiro.
 - Ah, estou lisonjeado!
 - Estou falando sério, Sr. Cade.
 - Corações bondosos valem mais que coroas – comentou Anthony, distraidamente, sem ter muita noção das intenções do comentário e desejando fervorosamente que já estivesse na hora do almoço.
 - Sempre achei esse um lindo poema. Conhece muita poesia, Sr. Cade?

– Posso recitar “O menino ficou no convés em chamas” num momento de aperto. “O menino ficou no convés em chamas, quando tudo mais já havia sido queimado.” Isso é tudo o que sei. Mas, se quiser, posso acompanhar com alguma representação. “O menino ficou no convés em chamas”... uarr... uarr... uarr... esse é o barulho das chamas... “quando tudo mais já havia sido queimado”... e nessa parte eu saio correndo de um lado para outro, como um cachorro.

A Srta. Taylor explodiu em uma gargalhada.

– Oh, Sr. Cade! Assim vou acabar morrendo de rir!

– Está na hora do chá da manhã – disse Anthony, abruptamente. – Vamos por aqui. Há um excelente café na próxima rua.

– A despesa está incluída no preço da excursão? – indagou a Sra. Caldicott.

Assumindo atitude profissional, Anthony respondeu:

– O chá da manhã, Sra. Caldicott, é um extra.

– Lamentável!

– A vida está cheia de infortúnios, não é mesmo?

Anthony falou animado. Os olhos da Sra. Caldicott brilharam e ela comentou, com satisfação.

– Era o que eu já desconfiava. E por conta disso despejei um pouco de chá num bule esta manhã. Posso esquentá-lo na lamparina. Vamos embora, pai.

O Sr. e a Sra. Caldicott seguiram para o hotel, triunfantes. Os ombros dela estavam empinados de satisfação pela providência bem-sucedida.

– Oh, Deus – murmurou Anthony –, mas quantas pessoas engraçadas são necessárias para se fazer um mundo!

Ele conduziu o restante do grupo na direção do café. A Srta. Taylor ficou ao seu lado e recomeçou o interrogatório:

– Fazia muito tempo que não via o seu amigo?

– Apenas pouco mais de sete anos.

– Foi na África que o conheceu?

– Foi, sim. Mas não nesta parte da África. Na primeira vez em que vi Jimmy McGrath, ele estava todo amarrado e prontinho para o caldeirão.

Algumas tribos do interior são de canibais. Chegamos lá na hora exata.

– O que aconteceu?

– Foi uma confusão e tanto. Liquidamos alguns dos patifes, e os outros deram o fora.

– Oh, Sr. Cade, mas que vida aventureira deve ter levado!

– Posso lhe assegurar de que tem sido muito pacífica.

Mas era evidente que a Srta. Taylor não acreditava nele.

JÁ ERAM QUASE 10 HORAS da noite quando Anthony Cade entrou na pequena sala onde Jimmy McGrath estava concentrado manipulando diversas garrafas.

– Faça um bem forte para mim, James. Juro que estou precisando... e muito.

– Eu já imaginava, meu rapaz. Não aceitaria esse emprego por nada neste mundo.

– Mostre-me outro e mudarei de emprego imediatamente.

McGrath serviu seu próprio drinque, dosando-o com extrema habilidade, depois preparou um segundo. E disse, lentamente:

– Está realmente falando sério, meu rapaz?

– Sobre o quê?

– Quando disse que estava disposto a largar esse emprego, se conseguisse arrumar outro?

– Por quê? Está querendo insinuar que conhece outro emprego melhor? E por que você mesmo não o aceita?

– Já o aceitei... mas não me agrada muito. É por isso que estou querendo passar o lugar para você.

Anthony ficou desconfiado no mesmo instante.

– Qual é o problema com o emprego? Por acaso foi contratado para dar aula de catecismo?

– Acha que alguém iria escolher logo a mim para dar aulas de catecismo?

– Claro que não... se o conhecessem.

– É um ótimo emprego, meu caro. Não tem nada de errado.

– Por acaso é na América do Sul? Ando de olho na América do Sul. Não demora muito e vai ocorrer uma revolução numa das republiquetas de lá.

McGrath sorriu.

– Sempre gostou de revoluções, não é mesmo? É capaz de dar qualquer coisa para se meter numa boa briga.

– Sinto que meus talentos poderão ser apreciados por aquelas bandas. Posso ser muito útil numa revolução, Jimmy... para um lado ou para o outro. E é melhor do que viver honestamente.

– Tenho a impressão de que já ouvi você manifestar tal sentimento antes, meu filho. Mas não se iluda: o trabalho não é na América do Sul, e sim na Inglaterra.

– Inglaterra? O retorno do herói à sua terra natal depois de muitos anos. Será que eles ainda podem cobrar as dívidas que ficaram por saldar depois de sete anos, Jimmy?

– Acho que não. Mas você vai querer ouvir o restante ou não?

– Claro que vou. Só estou preocupado com o fato de você mesmo não estar querendo pegar o trabalho.

– É que estou atrás de ouro, Anthony, lá no interior.

Anthony assoviou baixinho.

– Sempre estive atrás de ouro, Jimmy, desde que o conheci. É a sua fraqueza, o seu *hobby* particular. Já seguiu mais pistas falsas do que qualquer outra pessoa que eu conheça.

– Mas tenho certeza de que, no fim, acabarei acertando em cheio. Você vai ver.

– Cada um com a sua mania. Eu gosto de brigas, você prefere o ouro.

– Vou lhe contar toda a história. Já ouviu falar em Herzoslováquia, não é mesmo?

Anthony ficou alerta, um tom estranho se insinuando em sua voz, quando repetiu:

– Herzoslováquia?

– Isso mesmo. Conhece alguma coisa a respeito do país?

Houve uma pausa considerável antes que Anthony respondesse, falando bem devagar:

– Somente o que todo mundo sabe. Não é um dos Estados Balcânicos? Rios principais, desconhecidos. Montanhas principais, desconhecidas, mas bastante numerosas. Capital, Ekarest. População, em sua maioria salteadores. Ocupação principal, assassinar reis e fazer revoluções. Último rei, Nicolau IV, assassinado há cerca de sete anos. Desde então o país é uma república. De uma forma geral, é um lugar agradável. Devia ter mencionado logo de cara que a Herzoslováquia entrava na História.

– Mas não entra, a não ser indiretamente.

Anthony fitou-o com uma expressão que era mais de pesar que de raiva.

– Devia tomar mais cuidado, James. Faça um curso por correspondência ou algo assim. Se aparecesse com uma história dessa nos velhos tempos lá do Oriente, seria pendurado pelos pés e açoitado. Talvez até lhe acontecesse algo pior.

Jimmy seguiu em frente, inabalável, ignorando as críticas.

– Já ouviu falar do conde Stylptitch?

– Agora começou a falar sério, James. Muita gente que nunca ouviu falar da Herzoslováquia certamente se animaria com a menção do conde Stylptitch. O Grande Sábio dos Bálcãs. O maior estadista dos tempos modernos. O maior vilão que conseguiu escapar à força. O ponto de vista depende da posição do jornal. Mas uma coisa é certa: o conde Stylptitch continuará a ser lembrado por muito tempo depois que virarmos pó. Nos últimos vinte anos, todos os movimentos que ocorreram nos Bálcãs tiveram o dedo do conde Stylptitch. Ele foi ditador, patriota e estadista... na verdade, ninguém sabe exatamente o que ele foi, a não ser que se destacou como o rei da intriga. Mas o que há com ele?

– O conde Stylptitch foi primeiro-ministro da Herzoslováquia... foi por isso que mencionei o país primeiro.

– Você não tem o menor senso de proporções, Jimmy. A Herzoslováquia não tem absolutamente a menor importância, em comparação com Stylptitch. Ela serviu apenas para proporcionar a ele uma terra natal e um posto nos negócios públicos. Mas ele não tinha morrido?

– E morreu mesmo, há cerca de dois meses, em Paris. Mas a história que vou contar a você aconteceu há alguns anos.

– O problema é saber *por que* está me contando tudo isso.

Jimmy novamente ignorou o comentário e apressou-se em continuar:

– Eu estava em Paris há quatro anos. Uma noite, passeando por uma parte relativamente deserta da cidade, avistei meia dúzia de desordeiros franceses espancando um velho de aparência respeitável. Detesto os espetáculos unilaterais e por isso prontamente me meti, começando a espancar os desordeiros. Acho que eles nunca tinham apanhado de verdade antes, porque se derreteram como neve.

– Deve ter sido uma briga e tanto, James. Eis um espetáculo a que eu gostaria de ter assistido.

– Ora, não foi nada – respondeu Jimmy, com um ar de modéstia. – Seja como for, o velho mostrou-se grato pela minha intervenção. Tinha tomado alguns tragos, é verdade, mas ainda estava sóbrio o bastante para anotar meu nome e endereço. Foi procurar-me no dia seguinte para agradecer. E o fez em grande estilo. Foi nessa ocasião que descobri que o homem que salvara era o conde Stylptitch. Ele tinha uma casa no Bois.

Anthony assentiu.

– Eu já sabia disso, Stylptitch foi viver em Paris depois do assassinato do rei Nicolau. Quiseram depois que ele voltasse para assumir a presidência, mas Stylptitch recusou. Permaneceu fiel aos seus princípios monárquicos, embora se comentasse que andou metendo o dedo em tudo o que acontecia nos Bálcãs. O falecido conde Stylptitch era um homem de vários talentos.

– Nicolau IV não era o homem que tinha um gosto estranho em matéria de esposas? – indagou Jimmy, subitamente.

– Isso mesmo. E foi justamente isso que o fez cair em desgraça. Ela era uma simples artista de *music-hall* em Paris, nem mesmo servia para aliança morganática. Mas Nicolau ficou perdidamente apaixonado e ela estava ansiosa em se tornar rainha. Parece incrível, mas o fato é que conseguiram. Nicolau deu-lhe o título de condessa Popoffsky, ou algo assim, e declarou que ela trazia nas veias o sangue dos Romanoff. Casaram-se na catedral de

Ekarest e a cerimônia foi realizada por uma dupla de arcebispos relutantes. Ela foi coroada como a rainha Varaga. Nicolau enquadrou direitinho os seus ministros e pensou que estava tudo resolvido. Mas esqueceu-se de levar em consideração a ralé. Os habitantes da Herzoslováquia são muito aristocratas e reacionários. Gostam que seus reis e suas rainhas sejam genuínos. Houve murmúrios de protesto e descontentamento, seguidos da repressão habitual e, invariavelmente, brutal. Por fim, houve o levante popular, o palácio foi invadido, o rei e a rainha assassinados e a república, proclamada. E, desde então, a Herzoslováquia é uma república. Mas, pelo que ouço dizer, as coisas continuam bem animadas por lá. Já assassinaram um ou dois presidentes, apenas para não perderem o hábito. Mas *revenons à nos moutons*. Tinha parado no ponto em que o conde Stylptitch o saudava como seu salvador.

– Exatamente. E as coisas ficaram por aí mesmo. Voltei para a África e nunca mais pensei na história, até há cerca de duas semanas. Recebi um pacote de aparência esquisita, que havia me acompanhado por toda parte, só Deus sabe por quanto tempo. Tinha acabado de ler num jornal a notícia de que o conde Stylptitch morrera recentemente em Paris. Pois bem, o pacote continha as memórias dele... ou reminiscências, como queira chamar. Havia um bilhete anexado, informando que, se eu entregasse o manuscrito a determinada editora de Londres, no dia 13 de outubro ou antes, receberia mil libras de recompensa.

– Mil libras? Foi isso mesmo o que disse, Jimmy?

– Foi, sim, meu filho. Só espero que não seja uma farsa. Não se pode confiar em príncipes ou políticos, como se costuma dizer. Pois aí está toda a história. Como o manuscrito já está me acompanhando há algum tempo, a viagem para Londres tem que ser imediata. O que é uma pena. Já tenho tudo acertado para a viagem ao interior e estou decidido a partir de qualquer maneira. Talvez nunca mais tenha outra oportunidade tão boa de encontrar ouro.

– Você é mesmo incurável, Jimmy. Mil libras na mão valem muito mais que qualquer mina de ouro imaginária.

– E se tudo não passar de um embuste? Seja como for, aqui estou, de passagem comprada e tudo... prestes a partir para a Cidade do Cabo. E é nesse momento que você me aparece, como que caído do céu!

Anthony levantou-se e acendeu um cigarro.

– Estou começando a perceber sua jogada, Jimmy. Você sai em busca de ouro, enquanto eu vou receber as mil libras. E quanto levo nisso?

– O que me diz de um quarto?

– 250 libras livres de despesas?

– Combinado.

– Está certo. E só para fazê-lo ranger os dentes de raiva, deixe me dizer que eu teria aceitado por 100 libras! Uma coisa posso lhe assegurar, James McGrath: não vai morrer na cama contando seu saldo bancário.

– Mas o negócio está fechado?

– Claro que está! E que se danem as Excursões Exclusivas da Castle!

Os dois fizeram um brinde, solenemente.

2

Uma mulher em apuros

— **E** agora vamos aos fatos – falou Anthony, terminando de tomar o drinque e pondo o copo em cima da mesa. – Tem passagem para que navio?

– O *Granarth Castle*.

– Como a passagem certamente está em seu nome, é melhor eu viajar como James McGrath. Há muito que superamos esses problemas menores como passaportes, não é mesmo?

– Isso não será problema. Somos totalmente diferentes, mas provavelmente merecemos a mesma descrição oficial: 1,85 metro de altura, cabelos castanhos, olhos azuis, nariz comum, queixo comum...

– Pare com esse negócio de “comum”, James. Saiba que a Castle me escolheu, entre diversos candidatos, exclusivamente por causa da minha aparência e boas maneiras.

Jimmy sorriu.

– Notei as suas boas maneiras esta manhã.

– Vá para o diabo!

Anthony começou a andar de um lado para outro da sala. A testa estava ligeiramente franzida e alguns minutos se passaram antes que ele voltasse a falar:

– Stylptitch morreu em Paris, Jimmy. Por que enviar um manuscrito de Paris para Londres via África?

Jimmy sacudiu a cabeça. Era evidente que também estava perplexo com o estranho fato.

– Não tenho a menor idéia.

– Por que não fazer um lindo embrulho e despachá-lo diretamente pelo correio?

– Concordo que isso seria muito mais sensato.

– Sei, obviamente, que reis, rainhas e altos governantes são impedidos pela etiqueta de terem qualquer atitude da maneira mais simples e direta. Foi por isso que se criaram os Mensageiros do Rei e todas essas coisas. Nos tempos medievais, dava-se a um sujeito um anel de sinete, como uma espécie de “abra-te, sésamo”. “O Sinete do Rei! Pode passar, *milord*.” E, em geral, quem passava era outro sujeito, que tinha roubado o anel. Fico espantado de nenhum sujeito inteligente ter jamais imaginado em copiar o anel, fabricando uma dúzia ou mais e vendendo a 100 ducados a peça. Parece que eles não tinham a menor iniciativa na Idade Média.

Jimmy bocejou.

– Estou vendo que não se interessa muito por meus comentários sobre a Idade Média, James. Por isso, voltemos ao conde Stylptitch. Da França à Inglaterra através da África parece um tanto confuso, até mesmo para um personagem do mundo diplomático. Se ele queria apenas que você ganhasse mil libras, seria mais simples deixar o legado expresso no testamento. E

graças a Deus que nem você nem eu somos orgulhosos demais para aceitar um legado! Stylptitch devia ser doido.

– É tudo que se pode concluir, não é mesmo?

Anthony continuou a andar de um lado para outro, o rosto franzido. E subitamente perguntou:

– Por acaso já leu o negócio?

– Que negócio?

– O manuscrito.

– Mas claro que não! Por que diabo eu haveria de ler um negócio desses?

Anthony sorriu.

– Foi apenas uma idéia que me ocorreu, mais nada. Sabe, James, já houve muita encrenca causada por memórias, contendo revelações indiscretas e outras coisas no gênero. Pessoas que passaram a vida inteira de boca fechada, como ostras, parece que sentem prazer em causar a maior confusão depois que estão confortavelmente mortas. Isso proporciona a elas uma espécie de prazer perverso. Que tipo de homem era o conde Stylptitch, Jimmy? Encontrou-se pessoalmente com ele, vocês conversaram. Sei que você é um bom juiz da natureza humana. É possível imaginá-lo como um velho demônio vingativo?

Jimmy balançou a cabeça.

– É difícil dizer. Naquela primeira noite, ele estava meio embriagado. E no dia seguinte era simplesmente o velho emproado, de maneiras perfeitas, sufocando-me de elogios até eu não saber mais para onde olhar.

– E ele não disse nada de interessante quando estava embriagado?

Jimmy franziu o rosto, procurando recordar, até que por fim murmurou hesitante:

– Ele disse que sabia onde estava o Koh-i-noor.

– Mas isso todo mundo sabe. Não é na Torre que o guardam? E o mantêm por trás de placas de vidro grosso e barras de ferro, com uma porção de homens fantasiados ao redor, para impedir que alguém cogite retirá-lo de lá.

– É isso mesmo.

– Stylptitch disse mais alguma coisa do gênero? Falou, por exemplo, que sabia em que cidade se encontrava a Coleção Wallace? – Jimmy balançou a cabeça.

– Hummm... – murmurou Anthony.

Ele acendeu outro cigarro e voltou a andar pela sala. Um pouco depois perguntou:

– Não costuma ler os jornais, não é mesmo, seu pagão?

– Não com muita frequência. De um modo geral, não publicam nada que possa me interessar.

– Graças a Deus sou mais civilizado. Ultimamente, muitas notícias a respeito da Herzoslováquia têm sido veiculadas. Dizem que pode haver uma restauração da monarquia.

– Nicolau IV não deixou nenhum filho – lembrou Jimmy. – Mas nem por isso a dinastia Obolovitch deve estar extinta. Provavelmente há toda uma multidão de jovens hunos reivindicando o trono, primos em primeiro, segundo ou terceiro graus.

– O que significa que eles não teriam a menor dificuldade em encontrar um novo rei.

– Eu diria que absolutamente nenhuma. E não me admiro que eles estejam começando a ficar cansados das instituições republicanas. Para um povo violento e viril, não deve ser fácil agüentar um presidente depois de estar acostumado a ter reis. E por falar em reis, isso me lembra de outra coisa que o velho Stylptitch falou naquela noite. Disse que sabia qual era a quadrilha que estava atrás dele. Declarou que eram os homens do rei Victor.

– O quê? – gritou Anthony, virando-se bruscamente.

Um sorriso se estampou no rosto de Jimmy McGrath.

– O que houve, Cavalheiro Joe? Por que ficou tão alterado?

– Não seja tolo, Jimmy. Acabou de dizer algo que parece muito importante.

Ele foi até a janela e ficou olhando para fora. Jimmy perguntou:

– Quem é esse rei Victor? Outro monarca balcânico?

– Não, James, ele não é um rei desse gênero.

– O que ele é então?

Houve uma pausa prolongada antes que Anthony respondesse:

– É um escroque, Jimmy; o mais conhecido ladrão de jóias do mundo. Um sujeito fantástico, de incrível audácia, que não teme coisa alguma. Rei Victor era o apelido pelo qual o conheciam em Paris, o quartel-general de sua quadrilha. Meteram-no na cadeia, condenado a sete anos por uma acusação de menor importância. Não conseguiram provar nada de mais grave contra ele. Vai sair da cadeia em breve... ou talvez já tenha saído.

– Acha que o conde Stylptitch teve algo a ver com a prisão dele? Teria sido por isso que a quadrilha estava atrás dele? Por vingança?

– Não sei, James, mas não me parece provável. Ao que me conste, o rei Victor nunca roubou as jóias da Coroa da Herzoslováquia. Mas não acha que todas essas circunstâncias estão parecendo altamente sugestivas? A morte de Stylptitch, as memórias e os rumores nos jornais... tudo muito vago, mas extremamente interessante. E há um outro rumor, o de que encontraram petróleo na Herzoslováquia. Tenho a impressão, James, de que muitas pessoas estão começando a se interessar por aquele pequeno país, que nunca teve a menor importância.

– Que tipo de pessoas?

– As chamadas pessoas hebraicas, financistas de rostos pálidos, enclausurados em seus escritórios.

– Onde está querendo chegar com tudo isso?

– Apenas tentando tornar mais difícil um trabalho fácil, mais nada.

– Não vai querer me dizer que existe alguma dificuldade em entregar um manuscrito no escritório de uma editora?

– Não – respondeu Anthony, visivelmente pesaroso. – Não creio que haja qualquer dificuldade. Mas quer que eu lhe diga, James, para onde pretendo ir com as minhas 250 libras?

– América do Sul?

– Não, meu caro. Vou para a Herzoslováquia. E acho que lutarei pela república. Talvez até acabe presidente.

– Já que é esse o seu objetivo, por que não se anuncia como o principal herdeiro Obolovitch e vira rei?

– Não, Jimmy. Os reis são para toda a vida, enquanto os presidentes ficam no cargo por apenas quatro anos ou algo assim. Seria muito divertido governar um país como a Herzoslováquia... mas por um prazo máximo de quatro anos.

– Eu diria que a duração média dos reis é ainda menor – comentou Jimmy.

– Provavelmente será uma tentação muito forte para mim ficar com a sua parte das mil libras, James. Afinal, não vai querer essa quantia insignificante quando voltar carregado de pepitas de ouro. Posso investir o dinheiro para você na Herzoslováquia, nos poços de petróleo. Sabe, Jimmy, quanto mais penso na sua proposta, mais ela me agrada. Eu jamais teria pensado na Herzoslováquia se você não a tivesse mencionado. Vou passar um dia em Londres, para receber o dinheiro, e depois pegarei o Expresso dos Bálcãs.

– Não vai conseguir se livrar tão depressa assim. Não falei antes, mas tenho outra pequena missão para você.

Anthony finalmente sentou, fitando-o com uma expressão contrariada.

– Eu já sabia que você estava guardando algo no escuro. É agora que vem a encrenca.

– Não é nada disso, meu caro. Trata-se apenas de algo que precisa ser feito para ajudar uma dama.

– De uma vez por todas, James, eu me recuso a ser envolvido em seus casos de amor abomináveis.

– Não é um caso de amor. Na verdade, nunca vi a mulher. Vou lhe contar toda a história.

– Se vou ter que ouvir outra das suas histórias compridas e meio confusas, exijo que antes me sirva um drinque.

Jimmy McGrath atendeu ao pedido, como um bom anfitrião, iniciando em seguida o relato:

– Aconteceu quando eu estava em Uganda. Salvei a vida de um carcamano...

– Se eu fosse você, Jimmy, escreveria um livro intitulado “As vidas que salvei”. Já é a segunda vez que o ouço dizer isso, só esta noite.

– Mas dessa vez não fiz nada demais. Apenas tirei o carcamano do rio. Como todos os carcamanos, diga-se de passagem, ele não sabia nadar.

– Espere um pouco, Jimmy. Essa história tem alguma coisa a ver com a outra?

– Absolutamente nada. Se bem que, estranhamente, estou lembrando agora que esse homem era um herzoslovaco. Mas nós sempre o chamamos de Pedro Holandês.

Anthony assentiu, indiferente, comentando:

– Qualquer nome serve para um carcamano. Continue a contar a história, James.

– O sujeito ficou muito grato e passou a me cercar como um cachorro fiel. Morreu de febre cerca de seis meses depois. Eu estava ao seu lado. Pouco antes de morrer, ele me chamou e sussurrou algum jargão eufórico sobre um segredo. Tive a impressão de que ele falou em mina de ouro. E meteu-me na mão um pacote em oleado que sempre levava consigo. Não dei muita importância ao caso na ocasião. Só uma semana depois é que abri o pacote. Devo confessar que estava bastante curioso. Não podia imaginar que Pedro Holandês tivesse cabeça suficiente para reconhecer uma mina de ouro quando a encontrasse. Mas nunca se sabe o que a sorte pode fazer...

Anthony interrompeu-o:

– E só de pensar em ouro seu coração começou a bater mais depressa, como sempre acontece.

– Nunca fiquei tão revoltado antes. Não era mina de ouro coisa nenhuma! Isto é, para o cão imundo pode ter sido uma mina de ouro. Sabe o que ele tinha? Cartas de mulher! Isso mesmo, cartas de mulher... e inglesa, diga-se de passagem. O canalha andava fazendo chantagem com a mulher... e teve a ousadia de entregar-me as cartas para prosseguir em seu trabalho imundo!

– Gosto de ver a sua indignação virtuosa, James, mas deixe-me lembrar que uma vez carcamano, sempre carcamano. As intenções dele eram as melhores possíveis. Você lhe salvara a vida e ele lhe deixou como herança uma fonte lucrativa de arrumar dinheiro. Os seus nobres ideais ingleses não entravam no panorama.

– Mas que diabo eu ia fazer com as cartas? Minha primeira idéia foi queimá-las. Mas logo ocorreu-me que a pobre mulher, sem saber que as cartas incriminadoras haviam sido destruídas, continuaria a viver apavorada, receando que a qualquer momento o carcamano tornasse a aparecer para extorquir-lhe mais dinheiro.

– Tem mais imaginação do que pensei, Jimmy – comentou Anthony, acendendo outro cigarro. – Reconheço que o caso apresentava mais dificuldades do que a princípio podia parecer. Mas por que não mandar as cartas para a mulher pelo correio, sem mais problemas?

– Como a maioria das mulheres, ela não pôs data nem endereço nas cartas. Só em uma havia uma espécie de endereço e mesmo assim era apenas uma palavra: Chimneys.

Anthony fez uma pausa no ato de apagar o fósforo e largou-o com um movimento brusco do pulso, no instante em que começou a queimar seus dedos.

– Chimneys? Mas que coisa extraordinária!

– Por quê? Conhece o lugar?

– É uma das mansões mais importantes da Inglaterra, meu caro James, o lugar onde reis e rainhas vão passar os fins de semana, onde diplomatas se reúnem para confabular.

– Esse é um dos motivos pelos quais fico contente que você vá para a Inglaterra no meu lugar. Afinal, conhece tudo isso. Um caipira como eu, do interior do Canadá, iria fazer uma besteira atrás da outra. Mas alguém como você, que esteve em Eton e Harrow...

– Em apenas um deles – protestou Anthony, modestamente.

– Você poderá se sair bem, sem qualquer dificuldade. Quer saber por que não mandei as cartas pelo correio? Achei que era perigoso. Pelo que pude deduzir, ela parecia ter um marido ciumento. E se ele abrisse uma das cartas por engano? O que aconteceria com a pobre mulher? E é possível também que ela já esteja morta. As cartas dão a impressão de terem sido escritas há bastante tempo. Cheguei à conclusão de que a única solução seria alguém viajar para a Inglaterra e entregar as cartas à pobre mulher pessoalmente.

Anthony jogou fora o cigarro e aproximou-se do amigo, dando-lhe uma pancadinha afetuosa nas costas.

– Você é um verdadeiro cavaleiro andante, Jimmy. E o interior do Canadá deveria estar orgulhoso de tê-lo como filho. Não farei o trabalho tão bem quanto você o faria.

– Quer dizer que concorda em levar as cartas?

– Mas é claro!

McGrath foi até um pequeno armário do outro lado da sala, tirou um maço de cartas e as jogou em cima da mesa.

– Aqui estão as cartas. Seria bom dar uma olhada nelas.

– Acha que é mesmo necessário? Preferia não ter que fazê-lo.

– Pelo que disse a respeito desse lugar chamado Chimneys, é bem possível que ela só tenha estado lá de passagem. Talvez as cartas contenham alguma indicação do local onde ela realmente mora.

– Tem razão, Jimmy.

Os dois começaram a examinar as cartas cuidadosamente, mas sem encontrar a menor pista do que esperavam descobrir. Ao fim, Anthony tornou a reuni-las, pensativo, e comentou:

– Pobre coitada... Ela estava apavorada.

Jimmy assentiu, indagando ansiosamente:

– Acha que poderá encontrá-la?

– Não deixarei a Inglaterra enquanto não a encontrar. Está tão preocupado assim com essa mulher desconhecida, Jimmy?

O amigo passou o dedo pela assinatura de uma das cartas e murmurou, como se pedisse desculpas:

– É um lindo nome... *Virginia Revel...*

3

Apreensão nos altos escalões

— **T**em toda razão, meu caro, tem toda razão – disse lorde Caterham.

Ele já usara as mesmas palavras três vezes, na esperança de que pudessem pôr fim à conversa e permitir-lhe escapar. Detestava profundamente ser obrigado a ficar parado nos degraus do exclusivo clube londrino a que pertencia, escutando a eloquência interminável do honorável George Lomax.

Clement Edward Alistair Brent, nono marquês de Caterham, era um homem pequeno, que se vestia de forma modesta, muito diferente da concepção popular de um marquês. Tinha olhos azuis desbotados, um nariz fino que dava ao seu rosto uma expressão triste e uma atitude vaga, mas cortês.

O maior infortúnio da vida de lorde Caterham era ter sucedido ao irmão, o oitavo marquês da linhagem, havia quatro anos. É que o lorde Caterham anterior sempre fora um homem eminente, cuja mansão era conhecida em toda a Inglaterra. Fora Secretário de Estado de Relações Exteriores e sua palavra sempre tivera peso nos conselhos do Império. Sua propriedade no campo, Chimneys, tornara-se famosa pela hospitalidade. Com o apoio competente da esposa, filha do duque de Perth, ele recebera em sua casa algumas das pessoas mais importantes da sua época. A história fora feita e desfeita em fins de semana informais em Chimneys. Não havia praticamente ninguém de importância na Inglaterra, talvez mesmo na Europa, que não tivesse se hospedado em Chimneys pelo menos uma vez.

O que era ótimo. O novo marquês de Caterham tinha o maior respeito e estima pela memória do irmão. Henry fora excepcional naquele tipo de trabalho. Mas o atual lorde Caterham objetava à suposição de que Chimneys era uma propriedade de interesse nacional e não uma propriedade rural particular. Não havia nada que aborrecesse mais o lorde Caterham do que a política. Isto é, a não ser os políticos. Essa era a razão da sua impaciência com a eloquência interminável de George Lomax. Este era um homem robusto, corpulento, com o rosto vermelho e olhos protuberantes, e que tinha uma percepção exagerada da própria importância.

– Está percebendo agora, Caterham? Não podemos, de jeito nenhum, suportar um escândalo assim nesse momento. A situação é extremamente delicada.

– Sempre é – ressaltou lorde Caterham com uma insinuação de ironia.

– Estou em condições de saber, meu caro!

– Tem razão, tem toda razão – respondeu lorde Caterham, retornando à sua linha anterior de defesa.

– Basta transpirar uma só notícia sobre o problema herzoslovaco e estamos perdidos. É de fundamental importância que as concessões para a exploração de petróleo fiquem nas mãos de uma companhia britânica. Compreende agora?

– Claro, claro...

– O príncipe Michael Obolovitch vai chegar no fim de semana e tudo poderá ser resolvido em Chimneys, sob o pretexto de uma caçada.

– Eu estava pensando em viajar para o exterior nesse fim de semana.

– Não diga bobagem, meu caro Caterham. Ninguém vai para o exterior no início de outubro.

– Meu médico acha que meu estado não é nada bom – murmurou lorde Caterham, olhando ansiosamente para um táxi que se aproximava.

Mas ele não conseguiu escapar, já que Lomax tinha o hábito desagradável de segurar as pessoas com quem tinha uma conversa mais séria, certamente o resultado de longa experiência. Assim, ele agarrava firmemente a lapela do casaco de lorde Caterham.

– Ora, meu caro, vou deixar tudo bem claro. Num momento de crise nacional, como o que está rapidamente se aproximando...

Lorde Caterham conseguiu desvencilhar-se, apreensivo. Sentiu subitamente que era melhor promover quantas festas fossem necessárias em sua casa do que ouvir George Lomax reproduzir um dos seus discursos. Sabia, por experiência própria, que Lomax era capaz de falar durante 20 minutos seguidos sem parar.

– Está bem, está bem – ele apressou-se em dizer. – Concordo com tudo. Só espero que tome todas as providências necessárias.

– Não há nada que providenciar, meu caro. Chimneys, além de suas associações históricas, está idealmente situada. Estarei na Abbey, a menos de 12 quilômetros de distância. E claro que não seria aconselhável que eu participasse.

– Claro que não – concordou lorde Caterham, que não tinha a menor idéia do motivo pelo qual não seria aconselhável, tampouco estava interessado em descobrir.

– Mas talvez não se importasse em convidar Bill Eversleigh. Ele seria extremamente útil para transmitir mensagens.

– Será um prazer – declarou lorde Caterham, um pouco mais animado.
– Bill é um sujeito decente e Bundle gosta dele.

– A caçada em si, é claro, não terá a menor importância. Na verdade, é apenas um pretexto.

Lorde Caterham pareceu ficar deprimido e Lomax acrescentou:

– Nesse caso, está tudo resolvido. Irão o príncipe e sua comitiva, Bill Eversleigh, Herman Isaacstein...

– Quem?

– Herman Isaacstein, o representante do grupo sobre o qual lhe falei.

– O grupo britânico?

– Esse mesmo. Por quê?

– Nada, nada... Eu estava apenas pensando, mais nada. Essa gente aparece de vez em quando com os nomes mais curiosos do mundo...

– E deve haver também algumas pessoas de fora, só para dar uma aparência de legitimidade. Lady Eileen pode cuidar disso... gente jovem, de preferência, alegre e descontraída, sem qualquer interesse em política.

– Tenho certeza de que Bundle poderá perfeitamente cuidar dessa parte.

– Fico pensando...

Lomax fez uma pausa. Parecia estar preocupado com uma idéia súbita.

– Lembra-se do assunto sobre o qual acabei de lhe falar?

– Falou de uma porção de coisas.

– Estou me referindo a esse contratempo desagradável... – Uma nova pausa e Lomax baixou a voz para um sussurro misterioso – ... as memórias... as memórias do conde Stylptitch.

– Acho que está enganado quanto a isso – comentou lorde Caterham, contendo um bocejo. – As pessoas adoram um escândalo. Até eu costumo ler as memórias de gente famosa... e confesso que gosto muito.

– O problema não é saber se as pessoas irão lê-las ou não, embora eu tenha certeza de que se trata de algo inevitável. Mas a publicação das memórias, a essa altura dos acontecimentos, pode estragar tudo... tudo mesmo. O povo da Herzoslováquia deseja restaurar a monarquia e está disposto a oferecer a Coroa ao príncipe Michael, que conta com o apoio do Governo de Sua Majestade...

– E o príncipe Michael, por sua vez, está disposto a ceder às concessões ao Sr. Ikey Hermanstein & Cia., em troca do empréstimo de um milhão de libras para levá-lo de volta ao trono...

– Caterham, Caterham – suplicou Lomax, com um sussurro angustiado. – A discrição é o mais importante, acima de tudo.

Com evidente satisfação, embora baixasse a voz em atendimento ao apelo do outro, lorde Caterham continuou:

– E o problema é que algumas das memórias de Stylptitch podem afetar os planos. A tirania e o mau procedimento em geral da família Obolovitch. Houve muitos questionamentos na Câmara. Por que substituir a atual forma de governo, democrática e tolerante, por uma tirania obsoleta? A política está sendo dirigida pelos capitalistas sanguessugas! Abaixo o governo! Não é esse tipo de coisas que estão temendo?

Lomax assentiu, murmurando:

– E pode haver algo ainda pior. Suponhamos... apenas suponhamos que possa haver alguma alusão ao desaparecimento lamentável... acho que sabe a que estou me referindo.

Lorde Caterham estava visivelmente surpreso.

– Não, não sei. Que desaparecimento é esse?

– Não ouviu falar a respeito? Ora, aconteceu quando estavam em Chimneys. Henry ficou terrivelmente transtornado, pois o fato quase lhe arruinou a carreira.

– Estou bastante curioso. Quem ou o que desapareceu?

Lomax inclinou-se para a frente e quase encostou a boca no ouvido do lorde Caterham, que recuou instintivamente.

– Pelo amor de Deus, não sopra no meu ouvido!

– Ouviu o que eu disse?

– Ouvi, sim – murmurou lorde Caterham, relutantemente. – Lembro-me agora de ter ouvido falar alguma coisa a respeito, na ocasião. Um caso muito estranho. Fiquei imaginando quem poderia ser o culpado. E nunca foi recuperado?

– Nunca. É claro que tivemos de cuidar do caso com o máximo de discrição. Não podíamos deixar que transpirasse o menor rumor do desaparecimento. Mas Stylptitch estava lá na ocasião. E soube de alguma coisa. Não de tudo, mas de alguma coisa. Já havíamos tido divergências com ele algumas vezes, por causa da questão turca. Suponhamos que, por pura maldade, ele tenha revelado toda a história em suas memórias, para o mundo inteiro tomar conhecimento. Pense no escândalo... nas conseqüências desastrosas e profundas. Todo mundo iria perguntar: por que o caso foi abafado?

– Tem toda razão – confirmou lorde Caterham, evidentemente deliciado com a perspectiva.

Lomax, cuja voz se alteara estridentemente, voltou a se controlar e sussurrou:

– Tenho que manter a calma, tenho que manter a calma... Mas vou lhe fazer uma pergunta, meu caro: se as intenções de Stylptitch não eram altamente nocivas, por que ele mandou o manuscrito para Londres fazendo tamanho rodeio?

– Não resta a menor dúvida de que é muito estranho. Tem certeza desses fatos?

– Certeza absoluta. Nós... é... tínhamos os nossos agentes em Paris. As memórias foram despachadas secretamente algumas semanas antes da morte dele.

– Tem razão, parece que há algo meio escuso nessa atitude – comentou lorde Caterham, com a mesma satisfação já demonstrada anteriormente.

– Descobrimos que as memórias foram enviadas para um homem chamado Jimmy ou James McGrath, um canadense que vive atualmente na África.

– Um verdadeiro caso imperial, hein? – comentou lorde Caterham entusiasmado.

– James McGrath deverá chegar à Inglaterra amanhã, quinta-feira, no *Granarth Castle*.

– E o que pretendem fazer?

– É claro que vamos procurá-lo de imediato, apontar as conseqüências possivelmente graves e pedir-lhe que adie a publicação das memórias pelo menos por um mês e, seja como for, solicitar que sejam criteriosamente... é... editadas.

– Vamos supor que ele diga simplesmente “Não, senhor” ou “Quero que vocês se danem”, ou algo assim, uma resposta inteligente e delicada. O que irá acontecer?

– É justamente isso o que estou receando. Foi por esse motivo que me ocorreu subitamente que talvez seja uma boa idéia convidá-lo a ir também para Chimneys. É claro que ele ficaria lisonjeado com o convite para ser apresentado ao príncipe Michael, e isso pode facilitar sua manipulação.

– Não vou convidá-lo de jeito nenhum! – informou lorde Caterham, categoricamente. – Nunca me dei muito bem com canadenses... sobretudo os que viveram muito tempo na África!

– Provavelmente vai descobrir que ele é um ótimo sujeito... talvez um diamante bruto.

– Não, Lomax, nesse caso eu me recuso terminantemente a ceder. Outra pessoa terá que cuidar dele.

– Pensei que uma mulher poderia ser muito útil nesse caso. Poderíamos contar a ela o suficiente, mas não demasiado. Ela poderia cuidar do problema delicadamente, com todo o tato, apresentando toda a situação a James McGrath, mas sem afugentá-lo. Diga-se de passagem, não aprovo as mulheres na política, pois só Deus sabe os prejuízos que podem causar.

Mas uma mulher pode realizar maravilhas, dentro da sua própria esfera de ação. Pense na esposa de Henry e no que ela fez por ele. Márcia sempre

foi magnífica, única, extraordinária, a perfeita anfitriã política.

– Está querendo que eu convide Márcia para passar o fim de semana em Chimneys? – indagou lorde Caterham debilmente, empalidecendo um pouco à menção de sua temível cunhada.

– Claro que não, Caterham. Está me interpretando erroneamente. Estou falando da influência das mulheres em geral. E minha sugestão é uma jovem, encantadora, de grande beleza, inteligente.

– Bundle? Ora, Bundle seria a pior das sugestões. Se é que ela é alguma coisa, eu diria que não passa de uma frenética socialista. E tenho certeza de que desataria a rir com a simples sugestão do plano.

– Não estava pensando em lady Eileen. Sua filha, Caterham, é encantadora, extremamente encantadora... mas não passa de uma criança. Precisamos de uma mulher com *savoir-faire*, equilíbrio, conhecimento do mundo... E pensei na mulher ideal para o papel: minha prima Virginia.

– A Sra. Revel?

Lorde Caterham animou-se subitamente. Começou a sentir que, no fim das contas, podia até gostar do fim de semana.

– Uma excelente sugestão, Lomax. É a mulher mais encantadora de Londres.

– E ela está também a par dos problemas da Herzoslováquia. Se bem está lembrado, o marido esteve em nossa embaixada lá. E, como você disse, é uma mulher de grande encanto pessoal.

– Uma criatura maravilhosa... – murmurou lorde Caterham, sonhador.

– Então quer dizer que está tudo combinado.

O Sr. Lomax largou a lapela do lorde Caterham, que prontamente aproveitou a oportunidade.

– Até a próxima, Lomax. Vai cuidar de tudo, não é mesmo?

Ele pegou apressadamente um táxi que passava. Na medida em que um honrado cavalheiro cristão podia detestar outro honrado cavalheiro cristão, lorde Caterham detestava o honorável George Lomax. Detestava aquele rosto vermelho balofo, a respiração ofegante, os olhos azuis esbugalhados. Pensou no fim de semana que se aproximava e suspirou. Uma amolação,

uma terrível amolação. Mas pensou depois em Virginia Revel e animou-se um pouco.

– Uma criatura maravilhosa... – murmurou para si mesmo. – Uma criatura realmente maravilhosa...

4

Apresentando uma dama encantadora

George Lomax voltou direto para Whitehall. Ouviu um barulho súbito ao entrar na sala suntuosa em que cuidava dos negócios de Estado. O Sr. Bill Eversleigh estava diligentemente arquivando algumas cartas, mas uma poltrona cômoda, perto da janela, ainda estava quente do contato com um corpo humano.

Lomax achava Bill Eversleigh um jovem extremamente simpático. Devia ter cerca de 25 anos, era grande, um pouco desajeitado nos movimentos, um rosto agradavelmente feio, dentes brancos impecáveis e olhos castanhos inocentes.

– Richardson já mandou aquele relatório?

– Não, senhor. Quer que eu o chame?

– Não há necessidade. Alguém telefonou?

– A Srta. Oscar é que está recebendo quase todos os telefonemas. O Sr. Isaacstein quer saber se poderá almoçar em sua companhia amanhã, no Savoy.

– Diga à Srta. Oscar para dar uma olhada em minha agenda. Se eu não tiver qualquer compromisso, ela pode telefonar e confirmar.

– Sim, senhor.

– Por falar nisso, Eversleigh, você poderia dar agora um telefonema para mim? Procure o número no catálogo. Sra. Revel, Pont Street, 487.

– Sim, senhor.

Bill pegou o catálogo e correu o olhar pela coluna do M. Fechou-o em seguida e foi até o telefone que estava em cima da mesa. Parou com a mão suspensa sobre o aparelho, como se recordasse subitamente de algo.

– Oh, senhor, acabei de lembrar-me: o telefone dela está quebrado. Não faz muito tempo que tentei ligar para lá e não consegui.

George Lomax franziu o rosto e murmurou:

– Irritante, profundamente irritante...

Ele tamborilou com os dedos sobre a mesa, indeciso.

– Se for algo importante, senhor, talvez eu possa ir até lá de táxi. Ela deve estar em casa de manhã.

George Lomax ainda hesitou, pensando sobre o assunto. Bill ficou aguardando, na maior expectativa, preparado para sair da sala o mais depressa possível, caso a resposta fosse positiva.

– Talvez seja essa a melhor solução – disse Lomax, finalmente. – Está certo, pegue um táxi e vá até lá. Pergunte à Sra. Revel se ela estará em casa às 4 horas da tarde, pois preciso falar-lhe a respeito de um assunto da maior importância.

– Está certo, senhor.

Bill pegou o chapéu e partiu rapidamente.

Dez minutos depois, um táxi deixou-o na Pont Street, 487. Ele tocou a campainha e bateu vigorosamente com a aldraba. A porta foi aberta por um empregado de ar solene, para quem Bill acenou levemente com a cabeça, com a tranquilidade de quem já o conhecia há um longo tempo.

– Bom dia, Chilvers. A Sra. Revel está?

– Tenho a impressão, senhor, de que ela está de saída.

Uma voz gritou na escada:

– É você, Bill? Pensei ter reconhecido essa batida musculosa. Suba e venha falar comigo.

Bill levantou a cabeça para contemplar o rosto que lhe sorria lá de cima e que estava sempre inclinado a reduzi-lo – não apenas a ele – a um estado de incoerência tola. Subiu a escada, de dois em dois degraus, e apertou com firmeza as mãos estendidas de Virginia Revel.

– Olá, Virginia!

– Olá, Bill!

O charme é algo muito estranho. Centenas de jovens, algumas até mais bonitas que Virginia Revel, poderiam ter dito “Olá, Bill” exatamente com a mesma entonação, sem que isso produzisse qualquer efeito. Mas essas duas palavras simples, pronunciadas por Virginia, tinham o efeito mais inebriante que se podia imaginar em Bill Eversleigh.

Virginia Revel tinha 27 anos. Era alta e graciosamente esguia, assunto sobre o qual se poderia até escrever em poema, tão bem-proporcionado era o seu corpo. Os cabelos eram cor de bronze, com reflexos dourados. O queixo era pequeno e decidido, o nariz adorável, os olhos azuis ligeiramente amendoados, um brilho intenso a se irradiar entre as pálpebras semicerradas, a boca era deliciosa e praticamente indescritível, um pouco levantada num dos cantos. Era um rosto maravilhosamente expressivo e irradiava tanta vitalidade que invariavelmente atraía as atenções gerais. Teria sido inteiramente impossível ignorar Virginia Revel.

Ela levou Bill para uma pequena sala de estar, decorada em malva, verde e amarelo, em tons suaves, como uma campina recoberta de açafrão.

– Bill, querido, o Ministério das Relações Exteriores não vai sentir a sua ausência? Pensei que não pudessem funcionar sem você.

– Trouxe um recado de Lomax para você. E por falar nisso, Virginia, não se esqueça de dizer, caso ele perguntar, que seu telefone não estava funcionando esta manhã.

– Mas não tive problema com o telefone.

– Sei disso. Mas falei que o telefone estava quebrado.

– Por quê? Por favor, esclareça-me essa misteriosa manobra do Ministério das Relações Exteriores.

Bill fitou-a com uma expressão de censura.

– Para que eu pudesse vir até aqui e ter a oportunidade de vê-la, é claro.

– Oh, Bill querido, que estúpido da minha parte! Como você é maravilhoso!

– Chilvers disse que você ia sair.

– E ia mesmo... até a Sloane Street. Tem ali uma loja que está vendendo uma cinta de borracha para os quadris perfeitamente maravilhosa.

- Uma cinta para os quadris?
- Isso mesmo, Bill. C-I-N-T-A, cinta, Q-U-A-D-R-I-S, quadris. Uma cinta para apertar os quadris. Usa-se por cima da pele.
- Estou constrangido por você, Virginia. Não deveria descrever suas roupas de baixo para um homem com quem não tem qualquer parentesco. Não é decente.
- Ora, meu caro Bill, não há nada de indecente em quadris. Todo mundo tem quadris... embora nós, pobres mulheres, nos esforcemos desesperadamente para fingir que não temos. A cinta para os quadris é de borracha vermelha e vai terminar logo acima dos joelhos. Fica praticamente impossível andar dentro dela.
- Mas que coisa horrível! Se é assim, por que as mulheres costumam usá-la?
- Porque isso nos dá o sentimento nobre de estar sofrendo em prol da silhueta. Mas não vamos falar agora sobre cintas. Dê-me o recado de George.
- Ele quer saber se você estará em casa às 4 horas da tarde.
- Não. Estarei no Ranelagh. Por que uma visita tão formal? Será que ele vai me pedir em casamento?
- Eu não ficaria espantado.
- Se for esse o caso, você pode dizer-lhe que prefiro os homens que me pedem em casamento num impulso súbito.
- Como eu?
- No seu caso, Bill querido, não se trata de impulso, mas sim de hábito.
- Virginia, será que você nunca...
- Não, Bill, não. Isso não me atrai muito pela manhã, antes do almoço. Procure pensar em mim como uma mulher simpática e maternal, aproximando-se da meia-idade, que o aprecia intensamente.
- Eu a amo tanto, Virginia...
- Eu sei, Bill, eu sei... E simplesmente adoro ser amada. Não é terrível e perverso da minha parte? Eu bem que gostaria que todos os homens simpáticos do mundo estivessem apaixonados por mim.

– Tenho quase certeza de que a maioria está mesmo – comentou Bill, sombriamente.

– Só espero que George não esteja também apaixonado por mim. Não creio que ele possa estar, já que parece casado com sua mulher. O que mais ele disse?

– Apenas que era muito importante.

– Estou começando a ficar intrigada, Bill. As coisas que George considera importantes são terrivelmente limitadas. Acho que vou adiar a ida ao Ranelagh. Afinal, sempre poderei ir lá em outro dia qualquer. Diga a George que o estarei esperando, submissamente, às 4 horas da tarde.

Bill olhou para o relógio.

– Acho que não vale a pena voltar ao escritório antes do almoço. Não quer ir comer algo comigo, Virginia?

– Eu já tinha um compromisso para o almoço.

– Não tem importância. Aproveite o dia para dar um bolo em todos os seus compromissos.

– Até que seria bom... – murmurou Virginia, sorrindo.

– Oh, Virginia, querida, você é maravilhosa! Diga-me: você gosta um pouco de mim, não é mesmo? Mais que dos outros?

– Adoro você, Bill. Se tivesse de casar com alguém... se fosse num livro e um mandarim perverso me dissesse “Case com alguém ou morrerá lentamente sob torturas”, eu o escolheria imediatamente. Pode estar certo de que eu declararia em alto e bom som: “Quero o pequeno Bill.”

– Nesse caso...

– Acontece que não estou obrigada a casar com alguém, Bill. Adoro ser uma viúva perversa.

– Poderia continuar a fazer as mesmas coisas, ter a sua vida e tudo o mais. Quase não perceberia a minha presença na casa.

– Acho que não está entendendo, Bill. Sou do tipo de mulher que só casa quando se apaixona loucamente, ou então não casa.

Bill deixou escapar um resmungo de desespero ao murmurar:

– Acho que um dia desses vou acabar dando um tiro na cabeça...

– Não, Bill querido, tenho certeza de que jamais fará algo assim. Em vez disso, levará uma bela moça para jantar fora... como fez na noite de anteontem.

O Sr. Eversleigh ficou momentaneamente confuso.

– Se está se referindo a Dorothy Kirkpatrick, a moça que está em *Hooks and Eyes*, devo dizer... Oh, diabo, ela é uma ótima moça e muito simpática. Mas não houve nada demais em nosso encontro.

– Claro que não houve, Bill querido. Adoro quando você se diverte. Mas não finja que está morrendo com o coração desolado.

O Sr. Eversleigh tratou de recuperar a dignidade.

– Não está compreendendo, Virginia. Os homens são...

– Polígamos! Sei disso. Às vezes, tenho a desconfiança de que sou poliandra. Se realmente me ama, Bill, leve-me imediatamente para almoçar.

5

Primeira noite em Londres

Freqüentemente ocorrem falhas nos melhores planos. George Lomax cometera um erro, havia um ponto fraco em seus preparativos. E esse ponto fraco era Bill.

Bill Eversleigh era um ótimo rapaz. Bom jogador de críquete e ótimo golfista, tinha maneiras polidas e um comportamento sempre cordial. Mas sua posição no Ministério das Relações Exteriores fora conquistada não por causa da inteligência, mas sim graças a boas ligações. Era perfeitamente capaz do trabalho que realizara até então. Era o que se podia chamar de pau-mandado de George. Não tinha qualquer responsabilidade nem precisava fazer um trabalho cerebral. Sua função era estar sempre perto de George, receber as pessoas sem importância com as quais George não queria falar, cumprir pequenas missões e ser útil, de um modo geral. E Bill

executava tudo isso fielmente. Quando George estava ausente, Bill refestelava-se na poltrona e lia as notícias de esporte. Ao se comportar dessa maneira, estava simplesmente cumprindo uma tradição consagrada pelo tempo.

Acostumado a mandar Bill cumprir pequenas missões, George não teve a menor dúvida em despachá-lo para o escritório da Union Castle, a fim de descobrir o horário da chegada do *Granarth Castle*. Em comum com a maioria dos jovens ingleses bem-educados, Bill tinha uma voz agradável, mas quase inaudível. Qualquer professor de dicção teria verificado a maneira errada como ele pronunciava a palavra “Granarth”. Podia ser qualquer outra coisa. E o funcionário da Union Castle achou que era “Carnfrae”.

O *Carnfrae Castle* deveria chegar na quinta-feira seguinte. E foi o que ele disse. Bill agradeceu e foi embora. George Lomax aceitou a informação e fez seus planos de acordo com essa informação. Nada sabia a respeito dos navios da Union Castle e não teve a menor dúvida de que James McGrath só chegaria mesmo na quinta-feira seguinte.

Assim, no momento em que estava segurando lorde Caterham na escada do clube, na manhã de quarta-feira, teria ficado consideravelmente surpreso se soubesse que o *Granarth Castle* atracara em Southampton na tarde anterior. Às duas horas daquela tarde, Anthony Cade, viajando com o nome de Jimmy McGrath, desembarcou de um trem em Waterloo e fez sinal para um táxi. Depois de um momento de hesitação, ordenou ao motorista que o levasse ao Blitz Hotel. E pensou: “Afinal, não custa nada ter um pouco de conforto.”

Ficou olhando pelas janelas do táxi, com algum interesse. Fazia exatamente 14 anos que estivera em Londres pela última vez.

Chegando ao hotel, Anthony alugou um quarto e depois saiu para dar uma volta pela Embankment. Era agradável estar de volta a Londres. É verdade que estava tudo mudado. Ali, um pouco além da Blackfriars Bridge, existira um pequeno restaurante, onde ele costumava jantar com alguns amigos. Nessa ocasião era socialista e usava uma gravata vermelha. Era muito jovem na época...

Voltou para o Blitz. No momento em que estava atravessando a rua, um homem esbarrou nele, quase o fazendo perder o equilíbrio. Era um homem baixo, corpulento, das classes operárias e de aparência um tanto estrangeira. Murmurou uma desculpa quando ambos recuperaram o equilíbrio, e examinou atentamente o rosto de Anthony.

Entrando no hotel, Anthony procurava imaginar o que causara aquele olhar inquisitivo. Provavelmente não era nada demais. O bronzeado de seu rosto era mesmo algo raro entre os londrinos pálidos, e certamente fora isso o que atraía a atenção do homem. Anthony subiu para o seu quarto. Num súbito impulso, foi até o espelho e contemplou atentamente o próprio rosto. Entre os poucos amigos dos velhos tempos, apenas uns poucos escolhidos, seria provável que algum o reconhecesse agora, se por acaso se encontrassem cara a cara? Anthony balançou a cabeça, lentamente.

Ao deixar Londres, tinha pouco mais de 18 anos, um rapaz pálido, um pouco acima do peso, com uma expressão enganadoramente angelical. Não havia muita possibilidade de que o rapazinho daquele tempo fosse reconhecido no homem esguio, de rosto bronzeado e expressão irônica.

O telefone na mesinha-de-cabeceira tocou e Anthony foi atender:

– Alô?

A voz do recepcionista indagou:

– É o Sr. James McGrath?

– Ele mesmo.

– Um cavalheiro deseja falar-lhe.

Anthony ficou surpreso.

– Comigo?

– Exatamente, senhor. É um cavalheiro estrangeiro.

– Como é o nome dele?

Houve uma ligeira pausa, antes que o recepcionista dissesse:

– Vou mandar um rapaz levar o cartão dele, senhor.

Anthony pôs o fone no gancho e ficou esperando. Poucos minutos depois, houve uma batida na porta. Era o rapaz da portaria, com um cartão numa salva de prata.

Anthony pegou-o. E viu o seguinte nome impresso:

Barão Lolopretjzyl

Podia agora compreender perfeitamente a hesitação do recepcionista. Ficou imóvel por um momento, com o cartão na mão, e depois tomou uma decisão:

- Mande o cavalheiro subir.
- Está certo, senhor.

Alguns minutos depois, o barão Lolopretjzyl entrou no quarto. Era um homem imenso, com uma grande barba preta e a testa alta e calva.

Bateu os calcanhares ruidosamente e fez uma reverência.

- Sr. McGrath – disse ele.

Anthony procurou imitar-lhe os movimentos, da melhor forma possível, dizendo:

- Barão.

Depois, puxando uma cadeira, acrescentou:

- Sente, por favor. Não tive o prazer de conhecê-lo antes, não é mesmo?
- Tem razão – confirmou o barão, sentando e acrescentando,

polidamente: – Para meu infortúnio.

- E meu também – respondeu Anthony, no mesmo tom.

– Vamos tratar de negócios – disse o barão, bruscamente. – Represento em Londres o Partido Lealista da Herzoslováquia.

- E tenho certeza de que o representa admiravelmente.

O barão fez uma nova mesura, agradecendo o elogio.

– É um homem generoso. Sr. McGrath, nada irei esconder. Chegou o momento para a restauração da monarquia, temporariamente suspensa desde o martírio de sua majestade o rei Nicolau IV, de abençoada memória.

- Amém – completou Anthony. – Isto é, entendo, entendo.

– Ao trono subirá sua alteza o príncipe Michael, que contou com o apoio do governo britânico.

- Esplêndido! É muita bondade sua contar-me tudo isso.

- Tudo acertado já estava... quando veio para aqui a problemas criar.

O barão fitou-o com uma expressão firme e Anthony tratou de protestar:

– Ora, meu caro barão!
– É isso mesmo. Sei do que falando estou. Tem consigo as memórias do falecido conde Stylptitch.

A expressão do barão tornou-se acusadora.

– E se eu trouxe, barão? O que as memórias do conde Stylptitch têm a ver com o príncipe Michael?

– Escândalos irá causar.

– É o que em geral acontece com quase todas as memórias – comentou Anthony, suavemente.

– O falecido conde Stylptitch a par de muitos segredos estava. Se um quarto deles apenas revelasse, a Europa em guerra mergulharia.

– Ora, barão, não pode ser tão ruim assim.

– Uma opinião desfavorável sobre os obolovitches se espalhar irá. E muito democrático é o espírito inglês.

– Posso perfeitamente acreditar que os Obolovitch tenham de vez em quando sido um tanto despóticos. Está no sangue. Mas os ingleses esperam que fatos assim aconteçam nos Bálcãs. Não sei a razão disso, mas o fato é que é justamente essa a reação por aqui.

– Não compreende, não compreende absolutamente – disse o barão. – E meus lábios selados estão.

O barão suspirou e Anthony perguntou:

– O que exatamente está receando?

– Até eu ler as memórias, não sei – respondeu o barão, com a maior simplicidade. – Mas é certo que algo há. Esses grandes diplomatas são sempre indiscretos. E desastrosas serão as conseqüências.

– Tenho certeza de que está sendo muito pessimista, barão. Sei como são os editores. Costumam ficar chocando um original durante muito tempo. Irá se passar pelo menos um ano até que o livro seja publicado.

– Ou muito ardiloso ou muito simplista é, Sr. McGrath. Tudo está providenciado para que as memórias num jornal de domingo saiam imediatamente.

– Ah... – murmurou Anthony, um tanto aturdido, para logo acrescentar, esperançoso: – Mas sempre podem negar tudo, não é mesmo?

O barão balançou a cabeça, tristemente.

– Não, não, um dispositivo é o que está dizendo. Vamos de negócios tratar. Mil libras vai receber, não é mesmo? Como vê, a boa informação sempre recebo.

– Não posso deixar de dar os parabéns ao serviço secreto dos lealistas.

– Então eu a você ofereço 1.500 libras.

Anthony ficou mais aturdido do que nunca e acabou balançando a cabeça, pesaroso.

– Infelizmente, não posso aceitar.

– Ótimo. Então a você ofereço 2 mil libras.

– Está me tentando, barão, está me tentando... Mas continuo a dizer que é impossível.

– Pois diga o seu próprio preço então.

– Receio que não esteja compreendendo a minha posição, barão. Estou perfeitamente disposto a acreditar que está ao lado dos anjos, que as memórias podem prejudicar sua causa. Não obstante, aceitei a missão e tenho que levá-la a cabo. Entende agora? Não posso me deixar comprar pelo outro lado. Esse tipo de coisa é inteiramente impossível.

O barão ficou escutando atentamente. Ao fim do pequeno discurso de Anthony, ele balançou a cabeça diversas vezes.

– Entendo. Sua honra de inglês é o problema, não?

– Não costumamos colocar os fatos dessa maneira. Mas eu diria, descontando-se as diferenças de vocabulário, que ambos estamos falando da mesma coisa.

O barão levantou-se.

– Pela honra inglesa muito respeito tenho. Um outro meio temos que tentar. Eu lhe desejo um muito bom dia.

O barão bateu os calcanhares, fez uma mesura e saiu do quarto, muito ereto.

E Anthony pensou: “O que será que ele quis insinuar? Teria sido uma ameaça? Não que eu tenha algum receio do velho Lollipop. Por falar nisso, eis um bom nome para ele. A partir de agora, vou chamá-lo de barão Lollipop, o barão-pirulito.”

Ele deu algumas voltas pelo quarto, sem saber o que iria fazer em seguida. Ainda faltava pouco mais de uma semana para a última data de entrega do manuscrito. Ainda era o dia 5 de outubro e Anthony não tinha a menor intenção de entregar as memórias antes do último instante. É verdade que, àquela altura, ele estava ansioso em ler as memórias. Pensara em fazê-lo no navio, mas ficara com febre, sem a menor disposição de decifrar uma letra garranchada e quase ilegível, pois o manuscrito não fora datilografado. Estava agora mais decidido do que nunca a descobrir por que toda aquela confusão.

Mas tinha outra missão a cumprir.

Num súbito impulso, pegou o catálogo telefônico e procurou o nome Revel. Havia seis Revels relacionados: Edward Henry Revel, médico, de Harley Street; James Revel & Cia., seleiros; Lennox Revel, de Abbotbury Mansions, Hampstead; Srta. Mary Revel, com um endereço em Ealing; honorável Sra. Timothy Revel, da Pont Street, 487; e Sra. Willis Revel, da Cadogan Square, 42. Eliminando os seleiros e a Srta. Mary Revel, ficavam quatro nomes para serem investigados... e ele não tinha motivo algum para supor que a mulher sequer morasse em Londres! Anthony fechou o livro, sacudindo firmemente a cabeça. E murmurou para si mesmo:

– No momento, vou deixar tudo entregue ao acaso. Sempre acaba acontecendo algo.

Talvez se possa atribuir a sorte dos Anthony Cade deste mundo à sua própria crença nela. Anthony descobriu o que estava procurando menos de meia hora depois, quando estava folheando um jornal. Era uma apresentação performática, organizada pela duquesa de Perth. Abaixo da imagem central, havia a seguinte legenda:

A honorável Sra. Timothy Revel, como Cleópatra. Antes do casamento, a Sra. Revel era a honorável Virginia Cawthron, filha de lorde Edgbaston.

Anthony ficou olhando por algum tempo para a fotografia, contraindo os lábios, lentamente, como se fosse assoviar. Depois arrancou toda a

página, dobrou-a e a colocou no bolso. Subiu novamente para seu quarto, abriu a maleta e tirou o maço de cartas. Tirou a página do jornal dobrada do bolso e enfiou-a por baixo do barbante que prendia as cartas.

Nesse momento ouviu um barulho às suas costas, e virou-se bruscamente. Um homem estava parado na porta, o tipo de homem que Anthony pensava que só existia nas óperas cômicas. Uma figura de aparência sinistra, com uma cabeça atarracada, de aparência brutal, os lábios repuxados num sorriso diabólico.

– Que diabos está fazendo aqui? – perguntou Anthony. – E quem o deixou subir?

– Vou onde quero.

A voz era gutural, obviamente estrangeira, embora o inglês fosse vernacular.

“Outro carcamano”, pensou Anthony, e disse em voz alta:

– Pois quer fazer o favor de se retirar do meu quarto?

Os olhos do homem estavam fixos no maço de cartas que Anthony pegara.

– Irei embora depois que me entregar o que vim buscar.

– E o que é, se me permite perguntar?

– As memórias do conde Stylptitch.

– É inteiramente impossível levá-lo a sério, meu caro. Parece demais com o vilão das óperas. E devo dizer que aprecio intensamente o seu estilo. Quem o mandou até aqui? O barão Lollipop?

– O barão?

O homem deixou escapar uma sucessão de consoantes de som áspero.

– Quer dizer que é assim que se pronuncia, um meio-termo entre gargarejar e latir como um cachorro? Creio que eu jamais conseguiria pronunciá-lo. Minha garganta não foi feita para isso. Acho melhor continuar a chamá-lo de Lollipop. Então foi ele quem o mandou até aqui, hein?

Mas ele recebeu uma negativa veemente. O visitante chegou até a cuspir diante da sugestão de maneira extremamente realista. Depois, tirou do bolso uma folha de papel e jogou em cima da mesa.

– Veja! Veja e trema, inglês maldito!

Anthony deu uma olhada, interessado, sem dar muita importância à parte final da ordem. No papel estava desenhada uma mão humana, um tanto tosca, em vermelho.

– Parece com uma mão. Mas, se assim o disser, estou disposto a admitir que é uma representação cubista do pôr-do-sol no Pólo Norte.

– É a marca dos Camaradas da Mão Vermelha. E eu sou um Camarada da Mão Vermelha.

– Não me diga! – Anthony exclamou, fitando-o com algum interesse. – E os outros são como você? Gostaria de saber o que a Sociedade de Eugenia tem a dizer a respeito.

O homem grunhiu, furioso.

– Cão! Pior do que cão! É um escravo pago de uma monarquia fracassada! Entregue-me as memórias e nada lhe acontecerá. Assim é a clemência da irmandade.

– Tenho certeza de que são muito generosos, mas estão incorrendo num erro. Minhas instruções são para entregar o manuscrito... não à sua amável sociedade, mas sim a determinada editora.

– Essa é boa! – disse o homem, soltando uma risada. – E acha por acaso que vai conseguir chegar vivo ao escritório dessa editora? Mas já chega dessa conversa tola! Entregue-me o manuscrito ou eu atiro!

Ele sacou um revólver do bolso e brandiu-o.

Mas havia se enganado em relação a Anthony Cade. Não estava acostumado a homens que podiam agir rapidamente... mais depressa até do que podiam pensar. Anthony não esperou que o revólver lhe fosse apontado. Quase no instante mesmo em que o outro tirou a arma do bolso, avançou e derrubou-a de sua mão. A violência do golpe foi tão grande que o homem cambaleou e virou-se, ficando de costas para Anthony.

Era uma oportunidade boa demais para ser perdida. Com um pontapé vigoroso e certeiro, Anthony enviou-o quase a voar pela porta afora, até o corredor, onde ele se esborrachou no chão.

Anthony foi atrás dele, mas o bravo Camarada da Mão Vermelha não queria saber de mais nada. Levantou-se agilmente e saiu correndo pelo

corredor. Anthony não se deu ao trabalho de persegui-lo, preferindo voltar para o quarto.

“Isso resolve o problema dos Camaradas da Mão Vermelha”, pensou ele. “A aparência é pitoresca, mas são facilmente derrotados por uma ação direta. Mas como será que aquele sujeito conseguiu entrar aqui? Porém, de uma coisa já posso ter certeza: não será um trabalho tão fácil quanto eu pensava. Já fui alvo das ações dos partidos Lealista e Revolucionário. Daqui a pouco receberei as delegações dos Nacionalistas e dos Liberais Independentes. Uma coisa é certa: vou começar a ler o manuscrito esta noite mesmo.”

Olhando para o relógio, Anthony verificou que já eram quase 9 horas. Decidiu jantar onde estava. Não previa mais nenhuma visita de surpresa, mas achou que devia se prevenir. Não pretendia permitir que sua maleta fosse vasculhada enquanto estava lá embaixo, no restaurante. Assim, tocou a campainha e pediu o cardápio. Escolheu dois pratos e pediu também uma garrafa de Chambertin. O garçom retirou-se.

Enquanto esperava pela refeição, Anthony tirou o manuscrito e colocou-o na mesa, juntamente com as cartas.

Houve uma batida na porta e o garçom entrou, empurrando uma mesa pequena e os acessórios necessários para a refeição. Anthony foi até a lareira. Ficou de pé ali, de costas para o quarto, observando distraidamente tudo pelo espelho. E notou de repente algo estranho.

Os olhos do garçom estavam grudados no manuscrito. Olhando a todo instante para as costas imóveis de Anthony, ele contornou silenciosamente a mesa. As mãos tremiam ligeiramente e a todo instante ele passava a língua pelos lábios ressequidos. Anthony observou-o mais atentamente. Era um homem alto, ágil como todos os garçons, o rosto barbeado. Deve ser um italiano e não um francês, pensou Anthony.

No momento decisivo, Anthony virou-se abruptamente. O garçom estremeceu, mas fingiu que estava arrumando o saleiro.

- Como é o seu nome? – perguntou Anthony, de maneira brusca.
- Giuseppe, monsieur.
- Italiano?

– Isso mesmo, monsieur.

Anthony falou-lhe em italiano e o homem respondeu com toda fluência. Finalmente, Anthony dispensou-o com um aceno de cabeça. Depois, enquanto punha-se a comer a excelente refeição que Giuseppe servira, começou a pensar na situação.

Será que se enganara? Teria Giuseppe se interessado pelo pacote do manuscrito apenas por curiosidade? Era possível. Mas recordando o interesse quase febril do homem, Anthony decidiu-se contra essa teoria. Mas continuava desconcertado e pensou:

“Mas que diabo! Não é possível que todo mundo esteja interessado no maldito manuscrito! Devo estar imaginando coisas!”

Terminado o jantar e removidos os pratos, Anthony dedicou-se à leitura das memórias. Como a letra do falecido conde era quase ilegível, foi um trabalho árduo e lento. Os bocejos foram se sucedendo, com uma rapidez cada vez maior. Acabou desistindo de continuar a leitura ao fim do quarto capítulo.

Até aquele ponto, descobrira apenas que as memórias do conde eram insuportavelmente insípidas, sem a menor insinuação de um escândalo de qualquer espécie.

Pegou as cartas e o embrulho do manuscrito, trancando-os na maleta. Em seguida, trancou a porta e, como precaução adicional, nela encostou uma cadeira. E pôs sobre a cadeira a garrafa d’água do banheiro.

Examinou tais preparativos com algum orgulho, depois tirou as roupas e meteu-se na cama. Ainda tentou ler mais um pouco das memórias, mas sentiu as pálpebras caindo. Enfiou o manuscrito debaixo do travesseiro, apagou a luz e dormiu quase que imediatamente.

Deviam ter-se passado cerca de quatro horas quando despertou, com um sobressalto. Não soube direito o que o acordou. Talvez tenha sido algum ruído, talvez a consciência do perigo, sempre plenamente desenvolvida em homens que levam vidas de aventuras.

Ficou imóvel por um momento, tentando focalizar os sentidos. Ouviu um ruído furtivo e depois percebeu uma sombra mais densa entre ele e a janela, perto do lugar onde deixara a maleta.

Com um salto súbito, Anthony saiu da cama e acendeu a luz. Um homem levantou-se abruptamente do lugar onde estava, ajoelhado junto à valise.

Era o garçom, Giuseppe. Uma faca comprida e fina faiscava em sua mão direita. Atacou Anthony no mesmo instante. Anthony imediatamente compreendeu o perigo que corria, pois estava desarmado e era evidente que Giuseppe sabia manejar muito bem a arma que tinha na mão.

Anthony pulou para o lado e a faca deixou de atingi-lo por um triz. No instante seguinte, os dois estavam rolando pelo chão, engalfinhados. Anthony se concentrava totalmente em segurar o braço direito de Giuseppe para evitar que a faca o atingisse. Ao mesmo tempo, podia sentir a outra mão do italiano a apertar-lhe a traquéia, sufocando-o. Desesperadamente, dobrou para trás o braço direito do atacante.

Ouviu o barulho da faca caindo ao chão. No mesmo instante, o italiano desvencilhhou-se das mãos de Anthony, com uma rápida torção do braço. Anthony também se levantou, mas cometeu o erro de encaminhar-se na direção da porta, a fim de barrar a fuga do italiano. Só tarde demais é que percebeu que a cadeira e a garrafa estavam exatamente como deixara.

Giuseppe entrara pela janela e foi para a janela que se dirigiu naquele momento. Aproveitando a trégua proporcionada pelo movimento errado de Anthony, ele saiu para o balcão, pulou para o balcão contíguo e desapareceu pela janela do outro quarto.

Anthony sabia muito bem que não adiantava persegui-lo. Não podia haver a menor dúvida de que o homem providenciara devidamente o caminho de fuga. Se ele fosse atrás, só iria se meter em encrencas.

Aproximou-se da cama, meteu a mão debaixo do travesseiro e tirou as memórias. Felizmente as deixara ali e não na maleta. Foi até a maleta e abriu-a para tirar as cartas.

E deixou escapar uma imprecação.

As cartas tinham desaparecido.

A nobre arte da chantagem

Faltavam exatamente cinco minutos para 4 horas quando Virginia Revel, subitamente pontual por causa de uma saudável curiosidade, voltou à sua casa, na Pont Street. Abriu a porta com a sua chave e deparou-se com o impassível Chilvers na entrada.

– Peço perdão, madame, mas... uma pessoa esteve aqui à sua procura...

Por um momento, Virginia não percebeu o significado oculto por trás da fraseologia sutil de Chilvers.

– Foi o Sr. Lomax? Onde ele está? Na sala de visitas?

– Oh, não, madame, não é o Sr. Lomax – Chilvers a corrigiu em tom de censura velada. – Era uma pessoa... relutei em deixá-lo entrar, mas ele disse que era um assunto importante... relacionado com o falecido capitão, pelo que entendi. Pensando que talvez desejasse falar-lhe, deixei-o entrar e... ahn... mandei-o esperar no gabinete.

Virginia ficou parada por um momento, pensando. Já estava viúva havia alguns anos e o fato de raramente se referir ao marido era encarado por alguns como uma atitude deliberada, para disfarçar uma ferida ainda não cicatrizada. Outros achavam que era justamente o oposto, que Virginia jamais gostara muito de Tim Revel e achava insincero manifestar uma dor que não sentia.

– Devo ainda mencionar, madame, que o homem parece ser estrangeiro.

O interesse de Virginia aumentou ligeiramente. O marido pertencera ao Serviço Diplomático e haviam estado juntos na Herzoslováquia pouco antes do sensacional assassinato do rei e da rainha. O tal homem provavelmente era um herzoslovaco, algum criado antigo, que caíra em desgraça e ia suplicar alguma ajuda.

– Fez muito bem, Chilvers – ela o congratulou com um rápido aceno da cabeça. – Onde foi que o mandou esperar? No gabinete, não é mesmo?

Ela atravessou o corredor em passos rápidos e abriu a porta da pequena sala ao lado da sala de jantar.

O visitante estava sentado em uma cadeira junto à lareira. Levantou-se rapidamente e ficou olhando para ela. Virginia possuía uma excelente memória para rostos e no mesmo instante teve certeza de que nunca antes vira aquele homem. Era alto e moreno, o corpo esguio, inegavelmente um estrangeiro. Mas Virginia teve a impressão de que não era de origem eslava, mas sim um italiano ou talvez um espanhol.

– Desejava falar comigo? Sou a Sra. Revel.

O homem demorou algum tempo para responder. Contemplou-a lentamente, como se a estivesse avaliando. Havia uma insolência velada em sua atitude que Virginia não tardou a perceber.

– Quer fazer a gentileza de declarar o que deseja? – ela solicitou, com um toque de impaciência.

– É a Sra. Revel... Sra. Timothy Revel?

– Exatamente. Foi o que acabei de lhe dizer.

– Tem razão. Foi ótimo que tenha consentido em me receber, Sra. Revel. Caso contrário, como disse ao seu mordomo, eu teria sido obrigado a procurar seu marido.

Virginia ficou atônita, mas um impulso súbito deteve a resposta que lhe aflorou aos lábios. E contentou-se em comentar, secamente:

– Poderia encontrar alguma dificuldade para fazê-lo.

– Acho que não. Sou um homem muito persistente. Mas vou direto ao ponto. A senhora reconhece isto?

O homem sacudiu alguma coisa com a mão. Virginia olhou, sem muito interesse.

– E então, madame, pode dizer-me o que é isso?

– Parece ser uma carta – respondeu Virginia, e a essa altura estava convencida de que o homem era mentalmente desequilibrado.

– E talvez já tenha percebido a quem está endereçada – o homem comentou, sugestivamente, estendendo a carta.

– Sei ler perfeitamente – disse Virginia, ironicamente. – Está endereçada ao capitão O'Neill, na rue de Quenelles, 15, em Paris.

O homem examinava ansiosamente o rosto dela, em busca de algo que não conseguiu encontrar.

– Não quer ler?

Virginia pegou o envelope, abriu-o e deu uma olhada. Empertigou-se quase que imediatamente e devolveu a carta, dizendo:

– É uma carta particular... certamente não foi escrita para que uma estranha como eu a lesse.

O homem riu de forma sardônica.

– Dou-lhe os parabéns pelo admirável desempenho, Sra. Revel. Está representando seu papel com perfeição. Contudo, tenho certeza de que não poderá negar a assinatura!

– A assinatura?

Virginia deu uma olhada no fim da carta e ficou aturdida. A assinatura, em letra delicada e inclinada, era de Virginia Revel. Contendo a exclamação de espanto que aflorou em seus lábios, ela voltou deliberadamente ao início da carta e leu-a toda. Depois, ficou em silêncio por um minuto, imersa em seus pensamentos. A natureza da carta deixava bem claro o que estava para acontecer.

– E então, madame? Não é esse o seu nome?

– É, sim... é meu nome.

“Mas não a minha letra”, Virginia poderia ter acrescentado. Em vez disso, porém, ela sorriu cordialmente para o visitante e disse, de maneira suave:

– Não poderíamos sentar para conversar sobre o assunto?

O homem ficou desconcertado. Não era essa a reação que esperava. O instinto disse-lhe que a mulher não estava com medo dele.

– Em primeiro lugar, eu gostaria de saber como me descobriu.

– Isso foi muito fácil.

O homem tirou do bolso uma página de revista ilustrada e estendeu a ela. Anthony Cade a teria reconhecido. Virginia pegou a página, deu uma rápida olhada e devolveu-a, com o rosto ligeiramente franzido e a expressão pensativa. E murmurou:

– Tem razão. Foi mesmo muito fácil.

– Tenho certeza de que sabe, Sra. Revel, que não é a única carta. Há muitas outras.

– Santo Deus! Parece que fui terrivelmente indiscreta.

Virginia percebeu que sua atitude despreocupada novamente deixava o homem desconcertado. A essa altura, ela já estava começando a gostar da cena. E foi sorrindo de forma gentil que falou:

– Seja como for, é muita bondade sua ter vindo me procurar para devolver as cartas.

Houve uma pausa prolongada, ao fim da qual o homem limpou a garganta e disse, com um jeito expressivo:

– Sou um homem pobre, Sra. Revel.

– Nesse caso, certamente terá mais facilidade em entrar no reino dos céus, pelo que sempre ouvi dizer.

– Não posso me dar ao luxo de entregar-lhe as cartas a troco de nada.

– Creio que está incorrendo num equívoco. Essas cartas pertencem à pessoa que as escreveu.

– Isso é o que a lei pode dizer, madame, mas há um ditado neste país: “A posse é nove décimos da lei.” Além do mais, está disposta a recorrer à lei?

– A lei é muito rigorosa com os chantagistas.

– Ora, Sra. Revel, não sou nenhum tolo. Li todas as cartas... as cartas de uma mulher para o amante, uma mulher apavorada com a possibilidade de o marido descobrir. Quer que eu as entregue ao seu marido?

– Está esquecendo uma possibilidade. Essas cartas foram escritas há alguns anos. E se eu me tornei viúva?

O homem balançou a cabeça, confiante.

– Nesse caso... se nada tinha a temer... não estaria sentada aqui a conversar comigo.

Virginia sorriu.

– Qual é o seu preço? – indagou ela, com uma atitude prática e objetiva.

– Por mil libras, eu lhe entregarei todas as cartas. Sei que estou pedindo muito pouco, mas assim faço porque o negócio absolutamente não me agrada.

– Eu jamais sequer sonharia em lhe pagar mil libras – disse Virginia, com um ar decidido.

– Quero que saiba, madame, que eu jamais barganho. Mil libras e entregarei as cartas em suas mãos.

Virginia refletiu por um momento.

– Precisa me dar algum tempo para pensar. Não me será fácil conseguir essa quantia.

– Algumas libras por conta... talvez umas 50... e virei procurá-la mais tarde.

Virginia deu uma olhada no relógio. Já passavam 5 minutos das 4 horas e teve a impressão de ouvir tocar a campainha da porta.

– Está certo – disse ela, apressadamente. – Volte amanhã, mas não tão cedo. Só apareça por volta das seis horas.

Ela atravessou a sala, até uma escrivaninha encostada na parede, abriu uma gaveta e tirou um punhado de notas desarrumadas.

– Aqui estão cerca de 40 libras. Terá que se contentar com isso.

O homem arrebatou o dinheiro ansiosamente.

– E agora saia imediatamente, por favor – pediu Virginia.

Ele se retirou de maneira obediente. Pela porta aberta, Virginia vislumbrou George Lomax na entrada, sendo recebido por Chilvers. No momento em que a porta da frente se fechou, ela chamou:

– Venha para cá, George. Chilvers, quer fazer o favor de nos trazer chá?

Depois, foi abrir as duas janelas da sala. Quando George Lomax entrou, avistou-a de pé no meio da sala, ereta, os olhos brilhando intensamente, os cabelos esvoaçando ao vento.

– Já vou fechar as janelas, George. Mas precisava arejar a sala. Esbarrou no chantagista lá na entrada?

– Com o quê?

– O chantagista, George, C-H-A-N-T-A-G-I-S-T-A, chantagista. Aquele que faz chantagem.

– Ora, minha cara Virginia, não pode estar falando sério!

– Mas claro que estou, George!

– Mas quem o homem veio chantagear aqui?

– A mim, George.
– Mas o que andou fazendo, minha cara Virginia?
– Para ser franca, desta vez eu não fiz coisa alguma. O cavalheiro tomou-me por outra pessoa.

– E já chamou a polícia?
– Não, não chamei. Acha que eu deveria tê-lo feito?
– Bom...

George fez uma pausa, pensando nas circunstâncias.

– Não, talvez não... talvez você tenha tomado a decisão mais sensata. Poderia se envolver em alguma publicidade desagradável relacionada com o caso. Poderia até ser chamada a prestar depoimento...

– Pois eis algo de que eu gostaria, meu caro George. Tenho vontade de verificar se os juízes dizem mesmo aqueles gracejos ordinários sobre os quais a gente costuma ler. Seria emocionante! Outro dia mesmo estive na Vine Street para falar sobre um broche de brilhantes que perdi e fui recebida por um inspetor amável... o homem mais simpático que já conheci!

Como era seu costume, George ignorou as irrelevâncias.

– Mas o que fez com o patife, Virginia?
– Lamento dizer, George, mas deixei que ele agisse.
– O quê?
– Deixei que ele fizesse chantagem comigo.

A expressão horrorizada de George era tão pungente que Virginia teve que morder o lábio inferior para não rir.

– Está querendo dizer... que não procurou esclarecer o equívoco em que o chantagista estava incorrendo?

Virginia sacudiu a cabeça, lançando-lhe um olhar de lado.

– Deus do céu, Virginia! Você deve estar louca!
– Eu já imaginava que ia pensar assim.
– Mas por quê? Em nome de Deus, por quê?

– Por várias razões. Em primeiro lugar, ele estava se saindo tão bem... fazendo chantagem comigo... e detesto interromper um artista quando está fazendo o seu trabalho tão bem. E, além disso, eu nunca tinha sido chantageada antes...

- Eu não esperava que fosse de outro modo.
- Quis descobrir qual era a sensação.
- Confesso que não consigo compreendê-la, Virginia.
- Sabia que não compreenderia.
- Espero que não tenha lhe dado nenhum dinheiro.
- Dei um pouquinho – disse Virginia, como quem pedia desculpas.
- Quanto?
- Quarenta libras.
- Virginia!
- Ora, meu caro George, é apenas o que costumo pagar por um vestido novo. E comprar uma experiência nova é tão emocionante quanto comprar um vestido novo... mais até, para ser franca.

George Lomax limitou-se a sacudir a cabeça. Chilvers apareceu nesse momento com o chá, salvando-o da necessidade de expressar seus sentimentos ultrajados. Depois que Chilvers se retirou, Virginia voltou a abordar o assunto enquanto servia o chá:

- Tive também outro motivo, George... e este mais inteligente e melhor. Nós, mulheres, em geral somos consideradas inimigas. Mas, esta tarde, fiz uma boa ação para outra mulher. O homem não irá agora sair à procura da outra Virginia Revel. Acha que já encontrou quem estava procurando. A pobre coitada estava apavorada quando escreveu aquela carta. O Sr. Chantagista teria o trabalho mais fácil de sua vida. Mas agora, embora ele ainda não saiba, encontrou pela frente um osso duro de roer. Começando com a grande vantagem de sempre ter levado uma vida impecável, pretendo fazê-lo cair em desgraça, como se costuma dizer. Astúcia, George, usarei muita astúcia...

Mas George Lomax ainda sacudia a cabeça e insistiu:

- Continuo não gostando, nem um pouco.
- Mas não pense mais nisso, George querido. Não veio até aqui para falar sobre chantagistas. Por falar nisso, o que o trouxe até aqui? Resposta correta: “O desejo de vê-la!” É preciso falar em tom emocionado e apertar a mão dela expressivamente, a menos que por acaso tenha comido um sonho com muito açúcar, caso em que tudo deve ser feito apenas com os olhos.

– Vim realmente para conversar com você e estou satisfeito por encontrá-la sozinha – disse George, muito sério.

– Oh, George, isso é tão súbito – diz ela, engolindo uma passa.

– Queria pedir-lhe um favor, Virginia. Sempre a considereei uma mulher de considerável charme.

– Oh, George!

– E também uma mulher inteligente.

– É mesmo? Mas como me conhece a fundo!

– Minha cara Virginia, eu gostaria que conhecesse um homem que vai chegar à Inglaterra amanhã.

– Está certo, George, mas a festa é sua... não vamos nos esquecer disso.

– Tenho certeza de que, se quiser, poderá exercer o seu charme considerável.

Virginia inclinou a cabeça para o lado, ligeiramente.

– George, querido, não faço charme profissionalmente, e você sabe disso. Frequentemente gosto das pessoas... e elas gostam de mim. Mas não creio que eu seja capaz de fascinar a sangue-frio um estrangeiro indefeso. Não posso fazer esse tipo de coisas, George. Para isso, há sereias profissionais que podem se sair muito melhor do que eu.

– Essa possibilidade está totalmente excluída, Virginia. O jovem é um canadense, diga-se de passagem, chamado McGrath...

– “Um canadense descendente de escoceses”, diz ela, numa brilhante dedução.

– Provavelmente ele não está acostumado aos altos escalões da sociedade britânica. E eu gostaria que ele apreciasse devidamente o charme e a distinção de uma verdadeira dama inglesa.

– Está se referindo a mim?

– Exatamente.

– Por quê?

– Como?

– Eu perguntei por quê. Não costuma impingir às verdadeiras damas inglesas todos os canadenses desgarrados que pisam em nossas praias. Qual

é a idéia, George? Ou, em termos mais vulgares, o que está esperando ganhar com isso?

– Acho que isso não lhe diz respeito, Virginia.

– Eu não poderia sair com um estrangeiro e fasciná-lo, a menos que saiba os porquês.

– Possui uma maneira extraordinária de expressar as coisas, Virginia. Qualquer pessoa que a ouvisse...

– Não é mesmo? Ora, George, trate logo de me dar mais algumas informações.

– Minha cara Virginia, não demora muito para que a situação se torne um pouco tensa numa certa nação da Europa Central. É muito importante, por motivos que não vêm ao caso neste momento, que esse Sr. McGrath, se assim me permite chamá-lo, compreenda que a restauração da monarquia na Herzoslováquia é indispensável à paz na Europa.

– Essa parte sobre a paz na Europa não passa de baboseira – disse Virginia, calmamente. – Mas sou sempre favorável à monarquia, em quaisquer circunstâncias, sobretudo para um povo tão pitoresco quanto o herzoslovaco. Quer dizer que pretende lançar um rei para disputar o grande prêmio da Herzoslováquia, hein? Quem é ele?

George relutou um pouco em responder. Mas não encontrou um meio de esquivar-se à pergunta. A conversa não estava absolutamente transcorrendo como planejava. Imaginara que Virginia se mostraria um instrumento complacente e dócil, acatando as sugestões dele com a maior gratidão e não fazendo perguntas embaraçosas. Mas não era o que estava acontecendo. Virginia parecia determinada a saber de tudo a respeito do caso. E George, sempre desconfiado da discrição feminina, estava determinado a evitar a qualquer custo que ela soubesse. Cometera um erro, como só agora percebia. Virginia não era a mulher talhada para o papel. Ao contrário, podia até causar sérios problemas. O relato que fizera de sua entrevista com o chantagista deixara George consideravelmente apreensivo. Era uma criatura com quem não se podia contar, que não sabia como levar a sério o que quer que fosse.

– O príncipe Michael Obolovitch – respondeu George por fim, já que Virginia esperava obviamente pela resposta com uma determinação inabalável. – Mas, por favor, peço que essa informação fique entre nós.

– Não diga bobagem, George. Os jornais já estão publicando insinuações e a todo instante aparecem artigos sobre a dinastia Obolovitch e sobre o assassinato de Nicolau IV, como se ele fosse um meio-termo entre um santo e um herói, em vez de um homenzinho estúpido e fascinado por uma atriz de terceira categoria.

George estremeceu. Estava mais do que nunca convencido de que cometera um grande erro ao recrutar a ajuda de Virginia. Tinha agora de livrar-se dela, o mais depressa possível.

– Tem toda razão, minha cara Virginia – disse ele, apressadamente, levantando para se despedir. – Eu não deveria ter feito a sugestão que lhe apresentei. Mas estamos ansiosos em fazer com que os domínios tenham a mesma posição que nós na crise herzoslovaca e McGrath possui, pelo que sei, grande influência nos meios jornalísticos. Como é uma ardorosa monarquista e conhece bem o país, achei que seria um bom plano conhecê-lo.

– E é essa mesmo a explicação?

– É, sim. Mas já estou vendo que não terá o menor interesse por ele.

Virginia fitou-o em silêncio por um momento e depois soltou uma gargalhada.

– George, você é um péssimo mentiroso!

– Virginia!

– É isso mesmo, George, você é um péssimo mentiroso. Se eu tivesse todo o seu aprendizado, certamente teria imaginado uma mentira melhor... uma mentira que pelo menos tivesse alguma possibilidade de merecer credibilidade. Mas descobrirei tudo por mim mesma. Não se preocupe mais com isso. O Mistério do Sr. McGrath! Não ficarei espantada se descobrir algumas indicações em Chimneys neste fim de semana.

– Em Chimneys? Quer dizer que vai passar o fim de semana em Chimneys?

George não pôde disfarçar sua inquietação. Esperava falar com lorde Caterham a tempo de evitar que o convite fosse formulado.

– Bundle telefonou esta manhã e convidou-me.

George ainda fez um último e desesperado esforço:

– Tenho a impressão de que vai ser um grupo dos mais insípidos, Virginia. Não vai gostar nem um pouco.

– Ora, meu pobre George, por que não me conta logo a verdade e confia em mim? Ainda não é tarde demais.

George segurou a mão dela, mas logo tornou a largá-la e disse, friamente, sem corar:

– Eu lhe disse a verdade.

– Está melhorando, meu caro – comentou Virginia, com um aceno de aprovação. – Mas ainda não é suficiente. Vamos, George, anime-se. Estarei em Chimneys, exercitando o meu charme considerável... conforme você mesmo o disse. A vida tornou-se subitamente muito mais divertida para mim. Primeiro me aparece um chantagista e depois o meu caro George com seus problemas diplomáticos. Será que ele irá contar tudo à linda mulher que pede a sua confiança de maneira tão patética? Não, ele nada irá revelar, até o último capítulo. Adeus, George. Um último olhar afetuosos antes de ir embora? Não? Oh, George querido, não fique tão mal-humorado só por causa disso.

Assim que George foi embora, com um ar desolado, Virginia correu para o telefone. Descobriu o número que procurava e ligou, pedindo para falar com lady Eileen Brent.

– É você, Bundle? Vou mesmo para Chimneys, amanhã. O quê? Aborrecer-me? Não, pode estar certa de que isso não acontecerá! Nem mesmo um terremoto conseguiria evitar minha ida para Chimneys, Bundle! Pode me esperar!

As cartas haviam desaparecido!

Depois de acostumar a mente ao desaparecimento das cartas, nada mais podia fazer senão aceitar o fato. Anthony sabia perfeitamente que não podia perseguir Giuseppe pelos corredores do Blitz Hotel. Agir assim seria atrair uma publicidade indesejável e, de qualquer forma, provavelmente acabaria falhando em seu objetivo.

Chegou à conclusão de que Giuseppe pensara que as cartas, por estarem no embrulho errado, eram as memórias. Ao descobrir o erro, provavelmente faria outra tentativa de se apoderar das memórias. E Anthony tencionava estar plenamente preparado quando isso acontecesse.

Outra idéia que lhe ocorreu foi anunciar discretamente um pedido para a devolução das cartas. Supondo que Giuseppe fosse um emissário dos Camaradas da Mão Vermelha ou, o que parecia mais provável, do Partido Lealista, as cartas não teriam o menor interesse para nenhum dos dois lados. Assim, Giuseppe provavelmente trataria de aproveitar a oportunidade de obter uma pequena quantia pela devolução das cartas.

Depois de pensar em tudo isso, Anthony voltou para a cama e dormiu tranqüilamente até de manhã. Sabia que Giuseppe não ia querer um segundo encontro naquela mesma noite.

Levantou-se com um plano de campanha já formulado. Comeu muito bem, deu uma olhada nos jornais, repletos de notícias sobre a descoberta de petróleo na Herzoslováquia, e depois pediu para falar com o gerente. Como era Anthony Cade, com o dom de conseguir tudo o que desejava fazendo uso de uma determinação inabalável, não demorou a obter o que queria.

O gerente, um francês com um comportamento excepcionalmente suave, recebeu-o em seu escritório particular.

– Deseja falar comigo, Sr.... McGrath?

– Quero, sim. Cheguei a seu hotel ontem à tarde e o jantar foi servido em meus aposentos por um garçom chamado Giuseppe.

Anthony fez uma pausa e o gerente confirmou, em tom indiferente:

– Creio que temos de fato um garçom com esse nome.

– Achei o comportamento desse garçom um tanto estranho, mas na ocasião não me preocupei muito com isso. Mais tarde, fui despertado pelo ruído de alguém se movendo furtivamente em meu quarto. Acendi a luz e descobri esse mesmo Giuseppe a vasculhar minha maleta de couro.

A indiferença do gerente desapareceu bruscamente.

– Mas eu não soube disso! Por que não fui informado antes?

– O homem e eu tivemos uma luta rápida... ele estava armado de faca, diga-se de passagem. Ao fim, ele conseguiu escapar, pela janela.

– E o que fez então, Sr. McGrath?

– Examinei o conteúdo da maleta.

– E alguma coisa havia desaparecido?

– Nada... de importante.

O gerente recostou-se na cadeira, com um suspiro de alívio.

– Fico contente em saber disso. Mas permita que lhe diga, Sr. McGrath, não posso compreender sua atitude. Por que não avisou à portaria para que se perseguisse o ladrão?

Anthony deu de ombros.

– Nada de valor havia desaparecido. Claro que sei que, a rigor, é um caso para a polícia...

Ele fez uma pausa e o gerente murmurou, sem o menor entusiasmo:

– Para a polícia... claro... claro...

– Seja como for, eu tinha quase certeza de que o homem conseguiria escapar. E como nada importante fora levado, por que incorrer em todos os incômodos que seriam inevitavelmente causados pela presença da polícia?

O gerente sorriu.

– Estou vendo que compreende, Sr. McGrath, que não estou absolutamente ansioso em chamar a polícia. Para mim, isso seria quase desastroso. Quando os jornais tomam conhecimento de algum acontecimento desse gênero, ligado a um hotel elegante como este, tratam de fazer o maior estardalhaço, não importa quão insignificante seja o fato propriamente dito.

– Tem toda razão. Falei que nada de valor fora levado. Num certo sentido, isso é verdade. Não desapareceu coisa alguma que pudesse ter

valor para o ladrão, mas ele levou algo que possui considerável valor para mim.

– E o que foi?

– Algumas cartas.

Uma expressão de discrição sobre-humana, que somente os franceses são capazes de alcançar, estampou-se no rosto do gerente.

– Compreendo perfeitamente – murmurou ele. – E é claro que não se trata de um caso para a polícia.

– Concordamos inteiramente nesse ponto. Mas espero que compreenda também que minha intenção é recuperar essas cartas. Na parte do mundo de onde venho, as pessoas estão acostumadas a agir por si mesmas. Assim, tudo o que lhe peço é o máximo de informações que possa me fornecer a respeito do garçom chamado Giuseppe.

– Não tenho qualquer objeção a isso – respondeu o gerente, depois de uma breve pausa. – Claro que não posso lhe dar as informações de imediato. Mas se quiser voltar dentro de meia hora, já terei tudo pronto para apresentar-lhe.

– Muito obrigado. Está perfeito para mim.

Anthony voltou ao escritório meia hora depois para descobrir que o gerente cumprira a palavra. Em uma folha de papel estavam anotados todos os fatos relevantes conhecidos a respeito de Giuseppe Manelli.

– Ele começou a trabalhar aqui há cerca de três meses. Um garçom hábil e experiente. Deu todas as referências necessárias. Está na Inglaterra há cinco anos.

Os dois homens verificaram a relação dos hotéis e restaurantes em que o italiano trabalhara. Houve um fato que Anthony observou imediatamente, achando que podia ser significativo. Em dois hotéis nos quais Giuseppe trabalhara, tinham ocorrido roubos vultosos. Mas, em nenhum dos dois casos, haviam sequer suspeitado dele. Mesmo assim, o fato não deixava de ser significativo.

Será que Giuseppe não passava de um esperto gatuno de hotel? Será que vasculhar a mala de Anthony não era simplesmente uma parte de sua tática profissional habitual? Era bem possível que o italiano estivesse com o

maço de cartas nas mãos, no momento em que ele, Anthony, acendera a luz. Metera as cartas no bolso, mecanicamente, apenas para ficar com as mãos livres. Nesse caso, seria um simples roubo.

Contra tal hipótese, havia a inegável perturbação do italiano na noite anterior, ao avistar os papéis em cima da mesa. Não havia dinheiro ou qualquer objeto de valor que pudesse despertar daquele jeito a cupidez de um ladrão comum.

Anthony acabou se convencendo de que Giuseppe agira como um instrumento para terceiros. Com as informações que o gerente lhe fornecera, poderia descobrir algo sobre a vida particular de Giuseppe e, por fim, localizá-lo. Pegou a folha de papel e levantou-se.

– Muito obrigado por tudo. Creio que é desnecessário perguntar se Giuseppe ainda está no hotel, não é mesmo?

O gerente sorriu.

– A cama dele não foi desfeita e todos os seus pertences foram deixados no quarto. Ele deve ter fugido imediatamente após o seu ataque. Não creio que haja muita possibilidade de tornarmos a vê-lo.

– É o que também penso. Mais uma vez, muito obrigado por tudo. Continuarei hospedado aqui no hotel, por mais algum tempo.

– Espero que tenha sucesso em sua missão, mas confesso que tenho minhas dúvidas.

– Sempre espero pelo melhor.

Uma das primeiras providências de Anthony foi a de interrogar alguns garçons que tinham sido amigos de Giuseppe. Mas não descobriu praticamente nada. Escreveu um anúncio, nos termos que planejava, e mandou publicar em cinco dos jornais de maior circulação. Já ia sair, para visitar o restaurante em que Giuseppe trabalhara antes de ser contratado pelo hotel, quando o telefone tocou. Atendeu imediatamente.

– Alô?

Uma voz sem inflexão perguntou:

– Estou falando com o Sr. McGrath?

– Ele mesmo. E com quem estou falando?

– Aqui é da Messrs Balderson and Hodgkins. Um momento, por favor. Vou pôr o Sr. Balderson na linha.

“Nossos dignos editores”, pensou Anthony. “Quer dizer que eles também estão preocupados, hein? Mas não precisavam, ainda resta uma semana até o prazo fatal.”

Uma voz calorosa soou subitamente em seu ouvido:

– Alô? É o Sr. McGrath?

– Ele mesmo.

– Sou o Sr. Balderson, da Balderson and Hodgkins. O que me diz do manuscrito, Sr. McGrath?

– O que deseja saber a respeito?

– Quero saber de tudo. Ouvi dizer que acaba de chegar, procedente da África do Sul. Sendo assim, possivelmente não está em condições de compreender a situação. Haverá problemas e bem grandes por causa desse manuscrito, Sr. McGrath. Há momentos em que eu desejaria nunca termos prometido editá-lo.

– Verdade?

– Sei que isso pode lhe parecer absurdo, Sr. McGrath. Mas posso lhe assegurar que não está a par da verdadeira situação. Há um esforço deliberado para impedir que o manuscrito chegue a este escritório. Devo dizer-lhe, com toda franqueza e sem rodeios, que provavelmente jamais conseguirá chegar aqui se tentar trazê-lo pessoalmente.

– Duvido muito. Quando quero fazer alguma coisa, em geral consigo.

– Tem contra o senhor gente muito perigosa, Sr. McGrath. Eu mesmo não teria acreditado nisso há um mês. Mas, desde então, já tentaram nos subornar, temos sido ameaçados e adulados por diversas pessoas. Confesso que estamos inteiramente confusos. Minha sugestão é de que não tente trazer o manuscrito pessoalmente. Mandaremos um dos nossos homens ir pegar o manuscrito aí no hotel.

– E se ele por acaso for agarrado?

– Nesse caso, a responsabilidade seria nossa... e não sua. Entregaria o manuscrito ao nosso representante e ficaria com um recibo de entrega escrito. O cheque de... ahn... mil libras que fomos instruídos a entregar-lhe

não estará disponível antes da próxima quarta-feira, nos termos de nosso acordo com os executores do testamento do falecido... ahn... autor... creio que sabe a quem estou me referindo. Mas, se insistir, mandarei um cheque pessoal meu, da mesma quantia, pelo mensageiro.

Anthony refletiu por um momento. Tencionava reter as memórias até o último dia do prazo, pois desejava verificar pessoalmente qual o motivo de toda aquela confusão. Não obstante, tinha que aceitar os argumentos do editor.

– Está certo – disse ele, finalmente, soltando um suspiro. – Façamos como achar melhor. Pode mandar seu mensageiro vir procurar-me. E, se não se importa, preferia que mandasse logo o cheque, já que não pretendo estar na Inglaterra na próxima quarta-feira.

– Claro, Sr. McGrath! Nosso representante irá procurá-lo amanhã de manhã. Será mais sensato não enviá-lo diretamente do escritório. O Sr. Holmes mora em South London e passará por aí a caminho do escritório. Ele lhe dará um recibo pelo manuscrito. Sugiro que, por esta noite, guarde um pacote falso no cofre da gerência. Seus inimigos saberão disso, evitando-se assim que haja alguma investida contra seus aposentos.

– Está certo. Farei o que está sugerindo.

Anthony desligou, com uma expressão pensativa.

Depois, prosseguiu com o seu plano interrompido de encontrar informações que lhe pudessem revelar o paradeiro do furtivo Giuseppe. Mas nada conseguiu descobrir. É verdade que Giuseppe trabalhara no restaurante, mas ninguém parecia saber coisa alguma a respeito de sua vida particular ou de possíveis amigos e conhecidos.

– Mas pode estar certo de que ainda irei encontrá-lo, meu caro – murmurou Anthony para si mesmo, baixinho. – Ainda vou encontrá-lo, aconteça o que acontecer. É apenas uma questão de tempo.

A segunda noite dele em Londres foi inteiramente tranqüila.

Às nove horas da manhã seguinte, trouxeram-lhe o cartão do Sr. Holmes, da Messrs Balderson and Hodgkins. Minutos depois, o próprio Sr. Holmes apareceu. Era um homem pequeno, louro, de maneiras suaves. Anthony entregou-lhe o manuscrito, recebendo em troca um cheque de mil

libras. O Sr. Holmes guardou o manuscrito na maleta marrom que trouxera, desejou bom-dia a Anthony e foi embora. Parecia não haver a menor dificuldade.

– Mas talvez ele seja assassinado a caminho do escritório – murmurou Anthony, em voz alta, olhando distraidamente pela janela. – Só que agora começo a ter minhas dúvidas...

Ele pôs o cheque num envelope, anexou um bilhete de algumas linhas e depois fechou-o cuidadosamente. Jimmy, que estava suficientemente provido de fundos por ocasião de seu encontro com Anthony em Bulawayo, adiantara-lhe uma quantia substancial, que ainda estava praticamente intacta.

– Se uma das missões já foi cumprida, o mesmo não se pode dizer da outra – murmurou Anthony para si mesmo. – Muito pelo contrário. Mas nem por isso devo desistir. Creio que, convenientemente disfarçado, irei dar uma olhada na Pont Street, 487.

Ele fez as malas, desceu e pagou a conta, determinando que sua bagagem fosse colocada em um táxi. Depois de recompensar de maneira apropriada os que estavam em seu caminho, sendo que a maioria nada fizera materialmente para aumentar-lhe o conforto, Anthony encaminhou-se para a porta do hotel. Já ia saindo quando um garoto aproximou-se correndo, com uma carta na mão.

– Isso acabou de chegar, senhor!

Com um suspiro, Anthony desfez-se de mais um *xelim*. Embarcou no táxi, que arrancou bruscamente com um resmungo das engrenagens. Ele abriu o envelope.

Era um documento um tanto curioso. Teve que lê-lo quatro vezes antes de ter certeza do que se tratava. Em inglês comum (a carta não era em inglês comum, mas sim no estilo bastante peculiar das missivas expedidas pelas autoridades britânicas), presumia que o Sr. McGrath estava chegando à Inglaterra, procedente da África do Sul, naquele dia, quinta-feira, referia-se indiretamente às memórias do conde Stylptitch e rogava para que não tomasse qualquer providência a respeito, enquanto não tivesse uma conversa confidencial com o Sr. George Lomax e algumas outras pessoas,

cuja importância era vagamente insinuada. E continha também um convite inequívoco para ir a Chimneys no dia seguinte, sexta-feira, como convidado de lorde Caterham.

Era um comunicado misterioso e totalmente obscuro. Anthony apreciou-o devidamente.

“Ah, a velha Inglaterra de sempre!”, pensou ele comovido. “Como de hábito, está dois dias atrasada. O que é uma pena. Seja como for, não posso ir a Chimneys sob um falso pretexto. Mas será que existe alguma hospedaria por perto? O Sr. Anthony Cade pode ficar na hospedaria, sem que ninguém se importe com isso.”

Ele inclinou-se e deu novas instruções ao motorista do táxi, que acusou o recebimento com um resmungo desdenhoso.

O táxi parou diante de uma das hospedarias mais obscuras de Londres. A corrida, no entanto, foi paga de acordo com o padrão de seu ponto de partida.

Alugando um quarto em nome de Anthony Cade, ele seguiu imediatamente para a sala de descanso, tirou do bolso um papel timbrado do Hotel Blitz e escreveu rapidamente.

Explicou, no bilhete, que chegara à Inglaterra na terça-feira anterior, já entregara o manuscrito em questão a Messrs Balderson and Hodgkins e pesarosamente recusava o convite de lorde Caterham, pois iria deixar o país quase que imediatamente. E assinou a carta: “Atenciosamente, James McGrath.”

E enquanto afixava o selo ao envelope, Anthony pensou: “Agora, vamos aos negócios. James McGrath sai de cena e entra Anthony Cade.”

8

Um homem morto

Nessa mesma tarde de quinta-feira, Virginia Revel tinha ido jogar tênis em Ranelagh. Na volta para a Pont Street, recostada confortavelmente no banco traseiro da limusine imensa e luxuosa, um sorriso se estampou em seu rosto ao pensar na entrevista que em breve iria ocorrer. É claro que era bem possível que o chantagista não tornasse a aparecer, mas ela tinha quase certeza de que isso não aconteceria. Ela dera a impressão de ser uma presa muito fácil. Mas, dessa vez, talvez o chantagista tivesse uma pequena surpresa!

Quando o carro parou diante da casa, ela virou-se para falar com o motorista, antes de subir os degraus.

– Como vai sua esposa, Walton? Eu tinha me esquecido de perguntar.

– Está bem melhor, madame. O médico disse que iria passar para vê-la, por volta das seis e meia. Vai precisar novamente do carro?

Virginia pensou por um momento.

– Vou passar o fim de semana fora. Pegarei o trem das 18h40 em Paddington. Mas não precisarei de você para levar-me até lá. Posso perfeitamente ir de táxi. Prefiro que você receba o médico. E se ele achar que será bom para sua esposa passar o fim de semana fora, pode levá-la para algum lugar. Eu pagarei as despesas.

Interrompendo os agradecimentos do motorista com um aceno de cabeça impaciente, Virginia subiu rapidamente os degraus. Revistou a bolsa para procurar a chave, lembrou-se de que não a levava e tocou a campainha.

A porta não foi aberta imediatamente. Enquanto ela esperava, um rapaz subiu os degraus. Estava vestido pobremente e tinha um punhado de panfletos numa das mãos. Estendeu para Virginia um dos panfletos, no qual se podia ler o título claramente: “Por que Servi a Meu País?” Na mão esquerda, o homem tinha uma caixa de coleta.

– Não posso comprar dois desses poemas pavorosos no mesmo dia – disse Virginia, em tom suplicante. – E já comprei um esta manhã. Palavra de honra!

O jovem jogou a cabeça para trás e soltou uma risada. Virginia riu também. Contemplando rapidamente o jovem, verificou que se tratava de

um espécime mais atraente que o tipo habitual de desempregado de Londres. Simpatizou com o rosto moreno e a expressão firme, percebeu que o corpo era esguio, mas musculoso. Chegou mesmo a desejar que tivesse um emprego para oferecer-lhe.

Mas, nesse instante, a porta foi aberta e Virginia esqueceu inteiramente o problema dos desempregados. E que, para seu espanto, a porta tinha sido aberta por sua criada pessoal, Elise.

– Onde está Chilvers? – perguntou ela, bruscamente, ao entrar.

– Ele já partiu, madame, junto com os outros.

– Que outros? E partiu para onde?

– Para Datchet, madame... para o chalé, conforme as instruções de seu telegrama.

– Meu telegrama? – repetiu Virginia, já totalmente aturdida.

– Madame não mandou um telegrama? Não tivemos a menor dúvida. O telegrama chegou há cerca de uma hora.

– Não mandei telegrama algum! O que dizia?

– Acho que ainda está na mesa *là-bas*.

Elise foi buscar o telegrama e entregou-o à patroa com uma expressão de triunfo.

– *Voilà, madame!*

O telegrama estava endereçado a Chilvers e dizia o seguinte: “Por favor leve criadagem para chalé imediatamente e faça preparativos para uma festa no fim de semana. Pegue trem das 5h49.”

Não havia nada de extraordinário, pois era o tipo de telegrama que Virginia já despachara muitas vezes no passado, quando combinava com um grupo, repentinamente, para ir passar o fim de semana em seu chalé à beira do rio. Sempre levava toda a criadagem, deixando ali na casa, para tomar conta, apenas uma empregada já idosa. Chilvers não viu nada errado na mensagem e, como um bom empregado, cumpriu fielmente as ordens.

– Só fiquei porque sabia que madame ia querer que eu fizesse suas malas – explicou Elise.

– Mas que embuste absurdo! – exclamou Virginia, amassando o telegrama, furiosa. – Sabe perfeitamente que vou para Chimneys, Elise! Eu

lhe disse isso hoje de manhã!

– Pensei que madame tivesse mudado de idéia. Isso já aconteceu, não é mesmo, madame?

Virginia reconheceu a verdade da acusação com um meio sorriso. Começou a tentar descobrir o motivo para aquela brincadeira de mau gosto. Elise apresentou uma sugestão:

– *Mon Dieu!* – gritou ela, cruzando as mãos, nervosamente. – E se forem os malfeitores, os ladrões? Eles costumam mandar telegramas falsos para afastar os *domestiques* e depois roubam tudo o que tem na casa!

– É possível que seja isso – Virginia concordou, ainda em dúvida.

– É isso mesmo, madame, não tenho dúvida. Todos os dias os jornais falam sobre esses acontecimentos. A madame tem que ligar imediatamente para a polícia, agora mesmo, antes que os malfeitores apareçam e cortem nossas gargantas!

– Não precisa ficar tão nervosa, Elise. Ninguém virá cortar as nossas gargantas às 6 horas da tarde.

– Eu lhe imploro, madame, deixe-me ir buscar um guarda imediatamente!

– Para quê? Não seja tola, Elise. Suba e vá arrumar minhas malas para o fim de semana em Chimneys, se é que ainda não o fez. Quero que prepare para a viagem o novo vestido longo de Cailleaux, o de crepe *marocain* branco e... é isso mesmo, o vestido de veludo preto... não acha que veludo preto é extremamente político?

– Madame fica deslumbrante no cetim *eau de nil* – sugeriu Elise, os instintos profissionais prevalecendo sobre os temores.

– Não, acho melhor não levar esse vestido. E agora Elise, seja boazinha e trate de se apressar. Não temos muito tempo. Vou mandar um telegrama para Chilvers em Datchet e falarei com o guarda de ronda ao partirmos, pedindo que fique de olho na casa. Não comece a revirar os olhos novamente, Elise... se já está tão apavorada antes de acontecer algo, o que faria se um homem pulasse subitamente de algum canto escuro e lhe espetasse uma faca?

Elise deixou escapar um guincho estridente e bateu apressadamente em retirada, subindo a escada a lançar olhares nervosos para trás.

Virginia fez uma careta para o vulto que se afastava e atravessou o corredor na direção do pequeno gabinete, onde estava instalado o telefone. A sugestão de Elise, de telefonar para a delegacia de polícia, parecia ser a mais sensata. Virginia pretendia executá-la sem mais delongas.

Abriu a porta e encaminhou-se para o telefone. Já com a mão no fone, estacou abruptamente. Um homem estava sentado na poltrona, todo encolhido, numa posição curiosa. Na tensão do momento, ela esquecera inteiramente o visitante esperando. Aparentemente, ele adormecera enquanto esperava por ela.

Virginia aproximou-se da poltrona, um sorriso malicioso no rosto. E, subitamente, o sorriso se desvaneceu.

O homem não estava dormindo. *Estava morto!*

Virginia percebeu-o imediatamente, instintivamente, antes mesmo que seus olhos se fixassem na pequena pistola reluzente caída no chão, antes que avistasse o buraco pequeno um pouco acima do coração, cercado por uma mancha escura, antes que reparasse no jeito grotesco como o queixo estava caído.

Ficou inteiramente imóvel, as mãos comprimidas contra os lados do corpo. E no silêncio total ouviu Elise a descer correndo a escada, gritando:

– Madame! Madame! – O que aconteceu?

Virginia encaminhou-se rapidamente para a porta. Seu instinto era ocultar o que acontecera, pelo menos no momento. Elise ficaria imediatamente histérica e Virginia sentia que precisava de muita calma e sossego para pensar no que devia fazer.

– Madame, não acha que seria melhor se eu passasse a corrente na porta? Os malfeitores podem aparecer a qualquer minuto!

– Pode passar a corrente se quiser, Elise. Não me importo.

Ela ouviu o barulho da corrente e depois Elise subiu novamente a escada, sempre correndo. Deixou escapar um longo suspiro de alívio.

Olhou para o homem na poltrona e depois para o telefone. A atitude que deveria tomar era óbvia: ligar imediatamente para a polícia.

Mas Virginia não o fez. Ficou imóvel, paralisada pelo horror, diversas idéias conflitantes a lhe passarem pela cabeça. O telegrama falso! Não estaria relacionado com a morte do homem? E se Elise não tivesse ficado na casa para esperá-la? Ela teria entrado... desde que tivesse levado a chave, como sempre fazia... para se encontrar sozinha na casa com um homem assassinado, um homem a quem permitira chantageá-la no dia anterior. Claro que tinha uma explicação. Mas, pensando na explicação, não se sentiu muito tranqüila. Recordou-se de como George se mostrara francamente incrédulo. Será que as outras pessoas não reagiriam da mesma maneira? Não escrevera as cartas, é verdade, mas será que conseguiria provar isso?

Pôs as mãos na testa, apertando com força. E murmurou:

– Tenho que pensar... apenas tenho que pensar...

Quem deixara o homem entrar na casa? Certamente não fora Elise. Se ela o tivesse feito, certamente o teria mencionado imediatamente. Quanto mais pensava, mais o caso se tornava misterioso. Só havia mesmo uma coisa a fazer: telefonar para a polícia.

Estendeu a mão para o telefone e subitamente pensou em George. Um homem... era disso que estava precisando naquele momento, um homem equilibrado, frio, que pudesse enquadrar o problema em suas devidas proporções e apontar-lhe o melhor caminho a seguir.

Mas Virginia logo balançou a cabeça, desolada. George não era o homem indicado. A primeira coisa em que ele pensaria certamente seria a sua própria posição. Não ia querer se envolver num caso como aquele. Não, George não lhe serviria de nada naquelas circunstâncias.

Um instante depois, sua expressão se desanuviou. Bill! Sem mais delongas, ligou para Bill.

Foi informada de que ele já partira para Chimneys, havia cerca de meia hora.

– Mas que diabo! – gritou Virginia, batendo com o telefone.

Era horrível estar trancada em casa com um cadáver sem ter ninguém com quem falar.

E foi nesse instante que a campainha da porta soou.

Virginia estremeceu. Um momento depois, a campainha tocou novamente. Ela sabia que Elise estava lá em cima, arrumando suas coisas, e não ouviria.

Foi até a entrada, puxou a corrente e todos os trincos que Elise passara, em seu zelo pela segurança. Soltou um longo suspiro e finalmente abriu a porta. O jovem desempregado estava parado nos degraus.

Virginia ficou exultante ao vê-lo, com um alívio decorrente dos nervos excessivamente tensos.

– Entre, por favor! Acho que tenho um trabalho para oferecer-lhe!

Ela levou-o para a sala de jantar, puxou uma cadeira e sentou-se diante dele, fitando-o atentamente.

– Desculpe, mas você não é... não sei muito bem como dizer...

– Eton e Oxford. Não era isso o que estava querendo me perguntar?

– Mais ou menos isso – admitiu Virginia.

– Fui descendo nesse mundo graças exclusivamente à minha própria incapacidade de manter um emprego regular. E espero que não esteja querendo me oferecer um emprego regular.

Um sorriso pairou por um momento nos lábios de Virginia.

– Ao contrário, é um trabalho dos mais irregulares.

– Isso é ótimo – comentou o jovem, com evidente satisfação. Virginia contemplou o rosto bronzeado e o corpo esguio e musculoso com aprovação.

– Estou numa situação difícil e a maioria dos meus amigos é constituída por... homens bem situados, digamos assim. Todos eles têm alguma coisa a perder.

– E eu não tenho absolutamente nada a perder. Assim sendo, pode falar. Qual é o problema?

– Há um homem morto na sala ao lado. Foi assassinado e não sei o que fazer.

Ela falou num fôlego só, como uma criança teria feito. O jovem subiu consideravelmente no conceito dela pela maneira como aceitou a declaração. Parecia até que se acostumara a ouvir uma declaração daquelas todos os dias da sua vida.

– Excelente! – exclamou ele, com um entusiasmo inegável. Sempre tive vontade de bancar o detetive amador. Vamos dar uma olhada no cadáver ou prefere informar os fatos primeiro?

– Acho que é melhor dizer-lhe os fatos antes.

Virginia fez uma pausa, procurando a melhor maneira de condensar a história. E depois começou a falar de maneira objetiva e concisa:

– O homem apareceu pela primeira vez ontem e pediu para falar comigo. Tinha em seu poder algumas cartas... cartas de amor, assinadas com o meu nome...

– Mas que não haviam sido escritas por você – o jovem interveio, calmamente.

Virginia ficou um pouco atônita.

– Como soube?

– Foi uma simples questão de dedução. Mas continue, por favor.

– Ele queria fazer chantagem comigo... e eu... não sei se vai compreender, mas o fato é que permiti...

A expressão dela era de súplica e o homem assentiu, de forma tranqüilizadora.

– Claro que compreendo. Queria ver qual era a sensação.

– Mas como é esperto! Foi exatamente isso o que pensei!

– Sou mesmo esperto – o jovem confirmou, modestamente. – Mas pode estar certa de que bem poucas pessoas compreenderiam essa posição. A

maioria não tem muita imaginação.

– Acho que tem razão. Disse ao homem que voltasse hoje... às seis horas. Cheguei em casa, vindo de Ranelagh, e descobri que um telegrama falso tirara da casa todos os empregados, à exceção da minha camareira. Fui ao gabinete e deparei com o homem, morto com um tiro.

– Quem o deixou entrar em casa?

– Não sei. Se tivesse sido minha camareira, ela certamente teria falado.

– Ela já sabe o que aconteceu?

– Não lhe contei nada.

O jovem assentiu e levantou-se.

– E agora vamos ver o cadáver. Mas, antes, gostaria de dizer-lhe algo: de um modo geral, é sempre melhor contar a verdade. Uma mentira acabará por envolvê-la em outras mentiras... e mentir continuamente é muito monótono.

– Quer dizer que me aconselha a ligar para a polícia?

– Provavelmente é o melhor que tem a fazer. Mas, antes, vamos dar uma olhada no cadáver.

Virginia saiu da sala na frente. Parou logo depois e olhou para trás.

– Ainda não me disse o seu nome.

– Meu nome? É Anthony Cade.

9

Anthony dá sumiço num cadáver

Anthony seguiu Virginia para fora da sala, sorrindo interiormente. Os acontecimentos haviam enveredado por um caminho totalmente inesperado. Mas, ao inclinar-se sobre o corpo na poltrona, ficou novamente sério e disse bruscamente:

– Ainda está quente. Ele foi morto há menos de meia hora.

– Pouco antes de eu chegar?

– Exatamente.

Anthony empertigou-se, unindo as sobrancelhas, pensativo.

Depois, fez uma pergunta cujo sentido Virginia não percebeu imediatamente:

– A empregada não estava nesta sala, não é mesmo?

– Não.

– Ela sabe que você entrou aqui?

– Sabe, sim. Cheguei até a porta para falar com ela.

– Depois que encontrou o corpo?

– Isso mesmo.

– E não lhe disse nada?

– Teria sido melhor que eu falasse? Pensei que ela ia ficar histérica... é francesa e sabe como as francesas se perturbam facilmente... E queria ter algum tempo para determinar o que devia fazer.

Anthony assentiu, mas não disse nada.

– Acha que foi um erro?

– Digamos que foi um ato infeliz, Sra. Revel. Se tivesse encontrado o corpo assim que chegou em casa, junto com a criada, isso teria tornado tudo mais simples. Não poderia haver a menor dúvida de que o homem havia sido morto *antes* de seu retorno.

– Ao passo que, agora, eles podem pensar que foi morto *depois*...

Anthony ficou observando-a absorver a idéia. Confirmou a primeira impressão que tivera ao falar com Virginia Revel nos degraus lá fora. Além de uma beleza extraordinária, ela possuía também coragem e inteligência.

Virginia estava tão imersa no mistério que subitamente lhe era impingido que nem sequer pensou no fato de aquele homem estranho ter falado seu nome sem que o tivesse dito.

– Por que será que Elise não ouviu o tiro?

Anthony apontou para a janela aberta, no instante mesmo em que se ouvia o barulho da explosão de um cano de descarga.

– Eis o motivo. Londres não é uma cidade para se notar um estampido de pistola.

Virginia virou-se para o corpo na poltrona, estremecendo, e comentou:

– Ele parece italiano.

– Não apenas parece, é de fato italiano. E eu diria que a sua profissão regular era a de garçom. Só fazia chantagem nas horas de folga. E provavelmente o nome dele era Giuseppe.

– Deus do céu! – gritou Virginia. – Será que estou na presença de Sherlock Holmes?

– Não – disse Anthony, tristemente. – Todas essas minhas deduções não passam de uma trapaça. Mais tarde eu lhe explicarei tudo. Disse que esse homem lhe mostrou algumas cartas e pediu dinheiro. Por acaso lhe deu algum dinheiro?

– Dei, sim.

– Quanto?

– Quarenta libras.

– Isso é péssimo – comentou Anthony, mas sem manifestar qualquer surpresa indevida. – Mas vamos dar uma olhada no telegrama.

Virginia pegou o telegrama na mesa em que o deixara e entregou-lhe. E viu-o ficar com uma expressão grave ao examinar o telegrama.

– Qual é o problema?

Anthony estendeu o telegrama na direção dela, apontando para o lugar de origem.

– O telegrama foi despachado de Barnes. E disse que passou a tarde em Ranelagh. O que poderia tê-la impedido de enviar o telegrama?

Virginia sentiu-se fascinada pelas palavras dele. Era como se uma rede estivesse se fechando em torno dela, cada vez mais apertada. O estranho a estava obrigando a perceber claramente o que só imaginara de forma vaga, no fundo da mente.

Anthony tirou um lenço do bolso e enrolou-o na mão, pegando em seguida a pistola.

– Nós, criminosos, temos que ser cuidadosos – disse ele, em tom de desculpas. – Sempre é melhor não deixar impressões digitais.

Subitamente, ele ficou visivelmente tenso. Quando falou, a voz estava diferente, brusca, nervosa:

- Sra. Revel, já tinha visto esta pistola antes?
- Não – Virginia respondeu, espantada com a pergunta.
- Tem certeza?
- Absoluta.
- Tem alguma pistola?
- Não.
- E nunca teve?
- Nunca.
- Tem certeza?
- Absoluta.

Anthony ficou fitando-a firmemente por um minuto inteiro.

Virginia sustentou-lhe o olhar, extremamente surpresa.

Depois, com um suspiro, Anthony relaxou. E murmurou:

- É estranho... Como será que se explica isso?

Ele estendeu a pistola. Era uma arma pequena e requintada, quase como se fosse de brinquedo... embora perfeitamente capaz de executar um trabalho mortífero. E gravado na pistola, o nome Virginia.

- Mas isso é impossível! – gritou Virginia.

O espanto dela era tão genuíno que Anthony não pôde deixar de acreditar em sua sinceridade.

– Sente-se, por favor. Há mais alguma coisa neste caso do que parecia à primeira vista. Para começar, quais são as hipóteses que podemos imaginar? A meu ver, só existem duas. É claro que existe a Virginia das cartas. Ela pode ter descoberto o homem, de um jeito ou de outro, seguiu-o até aqui, matou-o, largou a pistola, roubou as cartas e fugiu. Não acha que é perfeitamente possível?

- Acho que sim – murmurou Virginia de forma relutante.

– A outra hipótese é ainda mais interessante. A pessoa que desejava matar Giuseppe também queria incriminá-la. Pode ser até que o segundo objetivo fosse o principal. Ela poderia ter matado Giuseppe em qualquer outro lugar, com a maior facilidade. Contudo, planejou tudo para matá-lo aqui. Quem quer que seja, sabia tudo a seu respeito, conhecia o chalé em Datchet, estava a par dos seus arranjos domésticos e informado que passaria

a tarde em Ranelagh. Parece uma pergunta absurda, Sra. Revel, mas é preciso fazê-la: por acaso tem inimigos?

– Claro que não... ou pelo menos não desse tipo.

– O problema agora é determinar o que vamos fazer. Há dois caminhos abertos à nossa frente. A: telefonar para a polícia, contar toda a história e confiar em sua posição inatacável no mundo e em sua vida limpa. B: uma tentativa da minha parte de dar sumiço ao corpo. Sempre desejei verificar se não teria a astúcia necessária para ocultar um crime, mas jamais tive uma oportunidade, por causa de minha aversão a derramar sangue. No todo, considero que o A é mais seguro. Podemos adotar uma versão expurgada do caminho A, chamar a polícia e tudo o mais, embora suprimindo a pistola e as cartas de chantagem... isto é, se ainda estiverem com ele.

Anthony revistou rapidamente os bolsos do morto e anunciou:

– Tiraram-lhe tudo. Não há mais nada nele. As cartas ainda vão dar trabalho. Mas o que é isso? Há um buraco aqui na costura, algo ficou preso, foi rasgado violentamente, um pedaço de papel foi deixado...

Ele pegou o fragmento de papel enquanto falava, levou-o para a luz, a fim de examiná-lo. Virginia também olhou.

– É uma pena que não tenhamos o restante – murmurou Anthony. – Mas aqui está escrito: *Chimneys*, 11h45, quinta-feira. Parece um encontro.

– *Chimneys*? – repetiu Virginia. – Mas que coisa extraordinária.

– Por que extraordinária? Acha que é um lugar bom demais para um patife de tão baixa categoria?

– É que vou para *Chimneys* hoje. Ou, pelo menos, ia.

Anthony fitou-a em silêncio por um momento, antes de dizer:

– Estou começando a compreender... Posso estar errado, mas pelo menos já é uma idéia. Não seria possível que alguém estivesse desejando desesperadamente impedir sua ida para *Chimneys*?

– É o caso do meu primo George Lomax – respondeu Virginia, com um sorriso. – Mas não posso sequer desconfiar de que George fosse capaz de matar alguém por isso.

Anthony não sorriu, pois estava imerso em seus pensamentos. Levou algum tempo para falar:

– Se ligar para a polícia, terá que renunciar à idéia de partir para Chimneys hoje... ou até mesmo amanhã. E eu gostaria que fosse para Chimneys. Tenho a impressão de que isso irá frustrar os nossos amigos desconhecidos. Sra. Revel, está disposta a se colocar nas minhas mãos?

– Quer dizer que vamos executar o Plano B?

– Isso mesmo. E a primeira providência é tirar a camareira de casa. Pode dar um jeito?

– Isso não é problema.

Virginia foi até a entrada e chamou:

– Elise! Elise!

– Pois não, madame?

Anthony ouviu um rápido diálogo, depois a porta da frente foi aberta e fechada. Virginia voltou para a sala.

– Ela já foi. Mande-a comprar um perfume especial, dizendo que a loja fica aberta até oito horas. O que não acontece, é claro. Ela deverá seguir para Chimneys no trem seguinte ao meu, sem voltar aqui.

– Ótimo. Agora, podemos começar a providenciar a remoção do corpo. Sei que é um método antiquado, mas por acaso não tem um baú grande em casa?

– Claro que tenho. Vamos até o porão e poderá escolher à vontade.

Havia uma ampla variedade de baús no porão. Anthony escolheu um que parecia sólido e possuía o tamanho apropriado.

Levando o baú para o gabinete, ele disse a Virginia, com o tato necessário:

– Pode deixar que cuido sozinho dessa parte. Suba agora e apronte-se para partir.

Virginia obedeceu. Tirou a roupa de tênis, pôs um vestido de viagem castanho-claro e um chapeuzinho laranja. Ao descer, encontrou Anthony à espera na entrada, com o baú devidamente preso com as correias a seu lado.

– Gostaria de contar-lhe a história da minha vida, mas infelizmente vai ser uma noite das mais movimentadas – disse ele. – Vou lhe expor agora o que terá de fazer. Chame um táxi e mande embarcar sua bagagem, incluindo o baú. Siga para Paddington. Chegando lá, deixe o baú no depósito de

bagagens. Estarei na plataforma. Ao passar por mim, deixe cair o talão do depósito. Irei pegá-lo e fingir que devolvo, mas o guardarei comigo. Vá direto para Chimneys e deixe o restante comigo.

– Não sei como lhe agradecer por tudo o que está fazendo por mim – murmurou Virginia. – E sei que é horrível da minha parte impingir um cadáver a um perfeito estranho.

– Até que estou gostando – comentou Anthony, calmamente. – Se um dos meus amigos, Jimmy McGrath, estivesse aqui, poderia lhe dizer como esse tipo de situação me atrai intensamente.

Virginia ficou aturdida.

– Qual foi mesmo o nome que disse? Foi Jimmy McGrath?

– Isso mesmo. Por quê? Já ouviu falar dele?

– Já, sim... e recentemente.

Virginia fez uma pausa, indecisa, antes de acrescentar:

– Sr. Cade, preciso muito falar com o senhor. Não poderia ir a Chimneys também?

– Pode estar certa de que irá me rever muito antes do que imagina, Sra. Revel. E, agora, o Conspirador A sai pela porta dos fundos, furtivamente. E a Conspiradora B sai pela porta da frente, de forma gloriosa, e embarca em um táxi.

O plano transcorreu sem qualquer contratempo. Anthony pegou outro táxi e estava na plataforma no momento propício e recolheu o talão que Virginia deixou cair, na passagem. Em seguida, ele saiu da estação, para buscar o Morris Cowley de segunda mão, um tanto avariado, que comprara no início do dia, prevendo que poderia precisar de um carro na execução de seus planos.

Voltando a Paddington, entregou o talão a um carregador, que foi buscar o baú no depósito e colocou-o no carro. Anthony partiu.

Seu objetivo era agora um ponto fora de Londres. Passou por Notting Hill e Shepherd's Bush, pegou a Goldhawk Road, passou por Brentford e Hounslow, chegou à reta extensa na metade do caminho entre Hounslow e Staines. Era uma estrada movimentada, com carros passando continuamente de um lado para outro. Não era provável que pegadas ou marcas de pneus

pudessem se destacar. Parou o carro à beira da estrada. Desceu e disfarçou a placa do carro com um pouco de lama. Ficou esperando até não ouvir qualquer barulho de carro. Abriu rapidamente o baú, tirou o corpo e largou-o à beira da estrada, numa vala pequena, onde não seria iluminado pelos faróis dos carros.

Voltou ao carro e afastou-se. Toda a operação durara exatamente um minuto e meio. Virou à direita, voltando para Londres passando por Burnham Beeches. Parou o carro outra vez, no meio do bosque. Escolheu uma árvore gigantesca e subiu. Era uma façanha e tanto, até mesmo para Anthony. E em uma reentrância de um dos galhos mais altos, perto do tronco, escondeu um pequeno embrulho de papel pardo.

– Um excelente esconderijo para a pistola – murmurou Anthony para si mesmo. – Todo mundo costuma procurar debaixo da terra ou dragar pequenos lagos e rios. Mas há bem poucas pessoas na Inglaterra capazes de escalar esta árvore.

Ele voltou para Londres e seguiu para a estação de Paddington. Deixou o baú no depósito de bagagem, só que no outro, onde os passageiros chegavam. Pensou em coisas deliciosas como uma boa rabada, suculentas costeletas e montanhas de batata frita. Mas acabou balançando a cabeça, tristemente, ao olhar o relógio. Abasteceu o Morris com mais um pouco de gasolina e pegou novamente a estrada, desta vez seguindo para o norte.

Passava um pouco das 23h30 quando parou o Morris na estrada adjacente ao parque de Chimneys. Pulou o muro com a maior facilidade e seguiu na direção da casa. A distância era maior do que imaginara e dali a pouco começou a correr. Uma imensa massa cinzenta assomava na escuridão: era Chimneys, a venerada mansão. A distância, um relógio assinalou três quartos de hora.

11h45... a hora mencionada no fragmento de papel. Anthony estava agora perto da casa. Tudo parecia quieto, a casa estava inteiramente às escuras. E ele murmurou para si mesmo:

– Mas como esses políticos dormem cedo...

E subitamente um som lhe atingiu os ouvidos... o som de um tiro. Tinha certeza de que o som viera do interior da casa. Ficou esperando por um

minuto inteiro, mas o silêncio anterior perdurou. Por fim, foi até uma das portas que dava para a sacada, por trás da qual parecia ter soado o estampido que o surpreendera. Experimentou a maçaneta. Estava trancada por dentro. Experimentou outras portas, escutando atentamente durante todo o tempo. Mas o silêncio permaneceu inalterável.

Acabou dizendo a si mesmo que devia ter imaginado o ruído ou então fora um tiro disparado por algum caçador no bosque. Virou-se e atravessou o parque de volta, sentindo-se vagamente insatisfeito e inquieto.

Parou e contemplou novamente a casa. E foi nesse momento que uma luz se acendeu numa das janelas do segundo andar. Um instante depois, a luz se apagou e toda a casa ficou novamente imersa na escuridão.

10

Chimneys

O inspetor Badgworthy estava em seu gabinete. Hora: 8h30 da manhã. Ele é um homem alto e corpulento, de passadas pesadas. Propenso a respirar mais forte em momentos de tensão profissional. Ao seu lado, o guarda Johnson, novo na polícia, com ar de galinha depenada.

O telefone em cima da mesa começou a tocar abruptamente e o inspetor atendeu, com a solenidade com a qual normalmente se comportava:

– Delegacia de Polícia de Market Basing. Inspetor Badgworthy falando. O que deseja?

Enquanto escutava, a atitude do inspetor se alterou ligeiramente. Assim como ele era maior do que Johnson, havia outros que eram maiores que o inspetor Badgworthy.

– Como, milorde? Perdoe, mas não entendi muito bem o que disse.

Uma longa pausa, com o inspetor escutando atentamente, uma ampla variedade de expressões se estampando sucessivamente em seu semblante

normalmente impassível. E por fim ele desliga, depois de dizer rapidamente:

– Irei imediatamente, milorde.

Ele virou-se para Johnson, parecendo visivelmente inchado de importância:

– Era Sua Excelência... em Chimneys... assassinato...

– Assassinato... – ecoou Johnson, devidamente impressionado.

– É um assassinato – confirmou o inspetor, com evidente satisfação.

– Ora, nunca houve um assassinato por aqui... pelo menos não que eu saiba... a não ser naquela ocasião em que Tom Pearse atirou na namorada.

– E, de certa forma, isso não foi absolutamente assassinato, mas sim bebedeira – comentou o inspetor, de forma desdenhosa.

– Ele não foi enforcado pelo que fez – admitiu Johnson, sombriamente.

– Mas desta vez é um assassinato de verdade, senhor?

– É, sim, Johnson. Um dos hóspedes de Sua Excelência, um cavalheiro estrangeiro, foi baleado mortalmente. A janela estava aberta e havia pegadas do lado de fora.

– Só lamento que tenha sido um estrangeiro – murmurou Johnson, pesaroso.

Isso fazia com que o assassinato parecesse menos real. Johnson sentia que os estrangeiros eram sempre passíveis de serem mortos a tiros.

– Sua Excelência está bastante nervoso – acrescentou o inspetor. – Vamos buscar o Dr. Cartwright e seguiremos imediatamente para Chimneys. Só espero que ninguém comece a confundir as pegadas, andando de um lado para outro.

Badgworthy sentia-se quase no paraíso. Um assassinato! E em Chimneys! Com o inspetor Badgworthy encarregado do caso. A polícia tem uma pista. Prisão sensacional. Promoção e louvores para o referido inspetor.

“Isto é, se a Scotland Yard não vier se intrometer”, pensou o inspetor Badgworthy.

O pensamento deixou-o momentaneamente desolado. Era o que provavelmente iria acontecer nessas circunstâncias.

Passaram na casa do Dr. Cartwright, que era um homem relativamente jovem e demonstrou um interesse intenso. A atitude dele foi quase a mesma que a de Johnson.

– Ora, Deus me valha! Não temos um assassinato aqui desde Tom Pearse!

Os três entraram no pequeno carro do médico e partiram rapidamente para Chimneys. Ao passarem pela hospedaria local, o Dr. Cartwright notou um homem parado na estrada. E comentou:

– Parece um estrangeiro. E é um sujeito bem-apessoado. Há quanto tempo estará aqui? E o que estará fazendo na Jolly Cricketers? Deve ter chegado ontem à noite.

– E não veio de trem – informou Johnson.

O irmão de Johnson trabalhava na estação local e por isso o guarda estava sempre a par das chegadas e partidas.

– Quem chegou para Chimneys ontem? – perguntou o inspetor.

– Lady Eileen chegou no trem das 15h40, junto com dois cavalheiros, um norte-americano e um jovem oficial do Exército. Nenhum dos dois veio com criado particular. Sua Excelência chegou com um cavalheiro estrangeiro, provavelmente o que foi morto, no trem das 17h40. O cavalheiro estrangeiro trouxe seu criado. O Sr. Eversleigh chegou no mesmo trem. A Sra. Revel chegou no trem das 19h25, que também trouxe outro cavalheiro que parecia estrangeiro, a cabeça alva, nariz adunco. E a camareira da Sra. Revel chegou no trem das 20h56.

Johnson fez uma pausa, sem fôlego.

– E não chegou ninguém para a Cricketers?

Johnson sacudiu a cabeça.

– Nesse caso, ele deve ter vindo de carro – concluiu o inspetor.

– Ao voltar, Johnson, faça indagações em Cricketers a respeito dele. Queremos saber de tudo a respeito dos estranhos que apareceram por aqui. E aquele deve ser um estrangeiro, ou então veio do exterior, pois está bastante queimado de sol.

O inspetor sacudiu a cabeça com um ar de sagacidade, como se desejasse insinuar que era um homem sempre alerta, que jamais seria

surpreendido a cochilar.

O carro passou pelos portões do parque de Chimneys. Descrições dessa propriedade histórica podem ser encontradas em qualquer guia para viajantes. Há também uma descrição completa em *Historic Homes of England*, que custa 21 xelins. Na quinta-feira, chegam grupos de Middlingham para uma visita às partes da propriedade que são abertas ao público. Em vista de tudo isso, seria supérfluo descrever Chimneys.

Foram recebidos na porta por um mordomo de cabeça branca, cujo porte era impecável.

“Não estamos acostumados a crimes cometidos dentro destas paredes”, toda a atitude dele parecia dizer. “Mas estamos vivendo dias terríveis. Vamos enfrentar o desastre com a mais absoluta calma e fingir, até o último instante, que nada de anormal ocorreu.”

– Sua Excelência está esperando – disse o mordomo. – Queiram me acompanhar, por gentileza.

Ele levou-os para uma sala pequena e aconchegante, que era o refúgio de lorde Caterham da magnificência que havia no restante da mansão.

– A polícia, milorde, e o Dr. Cartwright.

Lorde Caterham estava andando de um lado para outro, visivelmente nervoso.

– Finalmente aparece, inspetor! Muito lhe agradeço! Como tem passado, Cartwright? É um caso terrível... muito terrível mesmo!

E lorde Caterham, passando as mãos pela cabeça freneticamente, até que os cabelos ficassem levantados em pequenos tufo, parecia ainda menos um nobre que de hábito.

– Onde está o corpo? – indagou o médico, em tom seco e profissional.

Lorde Caterham virou-se para ele, como se estivesse aliviado por terem lhe feito uma pergunta objetiva.

– Na Câmara do Conselho... exatamente onde foi encontrado... não deixei que mexessem no corpo. Achei que... era a atitude correta a adotar.

– E fez muito bem, milorde – o inspetor concordou.

Ele tirou do bolso um caderninho de anotações e um lápis e perguntou:

– E quem descobriu o corpo? Foi Sua Excelência?

– Oh, Santo Deus, claro que não! Pensa por acaso que costumo acordar tão pavorosamente cedo? Foi uma criada que encontrou. E gritou que não parava mais, pelo que me disseram. Mas eu mesmo não cheguei a ouvir. Vieram me acordar e é claro que me levantei e desci... e lá estava ele!

– Reconheceu o corpo como sendo um dos seus hóspedes?

– Exatamente, inspetor.

– E o nome?

Essa pergunta perfeitamente simples pareceu deixar lorde Caterham profundamente perturbado. Ele abriu a boca para falar, hesitou, tornou a fechá-la. E por fim indagou, debilmente:

– Está querendo saber... qual era o nome dele?

– Isso mesmo, milorde.

Correndo os olhos lentamente pela sala, como se esperasse encontrar alguma inspiração, lorde Caterham murmurou:

– O nome dele era... eu diria que era... é isso mesmo, não há a menor dúvida... conde Stanislau.

Havia algo tão estranho na atitude de lorde Caterham que o inspetor parou de usar o lápis por um momento e ficou olhando para ele. E foi nesse momento que ocorreu algo que desviou a atenção do inspetor e foi recebido com evidente alívio pelo nobre constrangido.

A porta se abriu e uma jovem entrou na sala. Era alta, esguia e morena, com um rosto ainda infantil e bastante atraente, uma atitude decidida. Era lady Eileen Brent, mais conhecida como Bundle, a filha mais velha de lorde Caterham. Ela acenou com a cabeça para os outros e dirigiu-se ao pai:

– Consegui encontrá-lo.

Por um momento, o inspetor esteve a pique de entrar em ação, com a impressão de que a moça capturara o assassino. Mas quase no mesmo instante compreendeu que o sentido das palavras era inteiramente diferente.

Lorde Caterham deixou escapar um suspiro de alívio.

– Bom trabalho. E o que disse ele?

– Está vindo para cá. E recomendou que tivéssemos “o máximo de discrição”.

O pai proferiu uma exclamação irritada.

– É o tipo de recomendação idiota que George Lomax jamais deixaria de fazer. Mas assim que ele chegar, lavarei as mãos de todo esse caso horrível.

Ele pareceu se reanimar um pouco com a perspectiva. E nesse momento o Dr. Cartwright perguntou:

– Quer dizer que o nome do homem assassinado era conde Stanislau?

Pai e filha se entreolharam rapidamente. E em seguida, lorde Caterham disse, com alguma dignidade:

– Claro que era! Foi o que eu disse!

– Só perguntei porque parecia não ter certeza antes – explicou o médico.

Os olhos de Cartwright brilharam por um momento e lorde Caterham fitou-o com uma expressão de censura, dizendo bruscamente:

– Vou levá-los agora para a Câmara do Conselho.

Todos o seguiram. O inspetor ia por último, lançando olhares rápidos ao redor, como se esperasse encontrar alguma pista em uma moldura de quadro ou atrás de uma porta.

Lorde Caterham tirou uma chave do bolso e abriu uma porta. Todos entraram na sala imensa, revestida de carvalho, com três portas dando para o terraço. Havia uma mesa comprida e muitas arcas de carvalho, além das belas cadeiras antigas. Nas paredes havia diversos quadros dos Caterham falecidos e de outras pessoas.

Perto da parede da esquerda, no meio do caminho entre a porta e a janela, estava caído um homem, de costas, com os braços abertos.

O Dr. Cartwright avançou e ajoelhou-se ao lado do corpo. O inspetor aproximou-se das portas do terraço e examinou-as atentamente. A do centro estava fechada, mas não trancada. Nos degraus lá fora havia pegadas que se aproximavam da janela e depois outro grupo a se afastar.

– Parece óbvio – comentou o inspetor, com um aceno de cabeça. – Mas devia haver pegadas também aqui dentro. Apareceriam facilmente neste chão de parquet.

– Acho que posso explicar isso – interveio Bundle. – A empregada encerou metade do chão esta manhã, antes de avistar o corpo. Estava muito

escuro quando ela chegou aqui. Foi direto até as janelas, abriu as cortinas e começou a encerrar o chão. Não podia ver o corpo, pois está meio escondido daquele lado da sala pela mesa. Só o avistou quando estava praticamente em cima dele.

O inspetor assentiu.

– Vou deixá-lo aqui, inspetor – disse lorde Caterham, ansioso em escapar. – Poderá me encontrar se precisar... ahn... falar comigo. Mas o Sr. George Lomax não deve demorar a chegar de Wyverne Abbey e poderá dizer-lhe muito mais do que sei. Para ser franco, o problema é realmente dele. Não posso explicar nesse momento, mas ele o fará assim que chegar.

Lorde Caterham bateu em retirada apressadamente, sem esperar por uma resposta, lamentando-se consigo mesmo:

– Mas como Lomax pôde me meter numa confusão assim? É demais, é demais! O que é, Tredwell?

O mordomo de cabeça branca estava pairando ao lado dele, deferentemente.

– Tomei a liberdade, milorde, de adiantar a hora do seu café-da-manhã. Já está servido, na sala de jantar.

– Acho que não vou conseguir comer nada – murmurou lorde Caterham, sombriamente, virando-se na direção da sala de jantar. – Absolutamente nada!

Bundle passou a mão pelo braço dele e entraram juntos na sala de jantar. No aparador, havia uma vintena de travessas de prata, mantidas quentes por um engenhoso sistema.

– Omelete – disse lorde Caterham, começando a levantar as tampas. – Ovos com bacon, rins, picadinho de frango, hadoque, presunto frio, faisão frio. Não gosto de nenhuma dessas coisas, Tredwell. Quer pedir para me prepararem um ovo poché?

– Certamente, milorde.

Tredwell retirou-se. Lorde Caterham, distraidamente, serviu-se de rins e bacon, uma xícara de café e foi sentar ao fim da longa mesa. Bundle já estava comendo um prato de ovos com bacon.

– Estou com uma fome tremenda – comentou a jovem, de boca cheia. – Deve ser o nervosismo.

– Isso é ótimo para você, acha que não tem nada demais – lamentou-se lorde Caterham. – Os jovens gostam mesmo de emoções fortes. Mas eu estou num estado de saúde extremamente delicado. Evite todas as preocupações, foi o que sir Abner Willis me disse... evite todas as preocupações. É muito fácil para um homem sentado em seu consultório na Harley Street dizer isso. Mas como posso evitar as preocupações, quando aquele asno do Lomax me impinge algo assim? Eu devia ter sido mais firme na ocasião. Devia ter fincado o pé.

Sacudindo a cabeça, com um ar triste, lorde Caterham foi servir-se de presunto.

– Mas Lomax dessa vez teve o que merecia – comentou Bundle, de maneira satisfeita. – Estava quase incoerente ao telefone. Não vai demorar muito a chegar aqui, gaguejava sobre discrição e a necessidade de silêncio.

Lorde Caterham resmungou ao pensar na perspectiva.

– Ele já estava acordado?

– Disse-me que estava acordado e ditando cartas e memorandos desde as 7 horas da manhã.

– E deve estar orgulhoso disso! Ah, como esses homens públicos são extraordinariamente egoístas! Obrigam suas pobres secretárias a se levantarem nas horas mais incríveis, a fim de lhes ditarem toda sorte de bobagens. Quantos benefícios não haveria para a nação se fosse promulgada uma lei obrigando os políticos a ficarem na cama até pelo menos 11 horas! Eu não me importaria se eles não falassem tantos disparates. Lomax, por exemplo, está sempre falando da minha “posição”. Como se eu tivesse alguma... Quem deseja fazer parte do reino atualmente?

– Ninguém – respondeu Bundle. – Todo mundo prefere ter uma próspera taverna.

Tredwell reapareceu, silenciosamente, com dois ovos pochés em uma pequena travessa de prata, que colocou na mesa, diante de lorde Caterham.

– Mas o que é isso, Tredwell? – indagou lorde Caterham, olhando para os ovos com uma ligeira aversão.

– Ovos pochés, milorde.

– Detesto ovos pochés – declarou lorde Caterham irritado. – São por demais insípidos. Nem mesmo gosto de olhar para eles. Quer tirar isso daqui, Tredwell?

– Certamente, milorde.

Tredwell e os ovos pochés se retiraram, tão silenciosamente quanto haviam chegado.

– Graças a Deus que ninguém levanta cedo nesta casa – comentou lorde Caterham com veemência. – Mas acho que teremos de lhes dar a notícia, assim que acordarem.

Ele suspirou. Bundle disse:

– Quem o terá assassinado? E por quê?

– Isso não é da nossa conta, graças a Deus. Compete à polícia descobrir, embora eu tenha certeza de que esse Badgworthy não é capaz de descobrir coisa alguma. Mas confesso que eu espero que tenham sido os intrometidos.

– E quem são os intrometidos?

– O *trust* britânico.

– Mas por que o Sr. Isaacstein haveria de assassiná-lo, se veio até aqui para fechar um negócio?

– Altas finanças... – murmurou lorde Caterham de forma vaga. – E isso me faz lembrar de que não seria surpresa se Isaacstein fosse um madrugador. Ele deve aparecer a qualquer momento. É um hábito no mundo dos negócios. Por mais ricos que os homens sejam, sempre pegam o trem das 9h17.

Entrou pela janela aberta o barulho do motor de um carro aproximando-se em grande velocidade.

– Deve ser Lomax – comentou Bundle.

Pai e filha foram até a janela e acenaram para o ocupante do carro.

– Aqui, meu caro, aqui! – gritou lorde Caterham, engolindo apressadamente um bocado de presunto.

Mas George não tinha a menor intenção de entrar pela janela. Desapareceu pela porta da frente e um momento depois foi acompanhado até a sala por Tredwell, que retirou-se logo em seguida.

– Não quer comer algo? – indagou lorde Caterham, apertando-lhe a mão. – O que me diz de um rim?

George recusou o rim com um gesto impaciente, murmurando:

– Isso é uma terrível calamidade, um tremendo desastre...

– Tem toda razão. Não quer um hadoque?

– Não, não! O caso tem que ser abafado... a qualquer custo tem que ser abafado.

Como Bundle profetizara, George já estava começando a gaguejar.

– Compreendo perfeitamente o que está sentindo – disse lorde Caterham. – Experimente então ovos com bacon.

– Uma emergência totalmente imprevista... uma calamidade nacional... concessões em perigo...

– O que está precisando, meu caro, é comer algo para recuperar o controle. Será que prefere ovos pochés? Havia alguns aqui na mesa, há um minuto...

– Não quero comer nada. Já comi antes de vir para cá. E mesmo que não tivesse comido, não ia querer nada agora. Temos que pensar no que se deve fazer. Já contou a alguém?

– Bundle e eu já sabemos. E há também a polícia local e Cartwright. Além de todos os criados, é claro.

George soltou um resmungo de desespero.

– Controle-se, meu caro – alertou-o lorde Caterham, suavemente. – (Gostaria que comesse alguma coisa.) Parece que não está compreendendo que é inteiramente impossível abafar a existência de um cadáver. Afinal, tem que ser enterrado e tudo o mais. Sei que é um terrível infortúnio, mas não há mais jeito que se possa dar.

George ficou subitamente calmo.

– Tem toda razão, Caterham. Disse que chamou a polícia local, não é mesmo? Mas isso não é suficiente. Precisamos de Battle.

– Battle? Uma batalha? Para quê?

– Não está me entendendo, Caterham. Refiro-me ao superintendente Battle, da Scotland Yard. É um homem que sabe ser discreto. Trabalhou conosco naquele caso lamentável dos fundos do partido.

– Que caso foi esse? – indagou lorde Caterham com algum interesse.

Mas os olhos de George haviam reparado em Bundle, sentada metade para dentro e metade para fora da janela. Recordou-se bem a tempo da necessidade de descrição e levantou-se, dizendo:

– Não temos tempo a perder. Preciso enviar imediatamente alguns telegramas.

– Se quiser escrevê-los, Bundle poderá despachá-los pelo telefone.

George tirou uma caneta-tinteiro do bolso e começou a escrever, com uma incrível rapidez. Entregou a primeira mensagem a Bundle, que leu com evidente interesse.

– Deus do céu, mas que nome! – ela comentou. – Barão o quê?

– Barão Lolopretjzyl.

Bundle piscou os olhos.

– Eu entendi, mas vai levar algum tempo para conseguir transmitir esse nome à agência dos correios.

George continuou a escrever. Ao terminar, entregou todos os textos a Bundle e depois dirigiu-se ao dono da casa:

– O melhor que pode fazer nesse momento, Caterham...

– O que é? – indagou lorde Caterham, bastante apreensivo.

– ... É deixar tudo nas minhas mãos.

– Mas claro! – concordou lorde Caterham, aliviado e satisfeito. – Era exatamente isso o que eu mesmo estava pensando fazer. Encontrará o Dr. Cartwright e a polícia na Câmara do Conselho. Com o... ahn... corpo. Meu caro Lomax, coloco Chimneys irrestritamente à sua disposição. Faça o que achar melhor.

– Obrigado. Se por acaso eu desejar consultá-lo a respeito de algum problema...

Mas lorde Caterham já desaparecera furtivamente pela porta mais distante. Bundle tinha observado a retirada apressada do pai com um sorriso sombrio.

– Vou despachar os telegramas imediatamente – ela informou. Sabe chegar à Câmara do Conselho?

– Sei, sim, obrigado, lady Eileen.

E George saiu apressadamente da sala.

11

Chega o superintendente Battle

Lorde Caterham estava tão apreensivo com a possibilidade de ser consultado por George que passou a manhã inteira dando uma volta pela propriedade. Somente as primeiras pontadas de fome é que conseguiram levá-lo de volta à casa. Além disso, pensava também que, àquela altura, o pior já teria passado.

Entrou na casa furtivamente, por uma porta lateral. Esgueirou-se até seu refúgio. Sentiu-se orgulhoso por ter conseguido entrar sem ser observado; mas nisso estava inteiramente enganado. Nada escapava ao vigilante Tredwell, que um instante depois apareceu na porta:

– Com licença, milorde...

– O que é, Tredwell?

– O Sr. Lomax pediu que fosse procurá-lo na biblioteca assim que voltasse, milorde.

Por esse método delicado, Tredwell estava querendo dizer que lorde Caterham ainda não havia voltado, a menos que assim o decidisse.

Lorde Caterham suspirou e levantou-se.

– Creio que terei mesmo de falar com ele, mais cedo ou mais tarde. Disse que ele está esperando na biblioteca?

– Isso mesmo, milorde.

Suspirando novamente, lorde Caterham começou a percorrer os amplos espaços da mansão ancestral, até chegar à porta da biblioteca.

A porta estava trancada. Ele sacudiu a maçaneta e destrancaram a porta por dentro, entreabrindo-a ligeiramente. O rosto de George Lomax apareceu na fresta, com uma expressão desconfiada.

– Ah, Caterham, entre, entre... Estávamos agora mesmo indagando o que lhe teria acontecido.

Murmurando algumas palavras vagas a respeito de suas obrigações, de reparos que precisavam ser feitos na propriedade, lorde Caterham entrou na sala. Havia dois outros homens lá dentro. Um deles era o coronel Melrose, o chefe de polícia local. O outro era um homem atarracado, de meia-idade, com um rosto tão desprovido de expressão que chegava a ser extraordinário.

– O superintendente Battle chegou há meia hora – explicou George. – Já foi ao local do crime com o inspetor Badgworthy e conversou com o Dr. Cartwright. E agora deseja saber algumas informações de nós.

Todos sentaram, depois que lorde Caterham cumprimentou Melrose e foi devidamente apresentado ao superintendente Battle.

– Creio ser desnecessário dizer-lhe, Battle, que este é um caso que deve ser tratado com o máximo de discrição – comentou George.

O superintendente assentiu, com um ar indiferente, que imediatamente atraiu a simpatia de lorde Caterham.

– Não vejo problemas nisso, Sr. Lomax. Só quero que nada seja escondido de nós. Soube que o cavalheiro assassinado se chamava conde Stanislau... ou pelo menos era esse o nome pelo qual a criadagem o conhecia. Mas era o verdadeiro nome dele?

– Não, não era.

– E qual era então o nome verdadeiro?

– Príncipe Michael, da Herzoslováquia.

Os olhos de Battle se arregalaram ligeiramente. Afora isso, porém, ele não deixou transparecer qualquer reação.

– E qual era o propósito da visita dele a Chimneys, se me permitem a pergunta? Era apenas por prazer?

– Havia um outro propósito, Battle. E quero ressaltar que tudo o que se disser aqui é estritamente confidencial.

– Claro, claro, Sr. Lomax.

– Concorde também em não revelar nada, coronel Melrose?

– Claro.

– A verdade é que o príncipe Michael veio a Chimneys com o objetivo expresso de encontrar-se com o Sr. Herman Isaacstein. Os dois iriam acertar um empréstimo, sob determinadas condições.

– E que condições eram essas?

– Não conheço os detalhes exatos. Na verdade, ainda não haviam sido definidos. Mas, de um modo geral, o príncipe Michael assumiria o compromisso, caso subisse ao trono, de conceder licença para exploração de petróleo na Herzoslováquia às companhias às quais o Sr. Isaacstein está diretamente ligado. O governo britânico estava disposto a apoiar a reivindicação do príncipe Michael ao trono, tendo em vista a sua inequívoca tendência pró-Inglaterra.

– Creio que não preciso me aprofundar mais nesse aspecto do caso – interrompeu o superintendente Battle. – O príncipe Michael queria o dinheiro, o Sr. Isaacstein queria o petróleo e o governo britânico estava disposto a assinar um papel paternal. Só mais uma pergunta: havia mais alguém querendo as concessões para exploração do petróleo herzoslovaco?

– Creio que um grupo de financistas norte-americanos tinha apresentado propostas à Sua Alteza.

– E tais propostas foram rejeitadas, não é mesmo?

Mas George recusou-se a cair na armadilha, limitando-se a repetir:

– O príncipe Michael tinha uma inequívoca tendência pró-Inglaterra.

O superintendente Battle também não insistiu.

– Lorde Caterham, vou relatar o que aconteceu ontem, de acordo com o que me contaram. Encontrou-se com o príncipe Michael na aldeia e vieram juntos para cá. O príncipe estava acompanhado por seu criado particular, um herzoslovaco chamado Boris Anchoukoff. Mas seu cavaleiro, o capitão Andrassy, ficou na aldeia. Ao chegar, o príncipe declarou que estava muito cansado e retirou-se para os aposentos que lhe haviam sido reservados. Serviram-lhe o jantar nos aposentos e ele não recebeu nenhuma das outras pessoas que estavam nesta casa. Isso tudo está correto?

– Absolutamente correto.

– Esta manhã, uma criada descobriu o corpo, por volta das 7h45. O Dr. Cartwright examinou o corpo e verificou que a morte fora causada por uma

bala disparada de um revólver. Nenhum revólver foi encontrado e aparentemente ninguém na casa ouviu o disparo. Por outro lado, o relógio do falecido ficou esmagado na queda, indicando que o crime foi cometido quando faltavam exatamente 15 minutos para a meia-noite. A que horas foi deitar-se ontem à noite, lorde Caterham?

– Todos nos retiramos relativamente cedo. Por algum motivo, ninguém parecia estar muito animado, se é que me entende, superintendente. Eu diria que fomos deitar por volta das 22h30.

– Obrigado. E agora, lorde Caterham, gostaria que me falasse de todas as pessoas que se encontram no momento na casa.

– Mas o assassino não é alguém que veio de fora?

O superintendente Battle sorriu.

– Eu diria que sim, eu diria que sim... Mesmo assim, preciso saber quem estava na casa. Uma simples questão de rotina...

– Havia o príncipe Michael e seu criado. O Sr. Herman Isaacstein também estava presente. Já sabe quem são todos eles. Havia também o Sr. Eversleigh...

– Que trabalha no meu departamento – interveio George, em tom condescendente.

– E ele também estava a par do verdadeiro motivo da presença do príncipe Michael aqui?

– Não posso dizer que estivesse – respondeu George, de forma cautelosa. – Certamente ele sabia que algo importante estava acontecendo, mas não julguei necessário revelar-lhe tudo.

– Entendo. Quer continuar, por gentileza, lorde Caterham?

– Deixe-me ver... Ah, havia também o Sr. Hiram Fish.

– E quem é o Sr. Hiram Fish?

– O Sr. Fish é norte-americano. Trouxe uma carta de apresentação do Sr. Lucius Gott... já ouviu falar de Lucius Gott?

O superintendente Battle sorriu, indicando que sim. Quem não ouvira falar de Lucius C. Gott, o multimilionário?

– Ele estava querendo conhecer minhas primeiras edições. É claro que a coleção do Sr. Gott é incomparável, mas também possuo diversos tesouros.

O Sr. Fish é um entusiasta do assunto. O Sr. Lomax sugeriu que eu convidasse mais algumas pessoas para passar o fim de semana em Chimneys, a fim de que tudo parecesse mais natural. Assim, aproveitei a oportunidade para convidar o Sr. Fish. E esses eram todos os homens. Quanto às mulheres, havia apenas a Sra. Revel... e imagino que ela deva ter trazido uma camareira. Além disso, havia também minha filha e as outras crianças, babás, governantas e o restante da criadagem.

Lorde Caterham parou a fim de respirar.

– Obrigado – agradeceu Battle. – Uma simples questão de rotina, mas é sempre necessária.

– Mas não resta qualquer dúvida de que o assassino entrou pela janela, não é mesmo? – indagou George.

Battle demorou um pouco para responder:

– Há pegadas se aproximando da janela e depois outras pegadas se afastando. Um carro parou do lado de fora do parque às 23h40 da noite de ontem. Por volta de meia-noite, um homem chegou de carro à Jolly Cricketers e alugou um quarto. Deixou as botas no corredor, para serem limpas. Estavam molhadas e enlameadas, como se ele tivesse andado pela relva alta do parque.

George inclinou-se para a frente, ansiosamente.

– E essas botas não podiam ser comparadas com as pegadas?

– Já foram.

– E o que se verificou?

– Correspondem exatamente.

– Isso resolve o caso! – gritou George. – Já temos o assassino. Esse homem... por falar nisso, qual é o nome dele?

– Na hospedaria, ele se registrou como Anthony Cade.

– Esse Anthony Cade deve ser procurado imediatamente e preso sem mais delongas.

– Não há necessidade de procurá-lo – informou o superintendente Battle.

– Por quê?

– Porque ele continua na hospedaria.

– O quê?

– Não é curioso?

O coronel Melrose fitou atentamente o homem da Scotland Yard.

– O que está pensando, Battle? Vamos, diga logo.

– Acho apenas que é um fato curioso, mais nada. Temos um homem que devia tentar fugir a qualquer custo, mas que continua onde está, não faz qualquer menção de fugir. E nos proporciona até ampla oportunidade para comparar suas pegadas com as botas que usava.

– O que está pensando exatamente?

– Não sei o que pensar... e confesso que é uma situação das mais embaraçosas.

– Está por acaso imaginando...

Era o coronel Melrose quem falava, mas não pôde continuar porque nesse instante houve uma batida discreta na porta.

George levantou e foi abri-la. Tredwell, sofrendo interiormente por ter que bater nas portas daquela maneira, ficou parado no limiar, com uma expressão digna, dirigindo-se a lorde Caterham:

– Com licença, milorde, mas um cavalheiro deseja falar-lhe. Diz que é urgente e importante, um assunto relacionado, pelo que entendi, com a tragédia desta manhã.

– E qual é o nome dele? – perguntou Battle, abruptamente.

– O nome dele é Sr. Anthony Cade. Disse que não diria nada a ninguém.

Mas o nome parecia dizer muito aos quatro homens presentes. Todos estavam demonstrando graus variados de espanto.

Lorde Caterham soltou uma risadinha e comentou:

– Estou começando realmente a me divertir. Mande-o entrar, Tredwell... mande-o entrar imediatamente.

— Sr. Anthony Cade – anunciou Tredwell.

E Anthony disse:

– Entra em cena o estranho suspeito que está na hospedaria da aldeia.

Ele se encaminhou diretamente para lorde Caterham, com um instinto raro em estranhos. Ao mesmo tempo, assim resumiu os outros três homens que estavam na sala, mentalmente: “1) Scotland Yard; 2) autoridade local, provavelmente o chefe de polícia; 3) um cavalheiro angustiado, à beira da apoplexia, possivelmente ligado ao governo.”

– Devo pedir desculpas – continuou Anthony, ainda dirigindo-se a lorde Caterham. – Não tenho o hábito de aparecer na casa dos outros dessa maneira. Mas ouvi o rumor, no Jolly Dog ou qualquer que seja o nome do *pub* local, de que houve um assassinato aqui. E como pensei que podia ajudar a esclarecer o caso, tratei de vir até aqui imediatamente.

Por um momento, ninguém falou. O superintendente Battle não disse nada porque era um homem de muita experiência, que sabia ser muito melhor, infinitamente melhor, deixar que os outros falassem, se pudessem ser persuadidos a fazê-lo; o coronel Melrose porque era habitualmente taciturno; George porque tinha o hábito de não se manifestar sobre assuntos que não lhe diziam respeito; e lorde Caterham simplesmente porque não tinha a menor idéia do que dizer. O silêncio dos outros três, no entanto, acrescido do fato de que o estranho se dirigira a ele especificamente, fez com que lorde Caterham acabasse tendo que falar. E ele, de maneira nervosa, disse:

– Ahn... muito bem... muito bem... Não quer... ahn... sentar-se?

– Obrigado – Anthony agradeceu.

George limpou a garganta, de maneira impressionante.

– Quando diz que... ahn... pode ajudar a esclarecer o caso... o que está querendo dizer?

– Estou querendo dizer que invadi a propriedade de lorde Caterham (pelo que espero que ele me perdoe) ontem à noite, por volta das 23h45, e ouvi um tiro sendo disparado. Assim, posso pelo menos determinar a hora do crime.

Anthony olhou para os outros três homens, fitando um de cada vez e demorando-se por mais tempo no superintendente Battle, dando a impressão de que apreciava devidamente a impassibilidade do rosto dele. Só depois é que acrescentou, suavemente:

– Mas tenho a impressão de que isso não é novidade para vocês.

– Como assim, Sr. Cade? – indagou Battle.

– Esta manhã, ao levantar, calcei os sapatos. Mais tarde, quando pedi minhas botas, não puderam me entregar. Fui informado de que um guarda as levava. Assim, não foi difícil somar dois mais dois e apressei-me em vir até aqui, a fim de estabelecer minha inocência, se for possível.

– Uma atitude das mais sensatas – comentou Battle de forma cautelosa.

Houve um brilho súbito nos olhos de Anthony.

– Aprecio sua reserva, inspetor. É um inspetor, não é mesmo?

Lorde Caterham resolveu intervir na conversa. Estava começando a simpatizar com Anthony.

– É o superintendente Battle, da Scotland Yard. Esse é o coronel Melrose, chefe de polícia local, e esse é o Sr. Lomax.

Anthony olhou atentamente para George e disse:

– É o Sr. George Lomax?

– Isso mesmo.

– Tive o prazer de receber uma carta sua ontem, Sr. Lomax.

George ficou aturdido, mas respondeu friamente:

– Não creio que isso tenha acontecido.

Mas ele desejou que a Srta. Oscar estivesse presente. Era ela que datilografava todas as suas cartas e sempre se recordava para quem eram e qual era o assunto tratado. Não se podia esperar que um grande homem como George fosse recordar de todos esses detalhes insignificantes.

– Tenho a impressão, Sr. Cade, de que ia nos dar alguma... ahn... explicação sobre o que estava fazendo aqui ontem à noite, às 23h45.

O tom com que George falou dizia claramente outra coisa: “E qualquer que seja a explicação, provavelmente não vamos acreditar.”

– Isso mesmo, Sr. Cade, o que veio fazer aqui? – perguntou lorde Caterham, com o maior interesse.

– É uma história muito comprida – Anthony completou, num tom pesaroso.

Ele tirou a cigarreira do bolso e acrescentou:

– Permite que eu fume?

Lorde Caterham assentiu. Anthony acendeu um cigarro, preparando-se para o suplício da explicação.

Estava perfeitamente consciente do perigo em que se encontrava. No curto período de 24 horas, envolvera-se em dois crimes separados. Suas ações em relação ao primeiro crime não o deixavam em uma posição das mais favoráveis em relação ao segundo. Depois de dar sumiço em um cadáver, dificultando deliberadamente a ação da justiça, chegara ao local do segundo crime no momento exato em que estava sendo cometido. Para um homem à procura de encrencas, ele não poderia ter se saído melhor.

E Anthony pensou: “Nem mesmo na América do Sul eu poderia me meter numa encrenca assim.”

Já decidira qual o caminho que deveria seguir. Iria contar a verdade... com uma pequena alteração e uma omissão mais grave.

– A história começa há três semanas... em Bulawayo. O Sr. Lomax, é claro, sabe onde fica. É um posto avançado do império... Encontrei-me com um amigo meu, um certo Sr. James McGrath...

Anthony pronunciou o nome bem devagar, olhando atentamente para George, que se remexeu em sua cadeira, inquieto, contendo a custo uma exclamação de espanto.

– O resultado da nossa conversa foi que acabei vindo para a Inglaterra, a fim de realizar uma pequena missão para o Sr. McGrath, que no momento não podia vir pessoalmente. Como a passagem fora comprada no nome dele, viajei como James McGrath. Não sei qual o crime que cometi ao fazer isso... creio que o superintendente poderá dizer e indicar os meses que terei de passar na cadeia, se for o caso.

– Continue a nos contar a história, por favor – insistiu Battle, enquanto um brilho rápido surgia em seus olhos.

– Chegando a Londres, fui hospedar-me no Hotel Blitz, ainda como James McGrath. Minha missão em Londres era entregar determinado

manuscrito a uma editora. Mas logo depois que cheguei, fui procurado por representantes de dois partidos políticos de uma nação estrangeira. Os métodos de um deles estavam rigorosamente dentro da lei, o mesmo não acontecendo com os do outro... Tratei a ambos de acordo com os respectivos métodos. Naquela noite, meu quarto foi arrombado e houve uma tentativa de assalto por parte de um dos garçons do hotel.

– O que não foi comunicado à polícia, não é mesmo? – indagou o superintendente Battle.

– Tem toda razão. A polícia não foi chamada. Mas comuniquei o fato ao gerente do hotel, que poderá confirmar minha história e informar que o referido garçom desapareceu abruptamente no meio da noite. No dia seguinte, recebi um telefonema da editora. Um dos diretores sugeriu-me que um representante seu fosse me procurar e pegar o manuscrito. Concordei prontamente e essa parte ficou devidamente resolvida na manhã seguinte. Desde então, não soube de mais nada a respeito, e calculo que o manuscrito tenha chegado a salvo na editora. Ontem, ainda como James McGrath, recebi uma carta do Sr. Lomax...

Anthony fez uma pausa. Estava começando a se divertir com a situação. George remexeu-se na cadeira, nervoso. E murmurou:

– Estou lembrando agora... Tenho uma correspondência muito grande e, sendo o nome diferente, não poderia sequer imaginar que se tratasse da mesma pessoa.

George fez uma breve pausa. Ao voltar a falar, a voz estava um pouco alterada, com um tom de quem defendia princípios morais que não podiam ser infringidos:

– E devo dizer que considero essa... essa farsa de se apresentar como outro homem algo extremamente indecoroso. Não tenho a menor dúvida, absolutamente nenhuma, de que incorreu numa grave ofensa às leis do nosso país.

Anthony permaneceu inabalável e continuou:

– Nessa carta, o Sr. Lomax fazia diversas sugestões a respeito do manuscrito que fora colocado aos meus cuidados. E encaminhava também

um convite de lorde Caterham para passar o fim de semana aqui em Chimneys.

– É um prazer tê-lo aqui, meu caro – completou lorde Caterham. – Antes tarde do que nunca, não é mesmo?

George fitou-o com o rosto franzido. O superintendente Battle fitou Anthony atentamente e perguntou:

– E é essa a explicação para a sua presença aqui ontem à noite?

– Claro que não! – respondeu Anthony, com a devida veemência. – Quando me convidam para passar o fim de semana numa casa de campo, não tenho o hábito de pular o muro, avançar furtivamente pelo parque e tentar entrar pelas janelas do andar térreo. Ao contrário, paro o carro diante da entrada principal, toco a campainha e limpo os pés no capacho. Mas permitam que eu continue. Respondi à carta do Sr. Lomax, explicando que o manuscrito já não mais estava em meu poder e por isso recusava, pesaroso, o generoso convite de lorde Caterham. E só depois que despachei essa resposta é que me recordei de um fato que surpreendentemente me escapara à memória.

Anthony fez uma pausa. Chegara o momento de caminhar sobre gelo fino.

– Ao me engalfinhar com o garçom Giuseppe, arranquei de sua roupa um fragmento de papel no qual estavam rabiscadas algumas palavras. Na ocasião, não haviam significado coisa alguma para mim. Mas tinha guardado o pedaço de papel, e a menção de Chimneys fez-me recordar de sua existência. Resolvi verificar. Era exatamente o que eu tinha pensado. Eis aqui esse pedaço de papel, senhores. Podem verificar pessoalmente. O que está escrito nele é “*Chimneys 23h45 quinta-feira*”.

Battle pegou o pedaço de papel e examinou-o atentamente.

Anthony continuou a falar:

– Claro que a palavra Chimneys, chaminés, podia não ter nada a ver com esta casa. Mas, por outro lado, podia perfeitamente. E não restava a menor dúvida de que o tal de Giuseppe era um patife e ladrão. Por isso, tomei a decisão de vir de carro até aqui, na noite passada, a fim de verificar se ia acontecer alguma coisa. Ia ficar na hospedaria e procurar lorde

Caterham pela manhã, informando-o dos acontecimentos, para que ficasse prevenido contra qualquer coisa que pudessem tentar durante o fim de semana.

– Fez muito bem, fez muito bem... – murmurou lorde Caterham, em tom encorajador.

– Já era muito tarde quando aqui cheguei. Por isso, parei o carro na estrada, pulei o muro e atravessei o parque correndo. Chegando ao terraço, verifiquei que toda a casa estava às escuras e silenciosa. Já ia embora quando ouvi um tiro. Imaginei que tinha soado no interior da casa e voltei correndo, atravessei o terraço e tentei abrir as portas que davam para o terraço. Mas estavam trancadas e não havia barulho algum no interior da casa. Esperei por algum tempo, mas a casa continuava tão quieta quanto um túmulo. Acabei chegando à conclusão de que me enganara e que o tiro fora disparado por um caçador furtivo qualquer... uma conclusão perfeitamente natural, nas circunstâncias.

– Realmente natural – comentou o superintendente Battle, impassível como sempre.

– Fui para a hospedaria e dormi. Esta manhã soube do que acontecera aqui. Compreendi perfeitamente que iriam suspeitar de mim e decidi vir contar minha história, na esperança de conseguir assim evitar as algemas.

Houve uma pausa prolongada, ao fim da qual o coronel Melrose lançou um olhar de lado para o superintendente Battle e comentou:

– Acho que a história parece aceitável.

– Tem razão – disse Battle. – Creio que não vamos presentear ninguém com algemas esta manhã.

– Alguma pergunta, Battle?

– Há algo que eu gostaria de saber. Sobre o que versava esse manuscrito?

Ele olhou para George, que respondeu, visivelmente contrariado:

– Eram as memórias do falecido conde Stylptitch. Espero que entenda...

– Não precisa dizer mais nada – interrompeu-o Battle. – Entendo perfeitamente.

Ele virou-se para Anthony e acrescentou:

– Sabe quem era o homem assassinado, Sr. Cade?

– No Jolly Dog comentaram que tinha sido um tal conde Stanislau ou um nome parecido.

– Conte a ele – disse Battle para George, de forma lacônica.

Era evidente que George estava relutante, mas não havia outro jeito a não ser revelar:

– O cavalheiro que estava hospedado incógnito nesta casa, como conde Stanislau, era na verdade Sua Alteza Real o príncipe Michael da Herzoslováquia.

Anthony deixou escapar um assovio e comentou:

– Puxa, que encrenca dos diabos!

O superintendente Battle, que estava observando Anthony atentamente, soltou um rápido resmungo, como se estivesse satisfeito com alguma coisa, e depois levantou-se de maneira abrupta.

– Gostaria de fazer algumas perguntas ao Sr. Cade. Se me dão licença, vou levá-lo para a Câmara do Conselho.

– Claro, claro... – disse lorde Caterham. – Leve-o para onde bem quiser.

Anthony e o homem da Scotland Yard saíram juntos da sala.

O corpo já fora removido do local da tragédia. Havia uma mancha escura no chão, no lugar onde estivera caído. Afora isso, porém, não havia mais nada que pudesse indicar que ali ocorrera uma tragédia. O sol entrava pelas três janelas, inundando a sala de luz e clareando os velhos lambris de madeira. Anthony olhou ao redor com satisfação e comentou:

– Muito agradável... Não há nada que possa se igualar à velha Inglaterra, não é mesmo?

– A sua impressão inicial foi a de que o tiro tinha soado nesta sala? – perguntou o superintendente, sem se dar o trabalho de responder ao comentário de Anthony.

– Deixe-me verificar.

Anthony abriu a porta e saiu para o terraço. Depois virou-se e contemplou a casa.

– Foi nesta sala mesmo. É mais saliente que o restante da casa e ocupa toda a extremidade. Se o tiro tivesse sido disparado em outro lugar, teria

soado à minha esquerda. Mas o estampido soou diretamente atrás de mim ou um pouco à direita. Foi por isso que pensei na possibilidade de ter sido um caçador, já que o bosque começa bem perto desta ala da casa.

Anthony voltou para a sala e perguntou subitamente, como se a idéia tivesse lhe ocorrido de repente:

– Mas por que pergunta? Não tem certeza de que ele foi morto aqui dentro?

– Jamais sabemos tanto quanto gostaríamos de saber. Mas, ao que tudo indica, ele foi realmente assassinado nesta sala. Disse que tentou abrir as portas, não é mesmo?

– Exatamente. Mas estavam trancadas por dentro.

– Quantas portas experimentou abrir?

– Todas as três.

– Tem certeza, senhor?

– Tenho o hábito de só falar as coisas quando estou absolutamente certo. Mas por que pergunta?

– Por causa de um detalhe curioso.

– Que detalhe?

– Esta manhã, quando o crime foi descoberto, a janela do meio estava aberta... isto é, não estava trancada.

– Puxa vida! – exclamou Anthony, afundando numa cadeira perto da janela. – É um golpe e tanto. Abre uma nova perspectiva para o caso. Temos agora duas alternativas. Ou ele foi assassinado por alguém que estava na casa e que depois destrancou a porta, assim que me afastei, para dar a impressão de que o crime foi cometido por alguém de fora... e incidentalmente deixando-me como o bode expiatório. Ou então, para falar às claras, eu é que estou mentindo. Tenho a impressão de que se inclina para a segunda hipótese, mas dou-lhe a minha palavra de honra de que está enganado.

– Uma coisa posso lhe assegurar: ninguém irá deixar esta casa enquanto eu não encerrar as investigações.

Anthony fitou-o atentamente, antes de perguntar:

– Há quanto tempo suspeita de que o crime pode ter sido cometido por alguém que estava na casa?

Battle sorriu.

– Tive essa impressão desde o início. Sua pista estava um pouco... gritante demais, se me permite falar assim. Assim que suas botas se ajustaram às pegadas, comecei a ter dúvidas.

– Dou os parabéns à Scotland Yard – falou Anthony, de forma entusiasmada.

Mas nesse momento, no mesmo instante em que o superintendente Battle parecia admitir a sua completa ausência de participação no crime, Anthony sentiu mais do que nunca a necessidade de estar prevenido. O superintendente Battle era um homem de muita astúcia. Não se podia cometer qualquer erro em sua presença.

– Foi aqui que encontraram o corpo? – perguntou Anthony, aproximando-se da mancha escura no chão.

– Exatamente.

– Foi um tiro de... revólver?

– Foi, sim. Mas não poderemos ter certeza enquanto a bala não for extraída, o que acontecerá na autópsia.

– E o revólver não foi encontrado?

– Não, não foi.

– Não há nenhuma pista?

– Só temos isso.

Com a atitude de um conspirador, o superintendente Battle mostrou um pedaço de papel. Ao fazê-lo, ficou observando Anthony atentamente, embora não demonstrasse. Anthony reconheceu imediatamente o desenho, mas sem deixar transparecer qualquer sinal de consternação.

– Ah, os Camaradas da Mão Vermelha outra vez! Se eles estão dispostos a espalhar esse negócio por toda parte, devem ter mandado litografar. Seria um tremendo trabalho fazer um desenho separado cada vez que pretendem usar o sinal. Onde foi encontrado?

– Debaixo do corpo. Já tinha visto isto antes, senhor?

Anthony relatou em detalhes o seu rápido encontro com o representante da associação de espírito público.

– É de imaginar que foram os Camaradas que mataram o príncipe.

– Acha isso provável, senhor?

– Estaria de acordo com a propaganda deles. Mas sempre pensei que aqueles que falam muito em sangue jamais o viram correr de verdade. Se quer saber minha opinião, eu não acredito que os Camaradas tenham coragem para tanto. Além do mais, são tipos por demais pitorescos. Não posso imaginar um deles a se disfarçar tão bem que pudesse ser aceito como hóspede de fim de semana numa casa de campo da nobreza britânica. Mas nunca se sabe.

– Tem toda razão, Sr. Cade, nunca se sabe...

Anthony pareceu se divertir subitamente.

– Já estou percebendo o plano. A janela aberta, a trilha de pegadas, um estranho suspeito na hospedaria da aldeia. Mas posso assegurar-lhe, meu caro superintendente, que posso ser tudo, menos o agente local da Mão Vermelha.

O superintendente Battle permitiu-se um sorriso, antes de jogar a sua última cartada:

– Faria alguma objeção em ver o corpo?

– Absolutamente nenhuma – respondeu Anthony, sem a menor hesitação.

Battle tirou uma chave do bolso e seguiu na frente de Anthony pelo corredor. Parou diante de uma porta e abriu-a. Era uma das menores salas da mansão. O cadáver estava estendido sobre uma mesa, coberto por um lençol.

O superintendente Battle esperou até que Anthony estivesse ao seu lado e depois puxou o lençol bruscamente.

Um brilho de satisfação surgiu em seus olhos diante da exclamação de surpresa de Anthony:

– Quer dizer que o está reconhecendo, Sr. Cade? – indagou ele, num tom que procurava tornar indiferente, sem qualquer vestígio de triunfo.

– Reconheço, sim – disse Anthony, recuperando-se prontamente. – Já vi esse homem antes. Mas não como o príncipe Michael Obolovitch. Ele se apresentou como representante de Messrs Balderson and Hodgkins e disse chamar-se Sr. Holmes.

13

O visitante norte-americano

O superintendente tornou a pôr o lençol sobre o cadáver, com o ar desolado de um homem que acabara de perder a sua melhor jogada. Anthony estava imóvel, com as mãos nos bolsos, imerso em seus pensamentos.

– Então era isso o que o velho Lollipop estava querendo dizer ao falar em outros meios – murmurou ele, finalmente.

– O que disse, Sr. Cade?

– Nada, superintendente. Perdoe a minha abstração. É que eu... ou melhor, o meu amigo Jimmy McGrath foi nitidamente roubado em mil libras.

– Mil libras é uma quantia e tanto.

– Não é tanto pelas mil libras, embora eu concorde que não é uma quantia de se jogar fora. O que me deixa furioso é o fato de ter sido enganado. Entreguei o manuscrito como se fosse um cordeirinho inocente. E isso dói, superintendente... dói muito.

O detetive não fez qualquer comentário, e Anthony acrescentou:

– Mas não adianta agora ficar me lamentando. E é até bem possível que nem tudo esteja perdido. Preciso apenas recuperar as reminiscências do velho Stylptitch entre hoje e quarta-feira e estará tudo bem outra vez.

– Incomoda-se de voltar à Câmara do Conselho, Sr. Cade? Há uma outra coisa que eu gostaria de lhe mostrar.

De volta à sala onde o crime fora cometido, o detetive avançou até a janela do meio.

– Estive pensando no seguinte, Sr. Cade: esta janela em particular está um tanto emperrada. Eu diria até que está bastante emperrada. Não poderia ter-se enganado, pensando que estivesse trancada? Talvez a janela estivesse apenas emperrada. Estou certo... isso mesmo, tenho quase certeza de que se enganou.

Anthony fitou-o atentamente.

– E se eu lhe dissesse que tenho certeza absoluta de que não me enganei?

– Mas não acha que pode ter se enganado? – insistiu Battle, fitando-o firmemente.

– Se isso o agrada, superintendente, então está certo, é possível.

Battle sorriu, obviamente satisfeito.

– Compreende as coisas rapidamente, senhor. E não fará qualquer objeção em repetir o que acabou de dizer, na ocasião oportuna?

– Absolutamente nenhuma. Eu...

Anthony parou de falar, no momento em que Battle segurou seu braço. O superintendente inclinou-se para a frente, escutando atentamente. Pedindo silêncio a Anthony, com um gesto, ele avançou na ponta dos pés, sem fazer qualquer barulho, até a porta, abrindo-a bruscamente.

Diante da porta estava parado um homem alto, de cabelos pretos, impecavelmente repartidos no meio, olhos azuis, com uma expressão inocente, o rosto grande e plácido.

– Com licença, cavalheiros – disse ele, com uma voz arrastada, típica do outro lado do Atlântico. – Será que me permitem dar uma olhada no local do crime? Presumo que ambos sejam da Scotland Yard.

Foi Anthony quem respondeu:

– Não tenho essa honra. Mas este cavalheiro é o superintendente Battle, da Scotland Yard.

– É mesmo? – o norte-americano disse, denotando extremo interesse. – Prazer em conhecê-lo, senhor. Meu nome é Hiram P. Fish, da cidade de Nova York.

– O que desejava ver, Sr. Fish? – indagou o detetive.

O norte-americano entrou na sala, contemplando com evidente interesse a mancha escura no chão.

– Interesse-me pelo crime em geral, Sr. Battle. É um dos meus *hobbies*. Já contribuí com uma monografia sobre o assunto para um dos nossos periódicos semanais. Intitulava-se “Degeneração e crime”.

Enquanto ele falava, seus olhos percorriam suavemente a sala, dando a impressão de que notavam tudo. Eles, então, fixaram-se numa mancha mais escura perto da janela.

– O corpo já foi removido – o superintendente disse, dando uma informação óbvia.

– Claro, claro... – murmurou o Sr. Fish. Mas os olhos continuaram a examinar a sala, passando agora pelas paredes. – Há alguns quadros admiráveis nesta sala, cavalheiros. Um Holbein, dois Van Dycks e, se não estou enganado, um Velásquez. Também me interesse por quadros... e igualmente por primeiras edições. Lorde Caterham teve a bondade de me convidar a vir a Chimneys para conhecer suas primeiras edições.

Ele suspirou gentilmente, antes de acrescentar:

– Mas, infelizmente, acho que isso está agora fora de cogitação. A atitude apropriada, nas circunstâncias, não seria os hóspedes partirem imediatamente?

– Receio que isso não seja possível, senhor – informou o superintendente Battle. – Ninguém deve deixar esta casa até terminar o inquérito preliminar.

– É mesmo? E quando será realizado esse inquérito?

– Talvez amanhã, talvez só na segunda-feira. Temos que providenciar antes a autópsia e esperar que o magistrado encarregado do inquérito tome as medidas necessárias.

– Entendo – disse o Sr. Fish. – Nas circunstâncias, contudo, será um fim de semana melancólico.

Battle saiu da sala, dizendo:

– É melhor sairmos daqui. A sala ainda está sendo mantida trancada.

Ele esperou que os outros dois saíssem também, antes de fechar a porta e tirar a chave.

– Está procurando por impressões digitais? – indagou o Sr. Fish.

– Talvez – respondeu o superintendente, laconicamente.

– Eu diria também que, numa noite como a de ontem, um intruso certamente teria deixado pegadas no assoalho de madeira de lei.

– Não há nenhuma pegada dentro da sala, embora haja muitas lá fora.

– As minhas – explicou Anthony, de forma alegre.

Os olhos inocentes do Sr. Fish fixaram-se em Anthony e ele disse:

– Está me surpreendendo, meu rapaz.

Viraram o corredor e saíram no amplo saguão, também revestido com painéis de carvalho e contornado por uma galeria larga. Duas outras pessoas também entravam nesse momento, pelo outro lado.

– Ah, eis nosso jovial anfitrião! – exclamou o Sr. Fish.

Era uma descrição tão ridícula de lorde Caterham que Anthony foi obrigado a virar o rosto para ocultar um sorriso.

– E com ele está uma dama cujo nome não consegui gravar ontem à noite – acrescentou o norte-americano. – Mas ela é realmente muito inteligente.

Ao lado de lorde Caterham estava Virginia Revel. Anthony estava na expectativa desse encontro desde que decidira aparecer em Chimneys. Não tinha a menor idéia de como deveria agir e resolvera deixar a iniciativa a Virginia. Embora tivesse plena confiança na presença de espírito dela, não sabia o caminho que ela adotaria. Não ficou em dúvida por muito tempo, pois Virginia foi logo dizendo:

– Ora, mas é o Sr. Cade!

Ela estendeu-lhe as duas mãos e acrescentou:

– Quer dizer que, no fim das contas, descobriu que podia vir?

– Minha cara Sra. Revel, eu não tinha a menor idéia de que o Sr. Cade era seu amigo – comentou lorde Caterham.

– É um velho amigo – respondeu Virginia, sorrindo para Anthony com um brilho malicioso nos olhos. – Encontrei-me com ele em Londres, ontem, inesperadamente. Falei que viria para Chimneys.

Anthony apressou-se em indicar a Virginia o curso que ele próprio adotara:

– Expliquei à Sra. Revel que fui obrigado a recusar seu amável convite, lorde Caterham, já que fora apresentado para um homem diferente. Achei que não era correto impingir-lhe a presença de um perfeito estranho, sob falsas alegações.

– Mas esse problema já está agora superado, meu caro – falou lorde Caterham. – Mandarei alguém ir buscar sua bagagem na Cricketers.

– É muita gentileza da sua parte, lorde Caterham, mas...

– Não aceitarei qualquer objeção. Tem que vir para Chimneys de qualquer maneira. Afinal, a Cricketers é um lugar horrível... para se hospedar, é claro.

– Também acho que deve vir para cá, Sr. Cade – Virginia concordou, suavemente.

Anthony percebeu rapidamente o ambiente diferente que agora o cercava. Virginia já fizera muito para ajudá-lo. Não era mais um estranho obscuro. A posição dela era tão sólida e inatacável que qualquer pessoa que afiançasse era prontamente aceita, sem a menor hesitação. Ele pensou na pistola que escondera numa árvore em Burnham Beeches e sorriu interiormente.

– Vou mandar buscar sua bagagem imediatamente – repetiu lorde Caterham para Anthony. – Creio que, nas circunstâncias, não poderemos fazer uma pequena caçada. O que é uma pena. E também não sei que diabo vou fazer com Isaacstein. Tudo isso é lamentável!

O deprimido nobre soltou um suspiro desolado. Virginia voltou a intervir:

– Como já está tudo acertado, pode começar a ser útil imediatamente, Sr. Cade. Leve-me para um passeio até o lago. É um lugar tranqüilo, longe de qualquer crime e de todo o restante. Não é horrível para o pobre lorde Caterham que tenha ocorrido um assassinato na casa dele? Mas, no fundo, a culpa é de George. Afinal, os convidados eram dele.

– Mas eu nunca deveria ter concordado! – afirmou lorde Caterham.

E ele assumiu o ar de um homem forte traído por uma única fraqueza. Virginia comentou:

– Não se pode deixar de ouvir o que George diz. Ele sempre segura a pessoa, para impedir que lhe escape. Estou pensando até em patentear uma lapela destacável, especialmente para os conhecidos de George.

– Grande idéia! – declarou lorde Caterham, rindo. – Estou contente que tenha aceitado o convite, Cade. Estou precisando de apoio.

– Agradeço profundamente a sua amabilidade, lorde Caterham, sobretudo tendo em vista que sou considerado um suspeito. Mas creio que minha presença em Chimneys irá facilitar o trabalho de Battle.

– De que maneira, senhor? – indagou o superintendente.

– Assim não terá a menor dificuldade para ficar de olhos em mim – Anthony explicou de forma gentil.

E pelo piscar momentâneo das pálpebras do superintendente, Anthony compreendeu que seu tiro acertara no alvo.

14

Problemas políticos e financeiros

Exceto pelo movimento involuntário das pálpebras, a impassibilidade do superintendente Battle não se alterou. Se ficara surpreso com o fato de Virginia ter reconhecido Anthony, não deixou transparecer. Ele e lorde Caterham ficaram parados, observando Anthony e Virginia saírem para o jardim. O Sr. Fish também os ficou observando.

– Parece um bom rapaz – comentou lorde Caterham.

– Deve ter sido ótimo para a Sra. Revel encontrar de repente um velho amigo – murmurou o norte-americano. – Será que eles se conhecem há muito tempo?

– É o que parece – disse lorde Caterham. – Mas nunca a ouvi mencioná-lo antes. Ah, Battle, já ia me esquecendo. O Sr. Lomax está querendo falar com você. Ele está no Salão Azul.

– Obrigado, lorde Caterham. Irei procurá-lo imediatamente.

Battle não teve a menor dificuldade em encontrar o caminho para o Salão Azul. Já estava começando a ficar familiarizado com a geografia da mansão.

– Ah, Battle, finalmente você aparece! – exclamou Lomax.

Ele estava andando de um lado para outro de forma impaciente. Havia apenas outra pessoa na sala, um homem imenso, sentado em uma poltrona ao lado da lareira. Trajava a roupa inglesa adequada para uma caçada, mas que parecia estranha nele. Tinha um rosto gordo e pálido, os olhos muito pretos, tão impenetráveis quanto os de uma cobra. O nariz grande era acentuadamente recurvado e o imenso queixo quadrado indicava força e poder.

– Entre logo, Battle – pediu Lomax, irritado. – E feche a porta. Esse é o Sr. Herman Isaacstein.

Battle acenou com a cabeça, respeitosamente.

Conhecia tudo a respeito do Sr. Herman Isaacstein. Embora o grande financista permanecesse sentado, em silêncio, enquanto Lomax andava de um lado para outro, encarregando-se de dizer tudo o que era necessário, Battle sabia perfeitamente qual dos dois era o verdadeiro detentor do poder.

– Podemos agora falar mais livremente – afirmou Lomax. – Eu não estava querendo falar muita coisa na presença de lorde Caterham e do coronel Melrose. Está me entendendo, Battle? É preciso evitar que as notícias vazem.

– Mas, infelizmente, esses fatos sempre acabam vazando, não é mesmo?

Apenas por um segundo, Battle divisou o vestígio de um sorriso no rosto pálido de Isaacstein. Desapareceu tão abruptamente quanto havia aparecido.

– O que pensa realmente desse rapaz... Anthony Cade? – continuou George. – Ainda está achando que ele é inocente?

Battle deu de ombros.

– A história que ele conta é plausível. Poderemos verificar pelo menos uma parte dela, o que explicaria a presença dele aqui ontem à noite. E é claro que mandarei um cabograma para a África do Sul pedindo informações sobre os antecedentes dele.

– Quer dizer que o considera livre de qualquer suspeita de cumplicidade?

Battle levantou a mão.

– Vamos com calma, senhor. Não falei isso em momento algum.

– Qual é a sua idéia a respeito do crime, superintendente Battle?

Era Isaacstein quem perguntava, falando pela primeira vez. A voz era profunda e sonora, possuía certa característica imperiosa. Servira-lhe muito bem nas reuniões de diretoria, quando era mais jovem.

– Ainda é um tanto cedo para ter idéias, Sr. Isaacstein. Ainda não fui além da primeira pergunta que sempre me faço quando estou investigando um crime.

– E que pergunta é essa?

– É a mesma de sempre: o motivo. Quem se beneficia com a morte do príncipe Michael? Temos que encontrar a resposta para essa pergunta antes de podermos seguir adiante.

– O Partido Revolucionário da Herzoslováquia... – George começou a falar.

Mas o superintendente Battle interrompeu-o com um gesto brusco da mão, que não denotava o respeito habitual.

– Não foram os Camaradas da Mão Vermelha, senhor, se é neles que está pensando.

– E o que me diz do papel com a mão vermelha?

– Foi colocado debaixo do corpo para sugerir a solução óbvia. A dignidade de George ficou um pouco abalada.

– Não vejo como pode ter tanta certeza assim, Battle.

– Sabemos tudo a respeito dos Camaradas da Mão Vermelha, Sr. Lomax. Nós os estamos vigiando desde que o príncipe Michael desembarcou na Inglaterra. Isso é um trabalho elementar do departamento.

Eles jamais conseguiram chegar a menos de 1 quilômetro de distância do príncipe.

– Concordo com o superintendente Battle – disse Isaacstein. – Temos que procurar a resposta em outros lados.

Encorajado pelo apoio, Battle continuou:

– Sabemos alguma coisa, embora não muito, a respeito do caso, senhor. Se ainda não sabemos exatamente quem pode ganhar com a morte do príncipe Michael, sabemos pelo menos quem sai perdendo.

– Como assim? – indagou Isaacstein.

Os olhos pretos estavam fixos no detetive. Mais do que nunca, faziam Battle recordar-se de uma cobra prestes a dar o bote.

– O senhor e também o Sr. Lomax saem perdendo, sem falar no Partido Lealista da Herzoslováquia. Se me permite a expressão, senhor, eu diria que está num tremendo espeto.

– Ora, Battle, faça-me o favor! – exclamou George, profundamente chocado.

– Continue, Battle – disse Isaacstein. – No espeto descreve perfeitamente a situação. É um homem inteligente.

– Conseguiu arrumar um rei. E agora perdeu esse rei... assim!

Battle fez uma breve pausa, para estalar os dedos, antes de continuar:

– Tem que descobrir outro rei às pressas, o que não é fácil. Não, não estou interessado em conhecer os detalhes do plano. Para mim, basta saber as linhas gerais. O negócio é de grandes proporções?

Isaacstein baixou a cabeça, lentamente.

– É, sim, é um negócio vultoso.

– O que me leva à segunda pergunta. Quem é o herdeiro seguinte na linha de sucessão ao trono da Herzoslováquia?

Isaacstein olhou para Lomax, que respondeu à pergunta com visível relutância e muita hesitação:

– Acho que é... eu diria que deve ser... provavelmente é o príncipe Nicolau.

– E quem é o príncipe Nicolau? – indagou Battle.

– Um primo em primeiro grau do príncipe Michael.

– Eu gostaria de saber o que for possível a respeito desse príncipe Nicolau, sobretudo onde ele se encontra neste momento.

– Não se sabe muita coisa a respeito do príncipe Nicolau. Quando jovem, ele teve idéias exóticas, ligando-se a socialistas e republicanos. Comportou-se também de maneira extremamente imprópria à sua posição. Se não me engano, foi expulso de Oxford por uma dessas aventuras indesculpáveis. Dois anos depois, houve o rumor de que tinha morrido no Congo. Mas foi apenas um rumor. Ele tornou a aparecer há poucos meses, quando surgiram as primeiras notícias sobre a reação realista.

– E onde foi que ele apareceu? – perguntou Battle.

– Na América.

– Na América?

Battle virou-se para Isaacstein, dizendo uma única palavra:

– Petróleo?

O grande financista assentiu.

– Ele proclamava que, se os herzoslovacos fossem escolher um rei, iriam preferi-lo ao príncipe Michael, por causa de suas idéias mais modernas e esclarecidas, de seus ideais republicanos. Em troca do apoio financeiro, ele estava disposto a dar as concessões de exploração do petróleo herzoslovaco a determinado grupo de financistas norte-americanos.

O superintendente Battle esqueceu sua impassibilidade habitual a tal ponto que deixou até escapar um assovio prolongado. E depois murmurou:

– Ahn, então é isso... Mas o Partido Lealista estava apoiando o príncipe Michael e os senhores estavam certos de que acabariam levando a melhor. E foi então que aconteceu isso!

– Certamente não está pensando...

Pela segunda vez, Battle interrompeu George bruscamente:

– Era um negócio vultoso, conforme disse o próprio Sr. Isaacstein. E quando ele diz que é um negócio vultoso, acredito que deva ser realmente.

– Há sempre a possibilidade de se usarem métodos inescrupulosos – alertou Isaacstein, calmamente. – No momento, Wall Street está ganhando. Mas ainda não me liquidaram. Descubra quem matou o príncipe Michael, superintendente Battle, se deseja prestar um grande serviço ao seu país.

– Há uma coisa que considero altamente suspeita – comentou George. – Por que o cavaliço, capitão Andrassy, não veio junto com o príncipe ontem?

– Já andei fazendo indagações a esse respeito e a explicação é perfeitamente simples – respondeu Battle. – O capitão Andrassy ficou na aldeia para acertar um encontro no próximo fim de semana entre o príncipe Michael e uma determinada dama. Como o barão achava que tais coisas não eram apropriadas nas circunstâncias, o príncipe tinha que agir clandestinamente, digamos assim. Se me permitem dizer, parece que Sua Alteza era um jovem um tanto... devasso.

– Infelizmente – confirmou George, de forma solene.

– Acho que há outro ponto que devemos levar em consideração – ressaltou Battle, com alguma hesitação. – Ao que tudo indica, o rei Victor está na Inglaterra.

– Rei Victor?

Lomax estava de rosto franzido, em um tremendo esforço para recordar.

– É um famoso escroque francês, senhor. Já recebemos um comunicado da Sûreté, de Paris.

– Ora, estou lembrando agora! – disse George. – Não é um ladrão de jóias? Mas é o homem...

Ele parou de falar abruptamente. Isaacstein, que estava olhando para a lareira, distraidamente, de rosto franzido, levantou a cabeça tarde demais para perceber o olhar de advertência do superintendente Battle para George Lomax. Mas como era extremamente sensível a vibrações na atmosfera, percebeu prontamente a tensão súbita. E perguntou:

– Ainda precisa da minha presença, Lomax?

– Não, obrigado, meu caro.

– Iria prejudicar seus planos se eu voltasse imediatamente para Londres, superintendente Battle?

– Receio que sim, senhor – disse Battle, polidamente. – Se for embora, os outros podem querer se retirar também. E isso seria impossível.

– Tem toda razão.

O grande financista saiu da sala, fechando a porta.

– Um sujeito excepcional, esse Isaacstein – murmurou George Lomax, distraidamente.

– Uma personalidade muito forte – concordou Battle.

George recomeçou a andar de um lado para outro.

– Estou profundamente preocupado pelo que acaba de me dizer, Battle. Rei Victor! Mas ele não estava na prisão?

– Foi solto há alguns meses. A polícia francesa pretendia vigiá-lo de perto, mas ele não demorou a despistá-la. O que já era de esperar. Um dos criminosos mais espertos que o mundo já conheceu. Por alguma razão, os franceses acham que ele está na Inglaterra e nos deram o aviso.

– Mas o que estaria ele fazendo na Inglaterra?

– Creio que pode responder melhor do que eu, senhor – disse Battle, sugestivamente.

– Está querendo dizer...? Acha que...? Conhece a história, é claro... ah, estou vendo que de fato conhece! Eu não estava no cargo na ocasião, mas soube de toda a história por intermédio do falecido lorde Caterham. Uma catástrofe sem paralelo.

– O Koh-i-noor... – murmurou Battle, pensativo.

– Cale-se, Battle! – exclamou George, olhando ao redor, desconfiado. – Peço que não mencione nomes. É melhor não fazê-lo. Se tiver que falar novamente a respeito, chame-o simplesmente de K.

O superintendente voltou a assumir a expressão impassível habitual.

– Por acaso está pensando que existe alguma ligação entre o rei Victor e este crime, Battle?

– É apenas uma possibilidade, nada mais. Se recordar os fatos, senhor, há de lembrar que havia apenas quatro lugares onde um... certo visitante real poderia ter escondido a jóia. Chimneys era um deles. O rei Victor foi preso em Paris três dias depois do... desaparecimento de K. E sempre acalentamos a esperança de que algum dia ele acabaria nos levando ao esconderijo da jóia.

– Mas Chimneys foi meticulosamente revistada pelo menos uma dúzia de vezes!

– Sei disso, senhor. Mas nunca adianta muito revistar uma casa deste tamanho quando não se sabe onde procurar. Seja como for, podemos supor que o rei Victor esteve aqui para procurar a jóia, foi surpreendido pelo príncipe Michael e matou-o.

– É bem possível – concordou George. – Seria uma solução provável para o crime.

– Mas não passa disso, senhor. É apenas possível, mais nada.

– Por que pensa assim?

– Ao que se saiba, o rei Victor jamais matou alguém.

– Mas um homem como ele... um criminoso perigoso...

Battle sacudiu a cabeça, visivelmente insatisfeito.

– Os criminosos sempre agem de acordo com um determinado padrão, Sr. Lomax. É um fato surpreendente, mas é verdadeiro. Mesmo assim...

– Mesmo assim o quê?

– Eu gostaria de interrogar o criado do príncipe. Deixei-o para o fim, deliberadamente. Mandarei que o tragam para cá, se não se incomoda, senhor.

George concordou prontamente. O superintendente tocou a sineta e Tredwell apareceu um instante depois. Retirou-se com as devidas instruções.

Não demorou a voltar, acompanhado por um homem alto e louro, de malares salientes, olhos azuis e um semblante impassível, quase rivalizando nisso com o de Battle.

– Boris Anchoukoff?

– Sou eu mesmo, senhor.

– Era o criado particular do príncipe Michael?

– Era, sim.

O homem falava um bom inglês, embora com um sotaque nitidamente estrangeiro.

– Já sabe que Sua Alteza foi assassinado ontem à noite?

Um rosnado profundo, que mais parecia um rosnado de um animal selvagem, foi a única resposta. George ficou alarmado e retirou-se prudentemente para junto da janela.

– Quando viu o príncipe pela última vez?

– Sua Alteza foi deitar às 22h30. Como sempre, dormi no quarto ao lado. Ele deve ter saído pela outra porta, a que dava diretamente para o corredor. Não o ouvi sair. É possível que eu estivesse drogado. Fui um servo infiel, pois dormi enquanto meu amo estava desperto. E por isso sou um homem amaldiçoado.

George fitava-o com uma expressão fascinada. Battle perguntou, observando-o atentamente:

– Quer dizer que era devotado a seu amo?

As feições de Boris se contraíram de maneira terrível. Ele engoliu em seco duas vezes. Quando finalmente falou, a voz saiu rouca de tanta emoção:

– Uma coisa eu lhe digo, policial inglês: eu teria morrido por meu amo! E já que ele está morto, enquanto eu continuo vivo, meus olhos não saberão o que é o sono e meu coração não conhecerá o repouso até que o tenha vingado. Como um cão, irei farejar a pista do assassino e, quando o descobrir... Ah!

Os olhos de Boris se iluminaram. Subitamente, ele arrancou uma imensa faca de debaixo do casaco e brandiu-a ameaçadoramente.

– Não vou matá-lo imediatamente... oh, não, nada disso!... Primeiro vou cortar-lhe o nariz, depois as orelhas, arrancarei os olhos e depois... depois, enfiarei a faca em seu coração tenebroso!

Boris tornou a guardar a faca e saiu da sala. George Lomax tinha os olhos sempre saltados, mas agora estavam extremamente esbugalhados, fixos na porta fechada.

– Um verdadeiro herzoslovaco... – murmurou ele. – Não são nada civilizados. Uma raça de salteadores.

O superintendente Battle levantou-se lentamente, comentando:

– Ou esse homem está sendo sincero ou é o melhor impostor que já conheci. E se a primeira hipótese é a correta, que Deus ajude o assassino do príncipe Michael quando esse sabujo humano finalmente encontrá-lo.

O estranho francês

Virginia e Anthony caminharam lado a lado pelo caminho que levava ao lago. Permaneceram calados por alguns minutos, depois de deixarem a casa. Foi Virginia quem pôs fim no silêncio, soltando uma risadinha e dizendo:

– Mas isso é terrível! Aqui estou eu, transbordando de fatos que quero lhe contar, ansiosa em saber de outros tantos... e simplesmente não sei por onde começar! Em primeiro lugar...

Virginia fez uma breve pausa. Ao voltar a falar, a voz estava consideravelmente mais baixa:

– *O que fez com o cadáver?* Ah, mas como isso parece pavoroso! Nunca pensei que um dia ainda fosse me envolver dessa maneira num crime!

– Imagino que seja uma sensação totalmente nova para você.

– E não é para você?

– Posso lhe assegurar de que nunca antes dei sumiço num cadáver.

– Pois conte-me exatamente o que fez.

Rapidamente, Anthony relatou tudo o que fizera na noite anterior. Virginia escutou atentamente e depois disse, quando ele terminou, em tom de aprovação:

– Acho que foi extremamente hábil. Posso pegar o baú em Paddington, quando voltar. O único problema é a possibilidade de lhe pedirem que explique onde esteve ontem à noite.

– Não creio que isso possa acontecer. O corpo não deve ter sido encontrado antes da madrugada, talvez até a descoberta só tenha ocorrido esta manhã. Se tivesse acontecido antes, a notícia já teria sido publicada pelos jornais matutinos. E apesar das noções que possa ter das leituras de histórias policiais, os médicos não são mágicos capazes de determinar há quantas horas exatamente um homem foi morto. O tempo exato da morte

será bastante vago. E o máximo que podem me pedir será um álibi para o fim da noite e a madrugada. O que não será problema.

– Sei disso. Lorde Caterham já me contou tudo. Acha que o homem da Scotland Yard está realmente convencido da sua inocência?

Anthony não respondeu imediatamente e Virginia acrescentou:

– Ele não me parece muito inteligente.

– A única coisa que posso dizer é que o superintendente Battle não costuma deixar transparecer o que está pensando. Dá a impressão de estar convencido da minha inocência, mas não tenho certeza. No momento, ele está engasgado com a minha aparente falta de motivo.

– Aparente? Mas que possível motivo você poderia ter para assassinar um conde estrangeiro desconhecido?

Anthony fitou-a atentamente e perguntou:

– Já estive na Herzoslováquia, não é mesmo?

– Já, sim. Passei dois anos lá com meu marido, na embaixada.

– Pelo que sei, foi pouco antes do assassinato do rei e da rainha. Encontrou-se alguma vez com o príncipe Michael Obolovitch?

– Michael? Mas claro! Era um patife da pior espécie! Certa ocasião, chegou mesmo a sugerir que fizéssemos um casamento morganático.

– É mesmo? E o que ele pensava fazer em relação ao seu marido?

– Tinha já pronto um plano no mesmo esquema de Davi e Urias.

– E como você reagiu a essa amável proposta?

– Infelizmente, era preciso usar de diplomacia. Por isso, não pude dizer claramente o que pensava da proposta. Seja como for, Michael não ficou muito feliz. Mas por que todo esse interesse súbito a respeito de Michael?

– É que estou começando a descobrir alguns fatos, aos tropeções, como de hábito. Por acaso encontrou-se pessoalmente com o homem assassinado?

– Não. Para dizer como nos livros, “ele se recolheu aos seus aposentos assim que chegou”.

– E também não viu o cadáver?

Virginia balançando a cabeça, fitando-o atentamente.

– E acha que poderia dar um jeito de ver?

– Com a minha influência nos altos escalões... ou seja, pedindo a lorde Caterham... eu diria que isso não seria difícil. Por quê? É uma ordem?

– Mas claro que não! – exclamou Anthony, horrorizado. – Será que pareço tão prepotente assim? O problema é bem simples: o conde Stanislau era, na verdade, o príncipe Michael, da Herzoslováquia, que veio aqui incógnito.

Os olhos de Virginia se arregalaram e ela murmurou:

– Estou entendendo...

Uma longa pausa e um sorriso fascinante se insinuou no rosto dela, antes que acrescentasse:

– Está por acaso insinuando que Michael retirou-se para seus aposentos simplesmente porque não queria me ver?

– Mais ou menos isso. Se acertei na suposição de que alguém desejava impedi-la de vir a Chimneys, o motivo, aparentemente, é o fato de já ter estado na Herzoslováquia. Já parou para pensar que é a única pessoa nesta casa que conhecia o príncipe Michael pessoalmente antes de sua vinda para a Inglaterra?

– Está querendo dizer que o homem assassinado era um impostor? – indagou Virginia, abruptamente.

– É uma possibilidade que me ocorreu. Se puder persuadir lorde Caterham a mostrar-lhe o cadáver, poderemos esclarecer essa questão imediatamente.

– Ele foi morto às 23h45, exatamente a hora que estava indicada naquele pedaço de papel – comentou Virginia, pensativa. O caso está me parecendo terrivelmente misterioso.

– Estou me lembrando de outra coisa. Aquela janela ali em cima, a segunda a partir do canto por cima da Câmara do Conselho, é a do seu quarto?

– Não. Meu quarto fica na ala elisabetana, no outro lado da casa. Por quê?

– Ontem à noite, quando eu me afastava, depois de ter a impressão de ouvir um tiro, vi a luz se acender naquele quarto.

– Mas que estranho! Não sei de quem é o quarto, mas posso descobrir, perguntando a Bundle. Será que a pessoa naquele quarto também ouviu o tiro?

– Se ouviu, não se apresentou para dizê-lo. Battle me disse que ninguém na casa havia ouvido o tiro. É a única pista que tenho, e reconheço que não é grande coisa, mas pretendo segui-la, na falta de outra melhor.

– É um fato realmente estranho... – murmurou Virginia, ainda pensativa.

Tinham chegado à garagem dos barcos, na beira do lago, e estavam conversando encostados nela.

– E agora vamos pegar um barco e remar até o meio do lago – disse Anthony. – Assim poderei contar-lhe toda a história, longe dos ouvidos atentos da Scotland Yard, de visitantes norte-americanos e de empregadas curiosas.

– Ouvi uma parte da história de lorde Caterham, mas não foi muita coisa. Para começar, quem é você realmente: Anthony Cade ou Jimmy McGrath?

Pela segunda vez naquela manhã, Anthony relatou a história das últimas seis semanas da sua vida, só que com uma diferença: o relato para Virginia não teve qualquer alteração ou omissão. E concluiu com o reconhecimento totalmente inesperado do “Sr. Holmes”.

– Por falar nisso, Sra. Revel, ainda não lhe agradei por arriscar sua alma mortal ao dizer que eu era um velho amigo.

– Mas claro que você é um velho amigo! Por acaso estava pensando que eu ia impingir-lhe um cadáver e depois dar a entender que não passava de um mero conhecido, na próxima vez em que nos encontrássemos? Eu jamais faria isso!

Virginia fez uma rápida pausa, antes de continuar:

– Quer saber o que me impressiona em toda essa história? Há algum mistério naquelas memórias que nem sequer suspeitamos!

– Acho que tem razão. Mas há outra coisa que eu gostaria de lhe perguntar.

– E o que é?

– Por que ficou surpresa quando lhe falei ontem no nome de Jimmy McGrath, na Pont Street? Já tinha ouvido falar antes no nome do meu amigo?

– Já, sim, Sherlock Holmes. George... meu primo George Lomax, que já conheceu... foi me visitar e sugeriu uma porção de coisas absurdas. Propôs que eu viesse para Chimneys e envolvesse esse McGrath com meu charme, bancando a Dalila para arrancar-lhe as memórias do conde Stylptitch. É claro que não foi assim que ele apresentou a proposta. Falou uma porção de bobagens sobre as damas inglesas e coisas do gênero, mas o objetivo dele estava perfeitamente claro. Era o tipo de coisa escabrosa que se poderia esperar do pobre George. Mas como eu quis saber demais a respeito do caso, George tentou me afastar daqui com mentiras que não enganariam uma criança de 2 anos.

– Mas parece que, no fim das contas, o plano dele acabou dando certo – comentou Anthony. – Aqui estou eu, o James McGrath que ele tinha em mente, e você está se mostrando extremamente simpática comigo.

– Mas, infelizmente, para o pobre George, as memórias já não mais estão em seu poder. Agora eu também gostaria de fazer-lhe uma pergunta. Quando eu disse que não havia escrito aquelas cartas, você declarou que já sabia disso. Mas como podia saber?

Anthony sorriu.

– Não foi difícil. Tenho um bom conhecimento de psicologia.

– Está querendo dizer que chegou à conclusão de que eu possuía uma moral tão inabalável que era impossível...

Mas Anthony interrompeu-a, balançando a cabeça vigorosamente.

– Não é nada disso. Nada conheço a respeito de sua moral. Pode ter tido um amante e pode ter-lhe escrito cartas de amor. Mas a Virginia Revel daquelas cartas estava apavorada e não teria resistido à chantagem. Você, no entanto, estava disposta a lutar.

– Quem será a verdadeira Virginia Revel daquelas cartas? Onde ela estará? Tenho a sensação de que existe uma outra em algum lugar.

Anthony acendeu um cigarro.

– Sabia que uma daquelas cartas foi escrita de Chimneys?

– O quê? – disse Virginia, aturdida. – E quando foi escrita?

– Não estava datada. Mas não acha que é muito estranho?

– Tenho certeza absoluta de que nenhuma outra Virginia Revel jamais esteve em Chimneys. Se isso tivesse acontecido, Bundle ou lorde Caterham certamente teriam feito algum comentário a respeito da coincidência.

– É realmente muito estranho. Quer saber de uma coisa, Sra. Revel? Estou começando a descrer da existência dessa outra Virginia Revel.

– Ela parece de fato meio ilusória.

– Acho que até demais. Tenho a impressão de que a pessoa que escreveu aquelas cartas usou deliberadamente o seu nome.

– Mas por quê? Para que alguém iria fazer uma coisa dessas?

– É esse justamente o problema. Há muita coisa para se descobrir em toda essa história.

– Quem você acha que realmente matou Michael? – perguntou Virginia, de repente. – Os Camaradas da Mão Vermelha?

– É possível que eles sejam os culpados – respondeu Anthony, com uma voz que indicava claramente que tal solução não o satisfazia. – Um assassinato sem sentido seria típico deles.

– Mas vamos logo entrar em ação – disse Virginia. – Estou vendo lorde Caterham e Bundle dando uma volta juntos. A primeira providência é determinar imediatamente se o homem assassinado era ou não Michael.

Anthony remou até a beira do lago e poucos minutos depois eles se encontravam com lorde Caterham e a filha.

– O almoço está atrasado – comentou lorde Caterham, bastante deprimido.

– Só espero que Battle não tenha prendido a cozinheira.

– Esse é um amigo meu, Bundle – disse Virginia. – Seja amável com ele.

Bundle ficou olhando fixamente para Anthony, durante algum tempo, dirigindo-se em seguida a Virginia, como se ele não estivesse presente:

– Onde é que consegue arrumar esses homens tão atraentes, Virginia? – Como consegue essas coisas? – pergunta ela, invejosa.

– Pode ficar com ele – disse Virginia, generosamente. – Prefiro lorde Caterham.

Ela sorriu para o nobre lisonjeado, passou a mão pelo braço dele e os dois se afastaram.

– Você fala? – pergunta Bundle. – Ou é apenas um homem forte, atraente e silencioso?

– Se eu falo? Ora, eu balbucio, murmuro, suspiro... feito um papagaio. Às vezes, até mesmo faço perguntas.

– Como o que, por exemplo?

– Quem ocupa o segundo quarto a partir daquele canto? – Anthony apontou para a janela, enquanto falava.

– Mas que pergunta extraordinária! Devo dizer que me intriga cada vez mais. Aquele quarto... deixe-me pensar... ah, sim, é o quarto de mademoiselle Brun, a governanta francesa. Ela se esforça para manter minhas irmãs menores na linha. Dulcie e Daisy... como a canção que deve conhecer. Tenho a impressão de que a próxima filha iria receber o nome de Dorothy May. Mas mamãe se cansou de só ter filhas e morreu. Achou que outra mulher poderia assumir a incumbência de providenciar um herdeiro.

– Mademoiselle Brun... – repetiu Anthony, pensativo. – Há quanto tempo ela está com a família?

– Há dois meses. Foi contratada quando estávamos na Escócia.

– Hum... Estou sentindo o cheiro de algo estranho.

– Pois eu preferia sentir o cheiro do almoço. Acha que devo convidar o homem da Scotland Yard para almoçar conosco, Sr. Cade? É um homem vivido, conhece a etiqueta nesses casos. Nunca antes tivemos um assassinato em casa. Não acha emocionante? Confesso que fiquei um pouco desapontada quando foi inocentado esta manhã. Sempre desejei conhecer um assassino e verificar se é de fato tão amável e simpático como os jornais dominicais costumam descrever. Ei, mas o que é aquilo?

“Aquilo” parecia ser um táxi se aproximando da casa. Tinha dois passageiros, um homem alto e calvo, de barba preta, outro menor e mais jovem, de bigode preto. Anthony reconheceu o primeiro e calculou que fora

ele e não o veículo que o transportava que arrancara a exclamação de espanto de Bundle.

– A menos que eu esteja enganado, é o meu velho amigo, o barão Lollipop.

– Barão o quê?

– Chamo-o de Lollipop por conveniência. A pronúncia do nome dele pode dar um nó na língua da gente.

– Quase quebrou o telefone esta manhã – comentou Bundle. – Quer dizer que aquele é o barão, hein? Estou com o pressentimento de que ele vai acabar caindo nas minhas mãos esta tarde... e já passei a manhã inteira agüentando Isaacstein. Mas que George faça o seu próprio trabalho sujo e que a política vá para o diabo! Desculpe por deixá-lo, Sr. Cade, mas tenho que dar o apoio de que meu pobre pai está precisando neste momento.

Bundle afastou-se rapidamente, voltando para a casa.

Anthony ficou parado, contemplando-a, pensativo. Depois, acendeu outro cigarro. E foi nesse momento que ouviu um ruído furtivo perto dele. Não estava muito longe da garagem de barcos e o ruído parecia vir do outro lado. A imagem mental que lhe ocorreu foi a de um homem tentando em vão conter um súbito espirro.

“Quem poderá estar escondido atrás da garagem de barcos?”, pensou Anthony. “O melhor é verificar logo de uma vez.”

E entrando em ação prontamente, ele jogou fora o fósforo que acabara de apagar e contornou rapidamente a garagem de barcos, sem fazer barulho.

Deparou com um homem que estava antes evidentemente ajoelhado e acabara de se levantar. Era alto, usava um sobretudo claro e óculos. No mais, tinha uma barba preta pontuda e uma atitude ligeiramente afetada. Situava-se na faixa entre 30 e 40 anos de idade. A aparência geral estava mais para a respeitável.

– O que está fazendo aqui? – perguntou Anthony.

Tinha certeza de que o homem não era um dos hóspedes de lorde Caterham.

– Desejo voltar à Jolly Cricketers e perdi-me no caminho – respondeu o estranho, com um sotaque nitidamente estrangeiro e o que obviamente

buscava ser um sorriso cativante. – Monsieur poderia fazer a gentileza de indicar-me o caminho?

– Claro. Mas não chegará até lá pela água.

– Como? – murmurou o estranho, com o ar de quem se sentia inteiramente desorientado.

Olhando sugestivamente para a garagem de barcos, Anthony disse:

– Falei que não poderia chegar até lá pela água. Há um caminho pelo parque. Seja como for, o fato é que acabou invadindo uma propriedade particular.

– Lamento muito. Perdi-me completamente. E pensei em ir até a casa para pedir uma orientação.

Anthony absteve-se de comentar que se ajoelhar atrás de uma garagem de barcos era uma maneira um tanto estranha de indagar o caminho de volta à hospedaria. Segurou o estranho pelo braço e disse-lhe:

– Siga por ali. Contorne o lago e depois siga em frente direto. Não pode errar o caminho. Ao alcançá-lo, vire para a esquerda e chegará à aldeia. Está hospedado na Cricketers?

– Estou, monsieur. Cheguei lá esta manhã. Muito grato por sua gentileza em orientar-me.

– Não precisa agradecer. Espero que não tenha apanhado um resfriado.

– Como?

– Por ficar ajoelhado no chão úmido – explicou Anthony. – Tive a impressão de ouvi-lo espirrar.

– É bem possível que eu tenha mesmo espirrado.

– Aconselho-o a não tentar conter um espirro. Um dos nossos médicos mais eminentes outro dia mesmo fazia um comentário a esse respeito. É terrivelmente perigoso. Não me lembro exatamente do que pode acontecer... se é uma inibição ou um endurecimento das artérias. Seja o que for, não deve nunca fazê-lo. Muito bom dia.

– Bom dia e obrigado por ter-me indicado o caminho, monsieur.

Observando o homem se afastar, Anthony murmurou para si mesmo:

– É o segundo estranho suspeito que aparece na hospedaria da aldeia. E também não consigo situá-lo. A aparência é a de um viajante comercial

francês. Não tem cara de ser um Camarada da Mão Vermelha. Será que representa um terceiro grupo na atormentada Herzoslováquia? A governanta francesa é que ocupa o quarto no qual a luz se acendeu na hora do crime. Um francês misterioso é encontrado a rondar furtivamente pela propriedade, escutando conversas que não eram destinadas aos seus ouvidos. O caso está se tornando cada vez mais misterioso.

Anthony voltou para a casa. No terraço, encontrou lorde Caterham, que parecia convenientemente deprimido, e os dois recém-chegados. O nobre animou-se um pouco ao ver Anthony e disse:

– Ah, ei-lo que volta! Deixe-me apresentá-lo ao barão... barão... e ao capitão Andrassy. Sr. Anthony Cade.

O barão olhou para Anthony, aturdido, com uma expressão de crescente suspeita.

– O Sr. Cade? Não, acho que não...

– Uma palavra a sós, barão, e poderei explicar-lhe tudo – pediu Anthony.

O barão fez uma pequena mesura e os dois se afastaram alguns metros pelo terraço.

– Coloco-me à sua mercê, barão. Sei que infringi a honra de um cavalheiro inglês, viajando para este país sob um nome falso. Disse-lhe que era o Sr. James McGrath, mas espero que compreenda que a fraude envolvida foi mínima. Conhece as obras de Shakespeare e os comentários dele a respeito da insignificância da nomenclatura das rosas? Pois este caso é o mesmo. O homem que desejava ver era o que estava de posse das memórias. Pois eu era esse homem. E agora, como sabe perfeitamente, não estou mais na posse das memórias. Um golpe muito hábil, barão, realmente hábil. Quem o orquestrou, você mesmo ou seu superior?

– A idéia foi de Sua Alteza. E a ninguém a não ser ele a execução do plano quis permitir.

– Pois ele se saiu muito bem. Jamais me passou pela cabeça que ele não fosse inglês.

– A educação de um cavalheiro inglês o príncipe recebeu – explicou o barão. – O costume da Herzoslováquia é esse.

– Nenhum profissional conseguiria arrancar-me as memórias com mais habilidade. Posso perguntar-lhe, sem indiscrição, o que aconteceu com as memórias?

– Entre cavalheiros...

– É muito generoso, barão – interrompeu-o Anthony. – Nunca fui chamado de cavalheiro tantas vezes quanto nas últimas 48 horas.

– Digo ao senhor isso... acho que as memórias queimadas foram.

– Acha... mas não tem certeza? É isso o que está querendo dizer?

– Sua Alteza com as memórias ficou. Seu propósito era ler e depois pelo fogo destruí-las.

– Entendo. Seja como for, não se tratava do tipo de literatura digestiva que se pode ler do princípio ao fim em meia hora.

– Entre os pertences de Sua Alteza martirizada as memórias não foram encontradas. É claro, portanto, que queimadas estão.

– Hum... Será mesmo?

Anthony ficou em silêncio por um momento, antes de continuar:

– Fiz todas essas perguntas, barão, porque estou implicado no crime, como já deve saber. E preciso estabelecer totalmente a minha inocência, a fim de que não haja mais qualquer suspeita contra mim.

– Indubitavelmente. Sua honra isso exige.

– Exatamente. Sabe expressar as situações muito bem, barão. Jamais tive essa capacidade. Mas permita que eu continue. Só posso estabelecer inteiramente a minha inocência se descobrir o verdadeiro assassino. Para isso, preciso saber de todos os fatos. A questão das memórias é muito importante. É possível que o motivo do crime tenha sido o roubo das memórias. O que me diz, barão? Acha por acaso que é uma possibilidade muito remota?

O barão hesitou por um momento, antes de finalmente indagar, cautelosamente:

– O senhor mesmo as memórias leu?

– Acho que já tenho a minha resposta – comentou Anthony, sorrindo. – Agora, barão, só desejo dizer-lhe mais uma coisa. Acho que é justo avisá-lo

de que ainda pretendo entregar aquele manuscrito aos editores, na próxima quarta-feira, 13 de outubro.

O barão ficou desconcertado.

– Mas como, se as memórias não mais tem?

– Eu disse que tencionava entregá-las na próxima quarta-feira. Hoje é sexta-feira. Portanto, tenho cinco dias para recuperá-las.

– Mas se queimadas estiverem?

– Não creio que isso tenha acontecido. Tenho bons motivos para não acreditar nessa possibilidade.

Enquanto falavam, foram se aproximando do canto do terraço. Um vulto imenso encaminhou-se na direção deles. Anthony, que ainda não conhecera o grande Sr. Herman Isaacstein, fitou-o com considerável interesse.

– Ah, barão, mas que fato terrível foi acontecer logo agora! – disse Isaacstein, sacudindo o imenso charuto preto que estava fumando. – Algo realmente terrível.

– Meu bom amigo, Sr. Isaacstein, realmente terrível é! Todo o nosso nobre castelo em ruínas está!

Com o tato indispensável, Anthony deixou os dois a sós e começou a voltar pelo terraço. Parou de forma abrupta. Uma fina espiral de fumaça estava se elevando pelo ar, saindo aparentemente do meio da cerca viva de teixos.

“Deve haver um espaço no meio”, pensou Anthony. “Já ouvi falar dessas coisas.”

Ele olhou rapidamente para um lado e outro. Lorde Caterham estava na outra extremidade do terraço, junto com o capitão Andrassy, ambos de costas para ele. Anthony avançou, abaixou-se e foi se embrenhando pela cerca viva.

Acertara em sua suposição. A cerca de teixos não era na verdade uma só, mas duas, com uma passagem estreita a dividi-las. A entrada para essa passagem ficava no lado da casa. Não havia realmente nada de misterioso. Mas quem quer que a olhasse de frente, não teria imaginado tal possibilidade.

Anthony deu uma olhada na passagem estreita. Na metade do caminho para a abertura no lado da casa havia um homem refestelado em uma cadeira de vime. Um charuto pela metade repousava no braço da cadeira. O homem parecia estar dormindo.

“Hum, hum...”, pensou Anthony. “Parece evidente que o Sr. Hiram Fish prefere descansar à sombra.”

OceanofPDF.com

Chá na sala de aula

Anthony voltou ao terraço com a sensação de que o único lugar seguro para conversas particulares, ali em Chimneys, era o meio do lago. Veio da casa o estrondo de um gongo e Tredwell apareceu, de maneira pomposa, saindo de uma porta lateral.

– O almoço está servido, milorde.

– Ah, finalmente! – exclamou lorde Caterham, reanimando-se um pouco.

Nesse momento, duas meninas saíram correndo da casa. Tinham 12 e 10 anos e eram bastante alvoroçadas. Podiam se chamar Dulcie e Daisy, como Bundle informara, mas eram mais conhecidas como Guggle e Winkle. Realizaram uma espécie de dança de guerra, intercalada com gritos estridentes, até que Bundle apareceu e silenciou-as.

– Onde está mademoiselle? – perguntou Bundle.

– Ela está com enxaqueca! – gritou Winkle, com um ar triunfante.

– Viva! – berrou Guggle.

Lorde Caterham conseguiu levar a maioria dos seus hóspedes para a casa. Pôs a mão no braço de Anthony e sussurrou-lhe:

– Vamos ao meu gabinete. Tenho algo muito especial lá.

Passando pela entrada furtivamente, mais como um ladrão do que como o dono da casa, lorde Caterham finalmente chegou ao seu santuário. Abriu um armário e tirou várias garrafas.

– Conversar com estrangeiros sempre me deixa com sede – explicou, como se pedisse desculpas. – Não sei por que isso acontece.

Houve uma batida na porta, que foi entreaberta, e Virginia apareceu.

– Tem um coquetel especial para mim?

– Claro, claro – respondeu lorde Caterham, de forma hospitaleira. – Vamos, entre logo.

Os minutos seguintes foram absorvidos por rituais extremamente sérios.

– Estava precisando disso – comentou lorde Caterham, com um suspiro, largando por fim o copo. – Como acabei de dizer, conversar com estrangeiros sempre me deixa extremamente fatigado. Deve ser porque eles são tão polidos. E agora vamos almoçar.

Ele saiu na frente, a caminho da sala de jantar. Virginia pôs a mão no braço de Anthony, fazendo-o retardar-se um pouco. E murmurou-lhe:

– Já fiz minha boa ação hoje. Persuadi lorde Caterham a levar-me para ver o cadáver.

– E então? – perguntou Anthony, ansioso.

Uma de suas teorias estava para ser confirmada ou refutada.

Virginia balançou a cabeça.

– Você estava enganado. É mesmo o príncipe Michael.

– Oh, não! – exclamou Anthony, desolado, para acrescentar um instante depois, com um tom de insatisfação:

– E mademoiselle está com enxaqueca!

– E o que tem isso a ver com o caso?

– Provavelmente nada, mas eu gostaria de falar com ela. Descobri que mademoiselle é que ocupa o segundo quarto a partir da extremidade... o quarto onde vi a luz se acender.

– E acha que isso pode ser importante?

– Provavelmente não, mas mesmo assim eu gostaria de conversar com mademoiselle antes de o dia terminar.

O almoço foi uma verdadeira provação. Nem mesmo a animada imparcialidade de Bundle conseguira conciliar o grupo heterogêneo. O barão e Andrassy estavam solenes, formais, respeitando a etiqueta, dando a impressão de que faziam a refeição em um mausoléu. Lorde Caterham estava apático e deprimido. Bill Eversleigh não desviava os olhos anelantes de Virginia. George, consciente da posição difícil e delicada em que se encontrava, conversava solenemente com o barão e com o Sr. Isaacstein. Guggle e Winkle, quase delirando de alegria porque um assassinato fora

cometido na casa, tinham que ser contidas a todo instante. O Sr. Hiram Fish mastigava lentamente e de vez em quando fazia algum comentário seco, em seu idioma peculiar. O superintendente Battle tivera a consideração de sumir e ninguém sabia o que fora feito dele.

Ao deixarem a mesa, Bundle murmurou para Anthony:

– Graças a Deus que terminou! E George vai levar o contingente estrangeiro para Abbey esta tarde, a fim de discutirem segredos de Estado.

– Creio que isso vai aliviar o ambiente consideravelmente – concordou Anthony.

– O norte-americano não me incomoda muito. Ele e papai podem perfeitamente conversar sobre primeiras edições em algum canto isolado.

O norte-americano se aproximou naquele momento e Bundle acrescentou:

– Sr. Fish, estava pensando em proporcionar-lhe uma tarde tranqüila.

O norte-americano fez uma mesura.

– É muita bondade sua, lady Eileen.

– O Sr. Fish teve uma manhã das mais tranqüilas – comentou Anthony.

O Sr. Fish olhou para ele.

– Quer dizer que me viu no meu refúgio isolado, hein? Há ocasiões, meu caro senhor, em que ficar longe da multidão furiosa é a única solução para um homem que aprecia a tranqüilidade.

Bundle tinha se afastado e Anthony estava agora a sós com o norte-americano. O Sr. Fish baixou a voz para dizer:

– Tenho a impressão de que há muitos mistérios por aqui.

– E está com toda razão.

– Aquele homem calvo por acaso está ligado à família do falecido?

– É mais ou menos isso.

– Essas nações da Europa Central são realmente extraordinárias! Ouvi o rumor de que o cavalheiro falecido era uma alteza real. Sabe se isso é verdade?

– Ele estava hospedado aqui como conde Stanislau – respondeu Anthony, de maneira evasiva.

A reação do Sr. Fish foi uma exclamação totalmente enigmática:

– *Oh, boy!*

Depois disso, ele ficou em silêncio por um longo tempo, antes de finalmente comentar:

– Esse capitão de polícia de vocês, Battle ou algum nome parecido... ele é mesmo bom?

– A Scotland Yard acha que sim – respondeu Anthony, de forma seca.

– Pois a mim ele parece um tipo meio tacanho. Não dá a impressão de ser dos bons. E essa grande idéia dele, de não deixar ninguém ir embora desta casa, qual o motivo?

O norte-americano olhava atentamente para Anthony enquanto falava.

– É que todo mundo tem que comparecer ao inquérito preliminar, que deverá ser realizado amanhã de manhã.

– Então é por isso? Somente isso? Quer dizer que nenhum dos hóspedes de lorde Caterham é suspeito?

– Ora, meu caro Sr. Fish!

– Eu estava começando a ficar um pouco inquieto... afinal, sou um estrangeiro neste país. Mas é claro que o crime foi cometido por alguém de fora... estou lembrando agora. Uma das janelas estava destrancada, não é mesmo?

– Estava, sim – confirmou Anthony, olhando para a frente, fixamente.

O Sr. Fish suspirou. Depois de um momento de silêncio, ele voltou a falar, em tom queixoso:

– Meu jovem, sabe por acaso como se tira água de uma mina?

– Como?

– Bombeando-se... mas é um trabalho terrivelmente árduo! Estou observando o nosso jovial anfitrião se desligar do grupo ali adiante. Tenho de ir ao encontro dele.

O Sr. Fish afastou-se e Bundle voltou a se aproximar de Anthony.

– Um sujeitinho engraçado, não é mesmo? – comentou ela.

– Tem razão.

– Não adianta procurar por Virginia, Sr. Cade.

– Não estava procurando.

– Estava, sim. Não sei como Virginia consegue isso. Não é o que ela diz, acredito que também não seja a aparência dela. Mas o fato é que sempre acaba conseguindo. Seja como for, Virginia está neste momento ocupada por aí. Ela me disse que o tratasse com toda amabilidade e é justamente o que vou fazer... nem que tenha de recorrer à força.

– Não será necessário, minha cara. Mas, se não se importa, eu preferia que fosse amável comigo lá no lago, dentro de um bote.

– Não é uma má idéia – concordou Bundle, pensativa.

Os dois seguiram para o lago. Remando gentilmente, afastando o bote da margem, Anthony disse:

– Há uma pergunta que eu gostaria de fazer a você antes de passarmos a temas realmente interessantes. Os negócios antes do prazer.

– O quarto de quem você deseja conhecer agora? – indagou Bundle, no tom de quem começava a perder a paciência.

– No momento, não estou interessado em saber do quarto de ninguém. Mas eu gostaria de saber onde conseguiu a governanta francesa.

– Oh, Deus, mas o homem é sempre surpreendente! Consegui-a por intermédio de uma agência; pago a ela 100 libras por ano e o primeiro nome dela é Geneviève. Deseja saber mais alguma coisa?

– E ela apresentou referências?

– Mas que coisa! Ela passou dez anos com a condessa Sei-lá-o-quê.

– Que condessa?

– Deixe-me pensar... Ah, sim, a condessa de Breteuil, Château de Breteuil, Dinard.

– Chegou a falar pessoalmente com a condessa ou simplesmente confirmou as referências por carta?

– Claro que foi tudo por carta.

– Hum...

– Está me deixando cada vez mais intrigada. É amor ou crime?

– Provavelmente pura idiotice da minha parte. Vamos esquecer.

– Vamos esquecer – disse ele, negligentemente, depois de ter arrancado a informação que desejava. – De quem está desconfiando, Sr. Cade? Da minha parte, suspeito de Virginia por ser a mais improvável. Ou talvez Bill.

– E o que me diz de você mesma?

– Uma jovem representante da aristocracia se une secretamente aos Camaradas da Mão Vermelha. Tenho certeza de que a notícia iria causar a maior sensação.

Anthony não pôde conter uma risada. Gostava de Bundle, embora tivesse algum receio da astúcia que percebia nos olhos castanhos e penetrantes que o fitavam atentamente.

– Deve se sentir muito orgulhosa por tudo isso – comentou ele, subitamente, acenando com a mão na direção da casa distante.

Bundle semicerrou os olhos e inclinou a cabeça ligeiramente para o lado.

– É... acho que tudo isso deve significar algo. Mas a verdade é que a gente acaba se acostumando. Seja como for, não passamos muito tempo aqui... é um lugar insípido demais. Passamos o verão inteiro em Cowes e Deauville e depois fomos para a Escócia. Chimneys passou quase cinco meses coberta por lençóis para protegê-la da poeira. Uma vez por semana, os lençóis eram removidos e bandos de turistas basbaques davam uma volta pela casa, ouvindo Tredwell dizer: “À direita, podem ver o retrato da quarta marquesa de Caterham, pintado por sir Joshua Reynolds.” E sempre há um engraçadinho no grupo, um Ed ou um Bert qualquer, que cutuca a namorada e diz: “Ei, Gladys, eles têm aqui uns bonecos tão engraçadinhos!” E eles continuam a ver os retratos, abafando os bocejos e arrastando os pés, torcendo para chegar logo a hora de irem embora.

– Mas, pelo que dizem, já se fez história em Chimneys, em mais de uma ocasião.

– Estou vendo que andou ouvindo George – comentou Bundle, bruscamente. – É o tipo de coisa que ele vive dizendo.

Anthony soergueu-se de repente, olhando para a praia.

– Não é um terceiro estranho suspeito que está parado lá na margem, ao lado da garagem de barcos, com um ar desconsolado? Ou será que é um dos hóspedes?

Bundle levantou a cabeça da almofada vermelha para olhar.

– Aquele é Bill.

– Parece que ele está procurando por alguma coisa.
– Provavelmente está à minha procura – murmurou Bundle, sem muito entusiasmo.

– Vamos remar rapidamente na direção oposta?
– Essa é a resposta correta, mas deveria ser dita com mais entusiasmo.
– Remarei com um vigor redobrado, depois dessa censura.
– Nada disso. Também tenho orgulho. Vamos até o lugar em que aquele jovem está esperando. Acho que alguém tem de cuidar dele. Virginia deve tê-lo desiludido. Um dia desses, por mais incrível que possa parecer, pode me dar uma vontade súbita de casar com George. Assim sendo, é melhor eu começar logo a praticar a arte de ser “uma das nossas mais conhecidas anfitriãs políticas”.

Obedientemente, Anthony remou na direção da margem.

– E o que será de mim? – indagou ele, em tom queixoso. – Recuso-me a ser a terceira e indesejável pessoa. São as meninas que estou vendo lá adiante?

– Exatamente. Mas tome cuidado ou elas acabarão atraindo-o irremediavelmente.

– Até que gosto de crianças. Poderia ensinar às duas alguma brincadeira intelectual.

– Depois não diga que não o avisei.

Depois de entregar Bundle aos cuidados do desconsolado Bill, Anthony encaminhou-se para o lugar em que gritos estridentes estavam perturbando a tranquilidade da tarde. Foi recebido com palmas e Guggle perguntou-lhe:

– Sabe brincar de pele-vermelha?

– Um pouco. Devia ouvir o barulho que faço quando estou sendo escalpelado. É mais ou menos assim.

E ele fez uma demonstração.

– Não está muito ruim – disse Winkle, um tanto relutante. – Mas agora eu gostaria de ouvir o grito do escalpelador.

Anthony atendeu ao pedido, soltando um grito de fazer gelar o sangue nas veias. Um minuto depois, a brincadeira de pele-vermelha estava a pleno vapor.

Cerca de uma hora depois, Anthony enxugou o suor da testa e se arriscou a indagar sobre a enxaqueca de mademoiselle. Ficou satisfeito ao ser informado de que ela já se recuperara inteiramente. Àquela altura, Anthony já se tornara tão popular que foi insistentemente convidado a tomar chá com as meninas na sala de aula.

– E depois pode nos contar a história do homem que viu ser enforcado – disse Guggle.

– Não disse que tinha um pedaço da corda? – indagou Winkle.

– Está na minha mala – declarou Anthony, solenemente. – Darei um pedaço para cada uma.

No mesmo instante, Winkle soltou um estridente grito índio de satisfação. E Guggle disse, desolada:

– E agora temos que ir, a fim de nos lavarmos para o chá. Não vai se esquecer de ir tomar o chá conosco?

Anthony jurou solenemente que nada o impediria de atender ao compromisso. Satisfeitas, as duas meninas voltaram apressadamente para a casa. Anthony ficou parado por um momento, contemplando-as. De repente, divisou um homem saindo de trás de alguns arbustos e afastando-se rapidamente pelo parque. Teve quase certeza de que era o mesmo estranho de barba preta que encontrara naquela manhã. Enquanto hesitava, sem saber se deveria ou não ir atrás dele, os arbustos diretamente à sua frente se entreabriram e o Sr. Hiram Fish apareceu. Ele estremeceu ligeiramente ao deparar com Anthony.

– Teve uma tarde tranqüila, Sr. Fish?

– Tive sim, obrigado.

Mas o Sr. Fish não parecia tão tranqüilo como de costume. O rosto estava vermelho e a respiração era ofegante, como se tivesse acabado de correr. Tirou o relógio do bolsinho, consultou-o e comentou suavemente:

– Acho que está na hora da afamada instituição britânica do chá da tarde.

Fechando o relógio bruscamente, o Sr. Fish tornou a guardá-lo no bolsinho e afastou-se, seguindo na direção da casa.

Anthony ficou imóvel por algum tempo, só despertando de seus devaneios com um sobressalto, ao descobrir que o superintendente Battle estava ao seu lado. Absolutamente nenhum ruído anunciara a aproximação dele e parecia até que ele, literalmente, se materializara de forma súbita em pleno ar.

– De onde é que você surgiu? – perguntou Anthony, irritado.

Com um movimento de cabeça, Battle indicou os arbustos atrás deles. Anthony comentou:

– Parece que se trata de um lugar extremamente popular esta tarde.

– Estava imerso em pensamentos, Sr. Cade?

– Estava, sim. E quer saber mesmo o que eu fazia, Battle? Estava tentando somar dois mais um e cinco mais três para conseguir quatro. E isso não é possível, Battle, simplesmente não é possível...

– Tais dificuldades são sempre inevitáveis.

– Estava mesmo querendo falar com você, Battle. Gostaria de sair daqui. Vai ser possível?

Sempre firme em seu credo, o superintendente Battle não demonstrou qualquer emoção ou surpresa. Sua resposta foi tranqüila, quase indiferente:

– Isso depende, senhor, do lugar para onde deseja ir.

– Vou lhe dizer exatamente, Battle. Porei minhas cartas na mesa. Quero ir a Dinard, ao castelo de madame condessa de Breteuil. É possível?

– E quando deseja partir, Sr. Cade?

– Digamos amanhã, depois do inquérito. Posso estar de volta no fim da tarde de domingo.

– Entendo – murmurou o superintendente, calmamente.

– E então, o que me diz?

– Não tenho a menor objeção, contanto que vá para onde está dizendo e depois volte diretamente para cá.

– É um homem extraordinário, Battle. Ou tomou-se de simpatias por mim ou então é mais esperto do que jamais imaginei. Qual das duas hipóteses é a verdadeira?

O superintendente Battle limitou-se a sorrir, sem responder.

Anthony acrescentou:

– Mas já estou esperando que tome as suas precauções. Certamente os agentes da lei irão seguir meus passos, discretamente. Está certo, não há problema. Mas eu bem que gostaria de saber do que tratava.

– Não estou entendendo, Sr. Cade.

– As memórias, Battle... por que tanta confusão em torno delas? Eram apenas memórias? Ou será que sabe de algo que eu ignoro?

Battle tornou a sorrir.

– Vamos ser práticos, Sr. Cade. Estou lhe fazendo um favor, porque me causou uma impressão favorável. Gostaria que trabalhasse junto comigo neste caso. O amador e o profissional podem se completar perfeitamente. Um conta com a possibilidade de um acesso mais íntimo às pessoas, o outro dispõe da experiência.

– Não me importo em admitir que sempre desejei ter a oportunidade de desvendar um crime misterioso.

– Tem algumas idéias a respeito do caso, Sr. Cade?

– Tenho muitas... mas quase todas são simplesmente perguntas.

– Por exemplo?

– Quem vai tomar o lugar de Michael? Não acha que isso é importante?

Um sorriso um tanto contrafeito se esboçou no rosto do superintendente Battle.

– Já estava esperando que pensasse nisso, senhor. O príncipe Nicolau Obolovitch, primo do cavalheiro assassinado, é o herdeiro seguinte do trono da Herzoslováquia.

– E onde ele está neste momento? – perguntou Anthony, virando a cabeça ligeiramente para acender um cigarro. – E não venha me dizer que não sabe, Battle, porque não acreditarei.

– Temos razões para acreditar que ele se encontra nos Estados Unidos. Ou pelo menos estava, até recentemente, levantando recursos para apoiar sua reivindicação ao trono.

Anthony deixou escapar um assovio de surpresa e depois disse:

– Estou começando a perceber tudo. Michael era apoiado pela Inglaterra, Nicolau, pelos norte-americanos. Nos dois países há financistas ansiosos para obter as concessões para a exploração do petróleo

herzoslovaco. O Partido Lealista adotou Michael como seu candidato. Agora, terão que procurar outro. Isaacstein e o Sr. George Lomax estão desolados, reina a alegria em Wall Street. É isso mesmo?

– Não está muito longe da verdadeira situação.

– Ahn... Tenho a impressão de que sei muito bem o que estava fazendo atrás daqueles arbustos.

O detetive novamente limitou-se a sorrir, sem responder.

– A política internacional é algo fascinante, meu caro Battle, mas prefiro deixá-la aos seus cuidados. Agora, se me dá licença, tenho um encontro marcado na sala de aula.

Anthony afastou-se rapidamente, voltando para a casa. Perguntou ao solene Tredwell, que lhe indicou o caminho para a sala de aula. Bateu na porta e entrou, sendo recebido com gritos estridentes de alegria. Guggle e Winkle prontamente correram em sua direção e quase o arrastaram para ser apresentado a mademoiselle.

Pela primeira vez, Anthony sentiu uma apreensão. Mademoiselle Brun era uma mulher pequena, de meia-idade, rosto pálido, cabelos grisalhos. Tinha até buço!

Ela não se ajustava absolutamente à imagem de uma aventureira estrangeira.

E Anthony pensou: “Acho que estou bancando o tolo. Mas agora não importa. Tenho que ir até o fim de qualquer maneira.”

Ele tratou mademoiselle com toda amabilidade e ela, por sua vez, ficou visivelmente deliciada pela presença de um homem ainda jovem e de boa aparência em sua sala de aula. O chá foi um sucesso absoluto.

Mas naquela noite, sozinho no quarto que lhe fora designado, Anthony sacudiu a cabeça por diversas vezes, pensando: “Estou errado. Pela segunda vez, descubro que estou enganado. Não consigo fincar o pé neste caso.”

Ele parou de andar pelo quarto de repente e murmurou:

– Mas que diabo...

Não continuou, ao verificar que a porta estava sendo realmente aberta. Um instante depois, um homem havia entrado no quarto e estava parado

junto à porta, numa atitude deferente. Era alto, corpulento, os malares salientes típicos de um eslavo, os olhos vagos de um fanático.

– Mas quem diabo é você? – indagou Anthony, aturdido.

O homem respondeu num inglês perfeito:

– Sou Boris Anchoukoff.

– O criado do príncipe Michael?

– Exatamente. Servi ao meu amo. Ele está morto. E agora sirvo ao senhor.

– É muita gentileza da sua parte, mas acontece que não estou querendo um criado de quarto.

– É meu amo agora. Irei servi-lo fielmente.

– Mas... mas... escute aqui, não estou precisando de um criado. E não tenho condições de pagar seus serviços.

Boris Anchoukoff fitou-o com uma ligeira expressão de desdém.

– Não estou pedindo dinheiro. Servi ao meu amo. E agora irei servi-lo... até a morte.

Avançando rapidamente, ele abaixou-se, apoiado num dos joelhos, pegou a mão de Anthony e colocou-a sobre sua testa. Depois levantou-se de forma abrupta e saiu do quarto, tão subitamente quanto chegara.

Anthony ficou olhando para a porta, perplexo. Seu rosto era a própria máscara do espanto.

– Mas que coisa mais estranha... – murmurou ele, para si mesmo. – Um criado fiel, assim como um cachorro fiel. Esses sujeitos têm os instintos mais estranhos...

Anthony recomeçou a andar de um lado para outro do quarto e um instante depois voltou a murmurar para si mesmo:

– Seja como for, é muito estranho... e constrangedor...

O inquérito preliminar foi realizado na manhã seguinte. Foi totalmente diferente dos inquéritos descritos pela ficção mais sensacionalista. Até mesmo George Lomax ficou satisfeito com a supressão de todos os detalhes mais importantes. O superintendente Battle e o magistrado encarregado do inquérito, com o apoio do chefe da polícia local, conseguiram reduzir o inquérito ao nível mais baixo de tédio.

Assim que o inquérito preliminar foi encerrado, Anthony partiu discretamente.

Sua partida foi um dos raros momentos de alegria para Bill Eversleigh naquele dia. George Lomax, obsedado pelo temor de que algo prejudicial ao seu departamento pudesse vazar, estava sendo por demais exasperante. Miss Oscar e Bill tinham que estar a toda a sua disposição. Mas tudo o que era útil e importante ficava aos cuidados de miss Oscar. A parte que cabia a Bill era simplesmente correr de um lado para outro levando incontáveis mensagens, decifrar telegramas e escutar George se repetir interminavelmente.

Foi um Bill totalmente exausto que se retirou para o seu quarto, na noite de sábado. Durante o dia inteiro não tivera praticamente a menor oportunidade de falar com Virginia, por causa das exigências de George. Sentia-se lesado e injuriado. Graças a Deus que aquele sujeito das colônias fora embora. Ele quase monopolizara a companhia de Virginia. E é claro que se George Lomax continuasse a bancar o idiota daquele jeito... A mente fervilhando de ressentimentos, Bill por fim adormeceu. E, nos sonhos, encontrou algum conforto. É que sonhou com Virginia.

Foi um sonho de heroísmo. Uma casa estava em chamas e ele, Bill, desempenhava o papel do galante salvador. Trazia Virginia do último andar em seus braços. Ela estava inconsciente. Deitava-a na relva com extremo cuidado. E depois se afastava, à procura de um pacote de sanduíches. Era da maior importância que encontrasse os sanduíches. Estavam com George. Mas em vez de entregá-los, George começou a ditar telegramas. Estavam agora na sacristia de uma igreja e Virginia podia chegar a qualquer momento para se casar com ele. Oh, mas que horror! Ele estava de pijama.

Devia ir para casa imediatamente e vestir roupas apropriadas. Correu para o carro. Mas o carro não queria pegar. Não tinha gasolina! Bill estava ficando cada vez mais desesperado. E foi nesse momento que um ônibus imenso se aproximou e parou. Virginia saltou, de braço dado com o barão careca. Ela estava deliciosamente tranqüila e delicadamente vestida de cinza. Aproximou-se dele e sacudiu-o pelos ombros alegremente.

– Bill! Oh, Bill!

Ela sacudiu-o com mais força ainda.

– Bill! Acorde! Oh, Bill, acorde logo!

Aturdido, Bill acordou. Estava em seu quarto, em Chimneys. Mas uma parte do sonho ainda estava com ele. Virginia ali estava, inclinada sobre a cama, repetindo as mesmas palavras, com algumas variações ligeiras.

– Acorde, Bill! Oh, acorde, por favor, Bill!

– Olá! – disse Bill, sentando na cama. – Qual é o problema? Virginia deixou escapar um suspiro de alívio.

– Graças a Deus! Pensei que você nunca mais fosse acordar. Estou sacudindo-o há horas! Já está bem acordado?

– Acho que sim – murmurou Bill, ainda em dúvida.

– Ah, seu preguiçoso! Não imagina o trabalho que me deu! Meus braços estão até doendo de tanto sacudi-lo!

– Os insultos são desnecessários – disse Bill, com um ar de dignidade ofendida. – Permita que lhe diga, Virginia, que considero o seu comportamento dos mais inconvenientes. Não é assim que uma viúva jovem e pura deve se comportar.

– Não banque o idiota, Bill. Uma porção de coisas está acontecendo.

– Que espécie de coisas?

– Coisas estranhas. Na Câmara do Conselho. Pensei ter ouvido uma porta bater em algum lugar da casa e resolvi descer para dar uma olhada. Vi que a luz estava acesa na Câmara do Conselho. Avancei pelo corredor sem fazer barulho e espiei por uma fresta na porta. Não deu para ver muita coisa, mas o que avistei era tão extraordinário que senti vontade de ver um pouco mais. E foi nesse momento que, subitamente, senti necessidade de ter um homem grande e forte ao meu lado. E como você era o homem maior e mais

forte de que pude me lembrar, vim até aqui para chamá-lo. Mas há séculos que estou tentando acordá-lo.

– E o que está querendo que eu faça agora? Que me levante e me ataque com os ladrões?

Virginia franziu as sobrancelhas.

– Não tenho certeza se são mesmo assaltantes, Bill. É muito estranho. Mas não vamos mais perder tempo conversando. Levante-se logo de uma vez!

Bill saiu da cama, obedientemente.

– Espere um pouco enquanto calço as botas... as grandes, com biqueiras de ferro. Por mais forte que eu seja, não pretendo enfrentar criminosos calejados com os pés descalços.

– Gosto do seu pijama, Bill – comentou Virginia, pensativa. – Conseguir ser vistoso sem vulgaridade.

– Já que estamos falando do assunto – disse Bill, pegando a segunda bota –, também gosto disso que você está usando. É um lindo tom de verde. Como se chama isso? Não é apenas um chambre, não é mesmo?

– É um *négligé*. E fico contente por verificar que tem levado uma vida casta, Bill.

– Não é verdade! – reagiu Bill, indignado.

– Acaba de se trair, Bill. É um homem maravilhoso e gosto de você. Estou até pensando que amanhã de manhã, por volta das 10 horas, uma hora segura em que as emoções não devem se excitar indevidamente, sou bem capaz de beijá-lo.

– Sempre achei que isso deve ser feito no impulso do momento – insinuou Bill.

– Neste momento, meu querido, temos outras coisas a fazer. Se não tiver que colocar também uma máscara contra gases e uma veste de malha de ferro, podemos começar?

– Já estou pronto, Virginia.

Bill vestiu um roupão de seda horrendo e pegou um atizador de lareira, comentando:

– É a arma ortodoxa...

– Vamos embora, Bill. E tome cuidado para não fazer barulho.

Os dois saíram do quarto, percorreram o corredor e desceram furtivamente a escadaria ampla. Virginia franziu o rosto ao chegar lá embaixo e sussurrou:

– Essas suas botas não chegam a ser muito silenciosas, Bill.

– Uma biqueira de ferro é sempre uma biqueira de ferro. Estou fazendo o melhor possível.

– Vai ter que tirá-las – disse Virginia, de modo incisivo.

Bill soltou um gemido.

– Pode levá-las nas mãos, Bill. Quero ver se você é capaz de descobrir o que está acontecendo na Câmara do Conselho. É algo terrivelmente misterioso, Bill. Por que ladrões haveriam de desmontar uma armadura antiga?

– Deve ser porque não podem levá-la inteira sem fazer barulho. Por isso a desmontam, porque é mais fácil levar as peças separadamente.

Virginia balançou a cabeça, insatisfeita.

– Mas por que alguém iria querer roubar uma velha armadura bolorenta? Afinal, Chimneys está repleta de tesouros muito mais fáceis de transportar.

Bill sacudiu a cabeça e perguntou, empunhando o atizador com maior firmeza:

– Quantos são?

– Não pude ver direito. A visão por um buraco de fechadura é muito limitada. E eles só usavam uma lanterna.

– Espero que, a essa altura, eles já tenham ido embora – murmurou Bill, esperançoso.

Ele sentou no último degrau da escada e tirou as botas. Depois, levando-as na mão, avançou pelo corredor que levava à Câmara do Conselho, com Virginia logo atrás. Pararam diante da porta de carvalho. Estava tudo silencioso lá dentro. Mas, subitamente, Virginia apertou o braço de Bill, que assentiu. Pelo buraco da fechadura, surgira o brilho rápido de uma luz.

Bill ficou de joelhos e encostou um dos olhos na abertura. E o que viu era extremamente confuso. O cenário do drama que se desenrolava lá dentro ficava um pouco à esquerda, fora do seu campo de visão. Um retinido de metal ocasional parecia indicar que os invasores ainda estavam mexendo na armadura. Bill recordou-se de que havia duas armaduras lá dentro – perto da parede, debaixo do retrato de Holbein. A luz da lanterna elétrica estava sendo obviamente focalizada nas operações em andamento. O restante da sala estava quase que totalmente mergulhado na escuridão. Em determinado momento, um vulto passou pelo campo de visão de Bill. Mas não havia luz suficiente para distingui-lo direito. Podia perfeitamente ser um homem ou uma mulher. Um instante depois, o vulto tornou a aparecer no campo de visão de Bill e soou novamente o retinido de metal. Dali a pouco, veio novo barulho, o de alguém batendo levemente em madeira.

Bill ficou de cócoras subitamente.

– O que foi? – sussurrou Virginia.

– Nada. Não vai adiantar nada continuar desse jeito. Não podemos ver nada e não podemos sequer adivinhar o que eles estão fazendo. Tenho que entrar e dominá-los.

Bill sentou-se no chão, calçou as botas e depois levantou-se.

– Agora, Virginia, preste bastante atenção. Vamos abrir a porta o mais silenciosamente possível. Sabe onde fica o interruptor de luz?

– Sei, sim. Logo ao lado da porta.

– Não creio que sejam mais do que dois. E talvez seja apenas um. Quero avançar o máximo possível pela sala. Depois, quando eu disser “agora”, acenda a luz. Entendido?

– Perfeitamente.

– E não grite nem desmaie ou faça qualquer outra tolice do gênero. Não vou deixar que ninguém a machuque.

– Meu herói! – sussurrou Virginia.

Bill fitou-a, desconfiado, em meio à escuridão. Ouviu um ruído quase inaudível, que podia ser de um soluço ou de uma risada abafada. Empunhou firmemente o atizador, pronto para entrar em ação, sentindo que estava plenamente à altura da situação.

Lentamente, ele girou a maçaneta, não encontrando a menor resistência. Empurrou silenciosamente. Podia sentir Virginia quase colada nele. Juntos, os dois entraram na sala.

Na outra extremidade da sala, a lanterna elétrica estava iluminando o retrato de Holbein. Era possível definir o vulto de um homem de pé numa cadeira que batia de leve no painel de madeira que revestia a parede. Estava de costas para Bill e Virginia e meramente parecia uma sombra gigantesca.

Os dois jamais souberam o que mais poderiam ver, pois nesse momento as botas de Bill rangeram no assoalho. O homem virou-se rapidamente, focalizando neles a potente lanterna elétrica, quase ofuscando-os com o clarão repentino.

Bill não hesitou.

– Agora! – gritou ele para Virginia, avançando na direção do seu homem, enquanto ela obedientemente apertava o interruptor.

O lustre imenso deveria inundar a sala de luz; em vez disso, porém, tudo que aconteceu foi o clique do interruptor. A sala continuou mergulhada na escuridão.

Virginia ouviu Bill soltar imprecações furiosas. No instante seguinte, o ar estava impregnado de ruídos de luta e respirações ofegantes. A lanterna caiu no chão e apagou-se na queda. Podia-se ouvir o barulho de uma luta desesperada na escuridão, mas Virginia não tinha a menor idéia de quem estava levando a melhor, nem mesmo de quem estava participando. Será que havia mais alguém na sala além do homem que estava batendo na parede? Era possível. Só havia conseguido identificar algo momentaneamente.

Virginia estava paralisada. Não sabia o que fazer. Naquela escuridão, não se atrevia a participar da luta, pois podia atrapalhar Bill, ao invés de ajudá-lo. Sua única idéia foi a de ficar postada na porta, a fim de impedir a passagem de quem quer que tentasse escapar por ali. Ao mesmo tempo, ela desobedeceu às instruções expressas de Bill e gritou o mais alto que podia, repetidas vezes, clamando por socorro.

Ela ouviu portas se abrindo lá em cima e viu o brilho súbito da luz se acendendo no corredor superior e iluminando a grande escadaria. Se ao

menos Bill conseguisse segurar o homem até que chegasse ajuda...

Mas, nesse instante, houve uma última e terrível convulsão. Os homens engalfinhados deviam ter esbarrado numa das armaduras, que caiu ao chão e fez um barulho ensurdecedor. Virginia percebeu vagamente um vulto correndo para a porta do terraço e ouviu Bill praguejando, enquanto se desvencilhava dos fragmentos da armadura.

Pela primeira vez, desde que tudo começara, ela largou seu posto e correu freneticamente para o vulto que se aproximava da porta do terraço. Mas esta já estava destrancada. O intruso não teve necessidade de parar a fim de puxar a tranca. Ele saiu da sala, correu pelo terraço e contornou a casa. Virginia correu atrás dele. Ela era jovem e atlética, por isso conseguiu contornar o canto da casa apenas alguns segundos depois da presa que perseguia.

E foi nesse momento que esbarrou nos braços de um homem que acabava de sair por uma porta lateral. Era o Sr. Hiram P. Fish.

– Mas é uma mulher! – exclamou ele. – Oh, Sra. Revel, peço que me desculpe! Pensei que fosse um dos malfeitores fugindo da justiça!

– Ele acaba de passar por aqui! – gritou Virginia, ofegante. – Será que não poderemos alcançá-lo?

Mas no momento em que falava, ela já sabia que era tarde demais. Àquela altura, o homem já devia ter chegado ao parque e era uma noite escura e sem lua. Virginia voltou para a Câmara do Conselho, acompanhada pelo Sr. Fish, a discorrer monotonamente sobre os hábitos dos ladrões em geral, assunto sobre o qual parecia ter uma ampla experiência.

Lorde Caterham, Bundle e diversos criados assustados estavam parados à entrada da Câmara do Conselho.

– Mas que diabo aconteceu aqui? – indagou Bundle. – Eram ladrões? O que estava fazendo lá fora com o Sr. Fish, Virginia? Dando um passeio à meia-noite?

Virginia explicou os acontecimentos da noite. E Bundle comentou:

– Mas que coisa emocionante! Não é sempre que se consegue ter um assassinato e um assalto no mesmo fim de semana. O que haverá com a luz dessa sala? Não há problema nenhum no restante da casa.

O mistério foi logo explicado. As lâmpadas tinham sido apenas removidas e estavam encostadas na parede, perfiladas. Subindo numa pequena escada de mão, o distinto Tredwell, que não perdia a compostura mesmo em trajes de dormir desalinhados, rapidamente restaurou a iluminação na sala em desordem.

– Se não estou enganado – murmurou lorde Caterham, em tom desolado, correndo os olhos pelo aposento –, esta sala foi recentemente o palco de alguma atividade um tanto violenta.

O comentário dele era procedente. Tudo o que podia ser derrubado o fora devidamente. O chão estava coalhado de lascas de cadeiras, porcelanas quebradas e fragmentos de armadura.

– Quantos eram? – perguntou Bundle. – Pelo que parece, houve aqui uma luta desesperada.

– Acho que era apenas um – respondeu Virginia.

Mas ela hesitou um pouco ao responder. Certamente apenas uma pessoa, um homem, passara pela porta do terraço. Mas ao correr na direção dele, tivera a vaga impressão de ouvir um ruído mais próximo. Se havia mesmo uma segunda pessoa na sala, ela poderia ter escapado pela porta interior. Mas talvez o ruído fosse apenas um produto da imaginação dela.

Bill apareceu subitamente na janela. Estava sem fôlego, ofegando ruidosamente.

– Desgraçado! – exclamou ele, furioso. – O sujeito conseguiu escapar. Estive procurando por toda a parte e não encontrei o menor sinal dele.

– Ânimo, Bill – disse Virginia. – Terá mais sorte na próxima vez.

– O que devemos fazer agora? – indagou lorde Caterham. – Voltarmos para a cama? Não vou conseguir encontrar Badgworthy a esta hora da noite. Tredwell, creio que sabe o que é necessário. Tome todas as providências, está certo?

– Está certo, milorde.

Com um suspiro de alívio, lorde Caterham preparou-se para ir embora. E comentou, com um tom de inveja:

– Isaacstein continua a dormir profundamente. Era de esperar que toda esta confusão o acordasse e o fizesse descer.

Ele olhou para o Sr. Fish e acrescentou:

- Estou vendo que encontrou tempo para se vestir.
- Consegui realmente pôr algumas peças de roupa.
- O que foi uma precaução das mais sensatas – disse lorde Caterham. – É horrível e faz muito frio para ficar andando de um lado para outro de pijama.

Ele bocejou. E com um humor longe de ser dos melhores, todos foram se deitar novamente.

18

Segunda aventura à meia-noite

A primeira pessoa que Anthony avistou, ao desembarcar do trem na tarde seguinte, foi o superintendente Battle. O rosto dele se iluminou com um sorriso e não pôde resistir ao comentário:

- Voltei de acordo com o combinado. Veio até aqui para se certificar?
- Não estava preocupado com isso, Sr. Cade. Acontece apenas que estou de partida para Londres, mais nada – disse.
- Tem uma natureza bastante confiante, Battle.
- Acha mesmo, senhor?
- Não. Acho que é um homem profundo... muito profundo até. Águas serenas e o restante da história. Quer dizer que vai para Londres?
- Isso mesmo, Sr. Cade.
- Posso saber o motivo?

O detetive não respondeu.

- É sempre bastante loquaz, Battle. É a sua qualidade que mais aprecio. Um brilho fraco surgiu por um rápido instante nos olhos de Battle.
- Como se saiu em sua pequena empreitada, Sr. Cade? Descobriu alguma coisa?

– Não, Battle, não descobri nada. Pela segunda vez, constatei que estava redondamente enganado. Não acha que isso é irritante?

– O que tinha em mente, senhor, se me permite perguntar?

– Eu desconfiava da governanta francesa, Battle. A: porque ela era a pessoa mais improvável, segundo os cânones da melhor ficção policial; B: porque vi uma luz se acender no quarto dela, na noite da tragédia.

– Não era muita coisa em que se basear.

– Tem toda razão. Não era mesmo. Mas descobri que ela está trabalhando para a família há pouco tempo e, além disso, encontrei um francês suspeito espionando pela propriedade. Mas já sabe da existência dele, não é mesmo?

– Está se referindo ao homem chamado monsieur Chelles, que está hospedado na Cricketers? É um viajante comercial.

– E o que a Scotland Yard pensa a respeito dele?

– As ações dele têm sido um tanto suspeitas – respondeu o superintendente Battle, com o rosto inexpressivo, como de hábito.

– Eu diria que muito suspeitas mesmo. O fato é que somei dois e dois. A governanta francesa na casa, um francês estranho do lado de fora. Cheguei à conclusão de que os dois estavam de conluio e fui conversar com a dama para quem mademoiselle Brun dizia ter trabalhado ao longo dos últimos dez anos. Estava preparado para descobrir que ela jamais tinha ouvido falar em mademoiselle Brun. Mas eu estava redondamente enganado, Battle. Mademoiselle é autêntica.

Battle limitou-se a assentir e Anthony acrescentou:

– Devo admitir que no instante em que tive a oportunidade de conversar com mademoiselle fiquei com a impressão desagradável de que havia embarcado na canoa errada. Ela parecia ser realmente uma governanta legítima.

Novamente Battle assentiu, mas dessa vez comentou:

– Seja como for, Sr. Cade, nem sempre se pode confiar nas impressões iniciais. As mulheres, sobretudo, podem mudar muito com um pouco de maquiagem. Já vi moças bonitas mudarem a cor dos cabelos, empalidecerem o rosto, avermelharem ligeiramente as pálpebras e se

vestirem com trapos, mudando inteiramente de figura, a ponto de não serem reconhecidas por nove entre dez pessoas que as viram em suas caracterizações anteriores. Os homens não têm a mesma facilidade, mas sempre podem alterar as sobrancelhas e usar dentes postiços, conseguindo assim alterar toda a expressão. A única coisa que não se pode mudar são as orelhas, Sr. Cade. As orelhas são muito mais características do que se pode imaginar.

– Pois não fique olhando tanto para minhas orelhas, Battle – queixou-se Anthony. – Isso me deixa nervoso.

– Não estou me referindo a barbas postiças, pois isso só é eficaz nos livros. Há bem poucos homens que podem se disfarçar a ponto de escaparem à identificação. Na verdade, só conheci um homem que era um verdadeiro gênio do disfarce: rei Victor. Já ouviu falar no rei Victor, Sr. Cade?

Havia algo brusco e estranho na maneira como o detetive formulou a pergunta, o que fez com que Anthony reprimisse as palavras que lhe afloraram aos lábios, limitando-se, em vez disso, a murmurar, pensativo:

– Rei Victor? Tenho a impressão de que já ouvi falar nesse nome.

– Um dos mais famosos ladrões de jóias do mundo. Pai irlandês, mãe francesa. Sabe falar fluentemente pelo menos cinco línguas. Estava na prisão, cumprindo uma sentença, mas foi solto há poucos meses.

– É mesmo? E onde ele pode estar neste momento?

– É justamente o que gostaríamos de saber, Sr. Cade.

– O caso se torna cada vez mais misterioso – comentou Anthony, entusiasmado. – Existe a possibilidade de esse rei Victor aparecer por aqui? Suponho que ele não esteja interessado em memórias políticas, apenas em jóias.

– Não há como se saber, Sr. Cade. É possível até que ele já esteja aqui.

– Disfarçado como o segundo laçao? Mas que idéia maravilhosa! Certamente irá reconhecê-lo pelas orelhas e se cobrirá de glórias.

– Está satisfeito com o seu gracejo, hein, Sr. Cade? Por falar nisso, o que acha daquele estranho caso de Staines?

– Staines? O que aconteceu em Staines?

– A notícia saiu nos jornais de sábado. Pensei que a tivesse lido. Um homem foi encontrado morto à beira da estrada. Baleado. Era um estrangeiro. Os jornais de hoje voltaram a falar do caso.

– Estou lembrando agora que li algo a respeito – disse Anthony, procurando imprimir à voz o tom mais indiferente possível. – Aparentemente, não foi suicídio.

– Tem razão, não foi mesmo. A arma não foi encontrada. E, até agora, o homem ainda não foi identificado.

– Parece muito interessado no caso – disse Anthony, sorrindo. – Acha que tem alguma relação com a morte do príncipe Michael?

A voz de Anthony estava firme, assim como os olhos. Seria mera impressão sua ou será que o superintendente Battle o estava mesmo fitando de uma maneira estranha?

– Parece-me que está havendo ultimamente uma epidemia de assassinatos estranhos – comentou Battle, finalmente. – Mas eu diria que não há qualquer ligação entre os dois casos.

Ele se afastou, fazendo um sinal para um carregador no momento em que o trem para Londres ruidosamente se aproximou da plataforma. Anthony deixou escapar um suspiro de alívio.

Atravessou o parque, mergulhado em seus pensamentos. De propósito, aproximou-se da casa na mesma direção que percorrera naquela fatídica noite de quinta-feira. Ao se aproximar, puxou pela memória, procurando confirmar qual fora o quarto em que vira a luz se acender. Fora mesmo na segunda janela a partir da extremidade?

E foi então que Anthony fez uma descoberta surpreendente. Havia um ângulo no canto da casa em que se situava uma janela bastante recuada. De um ponto determinado, essa janela seria contada como a primeira e a segunda seria a primeira na parte saliente da casa onde ficava a Câmara do Conselho. Mas, afastando-se uns poucos metros para a direita, tinha-se a impressão de que a parte saliente da Câmara do Conselho era a extremidade daquele lado da casa. A primeira janela ficava invisível e as duas janelas dos quartos por cima da Câmara do Conselho pareciam a primeira e a

segunda daquele lado. Onde exatamente ele estava parado na noite em que vira a luz se acender lá em cima?

Anthony constatou que era muito difícil determinar. Um metro ou pouco mais de distância fazia uma enorme diferença. Mas uma coisa era evidente. Era bem possível que ele tivesse se enganado ao dizer que a luz se acendera no segundo quarto a contar da extremidade. Podia igualmente ter sido no terceiro.

E quem estaria ocupando o terceiro quarto? Anthony resolveu descobrir o mais depressa possível. A sorte o ajudou. No hall de entrada, encontrou Tredwell, que acabava de colocar o imenso bule de chá na bandeja de prata. Não havia mais ninguém à vista.

– Olá, Tredwell. Estava querendo perguntar algo a você. Quem ocupa o terceiro quarto a contar da extremidade, no lado oeste da casa, por cima da Câmara do Conselho?

Tredwell pensou por um momento, antes de responder:

– É o quarto do cavalheiro norte-americano, Sr. Fish.

– É mesmo? Obrigado.

– De nada, senhor.

Tredwell fez menção de se afastar, mas hesitou por um instante e acabou virando-se novamente para Anthony. O desejo de ser o primeiro a dar uma notícia faz com que até mesmo mordomos irrepreensíveis se tornem humanos.

– Já ouviu falar do que aconteceu ontem à noite, senhor?

– Não, não sei de nada. O que houve?

– Uma tentativa de roubo, senhor!

– É mesmo? E levaram alguma coisa?

– Não, senhor. Os ladrões estavam desmontando as armaduras na Câmara do Conselho quando foram surpreendidos e tiveram que fugir. Infelizmente, conseguiram escapar.

– Mas que coisa extraordinária... – murmurou Anthony. – E novamente na Câmara do Conselho! Foi por lá que eles entraram?

– Ao que parece, senhor, eles arrombaram uma das janelas.

Satisfeito com o interesse despertado por sua informação, Tredwell virou-se novamente para ir embora. Mas parou novamente, confuso, murmurando apressadamente um pedido de desculpas:

– Oh, perdoe, senhor! Não o ouvi se aproximar e não podia imaginar que estava parado logo atrás de mim.

O Sr. Isaacstein, que fora a vítima do esbarrão, acenou com a mão, num gesto amistoso.

– Não foi nada, meu caro. Posso lhe assegurar que não foi absolutamente nada.

Tredwell afastou-se, com uma expressão ligeiramente desdenhosa. Isaacstein adiantou-se e afundou numa poltrona.

– Olá, Cade. Já está de volta, hein? Soube do pequeno espetáculo que houve aqui ontem à noite?

– Já soube, sim. Parece que é um dos fins de semana dos mais emocionantes.

– Eu diria que o trabalho da noite de ontem foi de ladrões locais. Parece-me que foi um trabalho dos mais desajeitados, típico de amadores.

– Será que há alguém por aqui que coleciona armaduras? – indagou Anthony. – Acho que é algo muito estranho para se roubar.

– Tem toda razão, é de fato muito estranho...

O Sr. Isaacstein fez uma pausa, antes de acrescentar:

– Toda essa situação está me parecendo muito estranha e lamentável...

Havia algo quase ameaçador em seu tom, e Anthony disse:

– Não estou entendendo onde quer chegar.

– Por que estamos sendo todos mantidos aqui? O inquérito foi realizado ontem. O corpo do príncipe será removido para Londres, onde tem-se comentado que ele morreu de parada cardíaca. Apesar disso, ninguém tem permissão para deixar Chimneys. O Sr. Lomax alega que não sabe mais do que eu. E quando o procuro para protestar, ele me encaminha ao superintendente Battle.

– O superintendente Battle parece ter um trunfo escondido na manga – Anthony comentou, pensativo. – E, ao que tudo indica, a essência do plano dele é não permitir que ninguém deixe a casa.

- Mas esteve longe daqui, Sr. Cade.
- Com uma corda presa ao meu pé. Não tenho a menor dúvida de que fui seguido durante todo o tempo. Não teria a menor oportunidade de me livrar do revólver ou fazer qualquer outra coisa no gênero.
- E por falar no revólver, ainda não o encontraram, não é mesmo?
- Ainda não.
- Possivelmente foi jogado no lago, de passagem.
- É possível.
- Onde está o superintendente Battle? Ainda não o vi esta tarde.
- Ele foi para Londres. Encontrei-o na estação.
- Foi para Londres? Tem certeza? E disse por acaso quando voltaria?
- Tenho a impressão de que ele vai voltar amanhã de manhã.

Virginia apareceu nesse momento, acompanhada de lorde Caterham e do Sr. Fish. Presenteou Anthony com um sorriso de boas-vindas.

– Ah, que bom que está de volta, Sr. Cade! Já ouviu falar em nossas aventuras ontem à noite?

– Foi uma noite de emoções intensas, Sr. Cade – disse o Sr. Fish. – Já soube que tomei a Sra. Revel por um dos malfeitores?

– E, enquanto isso, o malfeitor...

O Sr. Fish arrematou a frase iniciada por Anthony, dizendo tristemente:

– Conseguiu escapar.

– Sirva o chá, por favor – pediu lorde Caterham a Virginia. – Não sei onde Bundle está.

Virginia atendeu ao pedido e depois foi sentar-se ao lado de Anthony, dizendo-lhe, em voz baixa:

– Vá até a garagem de barcos depois do chá. Bill e eu temos muito para lhe contar.

E no instante seguinte, Virginia passou a participar, despreocupadamente, da conversa geral.

Todos compareceram na hora aprazada ao encontro na garagem de barcos.

Virginia e Bill estavam transbordando de novidades. Concordaram que um barco no meio do lago era o único lugar seguro para uma conversa

confidencial. Depois de remarem até uma distância segura da margem, os dois fizeram um relato completo da aventura da noite anterior para Anthony. Bill estava um pouco mal-humorado, pois preferia que Virginia não insistisse em envolver aquele colonial na história.

– É realmente muito estranho – Anthony ressaltou, quando o relato terminou. – O que acha de tudo isso, Sra. Revel?

– Tenho a impressão de que eles estavam procurando algo – respondeu Virginia, sem a menor hesitação. – A idéia de um roubo é totalmente absurda.

– E eles acharam que esse algo, o que quer que possa ser, estava escondido numa das armaduras. Mas por que ficar batendo nos painéis de madeira? Dá a impressão de que estavam procurando uma escada secreta ou algo assim.

– Sei que Chimneys tem um esconderijo para padres, feito no tempo da perseguição – contou Virginia. – E creio que existe também uma escada secreta. Lorde Caterham já me falou a respeito. Mas acho que a pergunta que devemos fazer é outra: o que eles estavam procurando?

– Não podiam ser as memórias – comentou Anthony. – Afinal, o manuscrito era volumoso. Só pode ser algo pequeno.

– Tenho a impressão de que George sabe – falou Virginia. – Mas não sei se conseguirei arrancar a verdade dele. O fato é que, desde o início, tenho sentido que há algo mais por trás de todo esse caso.

– Disse que só pôde ter certeza da presença de um homem, mas sentiu que podia haver também outra pessoa na sala, pois teve a impressão de que alguém se encaminhava para a porta interior no instante em que correu para a porta do terraço. Ainda acha que isso é possível, Sra. Revel?

– O barulho foi quase inaudível. Talvez tenha sido apenas a minha imaginação.

– É bem possível. Mas, se não foi a sua imaginação, a segunda pessoa deve ser alguém da casa. Fico imaginando...

– O que está imaginando? – insistiu Virginia.

– Estava pensando na meticulosidade do Sr. Hiram Fish, que se vestiu inteiramente, ao ouvir gritos de socorro lá embaixo.

– Tem razão. Isso é muito estranho. E há também o caso do Sr. Isaacstein, que não acordou com todo aquele barulho. O que é bastante suspeito.

– E não podemos nos esquecer de Boris, o criado do príncipe Michael – lembrou Bill. – Ele me parece um celerado consumado.

– Chimneys está repleta de tipos suspeitos – comentou Virginia. – Tenho a impressão de que os outros também desconfiam de nós. Gostaria que o superintendente Battle não tivesse ido para Londres. Acho que foi uma estupidez da parte dele. Por falar nisso, Sr. Cade, vi duas ou três vezes aquele francês esquisito rondando furtivamente pelo parque.

– Não consigo entender mais nada – confessou Anthony. – Tenho a sensação de estar atirando no escuro. E tenho que admitir que banquei o idiota ao empreender a missão que me afastou daqui. Mas parece-me que toda a questão pode ser resumida em uma única questão: será que os homens encontraram o que estavam procurando ontem à noite?

– E se eles não tiverem encontrado? – indagou Virginia. – Tenho quase certeza de que não encontraram, diga-se de passagem.

– Nesse caso, creio que eles tornarão a aparecer. Já sabem ou logo saberão que Battle está em Londres. Correrão o risco e voltarão esta noite.

– Acha mesmo?

– É mais do que possível. Nós três devemos formar um grupo unido. Eversleigh e eu vamos nos esconder, com todas as precauções necessárias, na Câmara do Conselho...

– E eu, o que vou fazer? – interrompeu-o Virginia. – Pensa por acaso que vai conseguir me deixar de fora?

– É um trabalho para homens, Virginia – Bill informou.

– Não seja tolo, Bill. Estou metida no caso e não vou deixar que me tirem. Não se enganem a respeito disso. O grupo todo ficará de vigília esta noite.

Não houve a menor possibilidade de demovê-la e os três trataram de definir os detalhes do plano. Depois que todos foram deitar, os três desceram silenciosamente, um de cada vez. Todos estavam armados com

potentes lanternas elétricas e no bolso do casaco de Anthony havia um revólver.

Anthony acreditava que seria realizada naquela noite outra tentativa de encontrar o que os desconhecidos estavam procurando. Mas não acreditava que a tentativa fosse feita por alguém de fora. Estava convencido de que Virginia não se enganara ao supor que alguém passara por ela no escuro na noite anterior. E agora, escondido atrás de uma antiga cômoda de carvalho, era para a porta e não para a janela que ele olhava. Virginia estava agachada por trás de uma armadura, na parede do lado oposto, e Bill, perto da janela.

Os minutos foram passando, com uma lentidão interminável. Soou 1 hora, depois a 1h30, 2 horas, 2h30. Anthony sentia o corpo doído de ficar parado por tanto tempo na mesma posição. Estava começando a chegar à conclusão de que se enganara, que nenhuma tentativa seria efetuada naquela noite.

E foi então que, subitamente, ficou tenso, todos os sentidos alertas. Ouvira passos no terraço lá fora. O silêncio voltou a reinar, mas um instante depois soou o barulho de algo raspando no vidro. O barulho logo cessou e a janela se abriu. Um homem entrou na sala.

Ficou parado por algum tempo, inteiramente imóvel, olhando ao redor, como se escutasse atentamente. Depois de mais de um minuto de espera, o homem ficou aparentemente satisfeito e acendeu uma lanterna que trazia, correndo a luz por toda a sala. Aparentemente, ficou convencido de que nada havia de anormal. Os três vigilantes prenderam a respiração.

O homem encaminhou-se para a mesma parede que estivera examinando na noite anterior.

E foi nesse momento que Bill foi invadido por uma certeza terrível. Ia espirrar! A corrida pelo parque cheio de orvalho, na noite anterior, deixara-o com uma ameaça de resfriado. Durante o dia inteiro, espirrara de maneira intermitente. E sabia que agora iria espirrar novamente, que nada no mundo poderia impedir o espirro.

Adotou todos os recursos de que se lembrou. Comprimiu o lábio superior, engoliu em seco, inclinou a cabeça para trás e ficou olhando para o

teto. Como último e desesperado recurso, apertou o nariz vigorosamente. Mas nada adiantou. E ele espirrou.

Foi um espirro abafado, sufocado, emasculado, mas soou como um estrondo terrível na quietude da sala.

O estranho virou-se abruptamente e no mesmo instante Anthony entrou em ação. Acendeu a lanterna e correu na direção do intruso. Um instante depois, os dois estavam rolando pelo chão, engalfinhados.

– Acendam a luz! – gritou Anthony.

Virginia já estava ao lado do interruptor. Desta vez, todas as lâmpadas se acenderam. Anthony estava por cima do intruso. Bill se aproximou para ajudá-lo, em caso de necessidade.

– E agora vamos ver quem é o nosso amigo – disse Anthony. Ele rolou a sua vítima, que estava deitada de costas. Era o estranho de barba preta que estava hospedado na Cricketers.

– Um bom trabalho – uma voz falou de forma aprovadora. Todos se viraram para olhar, sobressaltados. O vulto corpulento do superintendente Battle estava parado na porta aberta.

– Pensei que estivesse em Londres, superintendente Battle – disse Anthony.

Os olhos de Battle faiscaram.

– É mesmo, senhor? Achei que poderia obter resultados se todos pensassem que eu tivesse me afastado.

– E foi justamente o que aconteceu – concordou Anthony, olhando para o seu inimigo prostrado.

Para sua surpresa, descobriu que o estranho estava sorrindo.

– Permitem que eu me levante, cavalheiros? – solicitou ele. – Afinal, são três contra um.

Anthony ajudou-o a ficar de pé. O homem ajeitou o casaco, olhando atentamente para Battle. E disse:

– Com licença, mas pode me confirmar se é mesmo um representante da Scotland Yard?

– Sou, sim.

– Neste caso, permita que lhe apresente as minhas credenciais.

O estranho sorriu, um tanto pesaroso, antes de acrescentar:

– Tenho a impressão de que seria mais sensato se o tivesse feito antes.

Ele tirou alguns documentos do bolso e entregou ao detetive da Scotland Yard. Ao mesmo tempo, virou a lapela do casaco e mostrou algo que ali estava pregado.

Battle soltou uma exclamação de espanto. Deu uma rápida olhada nos documentos e devolveu-os, com uma pequena mesura, dizendo:

– Lamento que tenha sido tratado dessa forma, monsieur, mas deve saber que foi por sua própria iniciativa que se expôs a tal situação. – Battle sorriu, ao notar o espanto dos outros, e acrescentou:

– Esse é um colega que estamos esperando há algum tempo. Monsieur Lemoine, da Sûreté, de Paris.

19

História secreta

Todos ficaram olhando para o detetive francês, que retribuiu o espanto geral com um sorriso, comentando:

– É verdade, sim.

Houve uma pausa prolongada, para que todos se ajustassem à nova situação. Só depois é que Virginia se virou para o superintendente Battle e disse:

– Sabe o que estou pensando, superintendente Battle?

– O que é, Sra. Revel?

– Acho que chegou o momento de nos dar algumas explicações.

– Explicações? Não estou entendendo, Sra. Revel.

– Está entendendo, perfeitamente, superintendente Battle. Eu diria que o Sr. Lomax recomendou-lhe que mantivesse sigilo absoluto a qualquer custo. Isso é típico de George. Mas é melhor nos contar tudo, antes que acabemos

tropeçando com o segredo por nossa própria conta, talvez causando danos irreparáveis. Não concorda comigo, monsieur Lemoine?

– Concordo inteiramente, madame.

– Não se pode manter segredo para sempre – resignou-se Battle. – Foi o que eu disse ao Sr. Lomax. Como o Sr. Eversleigh é o secretário do Sr. Lomax, creio que não pode haver a menor objeção em contar-lhe a história. Quanto ao Sr. Cade, foi envolvido no caso independentemente de sua vontade e acho que tem todo o direito de conhecer a verdadeira situação. Mas...

Battle fez uma pausa e Virginia apressou-se em dizer:

– Já sei, já sei... As mulheres são tão indiscretas! Já ouvi George dizer isso uma porção de vezes.

Lemoine estava olhando atentamente para Virginia. Agora, virou-se subitamente para Battle e indagou:

– Estou certo ao pensar que dirigiu-se à madame pelo nome de Revel?

– É esse o meu nome – confirmou Virginia.

– Seu marido não esteve no Serviço Diplomático? E não estava com ele na Herzoslováquia, pouco antes do assassinato do rei e da rainha?

– Exatamente.

Lemoine tornou a se voltar para Battle.

– Acho que madame tem o direito de ouvir a história. Ela está indiretamente envolvida. Além do mais...

O francês fez uma pausa, os olhos faiscando rapidamente, antes de acrescentar:

– Madame tem uma extraordinária reputação de discrição nos círculos diplomáticos.

– Fico contente por saber que me têm em alta conta – disse Virginia, rindo. – E fico contente também por não ser deixada de fora.

– E o que me dizem dos refrescos? – indagou Anthony. – Vamos fazer a conferência aqui mesmo?

– Se não se incomoda, senhor, prefiro não deixar esta sala até o amanhecer – afirmou Battle. – E compreenderá a razão, depois de ouvir a história.

– Neste caso, vou buscar algo – disse Anthony.

Bill acompanhou-o e os dois não demoraram a voltar, com uma bandeja cheia de copos, sifões e outras necessidades da vida.

O grupo, assim ampliado, instalou-se confortavelmente no canto próximo da janela, em torno de uma mesa de carvalho. Battle começou a falar:

– Antes de mais nada, gostaria de ressaltar que tudo o que será dito aqui é absolutamente confidencial. Nada deve vazsar. Sempre achei que a história iria se espalhar, a qualquer momento. Cavalheiros como o Sr. Lomax, que gostam de abafar todos os acontecimentos, correm riscos maiores do que imaginam. O começo da história ocorreu há pouco mais de sete anos. Estava então ocorrendo o que se chamava de reconstrução, especialmente no Oriente Médio. Muitas negociações se realizaram na Inglaterra, numa base estritamente confidencial, com aquele cavalheiro idoso, o conde Stylptitch, trabalhando nos bastidores, mexendo os pauzinhos. Todos os Estados balcânicos eram partes interessadas e havia muitos personagens reais aqui na Inglaterra. Não vou entrar em detalhes, mas algo desapareceu... e desapareceu de uma maneira inacreditável, a menos que se admitissem dois fatos: que o ladrão era um dos personagens reais e que, ao mesmo tempo, era o trabalho de um profissional da mais alta categoria. Monsieur Lemoine poderá contar-lhes como isso foi possível.

O francês fez uma mesura cortês e assumiu o relato:

– É possível que vocês, aqui na Inglaterra, não tenham ouvido falar do nosso famoso e fantástico rei Victor. Ninguém sabe qual é o seu nome verdadeiro. Mas indubitavelmente é um homem de coragem e audácia extraordinárias, fala cinco línguas fluentemente e é inigualável na arte do disfarce. Embora se saiba que o pai dele era inglês ou irlandês, o rei Victor trabalhava quase que exclusivamente em Paris. E foi lá, há quase oito anos, que ele realizou uma sucessão de assaltos audaciosos, vivendo sob o nome de capitão O'Neill.

Virginia deixou escapar uma débil exclamação de espanto. Monsieur Lemoine fitou-a rapidamente, antes de continuar:

– Creio que compreendo por que madame ficou tão apreensiva. Todos compreenderão também, dentro de mais um momento. Nós, da Sûreté, desconfiávamos de que esse capitão O'Neill era na verdade o famoso “rei Victor”, mas não podíamos obter as provas necessárias. Nessa ocasião, estava também em Paris uma atriz jovem e inteligente, Angèle Mory, do Folies Bergères. Também desconfiávamos havia algum tempo de que ela participava das operações do rei Victor. Mas, novamente, não podíamos conseguir as provas indispensáveis.

Ele continuou a narrativa:

– Nessa ocasião, Paris estava se preparando para a visita do jovem rei Nicolau IV, da Herzoslováquia. Recebemos, na Sûreté, instruções especiais sobre as medidas que deveriam ser adotadas para garantir a segurança de Sua Majestade. Em particular, fomos alertados para vigiar as atividades de determinada organização revolucionária, que se intitulava Camaradas da Mão Vermelha. Temos agora certeza quase absoluta de que os Camaradas procuraram Angèle Mory e ofereceram-lhe uma quantia fabulosa para ela ajudá-los em seus planos. O papel dela seria o de seduzir o jovem rei e atraí-lo a um local previamente combinado. Angèle Mory aceitou o suborno e prometeu desempenhar seu papel. Mas a jovem era mais esperta e mais ambiciosa do que os Camaradas da Mão Vermelha imaginavam. Conseguiu seduzir o jovem rei, que se apaixonou loucamente por ela e cobriu-a de jóias. Foi nessa ocasião que ela concebeu a idéia de se tornar não apenas uma amante de rei, mas sim uma rainha! E, como todo mundo sabe, conseguiu realizar sua ambição. Foi apresentada na Herzoslováquia como a condessa Varaga Popoleffsky, descendente dos Romanoff. Acabou se tornando a rainha Varaga, da Herzoslováquia. Não era nada mau para uma insignificante atriz parisiense! Sempre ouvi dizer que ela desempenhou o seu novo papel extremamente bem. Mas o triunfo foi de curta duração. Os Camaradas da Mão Vermelha, furiosos com a traição dela, tentaram matá-la por duas vezes. Finalmente, conseguiram levar o país a tal estado de agitação que irrompeu uma revolução, na qual morreram o rei e a rainha. Seus corpos, horivelmente mutilados e praticamente irreconhecíveis, foram

recuperados, comprovando a fúria do populacho contra a rainha estrangeira de nascimento humilde.

Lemoine continuou:

– Parece certo que, durante todo o tempo, a rainha Varaga manteve-se em contato com seu antigo associado, o rei Victor. É bem possível que o audacioso plano tenha sido formulado por ele. De qualquer forma, ela continuou a se corresponder com o rei Victor, num código secreto, da Corte da Herzoslováquia. Como medida de segurança, as cartas eram escritas em inglês e assinadas com o nome de uma dama inglesa cujo marido estava na ocasião na Embaixada da Inglaterra na Herzoslováquia. Se houvesse uma investigação e a referida dama negasse a autoria das cartas, era bem possível que não acreditassem nela. É que as cartas eram típicas de uma mulher culpada para seu amante. Era o seu nome que ela usava nas cartas, Sra. Revel.

– Sei disso – murmurou Virginia, o rosto ficando alternadamente pálido e vermelho, de maneira irregular. – Então é essa a explicação das cartas! Há algum tempo que venho pensando nisso.

– Mas que truque infame! – gritou Bill, indignado.

– As cartas eram dirigidas ao capitão O'Neill, para o endereço dele em Paris. O principal propósito dessas cartas talvez jamais fosse descoberto, se não fosse por um fato estranho, que só veio à luz mais tarde. Depois do assassinato do rei e da rainha, descobriu-se que muitas das jóias da Coroa tinham caído nas mãos da quadrilha e sido despachadas para Paris. Verificou-se que, em nove de cada dez casos, as principais jóias haviam sido substituídas por imitações. Cabe ressaltar que havia muitas pedras famosas entre as jóias da Herzoslováquia. Assim, mesmo depois que se tornou rainha, Angèle Mory continuou a se dedicar às suas atividades anteriores. Já devem estar percebendo agora onde chegamos. Nicolau IV e a rainha Varaga vieram para a Inglaterra e foram hóspedes do falecido marquês de Caterham, que era na ocasião o Secretário de Estado de Negócios Exteriores. A Herzoslováquia é um país pequeno, mas não podia ser ignorado. A rainha Varaga foi recebida com todas as honras. E temos assim uma personagem real que era também uma ladra experiente. Também

não resta a menor dúvida de que a... ahn... a substituição, tão espetacular que podia enganar qualquer um que não fosse um perito, só pode ter sido feita pelo rei Victor. Na verdade, todo o plano, por sua própria audácia, apontava-o como o autor.

– O que aconteceu? – indagou Virginia.

– O caso foi abafado – explicou o superintendente Battle. Até hoje, ainda não se divulgou uma só notícia a respeito. Fizemos tudo o que era possível na surdina, algo muito mais difícil do que se pode imaginar, diga-se de passagem. Mas dispomos de métodos especiais que os deixariam espantados. Temos certeza absoluta de que a jóia não deixou a Inglaterra com a rainha da Herzoslováquia. Sua majestade escondeu-a em algum lugar, mas jamais conseguimos descobrir onde. Eu não ficaria surpreso...

O superintendente Battle fez uma pausa, olhando lentamente ao redor, antes de arrematar:

– ...se a pedra estivesse escondida em algum lugar desta sala. – Anthony levantou-se bruscamente.

– Depois de tantos anos? – perguntou ele, incrédulo. – Mas isso seria totalmente impossível!

– Não conhece as circunstâncias peculiares que envolvem o caso, monsieur – alertou o francês. – Apenas 15 dias depois, irrompeu uma revolução na Herzoslováquia e o rei e a rainha foram assassinados. Na mesma ocasião, o capitão O'Neill foi preso em Paris e condenado por uma acusação sem muita importância. Esperávamos encontrar as cartas em código na casa dele, mas parece que foram roubadas por algum intermediário herzoslovaco. O homem apareceu na Herzoslováquia pouco antes da revolução e depois desapareceu completamente.

Anthony comentou, pensativo:

– Ele provavelmente foi para o exterior. E deve ter ido para a África. Sou capaz de apostar que guardou zelosamente as cartas. Para ele, devia valer tanto quanto uma mina de ouro. É estranho como as coisas acontecem. Lá na África, ele devia ser conhecido como Pedro, o holandês, ou algum outro nome parecido.

Ele percebeu que o superintendente Battle o fitava, inexpressivo como sempre. Sorriu-lhe e acrescentou:

– Não se trata realmente de clarividência, Battle, embora possa parecer. Daqui a pouco contarei toda a história.

Virginia voltou a intervir na conversa:

– Há algo que ainda não foi esclarecido. Qual a relação entre o roubo e as memórias? Deve haver alguma ligação, não é mesmo?

– Madame apreende as coisas bem depressa – comentou Lemoine, de maneira aprovadora. – Há realmente uma ligação. Na ocasião do roubo, o conde Stylptitch também estava em Chimneys.

– Quer dizer que ele talvez soubesse de tudo?

– *Parfaitement.*

– E se ele tivesse revelado tudo em suas preciosas memórias, haveria um escândalo de grandes proporções, sobretudo por causa da maneira como o caso foi abafado – disse Battle.

Anthony acendeu um cigarro e depois perguntou:

– Será que não há possibilidade de haver nas memórias uma pista indicando o esconderijo da pedra?

– É bastante improvável – respondeu Battle, taxativamente. O conde Stylptitch nunca esteve em boas relações com a rainha, até se opôs ao casamento com unhas e dentes. Não se pode imaginar que ela lhe tenha feito confidências.

– Não era isso o que eu estava sugerindo – explicou Anthony. – Por tudo o que se sabe, o conde era um velho extremamente esperto. É possível que tenha descoberto o esconderijo da pedra sem que a rainha o soubesse. Se isso tivesse acontecido, o que acham que ele teria feito?

– Ficaria calado – respondeu Battle, depois de um momento de reflexão.

– Concordo plenamente – completou o francês. – Era uma ocasião extremamente delicada. A devolução anônima da pedra teria acarretado enormes dificuldades. Além do mais, o conhecimento do esconderijo da pedra teria proporcionado um grande poder ao conde Stylptitch... e aquele estranho velho apreciava intensamente o poder. Não apenas ficaria em

condições de dominar a rainha, como também passaria a dispor de uma arma poderosa para negociar, na ocasião mais oportuna. Não era o único segredo que ele possuía. Ao contrário, o conde Stylptitch colecionava segredos como alguns homens colecionam peças raras de porcelana. Comenta-se que, antes de sua morte, ele gabou-se algumas vezes dos fatos incríveis que poderia revelar se lhe desse na veneta. E pelo menos em uma ocasião ele declarou que tencionava fazer algumas revelações surpreendentes em suas memórias.

O francês fez uma pausa, sorrindo um tanto contrafeito.

– É justamente por isso que há tanta ansiedade de muitas pessoas em se apoderarem das memórias. Nossa própria polícia secreta tencionava se apoderar delas, mas o conde tomou a precaução de despachá-las para longe antes de sua morte.

– Apesar de tudo, não há nenhuma razão concreta para se acreditar que ele estivesse a par desse segredo em particular – comentou Battle.

– Ao contrário, há um motivo muito sólido: as próprias palavras dele – disse Anthony, calmamente.

– O quê?

Os dois detetives olharam para Anthony, aturdidos, como que incapazes de acreditar no que tinham acabado de ouvir. Anthony apressou-se em explicar:

– Quando o Sr. McGrath entregou-me o manuscrito para que o trouxesse para a Inglaterra, relatou-me também as circunstâncias de seu único encontro com o conde Stylptitch. Foi em Paris. Assumindo um considerável risco pessoal, o Sr. McGrath salvou o conde de um bando de apaches. Parece que o conde estava um pouco... digamos, inebriado. Em tal estado, fez alguns comentários dos mais interessantes. Um deles foi o de que sabia onde estava o Koh-i-noor... uma declaração à qual o meu amigo não deu maior importância. Disse, também, que os homens que o haviam atacado eram da quadrilha do rei Victor. Os dois comentários, reunidos, tornam-se extremamente interessantes.

– Santo Deus! – exclamou o superintendente Battle. – E como são! Em vista disso, até mesmo o assassinato do príncipe Michael assume um

aspecto diferente.

– O rei Victor jamais matou alguém – lembrou-lhe o francês.

– E se ele tivesse sido surpreendido no momento em que procurava a pedra?

Anthony interveio na conversa, indagando de forma brusca:

– Quer dizer que ele está na Inglaterra? Disse que ele foi solto há poucos meses. Por acaso não tomaram a precaução de segui-lo?

Um sorriso triste estampou-se no rosto do francês.

– Bem que tentamos, monsieur. Mas aquele homem é um verdadeiro demônio. Conseguiu nos despistar quase que imediatamente. Pensávamos que ele fosse seguir diretamente para a Inglaterra. Mas nada disso aconteceu. O rei Victor foi... para onde imagina que ele possa ter ido, monsieur?

– Para onde foi?

Anthony olhava atentamente para o francês, enquanto brincava, distraidamente, com uma caixa de fósforos.

– Para a América! Ou, para ser mais preciso, foi para os Estados Unidos.

– O quê? – exclamou Anthony, visivelmente surpreso.

– Exatamente. E pode imaginar qual foi o nome que ele escolheu? Tem alguma idéia do papel que decidiu assumir? Nada mais, nada menos que o do príncipe Nicolau da Herzoslováquia!

A caixa de fósforos caiu da mão de Anthony, cujo espanto foi igualado pelo de Battle.

– Impossível!

– Nem tanto, meu amigo. Deverão receber a notícia pela manhã. Foi um embuste colossal. Como sabem, correu o rumor de que o príncipe Nicolau morreu no Congo, há alguns anos. Nosso amigo, o rei Victor, aproveitou essa oportunidade, pois é sempre difícil comprovar tal morte. Ressuscitou o príncipe Nicolau e assumiu o papel, a fim de se apoderar de uma quantia fabulosa em dólares norte-americanos... tudo por conta de supostas concessões para a exploração do petróleo herzoslovaco. Mas, por um mero acaso, ele acabou sendo desmascarado e foi obrigado a deixar os Estados

Unidos às pressas. E dessa vez veio mesmo para a Inglaterra. É por isso que estou aqui. Mais cedo ou mais tarde, o rei Victor irá aparecer em Chimneys... se é que já não está aqui!

– Acha que isso é possível?

– Estou convencido de que o rei Victor se encontrava aqui na noite em que o príncipe Michael morreu, e apareceu novamente ontem à noite.

– Fazendo outra tentativa de recuperar a pedra? – indagou Battle.

– Exatamente.

– Havia um fato que estava me preocupando – comentou Battle. – O que teria acontecido com monsieur Lemoine? Recebi o aviso de Paris de que ele estava a caminho da Inglaterra, a fim de trabalhar comigo no caso. Não podia entender por que ele demorava tanto a aparecer.

– Devo pedir desculpas – falou o francês. – Cheguei na manhã seguinte ao crime. Achei que seria melhor investigar o caso de forma não oficial, sem me apresentar como seu colega. Pensei que, assim, teria mais chance de descobrir algo. Claro que sabia que inevitavelmente iriam suspeitar de mim, mas isso reforçava o meu plano de evitar que as pessoas ficassem prevenidas contra a minha presença. E posso assegurar que vi muitos acontecimentos interessantes nos últimos dois dias.

– Mas pode me dizer o que realmente aconteceu ontem à noite? – perguntou Bill.

– Receio ter-lhe proporcionado um exercício um tanto violento – monsieur Lemoine comentou.

– Quer dizer que foi a você que persegui?

– Exatamente. Vou contar tudo. Vim até aqui para observar, pois estava convencido de que a chave para o mistério estava nesta sala, já que o príncipe havia sido morto aqui. Fiquei lá fora, no terraço, esperando. Não demorou muito e percebi que alguém estava aqui na sala. De vez em quando, podia avistar o brilho de uma lanterna. Experimentei a porta que dá para o terraço do meio e descobri que estava destrancada. Não sei dizer se o homem tinha entrado por ali antes da minha chegada ou se a deixara destrancada como um caminho de fuga, caso fosse incomodado. Empurrei a porta devagarinho e entrei. Passo a passo, sem fazer qualquer barulho, fui

me esgueirando pela sala, até chegar a um ponto de onde podia observar tudo, sem correr o risco de ser descoberto. Não podia, é claro, enxergar o homem direito. Ele estava de costas para mim e dava apenas para ver sua silhueta, delineada pelo clarão da lanterna. As ações dele deixaram-me espantado. Desmontou primeiro as duas armaduras, examinando meticulosamente cada peça. Ao se convencer de que ali não estava o que procurava, o homem começou a bater de leve no revestimento de madeira, embaixo daquele quadro. Não posso dizer o que ele iria fazer a seguir, pois foi nesse momento que houve uma interrupção. Você entrou abruptamente na sala...

Lemoine parou de falar e olhou para Bill. E Virginia aproveitou a pausa para comentar, pensativa:

– O que significa que a nossa interferência bem-intencionada no fundo foi desastrosa.

– De certa forma, madame, foi mesmo. O homem apagou a lanterna. E eu, que ainda não estava querendo revelar minha identidade, corri para a porta. Na escuridão, esbarrei nos outros dois homens, que estavam engalfinhados, e caí no chão. Levantei-me no mesmo instante e saí correndo pela porta. O Sr. Eversleigh, pensando que eu fosse o atacante, saiu em minha perseguição.

– Fui eu que o persegui inicialmente – disse Virginia. – Só depois é que Bill saiu também em seu encalço.

– Enquanto isso, o outro homem teve o bom senso de ficar imóvel e depois esgueirar-se pela porta interior. Não sei como não esbarrou na multidão que veio em socorro.

– Isso não seria difícil – comentou Lemoine. – Ele poderia se apresentar como um salvador que tinha chegado antes dos outros.

– Acha mesmo que esse Arsène Lupin pode ser uma das pessoas que estão nesta casa? – perguntou Bill, com os olhos faiscando.

– Por que não? Ele poderia passar facilmente por um criado. Pelo que sabemos, talvez seja até Boris Anchoukoff, o criado de confiança do falecido príncipe Michael.

– Ele é realmente um sujeito muito esquisito – concordou Bill.

Mas Anthony estava sorrindo e disse:

– Não devia fazer algo assim, monsieur Lemoine.

O francês também sorriu. O superintendente Battle perguntou:

– Não o contratou agora como seu criado, Sr. Cade?

– Tenho que lhe tirar o chapéu, Battle. Estou vendo que sabe de tudo.

Mas apenas por uma questão de detalhe, permita-me dizer que foi ele quem me contratou como seu patrão e não o inverso.

– Por que ele faria isso, Sr. Cade?

– Não sei. É um gosto dos mais esquisitos, sei disso, mas talvez ele tenha simpatizado com a minha cara. Ou pode estar pensando que assassinei seu amo e quer privar da minha intimidade, para se certificar e depois poder vingar-se.

Anthony levantou-se, foi até as janelas e puxou as cortinas. Com um pequeno bocejo, murmurou:

– O dia já está raiando. Creio que, por enquanto, não haverá mais nenhuma nova emoção.

Lemoine também se levantou.

– Vou deixá-los agora. Talvez voltemos a nos encontrar mais tarde, ainda hoje.

E fazendo uma mesura graciosa para Virginia, ele foi embora, saindo pela porta do terraço.

– Vou me deitar – murmurou Virginia, bocejando. – Foi uma noite por demais emocionante. Vamos, Bill, seja um bom menino e me acompanhe até a porta do quarto. Tenho a impressão de que nenhum de nós estará sentado à mesa para o café-da-manhã.

Anthony continuou parado junto à porta, observando o vulto de monsieur Lemoine se afastar. Atrás dele, Battle comentou:

– Ninguém diz, mas ali vai aquele que é considerado o melhor detetive da França.

– Tenho a impressão de que eu jamais adivinharia... – murmurou Anthony, pensativo.

– Num fato ele estava absolutamente certo: as emoções desta noite realmente terminaram. Por falar em emoções, lembra-se daquele homem

que foi encontrado morto com um tiro perto de Staines?

– Lembro, sim. Por quê?

– Nada. Já o identificaram. Parece que se chamava Giuseppe *Manuelli*. E era garçom no Blitz de Londres. Não acha curioso?

20

Battle e Anthony compartilham idéias

Anthony não disse nada, continuou a olhar para fora. O superintendente Battle ficou olhando por algum tempo para as costas imóveis dele, antes de finalmente dizer, encaminhando-se para a porta:

– Boa noite, senhor.

Só então é que Anthony se mexeu.

– Espere um pouco, Battle.

O superintendente parou, obedientemente. Anthony afastou-se da porta. Tirou um cigarro e acendeu-o. Depois, entre baforadas de fumaça, perguntou:

– Está muito interessado nesse caso de Staines?

– Não chego a tanto, senhor. É apenas um caso estranho, mais nada.

– Acha que o homem foi morto onde o encontraram ou mataram-no em outro lugar e depois levaram o corpo para perto de Staines?

– Tenho a impressão de que ele foi morto em outro lugar e depois levaram o corpo para lá num carro.

– É o que eu também acho.

Algo no tom de Anthony fez com que o detetive o fitasse atentamente.

– Tem alguma idéia a respeito do caso, senhor? Sabe quem levou o corpo para lá?

– Sei, sim – respondeu Anthony. – Fui eu.

Ele ficou um pouco aborrecido ao constatar que não conseguira abalar a impassibilidade de Battle com a súbita revelação.

– Devo dizer que sabe absorver muito bem esses choques, Battle.

– “Jamais demonstre qualquer emoção.” Ensinaram-me isso há muito tempo e nunca mais esqueci, pois é uma lição extremamente útil.

– E você a executa de uma forma bastante fiel. Creio que nunca o vi abalado. Quer ouvir a história?

– Se não se incomoda em contá-la, Sr. Cade.

Anthony puxou duas cadeiras e ambos se sentaram. Ele relatou todos os acontecimentos da tarde e da noite da quinta-feira anterior. Battle escutou atentamente, impassível como sempre. Havia um brilho distante em seus olhos quando Anthony terminou o relato.

– Um dia desses, Sr. Cade, ainda vai se meter numa tremenda encrenca.

– Quer dizer que, pela segunda vez, não está pensando em me prender?

– Sempre preferimos dar corda suficiente a um homem – respondeu o superintendente Battle.

– Muito obrigado por sua delicadeza em não mencionar a segunda parte do provérbio.

– Só não consigo entender muito bem uma coisa, senhor. Por que decidiu contar-me toda a história agora?

– É um tanto difícil explicar. A verdade, Battle, é que passei a ter em alta conta a sua capacidade como detetive. No momento crítico, você sempre está presente. E ocorreu-me que, retendo essa informação importante, poderia estar prejudicando suas investigações. Afinal, deve ter acesso a todos os fatos. Tentei agir por minha própria conta e risco, mas até agora só consegui confundir os fatos ainda mais. Até esta noite, eu não podia falar, por causa da Sra. Revel. Mas agora que já está comprovado que aquelas cartas nada tinham a ver com ela, torna-se um absurdo sequer pensar que ela pudesse ter sido uma cúmplice. Talvez eu a tenha aconselhado erroneamente logo no início. Mas achei que sua declaração de que dera dinheiro ao homem simplesmente por capricho seria difícil de acreditar.

– E um júri dificilmente acreditaria nisso – concordou Battle.

– Os júris nunca têm a menor imaginação.

– Mas você é capaz de aceitar tal declaração sem qualquer dificuldade?

– De um modo geral, tenho trabalhado entre essa gente, Sr. Cade. O que se costuma chamar de classes superiores. A maioria das pessoas está sempre ocupada com o que os vizinhos podem pensar. Mas isso não acontece com os vagabundos e com os aristocratas. Eles simplesmente tomam a primeira atitude que lhes passa pela cabeça e não se incomodam em nada com o que os outros possam pensar. Não estou me referindo aos ricos frívolos, pessoas que dão festas suntuosas e assim por diante. Refiro-me apenas àqueles que nasceram e foram criados assim, há gerações, aprendendo que a única opinião que conta é a própria. Na minha experiência, os representantes das classes superiores são sempre iguais, destemidos, sinceros e, algumas vezes, extraordinariamente tolos.

– É uma conclusão das mais interessantes, Battle. Espero que algum dia desses comece a escrever suas reminiscências. Valerá a pena lê-las.

O detetive agradeceu a sugestão com um sorriso, sem fazer qualquer comentário.

– Gostaria de fazer-lhe uma pergunta, Battle. Por acaso me ligou ao caso de Staines? Por sua atitude, tive a impressão de que sim.

– E devo dizer que acertou. Tive um pressentimento, mas não havia nada de concreto em que me basear. Seu comportamento tem sido impecável, Sr. Cade, se me permite dizer. Em nenhum momento exagerou na indiferença.

– Fico contente por saber disso. Desde que o conheci, tenho a sensação de que vem preparando pequenas armadilhas para mim. De um modo geral, creio que consegui evitá-las. Mas confesso que a tensão tem sido muito grande.

Battle sorriu, um sorriso sinistro.

– É assim que acabamos apanhando um criminoso, senhor. Nós o mantemos sempre correndo, de um lado para outro, se contorcendo, sob tensão permanente. Mais cedo ou mais tarde, ele acaba tendo um colapso nervoso e se deixa agarrar.

– Nunca vi um sujeito tão animador quanto você, Battle. E quando será que pretende agarrar-me?

– Há ainda muita corda, senhor, muita corda...

– E, até lá, continuo a ser o assistente amador?

– Exatamente, Sr. Cade.

– O Watson do Sherlock?

– De um modo geral, as histórias de detetives não passam de impostura. Mas divertem os leitores.

Battle fez uma breve pausa, antes de acrescentar, como se só naquele momento a idéia lhe ocorresse:

– E algumas vezes são úteis.

– De que maneira? – indagou Anthony, curioso.

– Estimulam a noção universal de que a polícia é estúpida. E quando deparamos com um crime de amador, assim como um homicídio, isso se torna extremamente útil.

Anthony ficou olhando para ele em silêncio, por um longo tempo. Battle estava sentado completamente imóvel, agora piscando de vez em quando, mas sem qualquer expressão definida no rosto plácido. Dali a pouco levantou-se e comentou:

– Não vai adiantar muito ir deitar agora. Gostaria de conversar com lorde Caterham, assim que ele se levantar. Quem quiser ir embora, já poderá fazê-lo. Ao mesmo tempo, eu gostaria que lorde Caterham apresentasse um convite informal a seus hóspedes para continuarem em Chimneys. Espero que o senhor aceite. Assim como a Sra. Revel.

– Já encontrou o revólver? – perguntou Anthony, subitamente.

– Está se referindo ao revólver com que o príncipe Michael foi morto? Ainda não. Mas deve estar na casa ou no terraço ao redor. Adotarei a sua sugestão e mandarei alguns rapazes darem uma olhada no alto das árvores. Se encontrarmos o revólver, talvez possamos progredir um pouco mais nas investigações. As cartas também seriam muito úteis. Não disse que havia uma carta com o cabeçalho de “Chimneys”? Deve ter sido a última carta a ser escrita. As instruções para encontrar o diamante estavam em código nessa carta.

– Qual é a sua teoria a respeito do assassinato de Giuseppe, Battle?

– Tenho a impressão de que ele não passava de um reles ladrão e foi contratado pelo rei Victor ou pelos Camaradas da Mão Vermelha. E confesso que eu não ficaria absolutamente espantado se descobrisse que o rei Victor e os Camaradas estão trabalhando juntos. A organização tem muito dinheiro e poder, mas não prima pela inteligência. A tarefa de Giuseppe era roubar as memórias. Eles não podiam saber que as cartas estavam em seu poder. Por falar nisso, devo dizer que se trata de uma estranha coincidência.

– Sei disso. E quanto mais penso a respeito, mais acho espantoso.

– Em vez de se apoderar das memórias, Giuseppe por engano levou as cartas. A princípio, deve ter ficado profundamente desolado. Mas, depois, deu uma olhada nas cartas, viu a procedência e teve a brilhante idéia de tirar algum proveito, chantageando a Sra. Revel. É claro que não tinha a menor idéia da importância das cartas. Os Camaradas descobriram o que ele estava fazendo, concluíram que os traía deliberadamente e decidiram eliminá-lo. Eles adoram executar traidores. Isso tem algum elemento pitoresco, que parece atraí-los intensamente. O que não consigo entender é o revólver com o nome “Virginia” gravado. É sutileza demais para os Camaradas. Eles preferem deixar por toda parte o sinal da Mão Vermelha, a fim de incutirem o terror aos traidores em potencial. É por isso que tenho a impressão de que tem o dedo do rei Victor nisso. Só que não tenho a menor idéia do possível motivo dele. Parece que foi uma tentativa deliberada de atribuir o crime à Sra. Revel. E, à primeira vista, parece não haver nenhum sentido nisso.

– Formulei uma teoria, que não foi confirmada pelos fatos.

Anthony contou a sua teoria e depois informou que Virginia reconheceu Michael. Battle assentiu.

– Não há realmente a menor dúvida quanto à identidade dele. Por falar nisso, aquele velho barão o tem em alta conta. Sempre fala a seu respeito nos termos mais entusiasmados.

– É muita generosidade dele, especialmente depois que lhe comuniquei que pretendo envidar todos os esforços possíveis para recuperar as memórias, antes da próxima quarta-feira.

– Não será nada fácil.

– Sei disso. Quanto às cartas, suponho que estão em poder do rei Victor & Cia.

Battle assentiu.

– Eles arrancaram-nas de Giuseppe no dia de sua morte, na Pont Street. Foi um trabalho muito bem planejado e executado. A essa altura, eles já devem ter decifrado as cartas e sabem onde procurar.

Os dois tinham se levantado e já estavam quase saindo da sala. Anthony inclinou a cabeça para trás e perguntou:

– Acha mesmo que a pedra está aqui dentro?

– Tenho certeza. Mas eles ainda não a encontraram e vão se arriscar muito para a pegarem.

– Já tem algum plano nessa sua cabeça sutil?

Battle não respondeu. Parecia particularmente impassível e obtuso. Depois, muito devagar, ele piscou um dos olhos.

– Quer minha ajuda? – indagou Anthony.

– Quero, sim. E vou querer também a ajuda de outra pessoa.

– De quem?

– Da Sra. Revel. Talvez ainda não tenha notado, Sr. Cade, mas o fato é que a Sra. Revel possui um jeito extremamente sedutor.

– Claro que já notei.

Anthony consultou o relógio e acrescentou:

– Estou propenso a concordar com você a respeito de não ir para a cama, Battle. Um mergulho no lago e um desjejum serão bem melhores nessas circunstâncias.

Ele subiu rapidamente para seu quarto. Assoviando baixinho, tirou as roupas, pegou um roupão e uma toalha.

E, subitamente, estacou diante da cômoda, olhando para algo que estava repousando diante do espelho.

Por um momento, Anthony mal pôde acreditar em seus olhos. Pegou aquilo e examinou atentamente. Não havia o menor equívoco.

Era o maço de cartas com a assinatura de Virginia Revel. Estava intacto. Não faltava absolutamente nenhuma carta.

Anthony afundou numa cadeira, com as cartas na mão. E murmurou para si mesmo.

– Meu cérebro está começando a estalar. Não consigo entender mais nada do que está acontecendo nesta casa. Por que as cartas iriam reaparecer como num passe de mágica? Quem as teria deixado em cima da cômoda? E por quê?

E para todas essas perguntas, muito pertinentes, ele não conseguiu encontrar uma única resposta satisfatória.

21

A maleta do Sr. Isaacstein

Às 10 horas daquela manhã, lorde Caterham e a filha estavam tomando o café. Bundle estava bastante pensativa e finalmente murmurou:

– Papai...

Lorde Caterham, absorvido na leitura do jornal *The Times*, não respondeu.

– Papai... – disse Bundle novamente, dessa vez mais alto.

Lorde Caterham, arrancado do exame dos livros raros que em breve seriam postos à venda, levantou a cabeça de maneira distraída.

– Disse algo, Bundle?

– Disse, sim. Sabe quem foi a única pessoa que desceu para comer?

Bundle sacudiu a cabeça na direção do único prato que fora obviamente usado. Todos os demais ainda estavam intactos.

– Foi... não me lembro do nome dele...

– O gordo Iky?

Bundle e o pai tinham intimidade suficiente para compreenderem imediatamente as observações um tanto enigmáticas que faziam um para o outro.

– Ele mesmo.

– Conversou com o detetive esta manhã, antes de vir comer?

Lorde Caterham suspirou.

– Conversei, sim. Ele me encurralou no corredor. Acho que as horas que antecedem o café da manhã deveriam ser sagradas. Terei que ir para o exterior. A pressão sobre os meus nervos...

Bundle interrompeu-o sem a menor cerimônia:

– O que disse ele?

– Falou que quem quisesse já podia ir embora.

– Então está ótimo. Não era isso o que queria?

– Era, sim. Só que ele não parou por aí. Pediu também que eu convidasse todo mundo a permanecer em Chimneys.

– Não estou entendendo mais nada – comentou Bundle, torcendo o nariz.

– É tudo muito confuso e contraditório – concordou lorde Caterham. – E o pior é que essas coisas acontecem antes do desjejum.

– O que disse a ele, papai?

– Claro que concordei. Não adianta tentar argumentar com essa gente.

Lorde Caterham fez uma rápida pausa e depois acrescentou, voltando à sua principal queixa:

– Especialmente antes do café.

– Até agora, já convidou quem?

– Cade. Ele levantou muito cedo esta manhã. Aceitou o convite. A presença dele não me preocupa muito. Não consigo entendê-lo muito bem, mas gosto dele... gosto muito.

– Virginia também – murmurou Bundle, fazendo um desenho na toalha com o garfo.

– Hein?

– E eu também. Mas isso parece não ter muita importância.

– Também convidei Isaacstein – acrescentou lorde Caterham.

– E o que disse ele?

– Felizmente, Isaacstein precisa voltar para Londres. Por falar nisso, não se esqueça de pedir o carro para as 10h50.

– Está certo.

– Agora, vou ver se também consigo me livrar de Fish – continuou lorde Caterham, animando-se um pouco.

– Pensei que gostasse de conversar com ele a respeito daqueles livros velhos e bolorentos.

– E gosto realmente. Ou melhor, gostava. Mas a conversa se torna muito monótona quando só uma pessoa está falando o tempo todo. Fish se interessa muito por primeiras edições, mas jamais faz qualquer comentário pessoal.

– É melhor do que ficar escutando o tempo todo, como acontece quando se fala com George Lomax – comentou Bundle.

Lorde Caterham estremeceu ao pensar nisso. E Bundle acrescentou:

– George é muito bom num palanque. Já o aplaudi por diversas vezes, mesmo sabendo o tempo todo que ele só dizia bobagens. Além do mais, sou uma socialista...

Lorde Caterham apressou-se em interrompê-la:

– Já sei, minha querida, já sei...

– Não se preocupe. Não pretendo trazer a política para casa. Mas é justamente o que George faz... está sempre fazendo um discurso público na vida particular. Tal atitude deveria ser abolida por uma lei do Parlamento.

– Tem toda razão.

– Virginia também será convidada a permanecer em Chimneys?

– Battle pediu que eu convidasse todo mundo.

– Responda com toda sinceridade, papai. Já a convidou para ser minha madrastra?

– Não creio que fosse adiantar – respondeu lorde Caterham, tristemente.

– É verdade que ela ontem à noite me chamou de querido. Mas essa é justamente a pior característica dessas jovens atraentes com inclinações afetuosas. São capazes de dizer qualquer coisa, sem que isso signifique absolutamente nada.

– Tem toda razão, papai. Teria sido muito mais esperançoso se ela tivesse jogado um sapato no senhor ou tentasse mordê-lo.

– Vocês, jovens modernas, parecem ter algumas noções extremamente desagradáveis sobre o amor.

– É por causa de leitura de *The Sheik* – explicou Bundle. – O amor no deserto. A mulher é agarrada violentamente etc.

– O que é *The Sheik*? – perguntou lorde Caterham. – Por acaso é um poema?

Bundle fitou-o com uma terna compaixão. Depois levantou-se, beijou-o no alto da cabeça e murmurou:

– Ah, meu querido papai...

Ela saiu pela porta do terraço e lorde Caterham voltou a se concentrar na leitura dos catálogos dos leilões seguintes.

Ele teve um sobressalto quando ouviu a voz do Sr. Hiram Fish, que entrara na sala sem fazer qualquer barulho, como de hábito:

– Bom dia, lorde Caterham.

– Oh, bom dia... E parece que vai ser mesmo um bom dia.

– Tem razão. Está fazendo um dia maravilhoso.

O Sr. Fish serviu-se de café. Para comer, pegou apenas uma torrada sem manteiga. Depois de um momento, perguntou:

– É verdade que o embargo foi retirado, que todos nós já podemos partir?

– Ahn... é, sim... Mas eu esperava... isto é, eu ficaria feliz... se quisesse continuar em Chimneys por mais alguns dias...

– Ora, lorde Caterham...

– Sei que foi uma visita horrível. Até demais. Não posso culpá-lo por querer ir embora.

– Está me julgando erradamente, lorde Caterham. Não se pode negar que os últimos acontecimentos foram lamentáveis. Mas a vida rural inglesa, a que se conhece nas mansões dos grandes e poderosos, exerce uma poderosa atração sobre a minha pessoa. Estou profundamente interessado no estudo desse tipo de vida. É algo de que carecemos inteiramente na América. E é com o maior prazer que aceito o seu convite para permanecer em Chimneys por mais algum tempo.

– Então estamos combinados. O prazer é todo meu, todo meu...

Depois daquela demonstração de falsa cordialidade, lorde Caterham inventou um encontro com seu intendente e retirou-se da sala de forma apressada.

Encontrou Virginia no hall, que tinha acabado de descer.

– Quer que eu a leve para tomar o café? – perguntou ele, ternamente.

– Já tomei na cama, obrigado. Estava terrivelmente sonolenta esta manhã.

Virginia bocejou.

– Passou uma noite ruim?

– Não se pode dizer exatamente que tenha sido isso. Ao contrário, creio que se pode até dizer que, sob certo ponto de vista, foi uma boa noite. Oh, lorde Caterham...

Virginia enfiou uma das mãos por dentro do braço dele e apertou gentilmente, antes de acrescentar:

– ...Como estou me divertindo! Foi um amor por ter-me convidado a vir a Chimneys!

– Quer dizer que vai continuar aqui por mais alguns dias? Battle está levantando o... o embargo, mas eu gostaria muito que não fosse embora. E Bundle também gostaria que ficasse.

– Mas claro que ficarei! Fico tão feliz por ter-me convidado!

– Ah... – murmurou lorde Caterham.

Um instante depois, ele suspirou e Virginia perguntou:

– O que o incomoda? Alguém por acaso o mordeu?

– É justamente esse o problema.

Virginia ficou aturdida e lorde Caterham acrescentou:

– Por acaso não sente vontade de jogar um sapato em cima de mim? Não, estou vendo que não sente. Não tem importância...

Lorde Caterham afastou-se, muito triste. Virginia saiu para o jardim por uma porta lateral.

Parou por um momento, respirando o ar frio de outubro, infinitamente revigorante para quem se encontrava tão cansada quanto ela.

Teve um ligeiro sobressalto ao descobrir o superintendente Battle ao seu lado. O homem parecia ter uma extraordinária capacidade de materializar-se

em pleno espaço de maneira inesperada.

– Bom dia, Sra. Revel. Está se sentindo muito cansada?

Virginia sacudiu a cabeça.

– Foi uma noite emocionante e bem valeu a perda de um pouco de sono, superintendente. O único problema é que, depois de tantas emoções, o dia de hoje está parecendo um pouco insípido.

– Há uma boa sombra debaixo daquele cedro – Battle disse. – Quer que eu leve uma cadeira para a senhora sentar-se ali?

– Se acha que é o melhor que tenho a fazer neste momento – disse Virginia, em tom solene.

– Percebe as coisas bem depressa, Sra. Revel. Está realmente certa, gostaria de ter uma conversa com a senhora.

Battle pegou uma cadeira de vime e carregou-a pelo gramado.

Virginia seguiu-o, com uma almofada debaixo do braço.

– Aquele terraço é um lugar muito perigoso quando se deseja ter uma conversa particular – comentou Battle.

– Estou começando a ficar agitada novamente, superintendente Battle.

– Não é nada importante.

Battle tirou um relógio do bolso e deu uma olhada.

– São 10h30. Vou partir para Wyvern Abbey em 10 minutos, a fim de encontrar-me com o Sr. Lomax. Há tempo suficiente. Gostaria de saber se pode me dizer algo a respeito do Sr. Cade.

– A respeito do Sr. Cade?

Virginia estava desconcertada.

– Exatamente. Gostaria de saber onde o conheceu, há quanto tempo foi e assim por diante.

A atitude de Battle era tranqüila e jovial. Até mesmo absteve-se de olhar para Virginia, o que a deixou um tanto inquieta.

– É mais difícil do que pode pensar – disse ela, finalmente. – Ele me prestou um favor imenso certa ocasião...

Battle interrompeu-a:

– Antes que siga adiante, Sra. Revel, gostaria que soubesse de uma coisa. Ontem à noite, depois que se retirou, junto com o Sr. Eversleigh, o Sr.

Cade contou-me toda a história a respeito das cartas e do homem que foi morto em sua casa.

– Contou? – balbuciou Virginia.

– Contou, sim. E fez muito bem. Esclareceu, assim, uma porção de mal-entendidos. Só há uma coisa que ele não me disse: há quanto tempo a conhecia. Tenho uma pequena idéia a respeito. Peço apenas que me diga se estou certo ou errado. Tenho a impressão de que ele a viu pela primeira vez no dia em que foi à sua casa na Pont Street. Ah, estou vendo que acertei! Foi isso mesmo.

Virginia não disse nada. Pela primeira vez, sentiu algum temor daquele homem impassível e de rosto inexpressivo. Agora podia entender o que Anthony estava querendo dizer quando falou que o superintendente Battle não era um homem fácil de ser enganado.

– Ele lhe contou algum fato a respeito de sua vida, Sra. Revel? Por onde ele andou antes de ir parar na África do Sul? Estava no Canadá? Ou será que foi no Sudão? Contou-lhe algo a respeito de sua infância?

Virginia limitou-se a sacudir a cabeça negativamente.

– Contudo, Sra. Revel, não pode haver a menor dúvida de que ele deve ter muitas histórias que merecem ser contadas. Não é possível haver qualquer equívoco com o rosto de um homem que levou uma vida de aventura e destemor.

– Se está querendo saber algum fato a respeito do passado dele, por que não passa um cabograma para o seu amigo, Sr. McGrath? – sugeriu Virginia.

– Já o fizemos. Mas parece que o Sr. McGrath está no interior. Seja como for, é certo que o Sr. Cade estava realmente em Bulawayo, como disse. Mas eu gostaria de descobrir o que andava fazendo antes de aparecer na África do Sul. Estava trabalhando para a Castle há apenas um mês.

Battle tirou novamente o relógio do bolso, deu uma olhada e acrescentou:

– Tenho que ir agora. O carro já deve estar esperando.

Virginia ficou observando-o se afastar na direção da casa. Não saiu de onde estava, na esperança de que Anthony aparecesse. Em vez disso, quem

apareceu foi Bill Eversleigh, com um bocejo prodigioso.

– Graças a Deus que finalmente tenho uma oportunidade de falar-lhe a sós, Virginia.

– Mas fale comigo gentilmente, Bill querido, caso contrário desatarei a chorar.

– Alguém por acaso a maltratou?

– Não se pode dizer exatamente que fui maltratada. Mas entraram em minha mente e viraram-na pelo avesso. Sinto-me como se tivesse sido pisoteada por um elefante.

– Foi Battle?

– Ele mesmo. Battle é um homem terrível.

– Não deve se preocupar com Battle. Eu a amo tanto, Virginia...

– Esta manhã, não, Bill. Não estou me sentindo bastante forte. Além do mais, já lhe disse que os verdadeiros cavalheiros não pedem uma mulher em casamento antes do almoço.

– Oh, Deus! Eu seria capaz de pedi-la em casamento antes mesmo do café da manhã!

Virginia estremeceu.

– Bill, seja sensato e inteligente por um momento. Gostaria de pedir-lhe um conselho.

– Se já tivesse se decidido e concordado em casar comigo, tenho certeza de que estaria se sentindo infinitamente melhor... mais feliz e mais tranqüila...

– Preste atenção, Bill. Pedir-me em casamento é sua *idée fixe*. Todos os homens costumam pedir uma mulher em casamento, quando estão entediados e não sabem o que mais dizer. Mas lembre-se da idade e da minha viuvez e procure amar uma mulher mais jovem e pura.

– Minha querida Virginia... Oh, diabo! Lá vem aquele francês idiota para cá!

Era realmente monsieur Lemoine quem se aproximava, de barba preta e impecável como sempre.

– Bom dia, madame. Está se sentindo muito fatigada?

– Absolutamente.

– Isso é ótimo! Bom dia, Sr. Eversleigh.

O francês fez uma rápida pausa, antes de sugerir:

– O que me dizem de nós três darmos um pequeno passeio?

– Vamos, Bill? – perguntou Virginia.

– Oh, está bem, está bem... – murmurou Bill, obviamente contrariado.

Ele se levantou da relva e os três puseram-se a andar, lentamente. Virginia ia no meio. Tinha percebido imediatamente uma intensa excitação no francês, embora não soubesse determinar a causa.

Com sua habilidade habitual, conseguiu logo deixá-lo à vontade, começou a formular perguntas e a escutar atentamente as respostas. Não demorou muito para que Lemoine começasse a contar histórias do famoso rei Victor. Havia uma certa amargura na voz dele, ao descrever as diversas maneiras pelas quais a polícia parisiense fora enganada pelo famoso ladrão.

Mas durante todo o tempo, apesar de Lemoine parecer inteiramente absorto na narrativa, Virginia teve a impressão de que era outro o objetivo que o detetive tinha em mente. Além disso, achou também que Lemoine, sob a cobertura de seu relato, estava seguindo um caminho premeditado pelo parque. Não estavam apenas passeando a esmo. O francês os levava para um local determinado.

Subitamente, Lemoine parou de falar e olhou ao redor. Estavam no ponto em que o caminho cruzava o parque, antes de uma curva fechada, e depois desaparecia por trás de um amontoado de árvores. Lemoine ficou olhando para um veículo que se aproximava, vindo da casa.

Virginia olhou também e comentou:

– É a carroça que está levando a bagagem e o criado particular de Isaacstein para a estação.

– É mesmo? – disse Lemoine, consultando o relógio, e acrescentou: – Mil perdões! Já fiquei aqui por mais tempo do que pretendia... uma companhia tão agradável! Será que eu conseguiria uma carona até a aldeia?

Ele saiu para o caminho e fez sinal para o cocheiro. A carroça parou. Depois de uma rápida explicação, Lemoine subiu atrás, levantou o chapéu para Virginia, polidamente, ao começar a se afastar.

Virginia e Bill ficaram parados, observando a carroça desaparecer, um tanto perplexos. No momento em que a carroça dobrava a curva do caminho, uma maleta caiu no chão. A carroça seguiu adiante.

– Vamos depressa! – disse Virginia para Bill. – Tenho a impressão de que vamos testemunhar alguma cena interessante. Aquela maleta não caiu por acaso, mas foi deliberadamente jogada.

– Ninguém notou nada – comentou Bill.

Os dois correram pelo caminho, na direção da maleta. No momento em que a alcançaram, Lemoine dobrou a curva, a pé. Estava vermelho de andar depressa e um tanto ofegante, mas comentou num tom alegre:

– Fui obrigado a descer. Descobri que tinha deixado uma coisa para trás.

– Isto? – indagou Bill, indicando a maleta.

Era uma bela maleta de pele de porco, com as iniciais H. I. gravadas.

– Mas que pena! – disse Lemoine, suavemente. – Deve ter caído num solavanco. Vamos tirá-la do caminho?

Sem esperar por uma resposta, ele pegou a maleta e levou-a para o meio das árvores. Abaixou-se com algo que refletia nas mãos. Um instante depois a maleta estava aberta.

Lemoine falou de novo, com uma voz totalmente diferente, rápida e autoritária:

– O carro deverá passar por aqui daqui a pouco. Já se pode avistá-lo?

Virginia olhou para a casa e respondeu:

– Não.

– Ótimo!

Com mãos extremamente hábeis, o francês tirou os objetos que estavam na maleta. Havia uma garrafa com tampa de ouro, pijamas de seda, diversos pares de meias. Subitamente, ele congelou. Tirou o que parecia ser uma trouxa de roupa de baixo de seda e desenrolou-a rapidamente.

Uma exclamação de espanto saiu dos lábios de Bill. No meio das roupas, havia um revólver de grosso calibre.

– Estou ouvindo a buzina – informou Virginia.

Como um relâmpago, Lemoine tornou a guardar tudo dentro da maleta. Pegou seu lenço de seda e enrolou o revólver com ele, guardando-o no bolso. Fechou a maleta e virou-se para Bill.

– Leve a maleta, junto com a madame. Pare o carro e explique que a maleta caiu no caminho. Não fale em mim.

Bill avançou rapidamente para o caminho, no instante em que a grande limusine Lanchester, levando Isaacstein, dobrava a curva. O motorista parou o carro e Bill entregou-lhe a maleta, dizendo:

– Caiu da carroça. Por sorte, estávamos passando por aqui e vimos.

Ele vislumbrou rapidamente o rosto pálido e surpreso do financista, antes que o carro novamente arrancasse, afastando-se. Os dois voltaram para junto de Lemoine, que segurava o revólver, com uma expressão de intenso regozijo.

– Um tiro no escuro... – murmurou ele. – Um tiro muito no escuro, mas que acertou em cheio...

22

O sinal vermelho

O superintendente Battle estava de pé na biblioteca de Wyvern Abbey.

George Lomax, sentado atrás de uma escrivaninha repleta de papéis, estava de rosto franzido, com uma expressão sombria.

O superintendente Battle iniciara a reunião com um relato sucinto e objetivo dos últimos acontecimentos. Desde então, a conversa estava quase que exclusivamente aos cuidados de George. Battle contentava-se em dar respostas lacônicas, em geral monossilábicas, às perguntas que lhe eram feitas.

Sobre a escrivaninha, diante de George, estava o maço de cartas que Anthony encontrara na cômoda de seu quarto.

– Não consigo entender mais nada – disse George, irritado, pegando novamente as cartas. – Disse que as cartas estão em código?

– Isso mesmo, Sr. Lomax.

– E onde foi que ele disse que as encontrou? Na cômoda?

Battle repetiu, palavra por palavra, o relato que Anthony Cade lhe fizera sobre a maneira como recuperara as cartas.

– E ele entregou-as imediatamente a você? Foi uma atitude das mais apropriadas... muito apropriada mesmo. Mas quem as teria deixado no quarto?

Battle sacudiu a cabeça.

– É o tipo de coisa que deveria saber – queixou-se George. – Está me parecendo uma história suspeita... muito suspeita mesmo. O que sabemos a respeito desse tal de Cade? Ele sempre aparece de maneira misteriosa, nas circunstâncias mais suspeitas... e nada sabemos a respeito dele. Devo dizer que, pessoalmente, as atitudes dele não me interessam em nada. Mas andou fazendo indagações a respeito de Cade, não foi?

O superintendente Battle permitiu-se um sorriso paciente.

– Passamos imediatamente um cabograma para a África do Sul. A história dele foi confirmada, em todos os pontos. Estava em Bulawayo com o Sr. McGrath, na ocasião em que assim o declarou. Antes desse encontro, trabalhava para a Castle, uma agência de turismo.

– Justamente o que se podia esperar – comentou George. – Ele possui o tipo de segurança ordinária que pode ser bem-sucedida em determinados empregos. Mas as cartas... temos que tomar providências imediatas... imediatas...

O grande homem bufou e avolumou-se de modo importante. O superintendente Battle abriu a boca para falar, mas George antecipou-se:

– Não pode haver nenhuma demora. As cartas devem ser decifradas sem perda de tempo. Deixe-me pensar... Quem é mesmo o homem? Sei que há um especialista nisso... ligado ao Museu Britânico. Conhece tudo sobre códigos. Dirigiu o departamento para nós, durante a guerra. Onde está a Srta. Oscar? Ela deve saber. O nome era Win... Win...

– Professor Wynwood – disse Battle.

– Exatamente. Estou lembrando agora. Devemos mandar-lhe um telegrama imediatamente.

– Já o fiz, Sr. Lomax, há cerca de uma hora. Ele deverá chegar no trem das 12h10.

– Muito bom, muito bom... Graças a Deus que pelo menos um problema me foi tirado da cabeça. Tenho que ir a Londres hoje. Acha que poderá continuar sem a minha ajuda?

– Acho que posso, senhor.

– Pois então faça o melhor possível, Battle, o melhor possível. Estou terrivelmente ocupado no momento.

– Está certo, senhor.

– Por falar nisso, por que o Sr. Eversleigh não veio junto com você?

– Ele ainda estava dormindo quando parti, senhor. Passamos a noite inteira acordados, conforme lhe contei.

– Ah, é mesmo, é mesmo... Frequentemente também passo quase toda a noite acordado. Fazer o trabalho de 36 horas em apenas 24 horas... é isso o que constantemente tenho de fazer! Assim que voltar, Battle, pode fazer o favor de mandar Eversleigh para cá imediatamente?

– Darei o recado, senhor.

– Obrigado, Battle. Compreendo perfeitamente que precisasse depositar alguma confiança nele. Mas acha que era realmente necessário revelar os fatos à minha prima, a Sra. Revel?

– Já que era o nome dela que estava assinado nas cartas, Sr. Lomax, achei que era minha obrigação.

– Uma desfaçatez incrível – murmurou George, franzindo o rosto, a olhar para o maço de cartas. – Lembro-me do falecido rei da Herzoslováquia. Era um sujeito muito simpático, mas fraco... lamentavelmente fraco. Um simples brinquedo nas mãos de uma mulher inescrupulosa. Tem alguma teoria a respeito da maneira como as cartas voltaram às mãos do Sr. Cade?

– Tenho a opinião de que as pessoas, ao não conseguirem algo de um jeito... tentam de outro.

– Não estou entendendo, Battle.

– Esse criminoso, rei Victor, já deve saber que a Câmara do Conselho está sendo vigiada. Por isso, devolveu-nos as cartas, a fim de que possamos decifrá-las e encontrar o esconderijo. E depois... ele entrará em ação! Mas Lemoine e eu estaremos preparados.

– Quer dizer que tem um plano?

– Não chego a dizer que seja um plano. Mas tenho uma idéia. De vez em quando, é muito útil ter uma idéia.

Logo depois disso, o superintendente Battle foi embora. Não tinha a menor intenção de revelar seus esquemas a George.

Na volta para Chimneys, ele passou por Anthony na estrada e parou.

– Quer me dar uma carona até a casa? – perguntou Anthony.

– Seria ótimo!

– Onde esteve, Sr. Cade?

– Fui até a estação para indagar sobre os horários dos trens.

Battle franziu as sobrancelhas.

– Está pensando em nos deixar novamente, Sr. Cade?

– Não no momento – respondeu Anthony, rindo. – Por falar nisso, sabe por acaso o que deixou o Sr. Isaacstein tão transtornado? Ele chegou à estação de carro no instante em que eu saía e parecia bastante abalado.

– O Sr. Isaacstein?

– Exatamente.

– Não tenho certeza. Mas imagino que seria necessário um golpe e tanto para deixá-lo abalado.

– Concordo plenamente. Ele é um dos homens pálidos, fortes e silenciosos que controlam as nossas finanças.

Subitamente, Battle inclinou-se para a frente e bateu no ombro do motorista.

– Quer fazer o favor de parar? E fique esperando por mim aqui.

Ele saltou do carro, para surpresa de Anthony. Mas um instante depois, Anthony avistou monsieur Lemoine avançando para se encontrar com o detetive inglês. Calculou que fora um sinal dele que atraía a atenção de Battle.

Houve uma rápida conversa entre os dois e depois Battle voltou para o carro e disse ao motorista que seguisse adiante. Sua expressão mudara inteiramente.

– Encontraram o revólver – disse ele, de maneira abrupta.

– O quê?

Anthony fitava-o com a maior perplexidade.

– Onde?

– Na maleta de Isaacstein.

– Mas é impossível!

– Nada é impossível. Eu devia ter-me lembrado disso.

Battle estava perfeitamente imóvel e seu único movimento era bater ligeiramente com a mão no joelho.

– Quem o encontrou?

Battle inclinou a cabeça para trás.

– Lemoine. É um sujeito esperto. Ele é muito estimado na Sûreté.

– Mas isso não contradiz todas as suas idéias?

– Não, não se pode dizer propriamente isso. Reconheço que, a princípio, fiquei um tanto surpreso. Mas o fato se ajusta perfeitamente a uma das minhas idéias.

– E que idéia é essa?

Mas o superintendente enveredou por um assunto totalmente diferente:

– Será que se incomodaria de procurar o Sr. Eversleigh para mim, senhor? Tenho um recado do Sr. Lomax para ele. Ele deve ir para Abbey imediatamente.

– Está certo – disse Anthony, no momento em que o carro parava diante da porta da casa. – Ele provavelmente ainda está na cama.

– Creio que não. Se olhar bem, poderá vê-lo passeando entre as árvores com a Sra. Revel.

– Tem bons olhos, hein, Battle? – comentou Anthony, afastando-se em seguida para cumprir a missão de que fora incumbido.

Deu o recado a Bill, que ficou devidamente irritado.

– Mas que diabo! – resmungou Bill para si mesmo, voltando para casa.

– Por que Lomax não pode me deixar em paz de vez em quando? E por que

esses malditos coloniais não podem permanecer nas Colônias? Para que eles querem vir aqui e conquistar as nossas melhores garotas? Já estou cansado de tudo!

Assim que Bill se afastou, Virginia perguntou a Anthony:

– Já ouviu falar do revólver?

– Battle me contou. Um fato surpreendente, não é mesmo? Isaacstein estava bastante assustado ontem, querendo ir embora o mais depressa possível. Mas pensei que fosse apenas nervosismo por tudo o que aconteceu aqui. Considerava-o a única pessoa acima de qualquer suspeita. Pode imaginar algum motivo para Isaacstein querer eliminar o príncipe Michael?

– Nenhum que justifique – concordou Virginia, pensativa.

– Toda essa história está muito estranha, nenhum fato parece se ajustar – comentou Anthony, visivelmente insatisfeito. – No início, imaginei que era um grande detetive amador e poderia desvendar tudo. Mas, até agora, tudo que consegui foi comprovar a inocência da governanta francesa, com grande esforço e alguma despesa.

– Para isso é que foi à França?

– Exatamente. Fui até Dinard e tive uma entrevista com a condessa de Breteuil, imensamente satisfeito com a minha própria esperteza, esperando que ela me dissesse que nunca ouvira falar de nenhuma mademoiselle Brun. Em vez disso, a informação que recebi foi de que mademoiselle havia sido o alicerce daquele lar durante os últimos sete anos. Assim, a menos que a condessa seja também uma criminosa, essa minha engenhosa teoria cai por terra.

Virginia sacudiu a cabeça.

– Madame de Breteuil está acima de qualquer suspeita. Conheço-a muito bem e tenho a impressão de que cheguei a ver mademoiselle no *château*. Sei que já conhecia o rosto dela... dessa maneira vaga como reconhecemos os rostos de governantas, damas de companhia e pessoas que viajam à nossa frente num compartimento de trem. É terrível, eu sei, mas a verdade é que nunca olho direito para essas pessoas. E você?

– Só olho bem quando são excepcionalmente bonitas.

– Neste caso... O que houve?

Anthony estava olhando para um vulto que emergira do meio das árvores e estava parado a alguma distância, imóvel, quase em posição de sentido. Era Boris, o herzoslovaco.

– Com licença – disse Anthony para Virginia. – Tenho que falar com o meu cachorro.

Ele se encaminhou para Boris.

– O que houve? Está querendo algo?

– Amo – disse Boris, fazendo uma medida.

OceanofPDF.com

– Está bem, está bem, só que não devia ficar me seguindo desse jeito. Parece muito esquisito.

Sem dizer nada, Boris tirou do bolso um pedaço de papel bem sujo, obviamente rasgado de uma carta, e entregou-o a Anthony.

– O que é isso? – indagou Anthony.

Havia um endereço rabiscado no pedaço de papel e mais nada.

– Ele deixou cair e eu trouxe para o amo.

– Quem deixou cair?

– O cavalheiro estrangeiro.

– Mas por que me trouxe isso?

Boris fitou-o com uma expressão de censura.

– Está bem, está bem... Mas pode ir embora agora. Estou ocupado.

Boris bateu continência, virou-se abruptamente e afastou-se. Anthony voltou para junto de Virginia, guardando no bolso o pedaço de papel. Ela perguntou, curiosa:

– O que ele queria? E por que o chamou de seu cachorro?

– Porque ele se comporta como um cachorro – Anthony falou, respondendo primeiro à última pergunta. – Deve ter sido um cachorro de verdade na encarnação anterior. Acaba de me trazer um pedaço de papel, dizendo que o cavalheiro estrangeiro deixou-o cair. Creio que está se referindo a Lemoine.

– Deve ser isso mesmo.

– Boris está sempre me seguindo. Como se fosse um cachorro fiel. Quase nunca diz nada. Simplesmente fica olhando para mim, com aqueles seus olhos redondos. Não consigo entendê-lo.

– Quem sabe se ele não estava se referindo a Isaacstein? – sugeriu Virginia. – Isaacstein tem cara de estrangeiro.

– Isaacstein... – repetiu Anthony, impaciente. – Onde será que ele entra na história?

– Está arrependido de ter-se envolvido neste caso? – indagou Virginia, inesperadamente.

– Arrependido? Mas claro que não! Ao contrário, estou adorando. Passei a maior parte da minha vida procurando encrencas. Talvez agora eu

tenha encontrado um pouco mais do que podia querer.

– Mas agora você já está livre de dificuldades – comentou Virginia, um pouco surpresa com a inesperada seriedade de Anthony.

– Nem tanto.

Os dois andaram por mais de um minuto em absoluto silêncio, que foi finalmente rompido por Anthony:

– Há algumas pessoas que não se conformam com os sinais. Uma locomotiva comum, bem ajustada, diminui a velocidade ou pára quando avista um sinal vermelho à sua frente. Talvez eu tenha nascido cego para as cores. Quando avisto um sinal vermelho, não consigo deixar de seguir adiante. No fim, isso sempre acaba em desastre. É inevitável. E também justo. Esse tipo de atitude prejudica o tráfego em geral.

Anthony ainda estava extremamente sério. Virginia perguntou:

– Assumiu muitos riscos em sua vida?

– Praticamente todos, a exceção de um... o casamento.

– É uma atitude um tanto cética.

– Nem tanto. O casamento, o tipo de casamento a que estou me referindo, seria a maior de todas as aventuras.

– Gosto disso – murmurou Virginia, corando de ansiedade.

– Só há um tipo de mulher com quem eu gostaria de casar... o tipo que está a muitos mundos de distância da vida que eu levo. Mas o que iríamos fazer depois? Ela deveria se enquadrar na minha espécie de vida ou eu deveria adotar a vida dela?

– Se ela o amasse...

– É uma atitude sentimental, Sra. Revel. E sabe disso. O amor não é uma droga que pode ser tomada para ignorarmos inteiramente o ambiente que nos cerca. Pensando bem, isso talvez seja possível, mas é uma pena... porque o amor pode ser muito mais do que isso. O que acha que o rei e sua plebéia mendiga pensaram da vida de casados, depois de um ou dois anos de casamento? Será que ela não sentia saudade de seus andrajos, dos pés descalços e da vida despreocupada? Pode apostar que sim. E será que adiantaria alguma coisa ele renunciar ao trono por causa dela? Não adiantaria coisa alguma. Ele daria um péssimo mendigo, tenho certeza. E

nenhuma mulher respeita um homem que está fazendo algo da pior forma possível.

– Por acaso se apaixonou por alguma mendiga, Sr. Cade? – indagou Virginia, suavemente.

– Comigo aconteceu justamente o inverso. Contudo, o princípio é o mesmo.

– E não há saída?

– Há sempre uma saída – respondeu Anthony, de maneira sombria.

– Tenho a teoria de que uma pessoa sempre pode conseguir o que deseja, desde que esteja disposta a pagar o preço. E sabe qual é o preço, em nove a cada dez vezes? A transigência. O que é uma coisa terrível, mas que sempre acaba se impondo a todos nós quando nos aproximamos da meia-idade. É o que está acontecendo comigo agora. Para conquistar a mulher que desejo, sou capaz... até mesmo de arrumar um trabalho regular.

Virginia soltou uma risada.

– Fui educado para exercer um determinado ofício – continuou Anthony.

– E abandonou-o?

– Exatamente.

– Por quê?

– Uma questão de princípio.

– Ahn...

– É uma mulher muito estranha – disse Anthony bruscamente, virando-se para fitá-la.

– Por quê?

– Consegue se abster de fazer perguntas.

– É porque não perguntei qual era o seu ofício?

– Exatamente.

Caminharam em silêncio por mais algum tempo. Estavam agora se aproximando da casa, passando pelas extremidades do roseiral, de onde vinha um aroma delicioso.

– Eu diria que você compreende os fatos muito bem – comentou Anthony, rompendo o silêncio. – Sabe quando um homem está apaixonado

por você. Não creio que se interesse muito por mim... nem por qualquer outro homem, diga-se de passagem. Mas, por Deus, como eu gostaria de fazer com que se importasse!

– E acha que poderia? – perguntou Virginia, em voz baixa.

– Provavelmente não. Mas valeria a pena tentar.

– Está arrependido de ter-me conhecido?

– Mas claro que não! É o sinal vermelho outra vez. Quando a vi pela primeira vez, naquele dia na Pont Street, compreendi que estava diante de algo que ia doer um bocado. Seu rosto fez isso comigo... apenas seu rosto. Há magia em você, da cabeça aos pés... Algumas mulheres são assim, mas jamais conheci uma que tivesse tanta magia. Irá casar com algum homem respeitável e próspero. Enquanto isso, voltarei para a minha vida ignominiosa. Mas irei beijá-la uma vez antes de partir... juro que irei.

– Só que não pode fazê-lo agora – disse Virginia, suavemente. – É que o superintendente Battle está nos observando da janela da biblioteca.

Anthony fitou-a atentamente e disse com calma:

– Você é um verdadeiro demônio, Virginia. Mas também é um amor.

Depois, Anthony acenou para o superintendente Battle e gritou:

– Pegou muitos criminosos esta manhã, Battle?

– Ainda não, Sr. Cade.

– Mas parece esperançoso.

Com uma agilidade surpreendente para um homem tão corpulento, Battle pulou pela janela da biblioteca e foi se juntar aos dois no terraço.

– O professor Wynwood está aqui – anunciou ele, falando baixinho. – Chegou há poucos minutos. E já está decifrando as cartas. Gostariam de vê-lo em ação?

O tom dele sugeria o de um mestre-de-cerimônias a apresentar um espetáculo. Recebendo uma resposta afirmativa, levou-os até a janela e convidou-os a darem uma olhada.

Sentado à mesa, com as cartas espalhadas à sua frente e escrevendo rapidamente numa folha de papel grande, estava um homem pequeno, de meia-idade, com cabelo avermelhado. Resmungava sozinho, irritado,

enquanto escrevia. De vez em quando, coçava o nariz vigorosamente, até que a cor deste ficasse quase igual à dos cabelos.

Dali a pouco levantou a cabeça.

– É você, Battle? Por que me trouxe aqui para decifrar essa bobagem? Uma criança de colo poderia fazê-lo. Um bebê de 2 anos conseguiria fazer isso de olhos fechados. Chama isso de código? O negócio salta aos olhos, meu caro!

– Fico contente em saber disso, professor – murmurou Battle, humildemente. – Mas nem todos somos tão espertos quanto o senhor.

– Não é preciso nenhuma esperteza para decifrar algo assim. Não passa de um trabalho de rotina. Quer que eu decifre todas as cartas? E um trabalho demorado, exige aplicação e atenção... e dispensa qualquer inteligência. Já decifrei a que tem o cabeçalho de “Chimneys” e que me disse ser importante. Posso levar as outras para Londres e entregar a um dos meus assistentes para decifrar. Eu mesmo não posso perder tempo com essas bobagens. Interrompi um trabalho realmente difícil para vir até aqui e quero voltar o mais depressa possível.

Os olhos do professor Wynwood brilhavam ligeiramente.

– Não há problema, professor – disse Battle. – Lamento muito que seja algo tão insignificante e fácil. Explicarei tudo ao Sr. Lomax. E essa carta era realmente a única da qual tínhamos urgência. Mas creio que lorde Caterham está esperando que fique para o almoço.

– Jamais almoço, Battle. É um péssimo hábito. Uma banana e uma bolacha de água e sal é tudo o que um homem sadio e saudável precisa comer no meio do dia.

Ele pegou o sobretudo, que deixara no encosto de uma cadeira. Battle deu a volta até a frente da casa. Poucos minutos depois, Anthony e Virginia ouviram o barulho de um carro se afastando.

Battle voltou a se juntar a eles, trazendo a folha de papel que o professor lhe dera.

– Ele é sempre assim – comentou Battle. – Nunca o vi sem pressa. Mas é um homem muito inteligente. Bom, aqui está o verdadeiro teor da carta de Sua Majestade. Não querem dar uma olhada?

Virginia pegou o papel e Anthony leu por cima do ombro dela. Ele se lembrava de que era uma carta longa e que transbordava de paixão e desespero. O gênio do professor Wynwood reduzira-a a um comunicado essencialmente prático e objetivo:

Operações realizadas com pleno sucesso, mas S. traiu-nos. Tirou a pedra do esconderijo. Não está no quarto dele. Já procurei. Mas encontrei o texto seguinte, que deve se referir à pedra: RICHMOND SETE RETO OITO ESQUERDA TRÊS DIREITA.

– S.? – Anthony falou. – Só pode ser Stylptitch. Era um velho astucioso. Mudou o esconderijo da pedra.

– Richmond... – murmurou Virginia, pensativa. – Será que o diamante está escondido em Richmond?

– É um dos lugares prediletos da realeza – comentou Anthony.

Battle sacudiu a cabeça.

– Continuo achando que é uma referência a algum lugar desta casa.

– Já sei! – exclamou Virginia, abruptamente. Os dois homens se viraram para fitá-la. – É o retrato de Holbein na Câmara do Conselho. Estavam batendo na parede logo abaixo. E o retrato é do conde de Richmond!

– É isso mesmo! – Battle concordou, dando um tapa na própria perna.

Ele falou com um entusiasmo inesperado.

– O quadro é o ponto de partida, mas os criminosos sabem tanto quanto nós a que se referem os números. As duas armaduras ficam diretamente por baixo do quadro e a primeira idéia deles foi a de que o diamante poderia estar escondido numa delas. Mas nada descobriram. A idéia seguinte deles foi a existência de uma passagem ou escada secreta, talvez um painel corrediço. Sabe algo a esse respeito, Sra. Revel?

Virginia sacudiu a cabeça.

– Sei que existe pelo menos uma câmara e uma passagem secretas. Tenho a impressão de que já me mostraram uma vez, mas não consigo me lembrar. Mas aí vem Bundle. Ela deve saber.

Bundle se aproximava pelo terraço, caminhando apressadamente. E informou:

– Vou para a cidade no Panhard logo depois do almoço. Alguém quer uma carona? Não gostaria de ir junto, Sr. Cade? Estaremos de volta na hora do jantar.

– Não, obrigado – respondeu Anthony. – Estou me sentindo bem e tenho muito o que fazer aqui.

– Ele está com medo de mim! – disse Bundle. – Ou teme a minha habilidade como motorista ou então o meu fascínio fatal. Qual dos dois?

– É a segunda hipótese – respondeu Anthony. – E é um receio permanente.

– Bundle, querida, há alguma passagem secreta saindo da Câmara do Conselho? – perguntou Virginia.

– Há, sim. Mas está quase desaparecendo. Dizem que, antigamente, levava de Chimneys até Wyvern Abbey. Mas agora está bloqueada. Por este lado, não dá para se avançar por mais de 100 metros. A passagem secreta lá em cima, na Galeria Branca, é muito mais divertida. E a câmara secreta também não é nada má.

– Não estamos querendo saber por motivos artísticos – explicou Virginia. – Nosso caso é sobre negócios. Como se entra na passagem secreta da Câmara do Conselho?

– Há um painel que se abre. Se quiserem, posso mostrar, logo depois do almoço.

– Obrigado – agradeceu o superintendente Battle. – Podemos marcar para 14h30?

Bundle fitou-o, as sobrancelhas ligeiramente franzidas.

– Isso está ligado ao crime?

Nesse momento, Tredwell apareceu no terraço e anunciou:

– O almoço está servido, *my lady*.

Às 14h30, um pequeno grupo reuniu-se na Câmara do Conselho: Bundle, Virginia, o superintendente Battle, monsieur Lemoine e Anthony Cade.

– Não é necessário esperarmos até conseguirmos entrar em contato com o Sr. Lomax – ressaltou Battle. – Esse é o tipo de negócio que precisa ser feito com a maior rapidez possível.

– Se está pensando que o príncipe Michael foi assassinado por alguém que entrou por aqui, devo dizer que está inteiramente enganado – comentou Bundle. – A passagem está totalmente bloqueada.

– Não é esse o problema, milady – disse Lemoine. – Estamos procurando outra coisa.

– É mesmo? Não é por acaso aquele negócio histórico?

Lemoine ficou desconcertado e Virginia veio em seu socorro:

– Explique-se, Bundle. Você consegue quando quer.

– Aquele objeto, o diamante histórico dos príncipes que foi surrupiado séculos antes de eu chegar à idade da razão.

– Quem lhe contou essa história, lady Eillen? – perguntou Battle.

– Eu sempre soube. Quem me contou foi um dos criados, quando eu tinha 12 anos.

– Um criado! Oh, Deus, como eu gostaria que o Sr. Lomax ouvisse isso!

– Quer dizer que esse é um dos segredos bem guardados de George? – perguntou Bundle. – Mas que coisa sensacional! Nunca pensei que a história fosse verdadeira. Mas devo dizer que George sempre foi um tolo. Ele devia saber que os criados sempre sabem de tudo.

Ela foi até o retrato de Holbein, apertou uma mola escondida em algum lugar ao lado e, imediatamente, com um rangido, uma parte do painel recuou, revelando uma abertura escura.

– *Entrez, messieurs et mesdames* – Bundle falou de forma teatral. – Vamos, aproximem-se, meus caros. É o melhor espetáculo da temporada e custa apenas um vintém!

Tanto Lemoine como Battle estavam munidos de lanternas. Entraram na frente pela abertura escura e os outros seguiram logo atrás.

– O ar está fresco – comentou Battle. – Deve haver alguma ventilação.

Ele foi andando na frente. O chão era de pedras, irregular, mas as paredes eram de tijolos. Como Bundle dissera, a passagem estendia-se apenas por cerca de 100 metros. Terminava abruptamente, bloqueada por uma pilha de escombros. Depois de certificar-se de que era realmente impossível seguir adiante, ele disse para os outros:

– Vamos voltar agora, por favor. Eu queria apenas, digamos, reconhecer o terreno.

Um instante depois, estavam de volta à entrada da passagem secreta.

– Vamos começar daqui – disse Battle. – Sete em frente, oito à esquerda, três à direita. Vamos considerar que o número inicial se refere a passos.

Ele deu sete passos para a frente, cuidadosamente. Abaixando-se, examinou atentamente o chão.

– Creio que estamos certos. Em uma ou outra ocasião, havia uma marca de giz aqui. Agora, oito à esquerda. Não devem ser passos, pois a passagem é muito estreita, dá apenas para se andar em fila indiana.

– Podem ser tijolos – sugeriu Anthony.

– Tem toda razão, Sr. Cade. Oito tijolos a partir de baixo ou de cima, do lado esquerdo. Vamos experimentar primeiro a partir de baixo. É mais fácil.

Ele contou oito tijolos de baixo para cima.

– E agora três à direita. Um, dois, três... Ei, o que é isto?

– Vou começar a gritar daqui a pouco – alertou Bundle. – Sei que vou! O que é isto?

O superintendente Battle estava escavando o tijolo com a ponta de um canivete. Seu olho experiente percebera imediatamente que aquele tijolo era diferente dos outros. Em um ou dois minutos de trabalho, conseguiu tirá-lo. Por trás, havia uma cavidade escura. Battle enfiou a mão na abertura.

Todos ficaram esperando, com expectativa, prendendo a respiração. Battle retirou a mão.

E soltou uma exclamação de surpresa e raiva.

Os outros se comprimiram por trás dele, olhando, aturdidos, para os três objetos que ele tinha na mão. Por um momento, todos tiveram a impressão

de que seus olhos os tinham enganado.

Havia um pequeno cartão de botões de madrepérola, um quadrado de tricô grosseiro e um pedaço de papel no qual estava escrita uma fileira de Es maiúsculos!

– Eu... eu... não estou entendendo... – balbuciou Battle. – O que significa isso?

– *Mon Dieu!* – murmurou o francês. – *Ça c'est un peu trop fort!*

– Mas o que significa isso? – gritou Virginia, perplexa.

– O que significa? – repetiu Anthony. – Só pode significar uma coisa. O falecido conde Stylptitch devia ter um senso de humor excepcional! E isso é um exemplo desse senso de humor. Mas devo dizer que, pessoalmente, não acho nada engraçado.

– Importa-se de explicar um pouco mais claramente o que está querendo dizer, senhor? – pediu o superintendente Battle.

– Certamente. Esse foi o pequeno gracejo do conde. Ele deve ter desconfiado de que haviam lido a sua inscrição. Quando os ladrões viessem recuperar a jóia, encontrariam em seu lugar esse enigma extremamente astucioso. E o tipo de coisa que se apresentaria durante um chá, em que o jogo de salão seja o de adivinhar o que cada um é.

– Quer dizer que esses objetos têm um significado?

– Eu diria que não pode haver a menor dúvida quanto a isso. Se o conde quisesse apenas ser ofensivo, deixaria um bilhete com a palavra “Vendido”, o retrato de um burro ou algo assim grosseiro.

– Um pedaço de tricô, alguns Es maiúsculos e uma porção de botões... – murmurou Battle, desconsolado.

– *C'est inoui* – disse Lemoine, furioso.

– Código nº 2 – disse Anthony. – Será que o professor Wynwood conseguiria decifrar esse também?

– Quando essa passagem foi usada pela última vez, milady? – perguntou o francês a Bundle.

Bundle pensou um pouco.

– Tenho a impressão de que ninguém esteve aqui nos últimos dois anos. De um modo geral, o que mostram para os turistas e os norte-americanos é

a câmara secreta.

– Estranho...

– O que é estranho?

Lemoine abaixou-se e pegou um pequeno objeto no chão.

– Por causa disso – disse ele. – Este fósforo não está aqui há dois anos... nem mesmo há dois dias.

Ele fez uma breve pausa, antes de indagar:

– Alguém aqui deixou cair este fósforo?

A resposta foi negativa. O superintendente Battle disse:

– Creio que já vimos tudo o que há para se ver aqui. É melhor sairmos.

A proposta foi aceita por todos. O painel estava fechado, mas Bundle mostrou como abri-lo por dentro. O painel abriu-se sem fazer barulho e ela pulou para a Câmara do Conselho, ruidosamente.

– Mas que diabo! – exclamou lorde Caterham, levantando-se de um pulo da poltrona em que parecia estar cochilando.

– Pobre papai... – murmurou Bundle. – Eu lhe dei um susto?

– Não consigo conceber por que ninguém mais descansa um pouco depois da refeição – questionou lorde Caterham. – É uma arte perdida. Só Deus sabe como Chimneys é grande, mas nem mesmo assim consigo encontrar um único cômodo onde possa ter um pouco de sossego. Mas Santo Deus! Quantos vocês são? A cena me faz lembrar das pantomimas a que eu costumava assistir quando era menino, em que hordas de demônios geralmente apareciam de repente de alçapões.

– Chegou o Demônio nº 7 – disse Virginia, aproximando-se dele e afagando-lhe a cabeça. – Não precisa ficar zangado. Estávamos apenas explorando as passagens secretas.

– Parece que as passagens secretas entraram em vigor ultimamente – resmungou lorde Caterham, ainda não de todo calmo. – Tive que mostrar todas ao tal de Fish esta manhã.

– Quando foi isso? – indagou Battle.

– Pouco antes do almoço. Parece que ele tinha ouvido falar da passagem secreta que havia ali. Levei-o em seguida para a Galeria Branca e terminamos na câmara secreta. Mas, a essa altura, o entusiasmo dele já

estava começando a se dissipar. Ele parecia terrivelmente entediado. Mas obriguei-o a ir até o fim.

Lorde Caterham soltou uma risadinha, ao se recordar. Anthony pôs a mão no braço de Lemoine e disse-lhe baixinho:

– Vamos lá fora. Preciso falar com o senhor.

Os dois saíram pela porta do terraço. Depois de se afastarem consideravelmente da casa, Anthony tirou do bolso o pedaço de papel que Boris lhe entregara naquela manhã e perguntou:

– Foi você quem deixou cair isso?

Lemoine pegou o papel e examinou-o com algum interesse.

– Não, nunca vi isso antes. Por quê?

– Tem certeza?

– Absoluta, monsieur.

– Estranho...

Ele contou a Lemoine o que Boris lhe dissera. O francês escutou atentamente e depois confirmou:

– Não, não fui eu que deixei cair esse pedaço de papel. Disse que Boris encontrou-o no meio das árvores?

– Foi a minha suposição, embora ele não tenha chegado a dizer isso claramente.

– É bem possível que tenha caído da maleta de monsieur Isaacstein. Pergunte a Boris.

Lemoine devolveu o papel a Anthony e acrescentou, depois de uma breve hesitação:

– O que sabe exatamente a respeito desse Boris?

Anthony deu de ombros.

– Pelo que sei, ele era o criado de confiança do falecido príncipe Michael.

– É bem possível. Mas compete a você descobrir tudo. Pergunte a alguém que o conheça, como o barão Lolopretjzyl. Talvez o homem tenha sido contratado há apenas poucas semanas. Pessoalmente, tenho a impressão de que ele é honesto. Mas... quem sabe? O rei Victor é

perfeitamente capaz de assumir de repente o papel de um criado de confiança.

– Acha mesmo que...

Lemoine interrompeu-o:

– Vou ser franco. No meu caso, o rei Victor virou obsessão. Eu o vejo por toda parte. Neste momento, por exemplo, chego mesmo a me perguntar: este homem que está conversando comigo, o Sr. Cade, não poderia ser o rei Victor?

– Deus do céu! Mas que idéia terrível!

– Que me importa o diamante? Ou a descoberta do assassino do príncipe Michael? Deixo esses problemas aos cuidados do meu colega da Scotland Yard, que tem essa missão. Quanto a mim, tenho apenas um propósito nesta vinda à Inglaterra: capturar o rei Victor e em flagrante. Nada mais me importa.

– E acha que conseguirá? – indagou Anthony, acendendo um cigarro.

– Como vou saber? – murmurou Lemoine, com súbito desânimo.

– Sei lá!

Os dois voltaram ao terraço. O superintendente Battle estava parado perto da porta do terraço numa atitude impassível.

– Olhe só para o pobre Battle – disse Anthony. – Vamos animá-lo um pouco.

Ele fez uma breve pausa, antes de acrescentar:

– Sob certos aspectos, monsieur Lemoine, é um homem bastante estranho.

– Sob quais aspectos?

– Por exemplo, no seu lugar, eu teria anotado aquele endereço que lhe mostrei. Pode ser que não tenha a menor importância. Mas, por outro lado, também pode ser muito importante.

Lemoine fitou-o em silêncio por um momento. Depois, sorriu e levantou a manga esquerda do casaco. No punho branco da camisa estava escrito o endereço: “Hurstmere, Langly Road, Dover”.

– Peço desculpas – disse Anthony. – E retiro tudo o que falei.

Ele foi juntar-se ao superintendente Battle e comentou:

– Está muito pensativo, Battle.
– É que tenho muito em que pensar, Sr. Cade.
– Era o que eu imaginava.
– Os fatos não estão fazendo sentido, absolutamente nenhum sentido.
– O que é terrível. Mas não se preocupe, Battle. Se acontecer o pior, sempre poderá me prender. Não se esqueça de que dispõe das minhas pegadas incriminadoras como prova.

Mas o superintendente não sorriu.

– Sabe se tem algum inimigo por aqui, Sr. Cade?
– Tenho a impressão de que um dos criados não gosta muito de mim – respondeu Anthony. – Na hora de servir, ele sempre deixa de me oferecer os melhores legumes. Por que pergunta?
– Tenho recebido cartas anônimas. Ou melhor, recebi uma carta anônima.

– A meu respeito?

Sem responder, Battle tirou do bolso uma folha de papel dobrada e a entregou a Anthony. Rabiscadas no papel, com a letra típica de um semi-analfabeto, estavam as seguintes palavras:

Fique de olho no Sr. Cade. Ele não é o que parece.

Anthony devolveu o bilhete, soltando uma risada.

– Isso é tudo? Vamos, Battle, anime-se. Sabe muito bem que sou um rei disfarçado.

Ele foi para a casa, assoviando alegremente. Mas assim que entrou no quarto e fechou a porta, sua expressão imediatamente mudou. O rosto tornou-se sombrio. Ele sentou na beira da cama e ficou olhando para o chão, pensativo.

– As coisas estão começando a ficar sérias – disse para si mesmo. – É preciso fazer algo. É tudo tão difícil e confuso...

Anthony ficou sentado na beira da cama por mais de um minuto, depois foi até a janela. Ficou olhando para fora distraidamente por um momento,

então seus olhos focalizaram-se subitamente num ponto determinado. Seu rosto se animou.

– Mas é claro! – disse ele, em voz alta. – O roseiral! É isso mesmo! O roseiral!

Ele desceu com pressa a escada e saiu para o jardim por uma porta lateral. Aproximou-se do roseiral dando uma volta grande. Havia um pequeno portão em cada extremidade. Ele entrou pelo mais distante e encaminhou-se para o relógio de sol, que ficava numa pequena elevação, no centro do roseiral.

Já estava quase chegando quando estacou abruptamente, olhando aturdido para outro visitante do jardim, que parecia igualmente surpreso por vê-lo.

– Não sabia que se interessava por rosas, Sr. Fish – disse Anthony, suavemente.

– Pois saiba que me interesso consideravelmente por rosas, senhor.

Os dois ficaram se olhando cautelosamente, como antagonistas procurando avaliar as forças do oponente.

– Eu também me interesso – disse Anthony.

– É mesmo?

– Para dizer a verdade, sou um apaixonado por rosas.

Um ligeiro sorriso se insinuou nos lábios do Sr. Fish. Anthony também sorriu. A tensão pareceu se dissipar.

– Olhe só para esse magnífico exemplar – comentou o Sr. Fish, inclinando-se na direção de uma rosa particularmente bonita. – Se não estou enganado, trata-se de uma madame Abel Chatenay. É isso mesmo. Antes da guerra, esta rosa branca era conhecida como Frau Carl Drusky. Creio que a rebatizaram. Talvez tenha sido um excesso de sensibilidade, mas não se pode negar que foi uma medida patriótica. A La France é extremamente popular. Gosta de rosas vermelhas, Sr. Cade? Esta aqui, por exemplo...

A voz lenta e arrastada do Sr. Fish foi interrompida nesse momento. Bundle estava inclinada para fora de uma janela do segundo andar, gritando:

– Quer uma carona até a cidade, Sr. Fish? Estou de partida!

– Obrigado, lady Eileen, mas estou me sentindo muito bem aqui.

– Tem certeza de que não mudou de idéia, Sr. Cade?

Anthony riu e sacudiu a cabeça. Bundle desapareceu.

– Prefiro dormir – murmurou Anthony, bocejando. – Ah, não há nada melhor do que um bom cochilo depois do almoço! Ele tirou um cigarro.

– Por acaso tem fósforo?

O Sr. Fish entregou-lhe uma caixa de fósforos. Anthony tirou um fósforo e devolveu a caixa, agradecendo.

– Adoro as rosas, mas não estou me sentindo muito hortícola esta tarde – disse ele.

Assentiu jovialmente, com um sorriso cândido.

Nesse momento, soou um barulho trovejante perto da casa.

– Parece que o carro de lady Eileen possui um motor extremamente potente – comentou Anthony. – Lá vai ela.

Avistaram o carro avançando pelo longo caminho.

Anthony bocejou novamente e seguiu para a casa.

Passou pela porta. E assim que entrou, mudou abruptamente, passando de uma aparente letargia a um vigor extraordinário. Atravessou a entrada correndo, saiu por uma das janelas do outro lado e começou a correr pelo parque. Sabia que Bundle tinha de fazer uma volta grande para chegar aos portões da propriedade e atravessar a aldeia.

Anthony correu desesperadamente. Era uma corrida contra o tempo. Chegou ao muro do parque no momento em que o carro se aproximava pelo lado de fora. Pulou o muro e foi cair na estrada, gritando:

– Ei!

Atônita, Bundle pisou no freio, derrapando um pouco. Mas conseguiu parar o carro sem qualquer acidente. Anthony correu até lá, abriu a porta e sentou ao lado dela.

– Vou para Londres com você – disse ele. – Tinha essa intenção desde o início.

– Mas que homem extraordinário! – exclamou Bundle. – O que é isso em sua mão?

– Apenas um fósforo.

Anthony ficou olhando para o fósforo por um momento, pensativo. Era rosa, com uma cabeça amarela. Ele jogou fora o cigarro apagado e guardou o fósforo no bolso, cuidadosamente.

24

A casa em Dover

Depois de um momento de silêncio, Bundle perguntou:

– Importa-se se eu dirigir um pouco mais depressa? Saí de casa mais tarde do que pretendia.

Anthony tinha a impressão de que já estavam a uma velocidade vertiginosa, mas não demorou a descobrir que aquilo nada era em comparação com o que Bundle podia arrancar do Panhard, se quisesse.

Diminuindo a velocidade momentaneamente, ao passar por uma aldeia, Bundle comentou:

– Algumas pessoas ficam aterrorizadas com a maneira como eu dirijo. É o caso de papai, por exemplo. Nada no mundo conseguiria persuadi-lo a entrar nesta banheira velha comigo ao volante.

Anthony pensou que lorde Caterham tinha toda razão. Viajar de carro com Bundle não era um esporte saudável para cavalheiros nervosos de meia-idade.

– Mas você não parece nem um pouquinho nervoso – comentou Bundle, aprovadoramente, ao fazer uma curva sobre duas rodas.

– É que estou em boa forma – explicou Anthony, de forma séria. – Além do mais, também estou com pressa.

– Quer que eu aumente a velocidade mais um pouco? – indagou Bundle, de maneira solícita.

– Oh, Deus, claro que não! Já estamos a mais de 80 quilômetros por hora!

– Estou morrendo de curiosidade em saber o motivo de sua súbita partida – disse Bundle, depois de executar uma fanfarra com a buzina, que deve ter ensurdecido momentaneamente toda a vizinhança. – Mas não devo perguntar-lhe, não é mesmo? Por acaso está fugindo da polícia?

– Não tenho muita certeza. Mas em breve saberei.

– Aquele homem da Scotland Yard não é tão bobo quanto eu pensava – comentou Bundle.

– Battle é realmente um bom detetive.

– Você deve ter sido diplomata – disse Bundle. – Não gosta muito de soltar informações.

– Pois olhe que eu estava com a impressão de que tinha falado demais.

– Ei, por acaso está fugindo para se casar com mademoiselle Brun?

– Sou inocente! – declarou Anthony, com fervor.

Houve uma pausa de alguns minutos, durante os quais Bundle alcançou e ultrapassou três carros. Depois, ela perguntou abruptamente:

– Há quanto tempo conhece Virginia?

– É uma pergunta difícil de responder – disse Anthony, com toda sinceridade. – Para dizer a verdade, não a vi com muita frequência. Mas parece que já a conheço há muito tempo.

Bundle assentiu.

– Virginia é uma mulher inteligente. Está sempre dizendo bobagens, mas tem realmente uma boa cabeça. Pelo que me disseram, saiu-se muito bem lá na Herzoslováquia. Se Tim Revel tivesse vivido, teria uma carreira extraordinária... e em grande parte graças a Virginia. Ela ajudou o marido de tudo que é jeito... e sei até por quê.

– Porque ela gostava dele? – indagou Anthony, olhando para a frente, fixamente.

– Justamente porque não gostava. Não está entendendo? Virginia não o amava... nunca o amou. Por isso é que fazia todo o possível para ajudá-lo. Virginia é assim mesmo. Mas não se deixe enganar. Virginia nunca esteve apaixonada por Tim Revel.

– Parece falar com uma certeza absoluta – disse Anthony, virando-se para fitá-la.

As mãos de Bundle estavam apertando o volante com toda força, o queixo estava esticado, numa atitude de determinação.

– Sei de alguns fatos. Era apenas uma criança por ocasião do casamento, mas ouvi alguns comentários. Conhecendo Virginia, posso facilmente somar os fatores e tirar minhas conclusões. Tim Revel apaixonou-se perdidamente por Virginia. Era irlandês e possuía um dom extraordinário para se expressar. Virginia ainda era muito jovem, tinha apenas 18 anos. Não podia ir a parte alguma sem esbarrar com Tim, assumindo uma cara de sofrimento desesperado, jurando que iria se matar com um tiro ou beber até cair se ela não aceitasse seu pedido de casamento. As moças acreditam nessas coisas. Ou melhor, acreditavam, porque progredimos muito nos últimos oito anos. Virginia deixou-se dominar pelo sentimento que julgava ter inspirado. Casou com Tim... e sempre foi um anjo para ele. Não o teria sido se o amasse. Há muito de demônio em Virginia. Mas posso garantir-lhe uma coisa: ela adora sua liberdade. E qualquer homem terá muito trabalho para persuadi-la a renunciar a essa liberdade.

– Por que está me dizendo tudo isso?

– Não acha que é interessante conhecer as pessoas? Ou, pelo menos, algumas pessoas.

– Tem razão.

– E nunca saberia disso tudo pela própria Virginia. Mas pode confiar em mim para ter informações de cocheira. Virginia é maravilhosa. Até mesmo as mulheres gostam dela, porque não é de falar mal da vida alheia.

Bundle fez uma pausa, antes de arrematar, de maneira um tanto obscura:

– Além do mais, devemos ter espírito esportivo, não é mesmo?

– Claro.

Mas Anthony estava desconcertado. Não tinha a menor dúvida do que levava Bundle a dar-lhe tantas informações, sem que as tivesse pedido. Mas não podia negar que estava contente por saber daquelas coisas.

– Ah, os bondes já começam a aparecer! – comentou Bundle, com um suspiro. – Acho que agora terei de guiar com mais cuidado.

– É uma boa idéia.

As idéias dele e as de Bundle a respeito do que significava guiar de maneira cautelosa simplesmente não coincidiam. Deixando os subúrbios indignados para trás, eles finalmente emergiram na Oxford Street.

– Não foi nada mau, hein? – comentou Bundle, dando uma olhada no relógio de pulso.

Anthony assentiu de forma vigorosa.

– Onde quer ficar?

– Em qualquer lugar. Para que lado está indo?

– Na direção da Knightsbridge.

– Pode me deixar na Hyde Park Corner.

– Até mais tarde – disse Bundle, ao largá-lo no lugar indicado. – Vai voltar comigo?

– Pode deixar que encontrarei um jeito de voltar sozinho. De qualquer forma, obrigado.

– Tenho a impressão de que o deixei assustado.

– Eu não recomendaria andar de carro com você como um tônico revigorante para os nervos de senhoras idosas. Mas, pessoalmente, até que gostei da viagem. A última vez em que corri um perigo igual foi na ocasião em que me vi no caminho de uma manada de elefantes.

– Acho que está sendo extremamente indelicado. Nem mesmo tivemos um solavanco durante a viagem.

– Lamento muito que tenha se reprimido por minha causa.

– Estou começando a pensar que os homens não são nada corajosos.

– É um comentário terrível e com isso eu me retiro, humilhado.

Bundle despediu-se e foi embora. Anthony fez sinal para um táxi que passava, dizendo ao motorista:

– Vamos para a estação de Victoria.

Chegando a Victoria, ele pagou a corrida e foi perguntar qual era o trem seguinte para Dover. Infelizmente, perdera um trem por uma questão de minutos.

Resignando-se a uma espera de pouco mais de uma hora, Anthony ficou andando de um lado para outro, com a testa franzida, imerso em seus

pensamentos. De vez em quando, sacudia a cabeça, impacientemente.

A viagem para Dover transcorreu sem qualquer incidente. Chegando à cidade, Anthony saiu rapidamente da estação. Um momento depois, como se recordasse de algo, tratou de voltar. Havia um sorriso em seus lábios quando perguntou qual era o caminho para Hurstmere, Langly Road.

Era uma estrada comprida, que saía da cidade. Na estação, Anthony tinha sido informado de que Hurstmere era a última casa. Ele se dirigiu para lá, a passos largos. A testa estava novamente franzida. Não obstante, ele se sentia dominado por uma imensa exultação, como sempre acontecia quando o perigo era iminente.

Hurstmere ficava bastante recuada da estrada, cercada por um terreno amplo, invadido pelo mato. Anthony teve a impressão de que a casa devia estar vazia havia muitos anos. O grande portão de ferro estava bastante enferrujado e o nome na coluna era quase ilegível.

– Uma casa solitária, um local escolhido a dedo – murmurou Anthony sozinho.

Ele hesitou por um momento, olhou para os dois lados da estrada deserta e depois passou pelo portão, começou a subir pelo caminho e invadiu pelo mato. Andou um pouco, depois parou e ficou escutando atentamente. Ainda estava a uma boa distância da casa. Não se ouvia o menor barulho. Algumas folhas amareladas desprenderam-se de uma das árvores e flutuaram até o chão, com um farfalhar quase sinistro na quietude. Anthony estremeceu e depois sorriu.

– Ah, os nervos! – disse a si mesmo. – Nunca antes pensei que os tivesse.

Ele continuou a avançar. Mais adiante, o caminho fazia uma curva. Ele enveredou pelo meio do mato, onde não poderia ser visto por quem estivesse na casa. Subitamente ficou imóvel, espiando por entre as folhas. A alguma distância, um cachorro estava latindo. Mas era um ruído mais próximo que atraía a atenção de Anthony.

A sua audição aguçada não se enganara. Um homem contornou apressadamente o canto da casa. Era baixo e corpulento, de aparência

estrangeira. Não parou, continuou a contornar a casa até desaparecer do outro lado.

Anthony assentiu para si mesmo, pensando: “É uma sentinela. Eles trabalham bem.”

Logo depois que o homem passou, Anthony continuou a avançar, desviando-se um pouco para a esquerda. Dali a pouco, chegou a um ponto em que uma luz saía da casa e se esparramava pelo caminho de cascalho. Podia-se ouvir claramente diversos homens conversando lá dentro.

“Meu Deus, mas que idiotas infames!”, pensou Anthony. “Bem que merecem levar um susto.”

Ele se aproximou silenciosamente da janela, semi-agachado, para que não o vissem. Levantou a cabeça, cautelosamente, para olhar lá dentro.

Meia dúzia de homens estavam acomodados em torno de uma mesa. Quatro eram altos e corpulentos, malares salientes, olhos enviesados, à maneira húngara. Os outros dois eram pequenos, com gestos nervosos. A língua em que conversavam era o francês, mas os quatro homens corpulentos falavam-na com bastante incerteza e uma entonação gutural.

– O chefe? – resmungou um deles. – Quando ele vai aparecer?

Um dos homenzinhos deu de ombros.

– Deve estar para chegar.

– Já não era sem tempo – resmungou o que perguntara. – Nunca vi esse chefe de vocês, mas que trabalhos grandiosos e espetaculares não teríamos realizado nesses tempos de espera ociosa!

– Seu idiota! – disse o outro homenzinho, ríspidamente. – Deixar-se agarrar pela polícia é o único trabalho que você e seus valorosos amigos sabem fazer. Não passam de um bando de gorilas desajeitados!

– Está insultando os Camaradas? – rugiu o outro grandalhão. – Ainda vou espetar o sinal da Mão Vermelha em sua garganta!

Ele fez menção de se levantar, olhando furiosamente para o francês. Mas um dos seus companheiros obrigou-o a ficar sentado, dizendo:

– Nada de brigas. Temos que trabalhar juntos. Pelo que ouvi dizer, esse rei Victor não admite ser desobedecido.

Na escuridão, Anthony ouviu os passos da sentinela aproximando-se novamente e foi se esconder atrás de uma moita.

– Quem está aí? – perguntou alguém lá de dentro.

– Carlo... fazendo a ronda.

– Como está o prisioneiro?

– Está bem... começando a se recuperar bem depressa da pancada na cabeça que lhe demos.

Anthony afastou-se silenciosamente, pensando: “Mas que bando de idiotas! Tratam de seus negócios com a janela aberta e aquele idiota do Carlo faz a ronda pisando forte como um elefante... e com os olhos de um morcego! E para completar tudo, herzoslovacos e franceses estão prestes a se atracarem. O quartel-general do rei Victor parece estar em péssimas condições. Acho que seria muito divertido, mas muito divertido mesmo, ensinar-lhes uma lição.”

Ele ainda ficou indeciso por um momento, sorrindo sozinho.

De algum lugar acima dele veio o barulho de um gemido abafado.

Anthony levantou a cabeça. Ouviu novamente o gemido. Olhou rapidamente para a esquerda e a direita. Carlo ainda iria demorar um pouco para aparecer novamente. Segurando-se na trepadeira resistente, Anthony subiu de maneira ágil até o peitoril de uma janela. A janela estava trancada. Mas tirando uma ferramenta do bolso, ele conseguiu abri-la rapidamente.

Parou um momento para escutar e depois entrou no aposento. Havia uma cama do outro lado, na qual estava estendido um corpo, quase indistinto na escuridão.

Anthony aproximou-se da cama. Com a sua lanterna de bolso, iluminou o rosto do homem. Era um rosto de estrangeiro, pálido e definhando. A cabeça estava envolta em ataduras.

O homem estava com os pés e as mãos amarrados. Olhou para Anthony com uma expressão inteiramente aturdida.

Anthony inclinou-se sobre o homem. Ao fazê-lo, ouviu um barulho às suas costas. Virou-se rapidamente, levando a mão ao bolso.

Mas uma ordem brusca deteve o movimento.

– Levante as mãos, filho. Sei que não esperava me encontrar aqui, mas acontece que pegamos o mesmo trem em Victoria.

Era o Sr. Hiram Fish quem estava parado à porta. Sorria e tinha na mão uma imensa automática azulada.

25

A noite de terça-feira em Chimneys

Lorde Caterham, Virginia e Bundle estavam sentados na biblioteca depois do jantar. Era a noite de terça-feira. Cerca de trinta horas já haviam transcorrido desde a partida dramática de Anthony.

Bundle repetiu, pela sétima vez pelo menos, as últimas palavras que Anthony dissera quando o deixara na Hyde Park Corner.

– Pode deixar que encontrarei um jeito de voltar sozinho... – murmurou Virginia. – Não parecem ser as palavras de alguém que pensava em ficar longe por tanto tempo. E ele deixou todos os seus pertences aqui.

– Ele não lhe disse para onde ia?

– Não – respondeu Virginia, olhando fixamente para a frente. – Ele não me disse nada.

Depois disso, houve silêncio por algum tempo, finalmente rompido por lorde Caterham:

– No fundo, dirigir um hotel é mais fácil do que cuidar de uma casa de campo.

– Como assim?

– Nos hotéis, eles sempre podem pendurar nos quartos um aviso para que o hóspede avise com 12 horas de antecedência sua intenção de partir.

Virginia sorriu.

– Devo dizer que sou antiquado e meio exagerado – continuou lorde Caterham. – Sei que está em voga entrar e sair de uma casa bruscamente.

Como se fosse um hotel... a mais completa liberdade de movimentos, com a vantagem de não se receber uma conta na hora de ir embora.

– Está virando um velho ranzinza, papai – disse Bundle. – Tem Virginia e eu. O que mais podia querer?

– Nada mais, nada mais... Mas o que me preocupa é a questão de princípio. É isso que me deixa um tanto inquieto. Estou até disposto a reconhecer que as últimas 24 horas foram quase ideais. Houve paz, muito sossego. Não houve tentativas de assalto nem outros crimes violentos, não tivemos detetives, nem norte-americanos. Só estou lamentando é não ter podido apreciar tudo isso ainda mais por não me sentir realmente seguro. Durante todo o tempo, fico dizendo para mim mesmo: “Um ou outro vai terminar voltando a qualquer momento.” E isso estraga todo o meu prazer.

– Até agora, ninguém voltou – disse Bundle. – Fomos deixados em paz... ignorados, para ser mais exata. É muito estranha, diga-se de passagem, a maneira como Fish desapareceu. Ele não disse nada a ninguém?

– Absolutamente nada. Na última vez em que o vi, ele estava andando de um lado para outro do roseiral, ontem à tarde, fumando um daqueles seus charutos desagradáveis. Depois disso, parece que ele simplesmente desapareceu no ar.

– Alguém deve tê-lo seqüestrado – comentou Bundle, esperançosa.

– Provavelmente, daqui a um ou dois dias, vou ter a Scotland Yard em peso aqui, dragando o lago à procura do corpo dele – murmurou lorde Caterham, sombriamente. – Mas bem que mereço a lição. A essa altura da vida, eu deveria ter ido para o exterior e cuidado da minha saúde, sem me deixar enredar nos planos insensatos de George Lomax. Eu...

Tredwell interrompeu-o nesse momento e lorde Caterham ficou irritado.

– O que é agora, Tredwell?

– O detetive francês está aqui, milorde. Pediu que lhe concedesse alguns minutos de entrevista.

– Eu não disse? – falou lorde Caterham para as duas mulheres. – Sabia que era bom demais para durar muito tempo. Podem contar que encontraram o corpo de Fish no tanque de peixinhos dourados!

Tredwell, de um jeito inteiramente respeitoso, levou-o de volta ao problema em questão:

- Devo dizer que irá recebê-lo, milorde?
- Está bem, está bem... Traga-o até aqui.

Tredwell retirou-se. Voltou um minuto depois, anunciando, em tom lúgubre:

- Monsieur Lemoine.

O francês entrou na sala em passos rápidos. O andar, mais do que o rosto, deixava transparecer o fato de que estava ansioso.

- Boa noite, Lemoine – disse lorde Caterham. – Aceita um drinque?
- Não, obrigado.

Ele fez uma mesura para as mulheres, antes de continuar a falar:

– Finalmente consegui realizar algum progresso. Tendo em vista as circunstâncias, achei que o senhor deveria ser informado das descobertas... descobertas da maior gravidade que fiz nas últimas 24 horas.

– Eu pensava mesmo que algo importante devia estar acontecendo em algum lugar – lorde Caterham comentou.

– Milorde, ontem à tarde um dos seus hóspedes deixou esta casa de maneira muito estranha. Devo dizer que, desde o início, sempre tive minhas suspeitas. Era um homem que vinha do meio da selva. Há dois meses, estava na África do Sul. E, antes disso... por onde estaria?

Virginia deixou escapar uma pequena exclamação. O francês fitou-a por um momento, mas logo continuou:

– Antes disso... por onde ele andava? Ninguém sabe dizer. E é justamente um homem assim que estou procurando, jovial, audacioso, temerário, um homem capaz de arriscar qualquer coisa. Despachei sucessivos cabogramas, mas não consegui obter informações a respeito do passado dele. Há dez anos, ele estava no Canadá, é verdade, mas desde então... silêncio. Minhas suspeitas foram aumentando. E, um belo dia, encontro um pedaço de papel que estava com ele. Tinha um endereço escrito... o endereço de uma casa em Dover. Mais tarde, como que por acaso, deixei cair esse pedaço de papel. Pelo canto do olho, vi quando Boris, o herzoslovaco, pegou-o e foi entregar ao seu amo. Desde o início, eu

estava convencido de que esse Boris era um emissário dos Camaradas da Mão Vermelha. Sabemos que os Camaradas estão trabalhando com o rei Victor nesse caso. Se Boris reconhecia o Sr. Anthony Cade como seu chefe, não teria feito justamente isso? Por que iria devolver o papel a um estrangeiro que nada representava para ele? Eu já estava desconfiado e fiquei mais ainda.

E Lemoine continuou:

– Mas quase fiquei desarmado, pois Anthony Cade levou-me o papel quase que imediatamente e perguntou se fora eu quem o deixara cair. Falei que quase fiquei desarmado... mas não inteiramente! Pois aquela atitude podia significar que ele era inocente ou então um criminoso excepcionalmente esperto. Claro que neguei que o papel fosse meu. Mas logo iniciei as investigações. E somente hoje recebi notícias. A casa em Dover foi abandonada às pressas, mas até ontem estava ocupada por um bando de estrangeiros. Não resta a menor dúvida de que era o quartel-general do rei Victor. Podem agora compreender o significado de todos esses fatos. Ontem à tarde, o Sr. Cade desaparece bruscamente. Desde que deixou cair aquele papel com o endereço, devia saber que seu jogo terminara. Foi para Dover e prontamente dissolveu a quadrilha. Não sei qual será o próximo movimento dele. Mas de uma coisa tenho certeza, o Sr. Anthony Cade não voltará aqui. Conhecendo o rei Victor, no entanto, tenho certeza de que ele não renunciará a tudo sem fazer pelo menos mais uma tentativa de se apoderar do diamante. E será nesse momento que irei capturá-lo!

Virginia levantou-se abruptamente. Foi até a lareira e ali parou. Ao falar, a voz soava fria como aço:

– Creio que está deixando de levar em consideração um fato, monsieur Lemoine. O Sr. Cade não foi o único hóspede que desapareceu ontem de maneira suspeita.

– O que está querendo dizer, madame?

– Que tudo o que acabou de dizer aplica-se igualmente a outra pessoa. O que me diz do Sr. Hiram Fish?

– Ah, o Sr. Fish...

– Isso mesmo, o Sr. Fish! Naquela primeira noite, não nos contou que o rei Victor chegara à Inglaterra recentemente, procedente da América? O Sr. Fish também veio da América para a Inglaterra. É verdade que ele trouxe uma carta de apresentação de um homem bastante conhecido, mas alguém como o rei Victor não teria a menor dificuldade em conseguir isso. E podemos estar certos de que o Sr. Fish não é o que alega. Lorde Caterham já comentou que, nas conversas sobre primeiras edições, assunto que supostamente o trouxe a Chimneys, ele sempre assume o papel de ouvinte, jamais dando qualquer opinião. E há diversos fatos suspeitos contra ele. Uma luz se acendeu em seu quarto na noite do crime. Passemos para a noite da tentativa de assalto na Câmara do Conselho. Quando saí correndo para o terreno, encontrei-o inteiramente vestido. Ele pode ter deixado cair o papel. Não viu o Sr. Cade fazê-lo. O Sr. Cade pode ter ido para Dover. Se o fez, foi simplesmente para investigar. E pode ter sido seqüestrado ao chegar à tal casa. Na verdade, as ações do Sr. Fish são mais suspeitas que as do Sr. Cade.

A voz do francês se alteou um pouco, tornando-se estridente:

– Pelo seu ponto de vista, madame, tudo isso é possível. Não vou contestá-la. Mas concordo que o Sr. Fish realmente não é o que alega.

– E então?

– Mas isso não faz a menor diferença, madame. *É que o Sr. Fish é um homem da Pinkerton.*

– O quê? – gritou lorde Caterham.

– É isso mesmo, lorde Caterham. Ele veio para cá na pista do rei Victor. O superintendente Battle e eu já sabemos disso há algum tempo.

Virginia não disse nada. Lentamente, voltou a sentar. Com aquelas poucas palavras, a estrutura que construía tão cuidadosamente de repente desmoronara.

– Todos sabíamos que o rei Victor acabaria vindo para Chimneys – continuou Lemoine. – Era o único lugar onde podíamos ter certeza de capturá-lo.

Virginia levantou a cabeça para fitá-lo com um brilho estranho nos olhos. Subitamente, soltou uma risada e disse:

– Mas ainda não o agarraram!

Lemoine ficou olhando para ela em silêncio, pensativo, antes de responder:

– Não, madame, ainda não. Mas tenho certeza de que o acabarei agarrando.

– Ele não se tornou famoso por conseguir enganar a polícia?

O rosto do francês se contraiu numa expressão de raiva.

– Desta vez será diferente – murmurou ele, por entre os dentes semicerrados.

– Ele é um sujeito muito simpático – comentou lorde Caterham. – Mas... não disse que ele era um velho amigo seu, Virginia?

– É por isso mesmo que estou convencida de que monsieur Lemoine está cometendo um erro – declarou Virginia, sem perder a compostura.

Os olhos dela se fixaram firmemente nos olhos de Lemoine, que não se abalou.

– O tempo irá mostrar quem tem razão, madame.

Depois de um breve momento de silêncio, Virginia perguntou:

– Acha que foi ele quem matou o príncipe Michael?

– Não tenho a menor dúvida quanto a isso.

Virginia sacudiu a cabeça vigorosamente.

– Ah, não! Se há algo de que tenho certeza absoluta é a de que Anthony Cade não matou o príncipe Michael!

Lemoine observava-a atentamente e disse, falando bem devagar:

– Há uma possibilidade de que esteja certa, madame. Apenas uma possibilidade, mais nada. Pode ter sido o herzoslovaco Boris, cumprindo ordens dele. É possível que o príncipe Michael o tivesse destrutado e dessa maneira ele estava se vingando.

– O tal Boris realmente parece um criminoso – comentou lorde Caterham. – Pelo que me disseram, as criadas gritam de medo quando ele passa por elas nos corredores.

– Tenho que ir agora – disse Lemoine. – Só vim até aqui porque achei que tinha o direito de saber exatamente qual era a situação, milorde.

– E agradeço a sua atenção – disse lorde Caterham. – Tem certeza de que não quer um drinque? Se não quer, está bem. Boa noite.

Assim que a porta se fechou, Bundle disse:

– Detesto esse homem com a sua barba preta impecável e os óculos sempre brilhando. Estou torcendo para que Anthony consiga enganá-lo. Adoraria ver esse francês tendo um ataque de raiva. O que acha de tudo isso, Virginia?

– Não tenho ainda uma idéia definida. Além do mais, estou agora muito cansada e a única coisa em que penso é me deitar.

– Não é uma má idéia – disse lorde Caterham. – Afinal, já passam das 23h30.

Ao atravessar a ampla entrada, Virginia avistou umas costas largas, que lhe pareceram familiares, desaparecendo discretamente por uma porta lateral.

– Superintendente Battle! – chamou ela, autoritariamente.

Battle, pois era realmente ele, voltou prontamente, com uma expressão contrafeita.

– O que deseja, Sra. Revel?

– Monsieur Lemoine esteve aqui. Disse... É realmente verdade que o Sr. Fish é um detetive norte-americano?

O superintendente Battle assentiu.

– É, sim.

– Sabia desde o início?

O superintendente Battle tornou a assentir.

Virginia virou-se, na direção da escada, murmurando:

– Obrigada.

Até aquele momento, ela se recusara a acreditar.

E agora?

Sentada diante da penteadeira, em seu quarto, Virginia tratou de enfrentar o problema. Recordava cada palavra que Anthony lhe dissera com um novo sentido.

Seria aquele o “ofício” ao qual ele se referira?

O ofício ao qual ele renunciara. Mas, neste caso...

Um ruído estranho veio interromper-lhe as meditações. Virginia levantou a cabeça, com um sobressalto. Seu pequeno relógio de ouro indicava que já passava de uma hora da madrugada. Havia quase duas horas que estava imersa em seus pensamentos!

O ruído estranho repetiu-se. Era uma batida no vidro da janela. Virginia foi até a janela e abriu-a. Lá embaixo, no caminho, havia um vulto alto, abaixando-se para pegar mais algumas pedrinhas.

Por um momento, o coração de Virginia bateu mais depressa. Mas um instante depois, ela reconheceu o vulto corpulento do herzoslovaco Boris.

– O que deseja? – perguntou ela, em voz baixa.

Não lhe ocorreu no momento que era muito estranho o fato de Boris estar jogando pedrinhas em sua janela àquela hora da madrugada. Como não houve uma resposta imediata, ela repetiu, impacientemente:

– O que deseja?

– O amo me mandou vir até aqui – explicou Boris, também em voz baixa, mas que dava para ouvir perfeitamente. – Mandou buscá-la.

Ele deu a informação num tom completamente indiferente.

– Mandou me buscar?

– Isso mesmo. Devo levá-la ao lugar em que ele está. Há um bilhete. Vou jogá-lo.

Virginia recuou um pouco e um pedaço de papel, em torno de uma pedra, caiu a seus pés, com extrema precisão. Ela desdobrou o papel e leu:

Minha cara: estou numa situação difícil, mas pretendo superar todos os problemas. Quer confiar em mim e vir ao meu encontro?

Por dois minutos inteiros, Virginia ficou completamente imóvel, lendo aquelas poucas palavras inúmeras vezes.

Depois levantou a cabeça, contemplando todos os luxos do quarto, como se os visse pela primeira vez.

Voltou a inclinar-se pela janela e perguntou:

– O que devo fazer?

– Os detetives estão do outro lado da casa, fora da Câmara do Conselho. Desça e saia pela porta lateral. Estarei esperando. Tenho um carro lá na estrada.

Virginia assentiu. Mudou de roupa rapidamente, pondo um vestido de tricô castanho-claro e um chapeuzinho da mesma cor.

Sorrindo, escreveu um bilhete para Bundle e deixou-o espetado na alfineteira.

Desceu silenciosamente a escada e puxou as trancas da porta lateral. Hesitou por um momento e depois, com um meneio de cabeça do mesmo jeito que seus ancestrais ao partirem para as Cruzadas, saiu da casa.

26

O dia 13 de outubro

Às 10 horas da manhã de quarta-feira, dia 13 de outubro, Anthony Cade entrou no Harridge's Hotel e pediu para falar com o barão Lolopretjzyl, que estava hospedado em uma das suítes.

Depois da espera apropriada, Anthony foi levado à suíte. O barão estava de pé junto à lareira, na atitude adequada. O pequeno capitão Andrassy, com uma pose igualmente correta, mas com uma atitude ligeiramente hostil, também estava presente.

Depois das mesuras habituais, batidas de calcanhar e outros cumprimentos formais, uma rotina à qual Anthony já estava quase acostumado agora, ele largou o chapéu e a bengala em cima de uma mesa e foi logo dizendo, satisfeito:

– Espero que me perdoe por esta visita tão cedo, barão. Mas é que tenho uma pequena proposta a fazer-lhe.

– E que proposta é essa? – perguntou o barão.

O capitão Andrassy, que jamais conseguira superar sua aversão inicial a Anthony, parecia desconfiado.

– Todo e qualquer negócio está sempre baseado no conhecido princípio da oferta e da procura, barão. Alguém quer alguma coisa e outra pessoa a tem. A única alternativa é definir o preço.

O barão fitava-o atentamente, mas não disse nada.

– Entre um nobre herzoslovaco e um cavalheiro inglês, tenho certeza de que os termos do acordo poderão ser facilmente ajustados.

Anthony corou um pouco ao pronunciar essas palavras, que não saem facilmente pelos lábios de um inglês. Mas já observara, em ocasiões anteriores, o prodigioso efeito de frases assim na mentalidade do barão. E, mais uma vez, o golpe deu certo.

– Tem toda razão – disse o barão, sacudindo a cabeça. – Tem toda razão.

Até mesmo o capitão Andrassy pareceu relaxar um pouco e também assentiu.

– Isso é ótimo – disse Anthony. – Não vou mais ficar fazendo rodeios...

– Como? – interrompeu o barão. – Fazendo rodeios? Não estou compreendendo.

– Uma simples figura de retórica, barão. Falando de uma forma simples, *vocês* estão querendo a mercadoria e *nós* a temos! O navio já está pronto para a partida, mas falta a figura de proa. E quando falo em navio, estou me referindo ao Partido Lealista da Herzoslováquia. Neste exato momento, estão carecendo do principal ponto de apoio de seu programa político. Ou seja, estão sem um príncipe! Mas suponhamos... apenas suponhamos, que eu possa lhes fornecer um príncipe?

O barão ficou perplexo e declarou:

– Não estou compreendendo nem um pouco.

– Está nos insultando, senhor! – exclamou o capitão Andrassy, retorcendo furiosamente as pontas do bigode.

– Não há qualquer insulto. Estou apenas tentando ajudar, mais nada. Oferta e procura, entendem? É tudo perfeitamente justo e correto. Só fornecemos príncipes que sejam genuínos. Se chegarmos a um acordo,

descobrirão que estou dizendo a verdade. Estou oferecendo o artigo genuíno... tirado do fundo da gaveta.

– Não estou compreendendo nada – declarou novamente o barão.

– Isso não tem importância. Só estou querendo que se acostumem à idéia. Para usar uma expressão vulgar, tenho um trunfo debaixo da manga. Quero apenas que pensem numa coisa. Estão precisando de um príncipe. Sob determinadas condições, eu me encarregarei de fornecer-lhes um príncipe.

O barão e Andrassy ficaram olhando para ele, mais aturdidos do que nunca. Anthony pegou o chapéu e a bengala, preparando-se para ir embora.

– Fique pensando nisso, barão. Mais uma coisa: deve ir para Chimneys esta noite... junto com o capitão Andrassy. Diversos fatos estranhos provavelmente irão ocorrer lá. Podemos marcar um encontro? Nove horas da noite, na Câmara do Conselho? Obrigado, cavalheiros. Posso contar com a presença de ambos?

O barão deu um passo para a frente, examinando atentamente o rosto de Anthony.

– Sr. Cade – ele disse, por fim, não sem dignidade. – Posso certo ficar de que não tenciona à minha custa se divertir?

Anthony sustentou o olhar firmemente e disse, com um tom curioso na voz:

– Quando esta noite terminar, barão, tenho certeza de que será o primeiro a reconhecer que tudo isso é muito mais sério do que se podia imaginar.

Fazendo uma mesura para os dois, Anthony retirou-se.

Sua visita seguinte foi na cidade, onde mandou seu cartão para o Sr. Herman Isaacstein.

Depois de alguma espera, Anthony foi recebido por um subalterno pálido e bem vestido, com um sorriso cativante e um porte militar.

– Queria falar com o Sr. Isaacstein? Infelizmente, é uma manhã muito movimentada, de reunião de diretoria e outros compromissos da maior importância. Posso servi-lo em algo?

– Tenho que falar com ele pessoalmente – declarou Anthony, acrescentando imediatamente, em tom meio indiferente: – Acabei de chegar de Chimneys.

O jovem ficou ligeiramente desconcertado com a menção a Chimneys.

– Vou ver se ele pode recebê-lo por um instante...

– Diga-lhe que é muito importante.

– Um recado de lorde Caterham? – sugeriu o jovem.

– Algo parecido. Mas é fundamental que eu fale com o Sr. Isaacstein imediatamente.

Dois minutos depois, Anthony foi conduzido a uma sala suntuosa e ficou particularmente impressionado com o tamanho das poltronas de couro. O Sr. Isaacstein levantou-se para cumprimentá-lo.

– Espero que me perdoe por procurá-lo dessa maneira – desculpou-se Anthony. – Sei que é um homem muito ocupado e não vou tomar seu tempo além do estritamente necessário. Trata-se de um pequeno problema de negócios que desejo apresentar-lhe.

Isaacstein examinou-o atentamente por um momento e depois disse, inesperadamente, estendendo uma caixa aberta:

– Aceita um charuto?

– Obrigado – Anthony agradeceu, servindo-se.

– Vim falar do problema herzoslovaco – continuou Anthony, aceitando o fósforo que lhe era oferecido e notando o brilho súbito nos olhos do financista. – O assassinato do príncipe Michael deve ter transtornado todos os seus planos.

O Sr. Isaacstein ergueu ligeiramente as sobrancelhas, murmurou um “Ahn?” inquisitivo e transferiu seu olhar para o teto.

– Petróleo... – disse Anthony, pensativo, contemplando a superfície envernizada da mesa. – Uma coisa maravilhosa, o petróleo...

Ele percebeu o ligeiro sobressalto do financista.

– Importa-se de ir direto ao ponto, Sr. Cade?

– Absolutamente. Se as concessões forem feitas a outra companhia, não ficará muito satisfeito, não é mesmo, Sr. Isaacstein?

– Qual é a sua proposta? – indagou Isaacstein, fitando Anthony nos olhos.

– Um pretendente ao trono aceitável, cheio de simpatias britânicas.

– Onde o conseguiu?

– Isso é só da minha conta.

Isaacstein recebeu a resposta com um sorriso, o olhar cada vez mais firme e atento.

– Mas é um artigo genuíno? Eu não aceitaria uma imitação.

– O artigo é absolutamente genuíno.

– Sem dúvida.

– Com certeza.

– Aceitarei a sua palavra.

– Não parece ser um homem muito difícil de convencer, Sr. Isaacstein.

Herman Isaacstein sorriu.

– Eu não estaria onde me encontro agora se não tivesse aprendido a identificar quando um homem está ou não dizendo a verdade. Quais são os termos?

– O mesmo empréstimo e as mesmas condições que ofereceu ao príncipe Michael.

– E para você?

– No momento, não quero nada, a não ser que vá a Chimneys esta noite.

– Isso é impossível.

– Por quê?

– Tenho um compromisso para esta noite... um jantar da maior importância.

– Receio que tenha de cancelá-lo... para o seu próprio bem.

– O que está querendo insinuar?

Anthony fitou-o em silêncio por um minuto inteiro antes de responder:

– Sabia que encontraram o revólver com que o príncipe Michael foi morto? E sabe onde o encontraram? Na sua maleta.

– O quê?

Isaacstein quase que pulou da cadeira. O rosto estava tenso.

– Mas como foi isso?

– Vou lhe contar.

Anthony narrou as ocorrências relacionadas com a descoberta do revólver. Enquanto ele falava, o rosto de Isaacstein foi-se tornando cada vez mais pálido e aterrorizado.

– Mas isso é uma infâmia! – gritou o financista, quando Anthony terminou. – Não fui eu que guardei o revólver na maleta! Nada sei a respeito! É uma conspiração contra mim!

– Não precisa ficar nervoso – disse Anthony, suavemente. – Se é esse o caso, poderá prová-lo facilmente.

– Mas como poderei provar?

– Se eu estivesse no seu lugar, iria a Chimneys esta noite.

Isaacstein ainda estava em dúvida.

– Acha mesmo?

Anthony inclinou-se para a frente e sussurrou-lhe algumas palavras rapidamente. O financista recostou-se na cadeira, completamente aturdido.

– Está realmente querendo dizer...

– Vá a Chimneys e verá por si mesmo.

27

O dia 13 de outubro (*continuação*)

O relógio na Câmara do Conselho bateu nove horas. Lorde Caterham soltou um suspiro profundo e disse:

– Aqui estamos todos reunidos, como um rebanho de cordeirinhos a esperar pelo pastor.

Ele correu os olhos pela sala, tristemente, fixando-se por um momento no barão.

– Não falta nem mesmo aquele tipo intragável...

– Acho que está sendo um tanto injusto com o barão – comentou Bundle, para quem tais confidências estavam sendo dirigidas. – Ele me disse que o considerava o perfeito exemplo da hospitalidade inglesa entre a *haute noblesse*.

– Já era de esperar. Ele está sempre dizendo coisas assim. O que faz com que se torne ainda mais cansativo conversar com ele. Mas posso garantir que já não sou mais o cavalheiro hospitaleiro de outrora. Assim que puder, alugarei Chimneys para um norte-americano empreendedor e irei morar num hotel, onde sempre se pode pedir a conta e ir embora, quando alguém nos incomoda.

– Anime-se, papai. Pelo menos parece que nos livramos para sempre da companhia do Sr. Fish.

– Sempre o achei um pouco divertido – confessou lorde Caterham, demonstrando um temperamento contraditório. – Foi aquele seu precioso jovem que me envolveu nisso. Por que eu deveria permitir que a reunião de diretoria fosse realizada em minha casa? Por que ele não alugou The Larches, Elmhurst ou alguma outra linda *villa* como as que existem em Streatham para fazer as suas reuniões?

– Não seria o ambiente apropriado – comentou Bundle.

– Será que alguém está pensando em dar algum golpe baixo? – indagou lorde Caterham, apreensivo. – Não confio muito naquele francês, Lemoine. A polícia francesa é capaz de todas as artimanhas. Costumam pôr elásticos em volta dos braços das pessoas e depois reconstituem o crime, fazendo-as se sobressaltarem. A temperatura é registrada num termômetro. Quando perguntarem “Quem matou o príncipe Michael?”, sei que vou registrar uma temperatura de 40 graus ou algo realmente assustador. E vão me meter na cadeia imediatamente!

A porta se abriu e Tredwell anunciou:

– Sr. George Lomax. Sr. Eversleigh.

– Entra em cena Lomax, seguido por seu cachorrinho fiel – murmurou Bundle.

Bill encaminhou-se para ela, enquanto George cumprimentava lorde Caterham efusivamente, ao melhor estilo jovial que sempre reservava para

os aparecimentos em público.

– Meu caro Caterham – disse George, apertando-lhe a mão. – Recebi seu recado e não podia deixar de comparecer.

– Muita gentileza de sua parte, meu caro, muita gentileza... É um prazer revê-lo.

A consciência de lorde Caterham sempre o impelia a um excesso de cordialidade nas ocasiões em que não sentia absolutamente nenhuma.

Enquanto isso, Bill atacava Bundle, em voz baixa:

– Mas que diabo está acontecendo aqui? E verdade que Virginia desapareceu no meio da noite? Será que ela foi seqüestrada?

– Claro que não! – respondeu Bundle. – Virginia deixou um bilhete na alfineteira, à maneira ortodoxa.

– Ela por acaso saiu com alguém? Onde é que estava o nosso colonial na ocasião? Jamais gostei daquele sujeito. E, pelo que ouvi, parece que há uma idéia no ar de que é ele o supercriminoso. Mas não consigo aceitar tal possibilidade.

– Por que não?

– Ora, o tal de rei Victor era francês, enquanto Cade é perfeitamente inglês.

– Não sabia que o rei Victor era um poliglota excepcional e, além disso, filho de irlandês?

– Oh, Deus! Então foi por isso que ele desapareceu?

– É verdade que ele desapareceu anteontem, mas esta manhã recebemos um telegrama dele, comunicando que estaria aqui esta noite, às 21 horas, e sugerindo que convidássemos Lomax para vir também. E todos os outros também vieram... convidados pelo Sr. Cade.

– É uma reunião e tanto – murmurou Bill, olhando ao redor. – Um detetive francês perto da janela, outro inglês junto da lareira. Uma forte representação estrangeira. Os Estados Unidos da América não estão representados?

Bundle sacudiu a cabeça.

– O Sr. Fish desapareceu misteriosamente. Virginia também não está presente. Mas todos os demais estão aqui e tenho o pressentimento de que

alguém está prestes a revelar todos os mistérios. Agora, só estamos aguardando a chegada de Anthony Cade.

– Ele certamente não aparecer.

– Neste caso, para que convocou esta reunião de diretoria, como papai a chama?

– Deve ser algum plano diabólico dele. Quer que todos nós estejamos reunidos aqui, enquanto ele faz alguma coisa em outro lugar... algo do gênero.

– Acha então que ele não vai aparecer?

– Nem pense nisso. Por que ele viria meter a cabeça na boca do leão? A sala está transbordando de detetives e altas autoridades.

– Não sabe muito a respeito do rei Victor, se pensa que isso o impediria de comparecer. Por tudo o que se diz, é o tipo de situação que ele adora mais do que tudo. E ele sempre consegue ficar por cima.

O Sr. Eversleigh ficou em dúvida.

– Não seria nada fácil, com os dados viciados contra ele. Tenho certeza de que ele não...

A porta se abriu nesse momento e Tredwell anunciou:

– O Sr. Cade.

Anthony seguiu direto para o anfitrião.

– Lorde Caterham, sei que estou lhe causando um terrível incômodo e lamento profundamente. Mas estou realmente convencido de que esta noite poderemos esclarecer todo o mistério.

Lorde Caterham pareceu ficar apaziguado. Sempre tivera uma simpatia secreta por Anthony.

– Não é nenhum incômodo – disse ele, alegremente.

– É muita bondade sua, lorde Caterham. Estou vendo que todos já chegaram. Podemos então começar.

– Não estou entendendo – disse George Lomax, solenemente. – Não estou entendendo absolutamente nada. Tudo isso é muito irregular. O Sr. Cade não ocupa qualquer cargo, absolutamente nenhum cargo. É uma situação difícil e delicada. Sou de opinião...

O fluxo de eloquência de George foi bruscamente interrompido. Aproximando-se silenciosamente do grande homem, o superintendente Battle sussurrou-lhe algumas palavras ao ouvido. George pareceu ficar perplexo e aturdido.

– Está certo, se é isso o que acha – murmurou ele, relutantemente, para acrescentar um instante depois, em voz mais alta: – Tenho certeza de que todos estamos dispostos a escutar o que Sr. Cade tem a dizer.

Anthony ignorou o tom condescendente de George e retomou o comando da reunião com entusiasmo:

– Pedi que viessem até aqui por causa de uma pequena idéia que tive, mais nada. Todos provavelmente já sabem que outro dia conseguimos nos apoderar de uma pequena mensagem em código. Havia uma referência a Richmond e alguns números.

Ele fez uma breve pausa.

– Fizemos uma tentativa de decifrar a mensagem... e fracassamos. Nas memórias do conde Stylptitch (que por acaso eu li), havia uma referência a um jantar de “flores”, ao qual todos compareceram usando um símbolo que representava uma flor. O conde usava uma duplicata exata dos estranhos objetos que encontramos na passagem secreta. Representava uma rosa. Se todos estão lembrados, os três objetos tinham fileiras: de botões, letras E e ponto de tricô. Pois muito bem, cavalheiros: o que nesta casa está arrumado em fileiras? Os livros, não é mesmo? Acrescente-se a isso o fato de que, no catálogo da biblioteca de lorde Caterham, consta um livro intitulado *A vida do conde de Richmond*, e tenho certeza de que todos poderão imaginar onde é o esconderijo. Começando pelo referido livro e usando os números para indicar prateleiras e livros, creio que irão encontrar o... ahn... o objeto que todos procuram num livro oco ou numa cavidade por trás de um determinado livro.

Anthony olhou ao redor com um ar de modéstia, obviamente esperando pelos aplausos.

– É uma teoria extremamente engenhosa – comentou lorde Caterham,
– Tem razão – reconheceu George num tom condescendente. – Mas ainda resta verificar...

Anthony soltou uma risada.

– É preciso ver para crer, não é? Pois posso resolver esse problema agora mesmo.

Ele levantou-se abruptamente, acrescentando:

– Irei à biblioteca e...

Não pôde realizar seu intento, porque monsieur Lemoine interrompeu-o, afastando-se da janela e dizendo:

– Um momento, por favor, Sr. Cade. Permite, lorde Caterham? – Ele foi até a escrivaninha e apressadamente escreveu um bilhete.

Meteu-o num envelope e depois tocou a sineta. Tredwell apareceu. Lemoine entregou-lhe o envelope, determinando:

– Por gentileza, providencie para que este envelope seja entregue imediatamente.

– Está certo, senhor.

Com a atitude distinta habitual, Tredwell retirou-se. Anthony, que continuava de pé durante todo esse tempo, indeciso, voltou a sentar, indagando, gentilmente:

– Qual é a grande idéia, Lemoine?

Havia uma súbita sensação de tensão no ar.

– Se a jóia está no lugar onde disse... não saiu de lá nos últimos sete anos e mais 15 minutos não farão a menor diferença.

– Está certo, pode continuar a falar. Não era apenas isso o que queria dizer, não é mesmo?

– Não, não era. Nas atuais circunstâncias, creio que é... imprudente permitir que alguém saia desta sala. Especialmente se a pessoa em questão tem antecedentes duvidosos.

Anthony franziu as sobrancelhas, acendendo um cigarro.

– Pelo que vejo, considera que uma vida errante não é lá muito respeitável.

– Há dois meses, Sr. Cade, estava na África do Sul. Isso já está comprovado. Mas onde esteve antes?

Anthony recostou-se na cadeira, soprando anéis de fumaça para o alto.

– Estava no Canadá. No noroeste selvagem do Canadá.

– Tem certeza de que não estava na prisão? Numa prisão francesa?

Automaticamente, o superintendente Battle deu um passo na direção da porta, como se quisesse impedir uma possível fuga por ali. Mas Anthony não deixava transparecer o menor indício de que tencionava fazer algo dramático.

Em vez disso, ficou olhando em silêncio para o francês, aturdido, antes de desatar a rir.

– Ora, meu pobre Lemoine... Está realmente com uma obsessão. Vê o rei Victor em toda parte. Quer dizer que está imaginando que sou esse simpático cavalheiro?

– E por acaso o nega?

Anthony removeu um pouco de cinza que caíra na manga de seu casaco, dizendo em seguida, suavemente:

– Jamais nego algo que me diverte. Mas a acusação é realmente ridícula demais.

– É isso o que pensa?

O francês inclinou-se para a frente. Seu rosto estava todo contraído, ele parecia desconcertado e aturdido, como se algo na atitude de Anthony o deixasse perplexo.

– E se eu lhe disser, monsieur, que desta vez... desta vez... vou agarrar o rei Victor e nada poderá impedir-me?

– É uma intenção das mais louváveis. Mas já não esteve prestes a agarrá-lo antes, Lemoine, fracassando no último instante? O rei Victor conseguiu levar a melhor. Não receia que isso possa acontecer novamente? Pelo que se diz, ele é um sujeito extremamente escorregadio.

A conversa se transformara em um duelo verbal entre o detetive e Anthony. Todos os outros estavam cientes da tensão. Era uma luta implacável entre o francês, terrivelmente compenetrado, e o homem que fumava tão calmamente e cujas palavras pareciam indicar que não tinha a menor preocupação no mundo.

– Se eu fosse você, Lemoine, tomaria muito cuidado. Vigie os seus passos e esse tipo de coisa.

– Desta vez não será cometido qualquer erro – afirmou Lemoine, sombriamente.

– Parece que está absolutamente convencido, meu caro. Mas não deve se esquecer de que, em casos assim, é indispensável haver o que se chama de prova.

Lemoine sorriu. Algo em seu sorriso pareceu atrair a atenção de Anthony, que se acomodou na cadeira, apagando o cigarro.

– Reparou que escrevi um bilhete há poucos minutos? – disse o detetive francês. – Era para os meus homens que estão na hospedaria. Ontem, recebi da França as impressões digitais e as medidas Bertillon do rei Victor... do suposto capitão O'Neill. Tinha pedido que mandassem tudo para cá. Dentro de mais alguns minutos, saberemos se é realmente o homem que tanto procuramos!

Anthony fitou-o firmemente por algum tempo e depois um ligeiro sorriso entreabriu seus lábios.

– É um homem realmente esperto, Lemoine. Nunca pensei que o fosse. Os documentos vão chegar, irá me induzir a molhar os dedos em tinta ou algo igualmente desagradável, medirá minhas orelhas, procurará por sinais característicos. E se tudo for compatível...

– E se tudo for compatível...? – repetiu Lemoine.

Anthony inclinou-se para a frente e disse, suavemente:

– Se tudo for compatível... e daí?

– E daí? – repetiu o francês, aturdido. – Mas... mas... eu terei provado que você é o rei Victor!

Pela primeira vez, havia um indício de incerteza na atitude de Lemoine.

– Não tenho a menor dúvida de que isso representará uma grande satisfação para você, Lemoine. Mas não vejo em que isso poderá me afastar. Não estou admitindo nada, mas vamos supor, apenas para argumentar, que eu fosse o rei Victor... não poderia estar tentando me redimir?

– Redimir?

– É essa a idéia. Ponha-se no lugar do rei Victor, Lemoine. Use a imaginação. Acabou de sair da prisão, sente que os anos começam a pesar. Perdeu o prazer que sentia anteriormente pela vida aventureira. Digamos até

que conheceu uma linda moça, que está pensando em se casar e começar vida nova em algum lugar, viver no campo, plantar abóboras. Decidiu, por tudo isso, levar uma vida impecável. Vamos, Lemoine, ponha-se no lugar do rei Victor. Não consegue imaginar que alguém se sintasse assim?

– Não creio que eu fosse me sentir assim – respondeu Lemoine, com um sorriso sardônico.

– Talvez não. Mas você não é o rei Victor, não é mesmo? Não pode saber como ele se sente.

– Mas tudo isso que está dizendo é um absurdo! – balbuciou o francês.

– Não, Lemoine, não é. Mas vamos seguir adiante. Se sou o rei Victor, o que você tem contra mim? Não se esqueça de que jamais conseguiu obter as provas necessárias, nos velhos tempos. Cumpri minha sentença e não devo mais nada à justiça. Imagino que possa me prender pelo equivalente francês de “rondar com intenção de cometer um crime”. Mas isso não lhe proporcionaria muita satisfação, não é mesmo?

– Está esquecendo uma coisa: a América! O que me diz de arrancar dinheiro dos financistas norte-americanos sob falsos pretextos e apresentar-se como o príncipe Nicolau Obolovitch?

– Isso não procede, Lemoine. Na ocasião, nem mesmo estive perto da América. E posso provar isso com a maior facilidade. Se o rei Victor apresentou-se como o príncipe Nicolau na América, então não posso ser o rei Victor. Mas tem certeza de que houve mesmo uma usurpação de identidade? Não poderia ter sido o próprio príncipe Nicolau?

O superintendente Battle interveio subitamente na conversa:

– O homem era de fato um impostor, Sr. Cade.

– Não vou contestá-lo, Battle. Afinal, tem o hábito de estar sempre certo. Mas tem igualmente certeza de que o príncipe Nicolau morreu no Congo?

Battle fitou-o com extrema curiosidade.

– Não posso jurar que isso seja verdade, senhor. Mas é o que todos pensam.

– Mas que homem cauteloso! Como é mesmo o seu lema? Ah, sim... dar bastante corda... Pois pedi emprestado o seu lema. Dei bastante corda ao

monsieur Lemoine. Não neguei as suas acusações. Mesmo assim, receio que ele vá ficar desapontado. Sempre acreditei que se deve guardar um trunfo na manga. Prevendo que algo desagradável poderia acontecer aqui, tomei a precaução de trazer esse trunfo. E ele está lá em cima neste momento.

– Lá em cima? – disse lorde Caterham, muito interessado.

– Exatamente. O pobre coitado teve alguns momentos muito difíceis, ultimamente. Levou uma violenta pancada na cabeça dada por alguém. Estive cuidando dele.

Subitamente, a voz sonora do Sr. Isaacstein manifestou-se pela primeira vez:

– Podemos adivinhar de quem se trata?

– Se quiserem... mas...

Lemoine interrompeu-o com repentina fúria:

– Tudo isso não passa de bobagem! Está pensando que pode me enganar novamente. Pode ser que seja verdade o que disse... que não estive na América. É esperto demais para dizer tal coisa, se não fosse verdade. Mas há algo mais: assassinato! Isso mesmo, assassinato! O assassinato do príncipe Michael! Ele interferiu com suas atividades na primeira noite em que aqui estive à procura da jóia.

– Lemoine, já ouviu falar em algum assassinato cometido pelo rei Victor? – indagou Anthony, a voz se alteando abruptamente. – Sabe tanto quanto eu, melhor até do que eu, que o rei Victor nunca derramou sangue.

– Quem mais além de você poderia ter assassinado o príncipe Michael? – gritou Lemoine. – Vamos, responda!

A última palavra morreu nos lábios dele, pois nesse momento soou um apito estridente lá fora. Anthony levantou-se num pulo, a pose despreocupada havia sido inteiramente esquecida.

– Está querendo saber quem assassinou o príncipe Michael, Lemoine? Não vou lhe contar... vou mostrar! O apito era o sinal pelo qual eu estava esperando. A pessoa que assassinou o príncipe Michael está neste momento na biblioteca.

Ele saiu correndo pela porta do terraço, e os outros foram atrás, contornando o terraço, até chegarem à janela da biblioteca. Anthony empurrou a janela, que cedeu facilmente.

Silenciosamente, ele puxou a cortina espessa, a fim de que todos pudessem ver o que acontecia lá dentro.

Diante de uma estante estava parado um vulto escuro, retirando e repondo livros, tão absorvido na tarefa que não prestava a menor atenção aos ruídos lá fora.

E nesse instante, enquanto todos observavam, tentando reconhecer o vulto, vagamente delineado pelo clarão débil da lanterna elétrica que empunhava, alguém passou por eles, pulando pela janela, com um rugido de animal selvagem.

A lanterna caiu no chão e se apagou. O barulho de uma luta terrível se espalhou pela sala. Lorde Caterham avançou às cegas até o interruptor e acendeu a luz.

Dois vultos estavam engalfinhados. E foi nesse momento que o fim chegou. Soou o estampido seco de um tiro de pistola e o vulto menor caiu no chão. O outro vulto virou-se e fitou-os. Era Boris, com os olhos brilhando intensamente de raiva.

– Ela matou meu amo! E agora tentou me matar. Eu pretendia arrancar-lhe a pistola e matá-la, mas a arma acabou disparando acidentalmente na luta. Foi São Miguel quem assim quis. A mulher diabólica está morta.

– Uma mulher? – gritou George Lomax.

Todos se aproximaram. Caída no chão, ainda com a pistola na mão e uma expressão de maldade indescritível no rosto, estava mademoiselle Brun.

— Desconfiei dela desde o início — explicou Anthony. — Uma luz se acendeu no quarto dela na noite do crime. Depois, porém, tive dúvidas. Fui à Bretanha para fazer inquirições a respeito dela e voltei convencido de que era realmente quem afirmava ser. Fui um tolo. Só porque a condessa de Breteuil havia contratado uma mademoiselle Brun e a elogiara bastante, nunca me ocorreu que a verdadeira mademoiselle Brun podia ter sido seqüestrada a caminho de seu novo emprego, com outra mulher tomando o seu lugar. Em vez disso, desloquei minhas suspeitas para o Sr. Fish. Só depois que ele me seguiu até Dover e nos demos explicações mútuas é que comecei a perceber tudo claramente. A partir do momento em que tive certeza de que ele era um homem da Pinkerton, seguindo a trilha do rei Victor, voltei a concentrar minhas suspeitas em meu objetivo original.

Anthony continuou:

— O que mais me preocupava era o fato de a Sra. Revel ter reconhecido a mulher. Mas lembrei-me de que ela só o fizera *depois* que mencionei o fato de que mademoiselle Brun fora antes a governanta da madame de Breteuil. E tudo o que a Sra. Revel me dissera tinha sido que o rosto da mulher lhe era familiar. O superintendente Battle poderá lhes contar que houve uma verdadeira conspiração para evitar que a Sra. Revel viesse a Chimneys. Na verdade, chegaram até a matar um homem em sua casa. Embora o crime tenha sido cometido pelos Camaradas da Mão Vermelha, punindo uma suposta traição da vítima, toda a trama e a ausência do sinal característico dos Camaradas apontavam para uma inteligência superior coordenando as operações. Desde o início desconfiei de alguma relação com a Herzoslováquia. A Sra. Revel era a única pessoa a vir para esta casa que já tinha estado na Herzoslováquia. Pensei inicialmente que alguém tinha assumido o papel do príncipe Michael. Mas não demorei a verificar que estava redondamente enganado. Quando descobri a possibilidade de mademoiselle Brun ser uma impostora e acrescentei a isso o fato de que seu rosto parecera familiar à Sra. Revel, passei a ver tudo com mais clareza. Evidentemente, era muito importante que mademoiselle Brun não fosse

reconhecida... e a Sra. Revel era a única pessoa que estaria em condições de fazê-lo.

– Mas quem era ela? – perguntou lorde Caterham. – Alguém que a Sra. Revel conheceu na Herzoslováquia?

– Creio que o barão poderá esclarecer-nos – Anthony completou.

– Eu? – murmurou o barão, aturdido, olhando para o corpo estendido no chão.

– Preste atenção, barão. Não se deixe enganar pela maquiagem. E não se esqueça de que ela outrora foi atriz.

O barão olhou outra vez e subitamente estremeceu.

– Santo Deus! Não é possível!

– O que não é possível? – perguntou George. – Quem é essa mulher? Reconhece-a, barão?

– Não, não, não é possível... – balbuciou o barão, ignorando as perguntas. – Ela foi morta... ambos foram mortos... na escadaria do palácio. O corpo foi recuperado.

– Mutilado e irreconhecível – recordou-lhe Anthony. – Ela conseguiu escapar, deixando outra em seu lugar. Deve ter ido para a América, onde passou alguns anos incógnita, num pavor mortal dos Camaradas da Mão Vermelha. Afinal, eles haviam promovido a revolução e, para usar uma frase expressiva, sempre quiseram a cabeça dela. Depois, o rei Victor foi solto e os dois planejaram recuperar o diamante juntos. Ela estava procurando pelo diamante na noite em que deparou inesperadamente com o príncipe Michael, que a reconheceu. Em suas atividades rotineiras, ela não precisava temer a possibilidade de encontrá-lo. Os hóspedes reais não entram em contato com governantas e ela sempre poderia se isolar, alegando uma enxaqueca conveniente, como aconteceu no dia em que o barão aqui esteve.

O Sr. Cade continuou a explicação:

– Mas o fato é que ela acabou ficando frente a frente com o príncipe Michael, na ocasião em que menos esperava. Ela estava ameaçada de denúncia e desgraça. E por isso matou-o. Foi ela quem colocou o revólver

na maleta de Isaacstein, a fim de confundir as investigações. E foi ela também quem devolveu as cartas.

Lemoine adiantou-se.

– Disse que ela desceu para procurar a jóia naquela noite. Não poderia ter vindo se encontrar com seu cúmplice, o rei Victor, que vinha pelo lado de fora? E então, o que me diz?

Anthony suspirou.

– Continua a insistir, meu caro Lemoine? Mas como é persistente! Não quer aceitar a minha afirmação de que tenho um trunfo escondido na manga?

George, cuja mente trabalhava lentamente, interveio novamente:

– Ainda estou completamente no ar. Quem é essa mulher, barão? Reconhece-a, não é mesmo?

Mas o barão já recuperara o controle e estava outra vez empertigado e rígido.

– Está enganado, Sr. Lomax. Ao meu conhecimento, nunca esta mulher vi antes. Totalmente estranha ela é para mim.

– Mas...

George calou-se, fitando-o com uma expressão aturdida.

O barão levou-o para um canto da sala e murmurou-lhe algo ao ouvido. Anthony ficou observando, entretido, vendo o rosto de George ficar lentamente vermelho, os olhos se esbugalhando, apresentando todos os sintomas incipientes de apoplexia. Chegou a ouvir alguns murmúrios roucos de George:

– Certamente... certamente... absolutamente... não há a menor necessidade... situação complicada... a mais completa discrição...

Subitamente, Lemoine desferiu um murro na mesa.

– Não me importo com tudo isso! O assassinato do príncipe Michael... não é problema meu! Quero é o rei Victor!

Anthony sacudiu a cabeça, gentilmente.

– Lamento por você, Lemoine. É realmente um sujeito muito capaz. Mesmo assim, vai sair perdendo. Vou agora jogar o meu trunfo.

Ele foi até a porta e tocou a sineta. Tredwell atendeu:

– Um cavalheiro chegou aqui comigo esta noite, Tredwell.
– Chegou, sim, senhor. Um cavalheiro estrangeiro.
– Exatamente. Pode fazer a gentileza de pedir-lhe que desça assim que for possível?

– Sim, senhor.

Tredwell retirou-se.

– Aí vem o meu trunfo, o misterioso monsieur X – comentou Anthony.

– *Quem é ele?* Alguém é capaz de adivinhar?

Herman Isaacstein foi o primeiro a falar:

– Somando dois e dois, ou seja, as suas insinuações esta manhã e a atitude que assumiu esta noite, eu diria que não pode haver a menor dúvida. De um jeito ou de outro, conseguiu encontrar o príncipe Nicolau da Herzoslováquia.

– Também pensa assim, barão?

– Penso, sim. A menos que outro impostor a nos apresentar venha. Mas isso eu não acredito. Comigo, seus negócios sempre muito honrados foram.

– Obrigado, barão. Não vou esquecer essas palavras. Quer dizer que todos concordam?

Anthony correu os olhos pelo círculo de rostos ansiosos. Somente Lemoine não respondeu, continuando a olhar fixamente para a mesa, com uma expressão contrariada.

Os ouvidos aguçados de Anthony captaram o ruído de passos na entrada. E ele disse, com um sorriso estranho:

– E, no entanto, todos estão errados!

Ele foi rapidamente até a porta e abriu-a.

Um homem estava parado no limiar... um homem de barba preta impecável, óculos e aparência afetada, ligeiramente prejudicada por uma atadura em torno da cabeça.

– Permitam que lhes apresente o verdadeiro monsieur Lemoine, da Sûreté.

Houve um barulho de pés correndo e um instante depois ouviu-se a voz anasalada do Sr. Hiram Fish falando da janela, de forma suave, e tranquilizadora:

– Não, filho, por aqui não vai conseguir escapar. Estou postado aqui durante a noite inteira, com o único objetivo de impedir a sua fuga. Pode verificar que está sob a minha mira... sob a mira desta arma em minha mão. Vim à Inglaterra para agarrá-lo e finalmente o consegui. Mas devo dizer que não foi nada fácil!

29

Explicações adicionais

— Creio que está nos devendo uma explicação, Sr. Cade – disse Herman Isaacstein, algum tempo depois.

– Não há muito o que explicar – disse Anthony, modestamente. – Fui para Dover e Fish seguiu-me, pensando que eu fosse o rei Victor. Encontramos um estrangeiro misterioso aprisionado ali. Assim que ouvimos a história dele, compreendemos tudo. Foi novamente o mesmo esquema. A pessoa verdadeira foi seqüestrada e a falsa... neste caso, o próprio rei Victor... tomou seu lugar. Mas parece que Battle já tinha chegado à conclusão de que havia algo suspeito em seu colega francês e telegrafou para Paris pedindo suas impressões digitais e outros meios de identificação.

– Ah, as impressões digitais! – gritou o barão. – E também as medidas Bertillon! Aquele criminoso sobre isso não estava falando?

– Foi uma idéia astuciosa dele. Admirei-a tanto que não pude deixar de participar do embuste. O que deixou o falso Lemoine desconcertado. Assim que eu dei a informação sobre o verdadeiro esconderijo da jóia, ele precisava transmiti-la imediatamente para sua cúmplice e, ao mesmo tempo, manter-nos a todos nesta sala. O bilhete era na verdade para mademoiselle Brun. Ele disse a Tredwell que o entregasse imediatamente. E Tredwell obedeceu, levando-o para mademoiselle Brun lá em cima. Lemoine acusou-me de ser o rei Victor, criando assim uma diversão e impedindo que alguém

deixasse esta sala. Depois que tudo ficasse esclarecido e fôssemos até a biblioteca para procurar a pedra, ela já não mais estaria lá para que a encontrássemos!

George limpou a garganta e disse, pomposamente:

– Devo dizer, Sr. Cade, que considero o seu comportamento neste caso altamente repreensível. Se tivesse ocorrido o menor contratempo em seus planos, um dos nossos tesouros nacionais poderia ter desaparecido, além de qualquer esperança de recuperação. Foi uma temeridade, Sr. Cade, uma imperdoável temeridade!

– Acho que não compreendeu a nossa pequena idéia, Sr. Lomax – interveio a voz arrastada do Sr. Fish. – O diamante histórico jamais esteve por trás dos livros da biblioteca.

– Não?

– Nunca.

Anthony explicou:

– O enigma do conde Stylptitch representava o que era originalmente: uma rosa. Na tarde de segunda-feira, quando subitamente o percebi, fui direto para o roseiral. A mesma idéia já havia ocorrido ao Sr. Fish. Ficando-se de costas para o relógio de sol, dando-se sete passos para a frente, depois oito para a esquerda e três à direita, chega-se a algumas roseiras. A rosa é vermelha e tem o nome de Richmond. A casa foi meticulosamente vasculhada à procura do esconderijo, mas ninguém pensou em escavar no jardim. Sugiro que, amanhã de manhã, organizemos uma pequena expedição de escavação.

– Quer dizer que a história dos livros na biblioteca...

– Não passou de uma invenção minha para atrair mademoiselle Brun para uma armadilha. O Sr. Fish ficou de vigia no terraço e apitou quando chegou o momento certo. Devo dizer que o Sr. Fish e eu determinamos a lei marcial na casa em Dover, impedindo que os Camaradas se comunicassem com o falso Lemoine. Ele mandou aos Camaradas um aviso para desaparecerem e recebeu o comunicado de que isso acontecera. Assim, tranqüilo e confiante, ele prosseguiu com seus planos de acusar-me.

– Parece que tudo foi esclarecido satisfatoriamente – comentou lorde Caterham, alegremente.

– Tudo... menos uma coisa – o Sr. Isaacstein completou.

– E o que é?

O grande financista olhou com firmeza para Anthony.

– Para que me trouxe até aqui? Apenas para assistir a uma cena dramática, como um espectador interessado?

Anthony sacudiu a cabeça.

– Não, Sr. Isaacstein. Sei que é um homem muito ocupado, cujo tempo vale dinheiro. Por que veio originalmente a Chimneys?

– Para negociar um empréstimo.

– Com quem?

– Com o príncipe Michael da Herzoslováquia.

– Exatamente. O príncipe Michael está morto. Está disposto a oferecer o mesmo empréstimo e as mesmas condições ao primo dele, Nicolau?

– E pode apresentá-lo? Ele não morreu no Congo?

– Morreu, sim. Eu o matei. Oh, não, não sou um assassino. Quando digo que o matei, estou apenas querendo dizer que espalhei a notícia de sua morte. Prometi-lhe um príncipe, Sr. Isaacstein. Eu sirvo?

– Você?

– Exatamente, sou eu o homem. Nicolau Sergius Alexander Ferdinand Obolovitch. Um nome um tanto comprido para a espécie de vida que eu pretendia levar. Assim, saí do Congo simplesmente como Anthony Cade.

O pequeno capitão Andrassy levantou-se rapidamente.

– Mas isso é incrível... incrível... Tome cuidado com o que diz, senhor.

– Posso apresentar todas as provas necessárias. Creio que conseguirei convencer até mesmo o barão.

O barão levantou a mão.

– As provas serão devidamente examinadas. Mas para eu examiná-las não será necessário. Sua palavra apenas suficiente é para mim. Além do mais, com sua mãe inglesa deve parecer. Desde o início dito tenho: “Esse jovem de um lado ou de outro altamente nascido é.”

– Sempre confiou em minha palavra, barão – disse Anthony. – Quero garantir-lhe que, nos dias futuros, não irei me esquecer.

Ele olhou em seguida para o superintendente Battle, cujo rosto continuava perfeitamente impassível.

– Pode compreender agora como a situação era extremamente precária – disse Anthony, sorrindo. – Entre todas as pessoas que estavam nesta casa, supostamente era eu quem tinha o melhor motivo para desejar a morte de Michael Obolovitch, já que era o seguinte na linha de sucessão ao trono. Desde o início o temi. Sabia que desconfiava de mim, mas que nada fazia pela ausência de motivo.

– Jamais acreditei, por um instante sequer, que tivesse matado o príncipe Michael, senhor – afirmou o superintendente Battle. – Temos pressentimentos nesses casos. Mas percebi que tinha algum receio, o que me deixou perplexo. Se soubesse antes de sua verdadeira identidade, devo dizer que teria sucumbido às provas circunstanciais e o prenderia.

– Fico satisfeito por ter conseguido ocultar pelo menos um segredo de você. Consegui arrancar-me todo o restante. É muito bom em seu trabalho, Battle. A partir de agora, sempre pensarei na Scotland Yard com o devido respeito.

– É espantoso... – murmurou George. – A história mais espantosa que já ouvi... Eu... eu... mal posso acreditar. Tem certeza, barão, de que...

– Meu caro Sr. Lomax – interveio Anthony, a voz se endurecendo ligeiramente – não tenho a menor intenção de pedir ao Ministério do Exterior britânico que apóie a minha reivindicação sem apresentar primeiro as provas documentais mais convincentes. Sugiro que nos reunamos, nós quatro, o senhor, eu, o barão e o Sr. Isaacstein, a fim de discutirmos os termos do empréstimo proposto.

O barão levantou-se e bateu com os calcanhares, dizendo solenemente:

– Será o momento mais orgulhoso da minha vida, senhor, aquele em que o verei coroado rei da Herzoslováquia.

Passando a mão por dentro do braço do barão, Anthony disse-lhe, em tom despreocupado:

– Por falar nisso, barão, me esqueci de contar-lhe uma coisa. Há uma condição. É que sou um homem casado.

O barão recuou um passo, visivelmente desolado.

– Alguma coisa errada eu sabia que tinha de haver! Oh, Deus misericordioso! Ele casou com uma mulher negra na África!

– Ora, barão, não é tão ruim assim – disse Anthony, rindo. Ela é branca o bastante... em todos os sentidos, graças a Deus!

– Ótimo. Pode-se admitir um respeitável casamento morganático.

– Nada disso. Ela vai ser a rainha quando eu me tornar rei. Não precisa sacudir a cabeça, barão. Ela está plenamente qualificada para a posição. É filha de um nobre da Inglaterra, cujo título remonta à época do conquistador. Está em voga atualmente a realeza casar com a aristocracia... e ainda por cima, ela conhece a Herzoslováquia.

– Deus do céu! – exclamou George Lomax, aturdido. – Não... não é... Virginia Revel?

– Exatamente. É Virginia Revel.

– Meu caro – gritou lorde Caterham. – Isto é, senhor, eu lhe dou os parabéns! Casou com uma criatura maravilhosa!

– Obrigado, lorde Caterham. Ela é tudo o que disse e mais alguma coisa.

O Sr. Isaacstein estava curioso e não pôde resistir à pergunta:

– Peço que me perdoe por perguntar, alteza, mas quando ocorreu esse casamento?

Anthony sorriu.

– Para dizer a verdade, casei com Virginia Revel esta manhã.

— Se tiverem a delicadeza de seguirem na frente, cavalheiros, eu os seguirei dentro de um minuto – pediu Anthony.

Ele ficou esperando que os outros saíssem e depois virou-se para o superintendente Battle, que estava no outro lado, parado, aparentemente absorvido na contemplação da parede.

– Não está querendo me fazer uma pergunta, Battle?

– Queria, sim, senhor. E não compreendo como o percebeu. Mas sempre achei que apreendia as coisas muito depressa. Posso presumir que a mulher que morreu era a falecida rainha Varaga?

– Exatamente, Battle. E espero que a história seja abafada. Pode compreender o que sinto em relação aos segredos de família.

– Pode confiar no Sr. Lomax, senhor. Ninguém jamais saberá. Isto é, muita gente vai saber, mas a história jamais será noticiada.

– Era isso o que estava querendo me perguntar?

– Não, senhor. Perguntei isso apenas de passagem. Gostaria que me dissesse, se não é tomar muita liberdade, por que resolveu renunciar a seu nome verdadeiro.

– Não há nenhum problema nisso, Battle. Vou contar-lhe tudo. Matei a mim mesmo pelos motivos mais puros. Minha mãe era inglesa, fui educado na Inglaterra e me sentia muito mais interessado pela Inglaterra do que pela Herzoslováquia. E me sentia extremamente tolo apresentando ao mundo um título que mais parecia de ópera-bufa. Quando eu era muito jovem, tinha idéias democráticas. Acreditava na pureza dos ideais e na igualdade entre todos os homens. E não acreditava sobretudo em reis e príncipes.

– E o que aconteceu depois? – indagou Battle, astutamente.

– Depois, viajei e conheci o mundo. Há bem pouca igualdade neste mundo, Battle. Ainda acredito na democracia, é verdade. Mas é preciso forçá-la ao povo, quase que enfiá-la pela garganta abaixo. Os homens não querem ser irmãos. Algum dia isso talvez seja possível, mas a verdade é que, agora, eles não o querem. Minha crença na fraternidade entre os homens morreu definitivamente no dia em que cheguei a Londres, na semana passada, quando observei as pessoas paradas num trem do metrô,

recusando-se obstinadamente a se afastarem para o lado, a fim de dar passagem aos outros passageiros que estavam entrando. Pelo menos por enquanto, não se pode transformar as pessoas em anjos fazendo um apelo ao que existe de melhor em suas naturezas. Somente pela força, aplicada criteriosamente, é que se pode coagir as pessoas a se comportarem mais ou menos decentemente. Ainda creio na fraternidade entre os homens, mas sei agora que isso ainda vai demorar a acontecer. Digamos que ainda teremos de esperar uns dez mil anos ou mais. Não adianta ser impaciente. A evolução é um processo lento.

– Estou muito interessado nessas suas opiniões, senhor – comentou Battle, com um brilho súbito nos olhos. – E se me permite dizê-lo, tenho certeza de que será um bom rei.

– Obrigado, Battle – agradeceu Anthony, suspirando.

– Não parece muito feliz com a perspectiva, senhor.

– Tem razão, Battle. Tenho as minhas dúvidas. Imagino que será divertido, mas significa também que terei de me prender a um trabalho regular. Sempre evitei isso antes.

– Mas considera que é seu dever, não é mesmo?

– Claro que não! Mas que idéia, Battle! É por causa de uma mulher, Battle, é sempre por causa de uma mulher. Por ela, eu faria até mais do que ser um rei.

– Acredito nisso, senhor.

– Tenho que dar um jeito para que o barão e o Sr. Isaacstein não tenham do que se queixar. O primeiro está querendo um rei e o outro quer o petróleo. Ambos conseguirão o que desejam e eu conseguirei... oh, Deus, Battle, alguma vez já estive apaixonado?

– Sou muito afeiçoado à Sra. Battle, senhor.

– Muito afeiçoado à Sra.... oh, não tem a menor idéia do que estou falando! É completamente diferente!

– Com licença, senhor, mas aquele seu homem está parado diante da janela, lá fora, esperando.

– Boris? Ele é um sujeito maravilhoso. Foi muita sorte que a pistola tivesse disparado acidentalmente na luta e matado a mulher. Caso contrário,

o pobre Boris teria sido inevitavelmente enforcado... e você é que teria de mandá-lo para a forca. A fidelidade dele à dinastia Obolovitch é extraordinária. O mais estranho foi que, assim que Michael morreu, ele se afeioou a mim... e não podia saber quem eu era realmente!

– Foi o instinto, senhor – comentou Battle. – Como um cachorro.

– Na ocasião, achei que era um instinto dos mais constrangedores. Receei que isso pudesse denunciar-lhe a verdade. Mas agora acho melhor ir ver o que ele está querendo.

Anthony saiu pela porta do terraço. O superintendente Battle ficou sozinho, olhando para fora por um momento. Depois, virou-se e disse, como se estivesse falando com a parede:

– Ele vai conseguir.

Lá fora, Boris disse simplesmente:

– Amo.

E seguiu na frente pelo terraço. Anthony seguiu-o, procurando imaginar o que iria encontrar.

Dali a pouco Boris parou e apontou com o indicador. Era noite de luar e à frente deles havia um banco de pedra, no qual duas pessoas estavam sentadas.

“Ele é de fato um cão,” pensou Anthony. “E tem mais: um cão perdigueiro!”

Anthony adiantou-se e Boris fundiu-se com as sombras.

As duas pessoas se levantaram para recebê-lo. Uma era Virginia... e o outro...

– Olá, Joe – falou uma voz da qual Anthony se recordava muito bem. – Essa sua garota é maravilhosa.

– Jimmy McGrath! – gritou Anthony. – Mas como veio parar aqui?

– Aquela minha expedição ao interior foi um fracasso. E depois me apareceram alguns carcamanos. Queriam comprar um tal manuscrito. Uma noite, quase fui apunhalado pelas costas. Isso me fez pensar que o tinha incumbido de um trabalho muito mais difícil do que imaginava. Achei que podia precisar de ajuda e vim para cá no primeiro navio.

– Não foi maravilhoso da parte dele? – disse Virginia, apertando o braço de Jimmy. – Por que nunca me disse como ele era terrivelmente simpático, Anthony? Não precisa ficar corado, Jimmy. Você é realmente maravilhoso!

– Vocês dois parecem estar se dando muito bem – comentou Anthony.

– É isso mesmo – concordou Jimmy. – Comecei a procurar por notícias suas, quando encontrei a moça, Joe. E ela não era nada do que eu pensava... uma dessas mulheres altivas da sociedade que iriam me deixar arrasado.

– Ele me contou tudo a respeito das cartas – disse Virginia. – E eu quase que me senti envergonhada por não estar realmente em dificuldades por causa das cartas, já que teria um cavaleiro andante tão maravilhoso para me ajudar!

– Se eu soubesse como você era, não teria entregado as cartas ao Joe – disse Jimmy, galantemente. – Iria trazê-las pessoalmente. Ei, meu rapaz, a brincadeira já terminou mesmo? Não resta mais nada para eu fazer?

– Por Deus, claro que há! Espere um minuto!

Anthony voltou para a casa. Voltou um instante depois, com um embrulho de papel que entregou a Jimmy.

– Vá até a garagem e pegue o carro que mais lhe agradar. Siga para Londres e entregue este embrulho na Everdean Square, 17. É o endereço particular do Sr. Balderson. Em troca, ele irá lhe entregar mil libras.

– São as memórias? Mas me disseram que tinham sido queimadas!

– Quem acha que eu sou, Jimmy? Acha mesmo que eu iria cair num golpe tolo como aquele? Telefonei para a editora imediatamente, descobri que o outro chamado era falso e tomei as providências necessárias. Preparei um embrulho falso, de acordo com as instruções. Deixei o manuscrito no cofre da gerência e entreguei o pacote falso. As memórias jamais saíram do meu poder.

– Bravo, meu filho! – disse Jimmy.

– Oh, Anthony, vai mesmo deixar isso ser publicado? – indagou Virginia.

– Não posso impedir. Afinal, não posso deixar na mão um amigo como Jimmy. Mas não precisa se preocupar. Tive tempo de dar uma lida e

compreendo agora por que as pessoas sempre insinuem que os figurões jamais escrevem pessoalmente as próprias reminiscências, preferindo contratar alguém para fazê-lo. Como escritor, Stylptitch é simplesmente insuportável. Discorre interminavelmente sobre a arte de governar e não se interessa pelas histórias indiscretas e picantes. Além do mais, a paixão dele pelo segredo manteve-se inabalável até o fim. Não há uma só palavra nas memórias, do princípio ao fim, que possa ferir a suscetibilidade do político mais exigente. Telefonei hoje para Balderson e combinei que entregaria o manuscrito esta noite, antes da meia-noite. Mas agora que está aqui, Jimmy pode fazer o seu próprio trabalho sujo.

– Pois já estou de partida. Sinto-me atraído pela idéia de receber mil libras... especialmente quando já havia perdido todas as esperanças.

– Espere um instante – pediu Anthony. – Tenho uma confissão a lhe fazer, Virginia, e gostaria que Jimmy ouvisse. É algo que todos os outros já sabem, mas que ainda não lhe contei.

– Não me importa quantas mulheres estranhas você já amou, contanto que não me conte a respeito delas agora.

– Mulheres! – gritou Anthony, com um ar virtuoso. – Mulheres! Pergunte a James quais as espécies de mulheres que estavam em minha companhia na última vez em que ele me viu.

– Verdadeiras barangas! – declarou Jimmy, solenemente. Nenhuma delas tinha menos de 45 anos.

– Obrigado, Jimmy, você é um amigo de verdade – disse Anthony. – Não, Virginia, a situação é muito pior. Eu a enganei em relação ao meu nome verdadeiro.

– E será que é um nome tão terrível assim? – perguntou Virginia, curiosa. – Não me diga que é algo como Pobbles. Seria engraçado ser chamada de Sra. Pobbles.

– Está sempre pensando o pior de mim, Virginia.

– Admito que pensei em determinado momento que você fosse o rei Victor, mas foi apenas por um minuto e meio.

– Por falar nisso, Jimmy, tenho um trabalho para você. Não gostaria de procurar ouro nas montanhas da Herzoslováquia?

– E existe ouro por lá? – indagou Jimmy, ansiosamente.

– Deve haver. É um país maravilhoso.

– Quer dizer que vai seguir o meu conselho e irá para lá?

– Exatamente. Seu conselho tinha mais valor do que podia imaginar.

Agora, vamos à confissão. Não fui trocado no berçário nem nada de romântico assim, mas sou realmente o príncipe Nicolau Obolovitch, da Herzoslováquia.

– Oh, Anthony! – gritou Virginia. – Mas que maravilhoso! E eu casei com você? O que vamos fazer agora?

– Vamos para a Herzoslováquia e brincaremos de rei e rainha. Jimmy McGrath disse-me certa ocasião que a vida média de um rei ou rainha por lá é inferior a quatro anos. Espero que não se incomode.

– Incomodar-me? Vou adorar!

– Ele não é ótimo? – murmurou Jimmy.

E depois, discretamente, ele desapareceu na noite. Alguns minutos depois, Virginia e Anthony ouviram o barulho de um carro se afastando.

– Não há nada como deixar um homem fazer o seu próprio trabalho sujo – comentou Anthony, com evidente satisfação. – Além do mais, eu não sabia como livrar-me dele. Desde que nos casamos que ainda não tive um minuto a sós com você.

– Vamos nos divertir um bocado, Anthony. Ensinaremos os salteadores a não serem salteadores, os assassinos a não assassinarem, melhoraremos de um modo geral os padrões morais do país.

– Gosto de ouvir esses ideais puros, Virginia. Faz-me sentir que meu sacrifício não foi em vão.

– Você vai gostar de ser rei – disse Virginia, calmamente. – Está em seu sangue e sabe disso. Foi criado para o ofício da realeza e tem uma aptidão natural, assim como os bombeiros possuem um dom especial para cuidar de encanamentos.

– Eis aí algo que nunca imaginei. Mas não vamos perder tempo a conversar sobre bombeiros. Sabia que neste exato momento eu deveria estar ocupado numa conferência da maior importância com Isaacstein e o velho Lollipop? Eles querem conversar sobre petróleo. Oh, Deus, petróleo! Mas

podem ficar esperando por meu favor real. Virginia, lembra-se de que eu disse certa vez que iria tentar fazer com que você gostasse de mim?

– Claro que me lembro – murmurou Virginia, suavemente. – Mas, naquela ocasião, o superintendente Battle estava olhando pela janela.

– Pois agora ele não está.

Anthony abraçou-a subitamente, beijando-lhe os olhos, os lábios, os cabelos...

– Eu a amo tanto, Virginia... Você me ama?

Anthony fitou-a, certo da resposta.

A cabeça de Virginia estava encostada em seu ombro. E muito baixo, a voz terna, um pouco trêmula, ela respondeu:

– Não amo nem um pouquinho!

– Ah, seu pequeno demônio! – disse Anthony, beijando-a novamente. – Agora tenho certeza de que irei amá-la até a morte...

31

Detalhes diversos

Local – Chimneys, 11 horas da manhã de quinta-feira.

Johnson, o guarda, sem o casaco, cavando.

Algo com a natureza de um funeral parece estar no ar.

Os amigos e parentes estão ao redor da cova que Johnson está escavando.

George Lomax tem o ar de principal beneficiário do testamento do falecido. O superintendente Battle, com o rosto impassível, parece satisfeito pelo fato de as providências para o funeral terem transcorrido sem qualquer dificuldade. Como o agente funerário, isso lhe vale um prestígio extraordinário. Lorde Caterham tem a expressão solene e chocada que os ingleses assumem quando se está realizando uma cerimônia religiosa.

O Sr. Fish não se enquadra na cena tão bem. Não é suficientemente sisudo.

Johnson está curvado, concentrado em sua tarefa. Empertiga-se subitamente. Há um frêmito de emoção ao redor.

– Já é suficiente, filho – alerta o Sr. Fish. – Pode deixar que faremos o restante.

Percebe-se imediatamente que ele é o médico da família.

Johnson se afasta. O Sr. Fish, com a solenidade adequada, debruça-se sobre a cova. O cirurgião está prestes a iniciar a intervenção cirúrgica.

Tira da cova um pequeno pacote de lona. Com muita cerimônia, entrega-o ao superintendente Battle. Este, por sua vez, entrega a George Lomax. A etiqueta da situação foi cumprida à risca.

George Lomax abre o embrulho, tira o oleado que há lá dentro, desembrulha-o. Por um momento, segura algo na palma da mão... e depois novamente o põe numa mortalha, desta vez um chumaço de algodão.

Limpa a garganta.

– Neste momento auspicioso...

A pronúncia é clara e precisa, típica do orador experiente.

Lorde Caterham bate em retirada apressadamente. No terraço, encontra a filha.

– Bundle, aquele seu carro está funcionando?

– Está, sim. Por quê?

– Então leve-me para Londres imediatamente. Vou viajar para o exterior hoje mesmo.

– Mas papai...

– Não discuta comigo, Bundle. Ao chegar esta manhã, George Lomax disse-me que precisava muito conversar comigo em particular, sobre um assunto de extrema importância. Acrescentou que o rei de Timbuctu deverá chegar a Londres dentro de poucos dias. E não vou agüentar tudo isso novamente, está me entendendo, Bundle? Nem por cinquenta Georges Lomaxes! Se Chimneys é tão valiosa assim para a nação, então que a nação trate de comprá-la! Caso contrário, irei vendê-la para algum *trust* que a transformará em hotel!

– Onde Codders está agora?

Bundle está se mostrando à altura da situação.

Olhando para o relógio, lorde Caterham responde:

– Neste exato momento, ele ainda terá pelo menos 15 minutos para terminar a volta pelo Império.

Outra cena.

O Sr. Bill Eversleigh, que não foi convidado para a cerimônia junto à cova, ao telefone.

– Não, não, estou falando sério... Não seja melindrosa... Vai ou não jantar comigo esta noite? ... Não, não tenho. Passei o tempo todo trabalhando, numa verdadeira roda-viva. Não tem a menor idéia de como Lomax é... Sabe muito bem o que penso a seu respeito, Dolly... Está certo, irei assistir ao espetáculo. Como é mesmo o velho refrão? “E a moça bem que tenta, mas os colchetes...”

Ruídos fantásticos. É o Sr. Eversleigh tentando cantarolar a música referida.

E, neste momento, a peroração de George chega ao fim:

– ... a paz duradoura e a prosperidade do Império Britânico!

E o Sr. Hiram Fish diz, *sotto voce*, para si mesmo e para o mundo como um todo:

– Acho que esta foi uma ótima semaninha!

fim

OceanofPDF.com

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

OceanofPDF.com